

## ORGANIZADORES

SYMARA A. A. DE OLIVEIRA CABRAL  
SAYONARA A. DE OLIVEIRA UCHOA  
FILIPE PEREIRA DA SILVA DIAS  
HENRIQUE MIGUEL DE LIMA SILVA



# EDUCAÇÃO BRASILEIRA E O ENSINO REMOTO EM TEMPO DE PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS, ENFRENTAMENTOS E REFLEXÕES

1ª EDIÇÃO | E-BOOK

**EDUCAÇÃO BRASILEIRA E O**  
**ENSINO REMOTO EM**  
**TEMPO DE PANDEMIA:**  
**EXPERIÊNCIAS, ENFRENTAMENTOS E REFLEXÕES**

**Capa:** Larissa Rodrigues de Sousa

**Comissão editorial:** Rozane Pereira de Sousa

**Editoração:** IDEIA – Inst. de Desen. Educ. Inter. e Aprendizagem

---

CABRAL, Symara Abrantes Albuquerque de Oliveira; UCHÔA, Sayonara Abrantes de Oliveira; DIAS, Filipe Pereira da Silva; SILVA, Henrique Miguel de Lima (Org.). **Educação brasileira e o ensino remoto em tempo de pandemia:** experiências, enfrentamentos e reflexões. Cajazeiras – PB: IDEIA – Inst. De Desen. Educ. Interd. e Aprendizagem, 2020.

ISBN: 978-65-88798-03-4

1. Língua 2. Tecnologia 3. Inclusão 4. Ensino. I. Symara Abrantes Albuquerque de Oliveira Cabral II. Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa III. Filipe Pereira da Silva Dias IV Henrique Miguel de Lima Silva.

CDD. 400.400

---



Reservados todos os direitos de publicação à  
IDEIA – Inst. de Desen. Educ. Interd. e Aprendizagem  
Rua Tenente Arsênio, 420 – Centro  
Cajazeiras – PB CEP 58.900-000  
[www.editoraideiacz.com.br](http://www.editoraideiacz.com.br)

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na Web e outros), sem permissão expressa da Editora ou citação adequada da fonte.

O conteúdo e dados apresentados na obra são de inteira responsabilidade dos seus autores e orientadores, bem como a adequação vocabular e gramatical.

A pandemia do novo Coronavírus marcou o ano de 2020 pelos imensos desafios nas mais diversas áreas, sobretudo na educação. Todavia, é nos momentos de maior adversidade que o ser humano evoca forças e reinventa-se na busca de atender às necessidades que emerge dos problemas advindos de situações como o ensino remoto. Considerando o pensamento de Moran (2019) de que “o ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital”, ocorreu, guiada pela emergência da atualidade, a necessidade de visualizar que esse dois mundos, na verdade, são um mesmo espaço de extensão da sala de aula, uma ampliação de horizontes que se hibridizam e que, por fim, representam um ambiente significativamente rico de possibilidades para o desenvolvimento educacional.

Nesse mesmo contexto e impulsionado pelos desafios da pandemia, o II Simpósio de Línguas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, em sua segunda edição, foi realizado pelo Grupo de Pesquisa em Ensino e Aprendizagem de Línguas – GRENAL, grupo veiculado ao IFPB - Campus Cajazeiras em 2020 totalmente de forma remota, fazendo da dificuldade uma nova oportunidade de romper fronteiras e agrupar em um espaço reflexivo pensadores de todo o Brasil.

Fruto desse trabalho, o presente e-book agrupa artigos que traduzem as inquietações e buscas, pesquisas, reflexões relacionadas à “Educação remota e novos letramentos em tempos de distanciamento social”, tema do evento e agrupa textos que são um convite à discussão sobre o ensino remoto a partir de trabalhos que traduzem as experiências vivenciadas pelos pesquisadores que, por sua vez, refletem desafios, dificuldades, papéis, rupturas, mas também muitas situações significativas que demonstram essa capacidade produtiva do educador brasileiro de ressignificar suas práticas diante de novos contextos.

## SUMÁRIO

VAMOS VIVER UM NOVO TEMPO NA EDUCAÇÃO PÓS COVID-19?.....	5
<i>Renata Fátima Medeiros de Oliveira</i>	
<i>Valéria de Almeida Valadão</i>	
<i>Dany Thomaz Gonçalves</i>	
O DESAFIO NO ENSINO DE LÍNGUAS EM AVALIAR ESTUDANTES DO FUNDAMENTAL I E II DURANTE A PANDEMIA COM AULAS REMOTAS .....	16
<i>Alciane Queiroz Castro</i>	
<i>Silas Lacerda dos Santos</i>	
EDUCAÇÃO REMOTA EM PERÍODO DE PANDEMIA: REALIDADE E DESAFIOS ENFRENTADOS PELA COMUNIDADE ESTUDANTIL DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DO BAIRRO CUITÉS, EM CAMPINA GRANDE - PB .....	28
<i>Adriano Alves Bezerra</i>	
<i>Anna Clisley Barbosa de Souza</i>	
<i>Maria Jucineide Araújo</i>	
<i>Simone Zeferino Pê</i>	
<i>Juliana Palmeira dos Santos</i>	
SER PROFESSOR EM TEMPOS DE INCERTEZA: OS DESAFIOS DOS PROFESSORES NO ENSINO REMOTO .....	45
<i>Mariana Soares de Farias</i>	
<i>Lucas de Sousa Ferreira</i>	
AS DIFICULDADES DO ENSINO REMOTO: COMO PROFESSORES E ALUNOS ESTÃO LIDANDO COM AS NOVAS PROPOSTAS DE ENSINO .....	56
<i>Francisco Mateus Faustino Araújo</i>	
ENSINO REMOTO, A SALVAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM MEIO ÀS IMPACTANTES LIMITAÇÕES OCASIONADAS PELA PANDEMIA DA COVID-19: QUAIS OS SEUS PRINCIPAIS DESAFIOS E CAMINHOS PARA A SUA IMPLEMENTAÇÃO EFICIENTE? .....	66
<i>Aline Afonso Silva da Rocha</i>	
<i>Pablo Hertz Bruzzone Leal</i>	
O NOVO PAPEL DO PROFESSOR FRENTE AOS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO: A NECESSIDADE DE MUDANÇA DO COMPORTAMENTO DOCENTE .....	80
<i>Rossini Fonseca Silveira</i>	
<i>Raquel Martins de Oliveira</i>	
<i>Joseane Rosa Santos Rezende</i>	
OS ATOS RESPONSIVOS NO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE QUARENTENA.....	95
<i>Meiriele da Silva Rodrigue Rocha</i>	
<i>Marilurdes Cruz Borges</i>	

AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE LETRAMENTO DOS ALUNOS NO CONTEXTO SOCIAL ATUAL: ANÁLISE DA MODALIDADE DE ENSINO REMOTO.....	109
<i>Debora Cardoso de Azevedo</i>	
<i>Denise Moura Luz</i>	
<i>Deuzilene Pinheiro Leal</i>	
<i>Maria Lusía de Moura Goncalves</i>	
O ENSINO E APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL: desafios e perspectivas .....	125
<i>Sandra Maria Lemos Campelo</i>	
ENFRENTAMENTOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: EXPERIÊNCIAS NO CENÁRIO DA COVID-19 .....	140
<i>André Luiz Souza da Silva</i>	
REFLEXÕES E ANÁLISES DO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ABORDAGEM PRÁTICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO DO CARIRI – CE .....	156
<i>Emanuel Mateus da Silva</i>	
O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM TEMPOS DE PANDEMIA: A EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO .....	170
<i>Alessandra Mendes</i>	
<i>Diana Ribeiro</i>	
ENSINO NO CONTEXTO DE PÓS-PANDEMIA: NOVAS PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS E SOCIAIS NO BRASIL.....	183
<i>Samuel Lopes dos Santos</i>	
“CLUBE DO LIVRO” COMO ESTRATÉGIA DE AQUISIÇÃO LINGUÍSTICA POR MEIOS DIGITAIS .....	196
<i>Rafael Omar Nachabe</i>	
FANFICS INSERIDAS NO ESPAÇO ESCOLAR COMO MEDIAÇÃO DA LEITURA E ESCRITA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	209
<i>Lília Mara de Menezes</i>	
<i>Nádia Maria da Silveira Costa de Melo</i>	
“A VIDA NÃO PODE PARAR”: AS REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS NA PROPAGANDA DO ENEM 2020 COM BASE NA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA.....	221
<i>Bruno Drighetti</i>	
<i>Magali Garcia Almeida</i>	

## **VAMOS VIVER UM NOVO TEMPO NA EDUCAÇÃO PÓS COVID-19?**

Renata Fátima Medeiros de Oliveira

*Pós-graduanda do Curso de Língua Portuguesa da Fundação Educacional Unificada Campograndense – FEUC - RJ, [renatafmedeiro@gmail.com](mailto:renatafmedeiro@gmail.com)*

Valéria de Almeida Valadão

*Pós-graduanda do Curso de Língua Portuguesa da Fundação Educacional Unificada Campograndense – FEUC - RJ, [valeria.a.valadao@gmail.com](mailto:valeria.a.valadao@gmail.com)*

Dany Thomaz Gonçalves

*Professor Orientador: Mestre em Linguística – Universidade de São Paulo - USP – SP, [danytrue@gmail.com](mailto:danytrue@gmail.com)*

Em tempos de políticas de isolamento social causadas pela pandemia do COVID-19 que devasta o mundo, os professores receberam uma grande tarefa permeada por muitos desafios: ensinar a distância. A educação a distância é uma modalidade que vem ganhando grande destaque e provocando muitos debates nos últimos anos. Com essa nova configuração global, a educação sofreu grandes mudanças e nos perguntamos se elas vão perdurar. De repente, os professores foram obrigados a deixar as suas salas de aula e prosseguir com os conteúdos pedagógicos utilizando os recursos digitais disponíveis para planejar, preparar e executar as melhores aulas de suas vidas, afinal, todos estão de olho. Enquanto isso, existem milhares de famílias sem acesso às tecnologias e à rede, deixando em evidência mais um ponto desafiador para fazer o ensino a distância. Encaramos muitos desafios de uma só vez. Essa nova necessidade que emergiu soma-se às outras necessidades que o momento exige. Todos os educadores possuem muitas dúvidas na gestão do processo e em como construir um canal seguro de comunicação que atinja todos os educandos, sem promover ainda mais segregação. Nossa discussão precisa vir acompanhada de avaliações críticas. A temática abordada necessita de expressiva clareza e objetividade para que possamos qualificar esse ensino remoto e não contribuir ainda mais com as injustiças e nem deixar nascer uma nova forma de abandono social. As perguntas são as mais diversas, nossas discussões destinam-se a encontrar o caminho e identificar como surge ou como cria-se um novo tempo.

**Palavras-chave:** Educação em Transformação, EaD, Desafios dos Professores, Educação em Período de Pandemia, Ensino Híbrido.

### **INTRODUÇÃO**

Um mundo sendo devastado por uma pandemia, pessoas morrendo pelas ruas, os hospitais não tendo mais capacidade para acolher ninguém, apenas profissionais essenciais são autorizados a sair de casa, o comércio é fechado, é decretado o distanciamento social, as pessoas precisam andar de máscara pelas ruas, os governos começam a entrar em crise e a economia entra em colapso. Parece que está sendo

produzida a sinopse de um novo livro distópico, mas não. São alguns pontos observáveis do primeiro semestre do ano vigente a nível mundial.

Nunca foi tão necessário discutir as relações sociais quanto nos dias atuais, mas, mais do que isso, nunca foi tão importante discutir o sistema educacional que está implantado no Brasil e como esse sistema vai reagir pós-pandemia.

Com o aumento alarmante de casos confirmados da Covid-19, foi preciso a tomada de decisões rápidas e provisórias que pudessem suprir as exigências do momento. Na tentativa de passar por esse processo da melhor forma possível, uma das primeiras atitudes foi o fechamento das escolas e a implementação de um ensino remoto.

Aparentemente, a solução encontrada era a única saída para o momento. Na medida do possível, podemos considerar que houve sucesso na implementação desse modelo remoto, mas não foi um sucesso para todos. A desigualdade social que está enraizada em nossa sociedade tornou-se ainda mais evidente a partir do momento em que as grandes escolas da rede particular conseguiram articular estratégias eficazes e custosas para manter a sua “qualidade” e posição social, enquanto escolas particulares menores e as da rede pública ainda não conseguiram encontrar um caminho efetivo para atender as suas demandas.

A pandemia acabou deixando claro a necessidade de políticas públicas que possam atender as famílias mais necessitadas. Quando falamos em educação remota em todas as instâncias do ensino, estamos nos referindo não somente a falta de acesso às tecnologias e à rede, mas a alimentação diária, afinal, muitas vezes a merenda escolar é a única refeição que a criança tem no dia, podemos citar também a oferta de um ambiente minimamente limpo, com saneamento básico e água potável – o espaço escolar. Do outro lado, temos os professores, que também enfrentam sérios problemas para preparar, produzir e editar as aulas, que agora são feitas dentro de suas casas, utilizando os recursos disponíveis e, na maioria das vezes, limitados.

Falar do ensino remoto, nos dias de hoje, sem uma reflexão do todo, é trazer a luz algumas mazelas que o nosso sistema educacional enfrenta diariamente ao longo dos últimos anos.

Neste artigo, buscamos trazer reflexões acerca da construção da educação a distância, a implementação da educação remota em tempos de pandemia, nas

transformações que o sistema educacional vai enfrentar pós-pandemia, nas possibilidades do ensino híbrido e no novo papel que o professor desempenhará daqui para frente.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada neste trabalho foi baseada em bibliografias e reportagens veiculadas pelos grandes veículos de comunicação. Buscamos discutir a construção do Ensino a Distância (EaD), os problemas sociais que foram acentuados nesse período de pandemia, a implementação do ensino híbrido, o papel do professor nesse novo cenário educacional e a questão do afeto no ensino presencial e a distância, levando em conta também experiências pessoais com o ensino remoto.

## **DISCUSSÃO**

O fenômeno da pandemia contém em si um problema educacional, uma questão que gera dependência tecnológica e a busca por capturar uma forma de atender às determinações impostas pelas escolas e, sobretudo, entregar um ensino de qualidade.

Há uma intertextualidade permanente entre a educação e os acontecimentos sociais, quase tudo interfere no ofício do professor, desde as decisões políticas, as desigualdades sociais e até a evasão escolar. Construir no outro cidadania é, frequentemente, dialogar com situações inesperadas, sobretudo, com as classes sociais menos privilegiadas. Faz-se necessário considerar o que é possível fazer agora com o que temos e com o que nos é imposto pelas instituições, mas como missão profissional, cabe-nos muitas reflexões sobre os valores que o distanciamento nos impõe.

A implementação da Educação a Distância (EaD) não é nenhuma novidade advinda do período de pandemia, pelo contrário, os registros nos mostram que essa modalidade de ensino começou a ser registrada no século XVIII e tem se tornado muito popular atualmente. Segundo Costa (2017, p. 61), a EaD “[...]É uma forma de ensino-aprendizagem mediada por Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) que permitem que o professor e o estudante estejam em ambientes físicos diferentes. [...]”.

Atualmente, essa modalidade está apoiada nos computadores, *tablets*, celulares e internet, mas nem sempre foi assim. Na história, encontramos exemplos de outros recursos tecnológicos, como correio, fax, rádio e televisão.

Comumente, as leis aparecem regulamentando um fato da história depois dele já instaurar-se na sociedade, primeiro, ele vira uma condição social, gera polêmica e discussões e só depois institui-se uma norma. No Brasil, a modalidade EaD começou a ser utilizada nos anos 1920, mas só em dezembro de 1996 foi regulamentada pela Lei nº 9394 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

A partir das necessidades que surgiram devido a pandemia da Covid-19, foi preciso a implementação de um modelo de educação que pudesse suprir as demandas do momento, o ensino remoto emergencial em caráter extraordinário. Adotado de maneira provisória e emergencial, esse modelo educacional espalhou-se pelo mundo. Sem nenhuma estrutura, o ensino remoto tornou-se a única opção, não apenas para adolescentes e adultos que, na maioria das vezes, possuem certa maturidade e conhecimentos prévios para absorver dados de maneira mais autônoma, mas também a única opção para crianças que estão passando pelo processo de alfabetização e que, embora, grande parte tenham muitas habilidades eletrônicas ainda não possuem as competências necessárias para trabalhar com as tecnologias voltadas para o ensino.

De toda forma, as possibilidades de letramento em meio a pandemia e toda a modernização que se der a partir disso, inicialmente, pertencerá aos que estão protegidos por suas classes sociais. O ônus maior já se apresenta a determinados grupos.

De acordo com NIC.br (2019), 43% das casas possuem computadores nas áreas urbanas e apenas 18 % na área rural. Nas classes consideradas A e B, 95% e 85%, respectivamente, possuem computadores, enquanto que na C, 44%, e D e E, apenas 14%.

Essas informações nos provam que as condições sequer são semelhantes, existe um abismo entre os que têm acesso e os que não têm acesso a aparelhos eletrônicos que possibilitem não só o acesso à internet, mas a facilidade de montar e elaborar trabalhos. Nessa discussão, emaranham-se disposições políticas, econômicas e um sistema que já possui uma atuação desigual. O desafio do professor é atuar nessas circunstâncias, de forma não arbitrária, preocupando-se não só com o ensino, mas com a efetivação da aprendizagem. Na guerra para estabelecer um ensino de qualidade, os professores são tão soldados quanto os alunos, nesse quadro os professores são reféns das políticas públicas tanto quanto toda sociedade brasileira.

Apesar de verificarmos a EaD como possibilidade de ultrapassar a barreira da distância e facilitar na questão do tempo, oferecendo a possibilidade de carregar o

ensino até dentro do bolso, já que é possível acessar cursos e salas de bate-papo estudantis pelo celular, apenas usando *login* e senha, registra-se que o ensino EaD ainda não é democrático, nem completo.

Para 4,5% das pessoas em todo o país que não acessam a internet, o serviço não está disponível nos locais que frequentam. Ou seja, mesmo que queiram, não conseguem contratar um pacote de internet. Esse percentual é mais elevado na Região Norte, onde 13,8% daqueles que não acessam a internet não têm acesso ao serviço nos locais que frequentam. Na Região Sudeste, esse percentual é 1,9%. (TOKARNIA, 2020)

O modelo de educação a distância cobre falhas, atenua a condição que o vírus nos impõe mas, apesar disso, revela-se incompleto. A linguagem cibernética limita nossa linguagem, o ser humano desenvolve suas capacidades através de diversos aspectos semióticos.

De acordo com Oliveira e Basso (2014), ao declarar frases e ideias, fazemos usos de uma série de recursos para constituir significados e essa implicatura no que se diz distingue raciocínios, constrói interpretações.

O convívio provoca situações de comunicação, constrói estruturas de visão. O sujeito quando narra, explica, avalia e descreve, faz uso de uma composição de elementos que o constroem como ser pensante, atuante em seu meio. Esse é um reflexo da construção da educação que não se resume a passar tarefas e responder questionários. Orientar um educando para autonomia é trabalhar a semântica e a cognição, o que difere do ato de usar uma ferramenta como um fim em si mesma. A educação EaD e os mais diversos aplicativos servem como aparato para uma construção maior de significados das coisas.

Expectativas de significado e inferências são competências que só podem acontecer através do convívio pessoal. Transferir informação sem levar em conta a especificidade do ser humano seria tirar toda a simbolização necessária que serve de referência para a construção de sentido que é a busca da educação.

Em meio ao caos que o mundo está vivendo, a grande pergunta que anda tirando a noite dos educadores é a seguinte: Como ficará a educação pós-pandemia?

Infelizmente, ainda não é possível encontrar respostas para perguntas como essa, mas podemos começar um processo de reflexão com o que já temos até o momento. A

educação é um assunto muito discutido, mas pouquíssimo valorizado e levado a sério em nossa sociedade. O sistema educacional brasileiro que já passava por sérios problemas antes da pandemia, agora, enfrenta problemas ainda maiores com a repentina necessidade de um ensino remoto e, como vimos, a desigualdade social atropela esse setor sem medir as consequências. Ao mesmo tempo, temos discentes com sede de novidades, curiosos com o que está por vir, imediatistas, inquietos e insatisfeitos com as práticas pedagógicas desenvolvidas nas salas de aula brasileiras.

Nesse cenário, cabe a nós, educadores, discutir a construção de uma nova escola. Mas que escola será essa? Parente (2020) reflete sobre os próximos passos para a reconstrução da educação no pós-pandemia:

A curto prazo, devemos garantir que os alunos retenham conhecimentos e habilidades por meio de ações remotas. A médio prazo, teremos de avaliar o aprendizado de cada um e criar estratégias de reforço efetivas para os que necessitarem. A longo prazo, nossos sistemas educacionais deverão se recriar, com capacidades de contingenciamento, procedimentos e protocolos para possíveis novas crises, levando em consideração as possibilidades que as novas tecnologias oferecem. (PARENTE, 2020)

Socialmente, as novas tecnologias estão entre os indivíduos diariamente em todos os espaços, elas tornaram-se basilares para o novo mundo que estamos construindo, mas quase sempre são deixadas de lado quando o assunto é a introdução delas no espaço escolar. De acordo com Bertholdo Neto (2017), elas modificaram as formas como as pessoas se relacionam, incluindo a relação aluno/escola/professor/aprendizagem.

Diferentes métodos têm surgido para tornar a sala de aula mais dinâmica, tecnologias têm se aliado ao quadro negro e ao giz para diversificar os modos de apresentação dos conteúdos e atingir mais efetivamente esses alunos imediatistas por natureza. Nesse momento, o papel do professor se renova, tanto pelo ensino à distância (EAD) quanto pela nova mediação do conhecimento possível por causa da tecnologia. (BERTHOLDO NETO, 2017, p. 63)

Com isso, é importante perceber a necessidade de novas propostas pedagógicas e a reflexão a respeito da formação do novo professor. O ensino remoto durante a pandemia trouxe questões ainda mais intensas sobre as práticas educacionais. Na busca

por alternativas que sejam palpáveis para o futuro escolar, deparamo-nos com um tópico bastante discutido nos últimos anos, o ensino híbrido.

O ensino híbrido, uma das metodologias ativas educacionais, procura atender a demanda das novas gerações propondo a união entre o ensino presencial em sala de aula e o ensino on-line. Com o universo imerso nas tecnologias, essa metodologia ativa apresenta possibilidades para uma educação mais livre e personalizada tanto para o aluno quanto para o professor. A educação híbrida dá mais protagonismo ao aluno e amplia a sua autonomia, uma vez que aumenta as oportunidades de aprendizagem.

Apesar da necessidade de um ensino remoto durante a pandemia e as novas metodologias que deverão ser adotadas para uma reestruturação educacional no pós-pandemia, é necessário uma análise de todas as possibilidades existentes e possíveis para serem implementadas nas escolas brasileiras. Nesse momento, não podemos acentuar ainda mais as desigualdades sociais, é importante tentar atender todas as necessidades do corpo escolar, ainda mais quando falamos da educação pública.

Em meio a todas essas transformações que a educação está passando, como fica o professor nessa situação? Essa nova realidade foi implementada de repente, os planejamentos precisaram ser refeitos, os conteúdos foram adaptados, foi necessária uma autocapacitação e os professores acabaram entrando, sem querer, no campo das profissões do século XXI, tais como: *youtubers*, *blogueiros*, editores de vídeos, entre outros. As tecnologias digitais tornaram-se suas principais aliadas e, através delas, foi possível explorar uma infinidade de novas estratégias.

Nesse novo modelo de ensino, não pertence mais ao professor o papel de transmissor e ao aluno o papel de receptor do conhecimento, como foi criticado por Paulo Freire (1987). O professor passa a ser um mediador do conhecimento, ele vai auxiliar o aluno a desenvolver as suas habilidades. De acordo com Masetto (2000, p. 142), conforme citado por Silva (2017, p. 158),

O professor, como já foi dito, também assume uma nova atitude. Embora, vez por outra, ainda desempenhe o papel do especialista que possui conhecimentos e/ou experiências a comunicar, no mais das vezes desempenhará o papel de orientador das atividades do aluno, de consultor, de facilitador da aprendizagem, de alguém que pode colaborar para dinamizar a aprendizagem do aluno, desempenhará o papel de quem trabalha em equipe, junto com o aluno, buscando os

mesmos objetivos; numa palavra, desenvolverá o papel de mediação pedagógica.

Definitivamente, os professores precisaram se reinventar e transformaram suas salas de aula presenciais em ambientes virtuais sem nenhum treinamento para isso. As exigências por um trabalho de excelência, tanto por parte das escolas quanto por parte dos responsáveis, tornaram-se ainda maiores. O novo profissional da educação surge a partir de uma necessidade desesperada, de uma demanda completamente nova. O professor do pós-pandemia não será o mesmo de antes da pandemia, e nem poderá ser, afinal, o corpo docente foi transformado, o mundo foi modificado e não será possível manter uma metodologia do século passado.

As tecnologias devem ser utilizadas para aproximar e unir ainda mais os corpos docente e discente. Nesse momento de tanta fragilidade social, emocional e psicológica, o ensino remoto e posteriormente a implementação de uma possível educação híbrida não podem corroborar para um distanciamento afetivo.

O que se diz, como se diz, em que momento e por quê - da mesma forma que o que se faz, como se faz, em que momento e por quê - afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto. Nesse processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos, afeta cada aluno individualmente (LEITE e TASSONI, 2017, p. 11)

As relações estabelecidas no ambiente presencial não são as mesmas que se estabelecem no ambiente virtual. As tecnologias tornaram as interações sociais mais impessoais, mais distantes. O papel da educação híbrida é justamente adaptar o ensino para atender as necessidades do aluno, mas sem perder o afeto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na educação, buscamos um olhar mais objetivo que nos proporcione tão logo um meio mais estruturado para alicerçar nossos planos de aula. Existe um projeto de ensaio para as voltas presenciais as aulas, o que não sabemos se será possível tão brevemente. No entanto, a pergunta que nos assola é sobre o quanto a pandemia e o período pós-pandêmico representará e afetará a educação. Os professores experimentam, hoje, um *home office* exaustivo, que pouco ou em nada respeitam as leis vigentes que determinam

horários e limites ao trabalhador. A pandemia gerou ainda mais abalos na nossa realidade política, cultural e social.

Certamente, todos os docentes gostariam de garantir um futuro com ensino moderno e eficiente, mediar competências e não apenas cumprir um roteiro determinado de forma fria por um material. Nossa competência maior deve ser uma atitude mediadora e humana, entregando um ensino consistente e garantindo a formação de novos pensadores.

Limitar o ensino no formato EaD determina uma contribuição limitada de saber visto que o conhecimento é construído pelo indivíduo através de uma dinâmica global, entre mente, linguagem e sentidos.

São as circunstâncias em que se dão a informação que constroem significação, diferentes visões, contribuindo para a formação de um aluno questionador e autor do seu próprio saber.

Todos esses acontecimentos ressaltam a necessidade do olhar para o outro, do cuidado da educação no aspecto de desenvolvimento pessoal e social.

Nesse processo contínuo de transformações que a sociedade está passando, pensar sobre educação nesse contexto é um ato político. Independentemente das estratégias e metodologias traçadas, precisamos avançar sempre pensando em uma educação emancipatória.

## REFERÊNCIAS

BERTHOLDO NETO, Emílio. **O ensino híbrido: processo de ensino mediado por ferramentas tecnológicas. Ponto-e-vírgula: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 22, p. 59-72, dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/31521/24901>. Acesso em: 20 jul. 2020.

COSTA, Adriano Ribeiro da. **A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL: Concepção, histórico e bases legais. Rios Eletrônica**, Bahia, n. 12, p. 59-74, jul. 2017. Disponível em: [https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2017/12/a\\_educacao\\_a\\_distancia\\_no\\_brasil\\_concepcoes\\_historico\\_e\\_bases\\_legais.pdf](https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2017/12/a_educacao_a_distancia_no_brasil_concepcoes_historico_e_bases_legais.pdf). Acesso em: 30 jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

SILVA, Edsom Rogério. **O Ensino Híbrido no Contexto das Escolas Públicas Brasileiras: Contribuições e Desafios**. Porto das Letras, v. 3, n. 1, p. 151 - 164, 10 jan. 2018.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>. Acesso em: 24 de jul. 2020.

NÚCLEO DA INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (NIC.BR). (2020). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação: pesquisa TIC Domicílios**, ano 2019. Disponível em: <http://cetic.br/arquivos/domicilios/2019/domicilios/>. Acesso em: 30 jul. 2020.

OLIVEIRA, Roberta Pires de; BASSO, Renato Miguel. **Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PARENTE, Rafael. **Educação durante e pós-pandemia - lições relevantes. Correio Braziliense**. Brasília, maio 2020. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2020/05/16/internas\\_opiniao,855449/artigo-educacao-durante-e-pos-pandemia-licoes-relevantes.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2020/05/16/internas_opiniao,855449/artigo-educacao-durante-e-pos-pandemia-licoes-relevantes.shtml). Acesso em: 24 jul. 2020.

TOKARNIA, Mariana. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa**. Agência Brasil. Brasília, abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 28 jul. 2020.

## **O DESAFIO NO ENSINO DE LÍNGUAS EM AVALIAR ESTUDANTES DO FUNDAMENTAL I E II DURANTE A PANDEMIA COM AULAS REMOTAS**

Alciane Queiroz Castro

*Licenciada em Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB Departamento de Educação-Campus X). E-mail: [alcianecastro@hotmail.com](mailto:alcianecastro@hotmail.com)*

Silas Lacerda dos Santos

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER-UFSB). Licenciado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB-Departamento de Educação-Campus X). E-mail: [silaslacerda17@hotmail.com](mailto:silaslacerda17@hotmail.com)*

Este estudo trata de um relato de experiência que discutiu o processo de avaliação do ensino de língua, especificamente a inglesa e portuguesa, tendo como público alvo estudantes do Ensino Fundamental I e II na cidade de Mucuri-Bahia em contexto da pandemia com aulas remotas. A partir da pesquisa, objetivou-se possibilitar aprendizagens significativas, com base no ensino de língua, de modo a construir conhecimento e potencializar métodos didático-prático aos estudantes. Este estudo surgiu a partir de dois questionamentos: 1) Como avaliar estudantes no ensino de línguas por meio remoto? e 2) Qual o melhor instrumento de avaliação no ensino de língua durante a pandemia? Empregamos o método de observação comportamental e de teorias formuladas, onde discorreremos a importância da relação professor-estudante para aquisição do conteúdo, percepção e influência no ensino de línguas, de modo a utilizarmos como mecanismos de introdução no contexto didático em tempos de pandemia. Para observar o desenvolvimento dos estudantes e obtermos documentos que registrassem a realização das aulas remotas, propomos duas ferramentas de avaliação teste oral e escrito a distância. Como resultado, verificamos a necessidade de implementação de práticas de avaliações rotineiramente, pois essa funcionalidade tem-se objetivado como "cura" para a timidez dos estudantes que se mostram introvertidos durante realização de atividades em aulas a distância, tornando assim a língua como prática e acessível. Ainda, a potencialidade do uso da tecnologia tem sido importante e indispensável no ensino de língua, tornando uma ferramenta eficiente.

**Palavras-chave:** Aula remota, Avaliação, Ensino-aprendizagem de Língua Inglesa e Portuguesa, Ensino Fundamental I e II.

### **INTRODUÇÃO**

Diante do distanciamento social em decorrência de medida protetiva contra o novo COVID-19<sup>1</sup> no Brasil e no mundo, conforme orientações da Organização Mundial de Saúde

---

<sup>1</sup> Doença causada pelo coronavírus **SARS-CoV-2**, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e desses casos aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório). Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#se-eu-ficar-doente>. Acesso em: 28 de Julho de 2020.

(OMS), tornou-se necessário entre inúmeras recomendações de prevenção o distanciamento social para o controle da proliferação do contágio comunitário. No âmbito educacional, tornou-se necessário que atividades de ensino e aprendizagem fossem vinculadas a suportes tecnológicos digitais. A educação a distância (EaD) ou, precisamente a Educação Remota tornou-se necessária envolver mais do que nunca partilhas e trocas de aprendizagens por meio de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's).

Frente essa modalidade de ensino e aprendizagem, muitas instituições escolares presenciais tiveram que se organizar e adaptar a uma significativa infraestrutura de equipe pedagógica, ficando à disposição para o desenvolvimento de suas atividades. Aos profissionais em educação, tornou-se necessário estúdio de gravação de videoaulas e *Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)* pela *Plataforma Moodle*, laboratório de informática e entre outras multimídias, de modo a contribuir significativamente em suas metodologias. Notadamente, tem sido possível organizar seu componente curricular, produzir e selecionar recursos didáticos, orientando seus estudantes quanto a condução do componente ministrado, logicamente envolvendo etapas, adequações a uma linguagem e mediação que lhes são próprias e pessoais.

Para que aulas continuassem acontecendo foi indispensável a presença de profissionais da área de Tecnologia e Informação (TI), por implementarem recursos em plataformas, designer instrucionais, suportes técnicos, produções de materiais didáticos (edição de videoaulas, padronizações de materiais, entre outros) e, também com uma grande equipe pedagógica, fomentando capacitação permanentemente.

Essa pesquisa se justifica pela necessidade de estudos recentes de relatos de experiências do ensino e aprendizagem de línguas (Língua Portuguesa-LP e Língua Inglesa-LI), uma vez que a linguagem torna parte integrante socialmente e historicamente dos sujeitos, por meio da interação e forma que se constitui. Bem sabemos que é através da interação que acontecem a singularidade das interferências, controles e seleções impostas, pois nenhuma interação acontece fora do social.

Dessa forma, os estudos têm por objetivo possibilitar aprendizagens significativas, com base no ensino de línguas, construindo conhecimento e potencializando métodos didático-prático a professores. Para sustentar a pesquisa, procuramos responder as questões-problemas que nortearam e delinearão, a saber: 1)

Como avaliar estudantes no ensino de línguas por meio remoto? e 2) Qual o melhor instrumento de avaliação no ensino de língua durante a pandemia?.

No processo metodológico empregamos o método de observação comportamental e de teorias formuladas, onde discorreremos a importância da relação professor-estudante para aquisição do conteúdo, percepção e influência no ensino de línguas, de modo a utilizarmos como mecanismos de introdução no contexto didático em tempos de pandemia. Para observar o desenvolvimento dos estudantes e obtermos documentos que registrassem a realização das aulas remotas, propomos duas ferramentas de avaliação teste oral e escrito a distância.

A partir dos pressupostos, apresentaremos relatos de experiências em escola privada do município de Mucuri-Bahia, a partir de aulas ministradas de LP no ensino Fundamental II e ensino de Língua Inglesa (LI) no ensino Fundamental I, precisamente em séries iniciais.

Sobremodo, a partir de nossas hipóteses e resultados, certificamos o quanto a utilização das TIC's e aplicativos de hipermídias contribuem significativamente e são eficazes como recursos metodológicos no ensino de línguas em aulas remotas. Notamos o quanto os planejamentos das aulas não interferiram na adaptação dos recursos e avaliações, pois conseguimos desenvolver nossos objetivos e garantir ao mesmo tempo a participação ativa dos estudantes.

Esperamos que esse estudo contribua para a reflexão inerente ao processo de ensino e aprendizagem na relação professor-estudante, além de também contribuir para professores de línguas em suas metodologias e didáticas, além de também fomentar o desenvolvimento de estudos futuros a outros pesquisadores.

## **METODOLOGIA**

A partir dos estudos objetivamos possibilitar aprendizagens significativas com base no ensino e aprendizagem de línguas, construindo conhecimentos e potencialidades de métodos didático-práticos que auxiliem professores. O mesmo surgiu a partir de dois questionamentos: 1) Como avaliar estudantes no ensino de línguas por meio remoto? e 2) Qual o melhor instrumento de avaliação no ensino de língua durante a pandemia?. Empregamos o método de observação comportamental e de teorias formuladas, onde discorreremos a importância da relação professor-estudante para

aquisição do conteúdo, percepção e influência no ensino de línguas, de modo a utilizarmos mecanismos de introdução no contexto didático em tempos de pandemia. Para observar o desenvolvimento dos estudantes durante o ensino e aprendizagem e obtermos documentos que registrassem a realização das aulas remotas, propomos duas ferramentas de avaliação: primeiramente trabalhamos com teste oral e o no segundo momento utilizamos da escrita, sendo que ambos ocorreram remotamente.

Os testes sugeridos foram aplicados durante um dos trimestres em vigor do ano letivo de 2020, em turma de 2º ano do Ensino Fundamental I no componente curricular de LI e turma de 6º ano do Ensino Fundamental II de LP, sendo ambas turmas em escola privada do município de Mucuri-Bahia. Os testes foram pensados com intuito de materializar a avaliação do processo quantitativo e qualitativo do ensino e aprendizagem de línguas.

Os testes referentes ao processo quantitativo foram enviados por meio de um envelope para a casa de cada estudante, com detalhamento do prazo de entrega e instruções da condução de atividades propostas, assim avaliamos o desempenho de cada estudante junto execuções. Quanto as atividades de cunho qualitativo, estas se deram por via remota, por meio de aplicativo utilizado durante o período de isolamento social. As atividades qualitativas desenvolveram-se de forma lúdica, em razão dos conteúdos elencados, através de imagens específicas para o conteúdo de LI, sendo eles: *parts of the body e fruits*, além de *jogos de perguntas e respostas*. Durante o ensino e aprendizagem das aulas de LP, desenvolvemos atividades que caminharam pelo crivo da língua e linguagem, além de gêneros textuais recorrentes, sendo eles; *variação linguística, texto narrativo* e questões de morfossintaxe: *constituição e definição de frases e orações*, todos esses foram desenvolvidos por compartilhamento de aplicativos no *Google Meet, plataforma Zoom e whatsapp* (formação de grupos específicos e mensagens individuais), além de caixa de e-mail (*Outlook e Gmail*).

Dentro das atividades descritas, cabe-nos destacar que, todas etapas foram acompanhadas e orientadas de modo que, ao passo que aconteciam, os estudantes se sentiam seguros e conscientes de que não estavam sozinhos. Todas as atividades ocorreram dentro do prazo pré-determinado, sem quaisquer problemas recorrentes.

Avaliamos todas atividades de forma minuciosa por meio de elaboração de um barema, sendo esse deferido pela coordenação pedagógica e na sequência apresentado

aos estudantes e, conseqüentemente, disponibilizamos para visualização e conferência por meio do diário eletrônico institucional.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A sociedade vive, hoje, em todos os seus âmbitos modificações de formas de interação humana, quer seja socialmente ou profissionalmente. Na esfera educacional, especificamente, temos presenciados instituições de ensino sendo fechadas desde meados de março, o que tem levado gestores e professores a lidarem com criações e montagens de plataformas de aprendizagens e ensino. Diante da pandemia causada pelo COVID-19, tem surgido muitas dificuldades e necessidades para enfrentamento do vírus, entre elas a de professores sem formação para o trabalho remoto, estudantes que não têm computadores, ou outros equipamentos tecnológicos em casa, além da falta de acesso à internet em residência de alguns professores e estudantes.

Ressaltamos a necessidade e implementação de práticas avaliativas rotineiramente, pois essa funcionalidade tem-se objetivado como “cura” para a timidez por parte de professores e estudantes que se mostram introvertidos durante realização de atividades em aulas remotas, tornando assim o ensino de linguagem como prática e acessível. Ainda, destacamos a potencialidade do uso das TIC's, importância de estar indissociável do contexto educacional, pois tem tornando uma ferramenta eficiente na transmissão do ensino e aprendizagem.

Santos (2019) ressalta que com a aceleração das mudanças na contemporaneidade, as informações tem circulado com enorme velocidade e não diferente dos demais espaços, elas vem adentrando nas escolas de forma acelerada. As TIC's tem sido reflexos diante das transformações e mudanças de hábitos e práticas entre professores e estudantes, estas tem possibilitado mobilidade, ampliação da comunicação e instrumento necessário no ensino e aprendizagem de linguagem. Nesse sentido, destacamos a indispensável necessidade da formação do professor para o exercício do ensino com auxílio das TIC's. Santos (2019) nos diz que:

À formação dos professores para o uso das TIC's em metodologias de ensino deve contemplar uma qualificação ou capacitação profissional que privilegie a instrumentação de habilidades com as mesmas, neste sentido, faz-se pertinente que o professor lide com saberes diversos. A formação do professor para o uso das TIC's, além de possibilitar uma capacitação para a profissionalização, também permite a aproximação para com os diversos recursos tecnológicos. Esta aproximação se materializa em novas possibilidades metodológicas, bem como, na

ampliação das fontes de pesquisas e outras formas de avaliações no âmbito das atividades didáticas (p. 181).

Pensar a prática educativa corresponde retomar aspectos fundamentais do processo de ensino e aprendizagem da linguagem, levando em conta sua importância e inserção no planejamento realizado pelo professor de língua. Santos (2019) nos leva a refletir que a incorporação das TIC's no ambiente escolar, tende a expandir o acesso à informação atualizada e promover a criação de comunidades colaborativas de aprendizagens. Torna-se um privilégio a construção do conhecimento, da comunicação, da formação continuada e de uma gestão articulada entre as áreas administrativas, pedagógicas e informacional de instituição, propiciando o direito à uma educação de qualidade.

O uso frequente da TIC's tem diversificado o processo de ensino e aprendizagem, essa forma se caracteriza por ser dinâmica, participativa, descentralizada da figura do professor e pautada na independência, na autonomia, na necessidade e nos interesses imediatos de cada um dos aprendizes que são usuários frequentes. O uso das TIC's em ambiente escolar nos possibilita (re)pensarmos os espaços que ocupamos enquanto sujeitos. Para Santos (2019)

A partir das relações com as TIC's é possível constituir dimensões de mobilidade, criação de espaços/tempos que colocam na berlinda a própria organização espaço-temporal da escola. O físico e o virtual acabam fazendo parte de um mesmo contexto, colocando aluno e professor em situação de coautoria, potencializando assim as aprendizagens (p. 184).

As TIC's condicionam múltiplas potencialidades de manuseio, apresentando-se como meio, instrumento que colabora no desenvolvimento do ensino e aprendizagem entre os sujeitos, apresentando significâncias instrumentais favoráveis. No entanto, sabemos que as TIC's não vão resolver ou solucionar todos os problemas diante da relação educação e distanciamento social por meio do COVID-19, mas poderá colaborar de forma sistêmica e dinâmica. Vale ressaltar que para estudantes, pais e/ou responsáveis, além dos professores, não tem sido fácil lidar com ensino e aprendizagem remota, para Machado (2020)

Estes no que lhes concerne, assim como os professores, estão se sentindo sobrecarregados. Os responsáveis que além das atividades domésticas, “homeoffice”, estão acumulando também o papel de professores dos seus filhos. Muitos não estão conseguindo acompanhar o volume de atividades educacionais propostas pela escola, outros, não conseguem se adaptar as tecnologias dos meios digitais (p. 05).

É relevante pensarmos na disponibilidade de horas que pais e/ou responsáveis possuem para ensinar seus filhos em casa, de modo que não ocorra sobrecarga de atividades, o que nos leva a um grau elevado de estresse no contexto da família. Embora muitos pais e/ou responsáveis estão em casa é importante ressaltarmos que estão trabalhando (home office), o que por vezes acabam não possuindo no decorrer do tempo a disponibilidade de horários para ajudar seus filhos com as tarefas escolares.

Quanto o contexto escolar, para Almeida (2009) a equipe escolar deve elaborar um plano educacional que vise a inclusão de todos os estudantes, ofertando materiais e conteúdos em plataformas digitais considerando particularidades e conhecimentos prévios de ferramentas que serão utilizadas, dessa forma aumentará a possibilidade de assimilação dos conteúdos ministrados.

Ao refletirmos relevâncias do ensino de LP e LI na perspectiva de um sistema de diferentes formas e significados, é possível mencionarmos a relevância e funcionamento do desenvolvimento da sociedade comunicativa quanto o entendimento, expressão e evolução da linguagem. Entendemos que é a partir de um sistema simbólico que podemos argumentar, expressar ideias e socializarmos uns com os outros. Para Amaral *et al* (2019), no que tange o ensino de linguagem, mais precisamente o ensino e aprendizagem de LP, a certeza de que

É necessário que se mude essa concepção mecânica da língua portuguesa para que a aprendizagem aconteça verdadeiramente. Também é preciso que os problemas relacionados ao ensino de língua portuguesa sejam solucionados, como por exemplo, a falta de leitura e interpretação dos textos, as evasões da língua portuguesa, a pronuncia das palavras, as concordâncias verbais, entre outras (p. 05).

Nas discussões apresentadas por Amaral *et al* (2019), o ensino de LP precisa ser valorizado não somente na escola, mas principalmente na interação humana como o todo, pois é através da linguagem que o mundo se desenvolve e se torna capaz de

argumentar e interagir. É preciso termos estudantes críticos diante da sociedade e para isso é indispensável o conhecimento e a valorização da LP.

O ensino de LI tornou-se indispensável na sociedade contemporânea, por ser um dos idiomas mais falados no mundo, mais precisamente a 3ª língua, na sequência o mandarim e o espanhol. Dados<sup>2</sup> nos mostram que mais de 450 milhões de pessoas falam LI doravante como língua principal, e mais de 750 milhões de pessoas falam inglês como língua estrangeira. Sendo assim, é possível nos depararmos com o fenômeno de estrangeirismo em nosso cotidiano, seja em um *slogan* de uma roupa em uso ou em uma simples embalagem de um alimento. Conforme Pereira (2017),

O conhecimento de línguas estrangeiras é um diferencial que amplia a gama de possibilidades e oportunidades de ingresso em novos patamares profissionais e acadêmicos, tendo em vista que as habilidades e competências relacionadas ao domínio de idiomas são amplamente reconhecidas e valorizadas. Além disso, saber novas línguas é essencial para o desenvolvimento pessoal, para a comunicação em viagens, no contato com turistas, na interação com novas culturas e nas práticas de lazer, entretenimento, negócios e estudos. (p.01)

Para Pereira (2017), percebemos que a aquisição de uma segunda língua faz-se necessário no desenvolvimento humano, desde o seu uso na esfera social para as questões formais ao seu uso de forma obtusa no cotidiano.

Cabe ao professor de LI estimular o estudante para o processo de ensino e aprendizagem sempre que possível, apresentando metodologias interativas que aproximem da realidade social e cultural em que o mesmo se encontra, assim como estimular profissionalmente. Ao falarmos de metodologias no cenário de pandemia, nos deparamos com uma grande discussão: Como avaliar os estudantes no ensino de línguas de forma remota?.

Lima (2009) nos diz que “a avaliação encontra-se presente em nossa vida desde o nosso nascimento, daí em diante somos inseridos em um contexto em que tudo tem um conceito, uma nota, um critério, um padrão” (p. 221). Nesse sentido, se articularmos a avaliação diagnóstica, que tem como objetivo a inclusão do estudante e não a exclusão, ajudaremos estes no processo de ensino e aprendizagem, independentemente das

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.superprof.com.br/blog/o-ingles-e-a-primeira-lingua-mundial/#:~:text=Mais%20de%20450%20milh%C3%B5es%20de,do%20mandarim%20e%20do%20espanhol>. Acesso em: 18 de Julho de 2020

habilidades cobradas em sala de aula, assim poderemos enaltecer os erros e acertos de diferentes tipos de estudantes.

Partindo da premissa de que avaliar é um procedimento difícil e complexo em constantes discussões no meio educacional, falar de avaliação contempla habilidades necessárias na constituição do ensino e aprendizagem de línguas (oralidade, escrita, leitura e compreensão) em meio ao ensino remoto configurou-se em novas discussões, pautando em qual seria a melhor forma de legitimar esse processo que é tão importante na vida social de nossos estudantes. “A avaliação não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e de educação, traduzido em práticas pedagógica” (LUCKESI, 1996).

Ao professor de línguas, a constante necessidade de entender a oferta e demanda de atividades avaliativas que estimulem os estudantes e os façam pensar criticamente, de modo a conscientizá-los para o exercício de atividades recorrentes e promoção do conhecimento, contribuindo significativamente para a produtiva e desafiadora missão do ensino e aprendizagem, levando-o constantemente a refletir metodologias e utilizar conhecimentos na aquisição de outros.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As aulas aconteciam de forma remota por vídeo chamadas pela plataforma *Google Meet e Zoom*, *Whatsapp* e utilizávamos a caixa do *e-mail* para comunicação direta e rápida, como discussões, apresentações, realizações de atividades em grupo, leituras e interpretações de textos. Percebemos o quanto essas atividades também foram fundamentais para manutenção da relação professor-estudante, de modo a proporcionar espaços para o desenvolvimento da compreensão e produção oral.

Das dificuldades encontradas elencamos o de garantir que o conteúdo ministrado fosse assimilado pelos estudantes em ampla escala e com uma atenção maior por parte deles envolvidos, o do tempo de preparação das aulas aumentaram de forma considerável, constantemente precisávamos (re)pensar atividades que fornecessem informações importantes e melhor compreensão e desempenho pelos estudantes e ainda, constantemente refletimos nossas práticas didáticas.

Quanto à instituição por qual laboramos, compreendemos que alguns estudantes poderiam ter dificuldades quanto o acesso à internet. Desse modo, pensamos em entregar para

cada estudante um material de apoio, compreendo que um envelope com atividades elaboradas pelos professores contendo atividades de diferentes diversificadas, acreditamos que conseguimos garantir a mediação entre estudante e conteúdo, contemplando obviamente os estudantes que não tinham acesso as plataformas online. Bem sabemos da dificuldade quanto o caráter excludente que o ensino remoto acaba, por vezes, limitando ou impossibilitando os estudantes que não tem acesso a conectividade a internet. Dessa forma o ensino remoto apresenta uma realidade não só de exclusão digital, mas também de desigualdade social em nosso país, por vezes velada.

Percebemos o quanto torna imensamente difícil manter a concentração dos estudantes por meio das plataformas, embora compreendemos que eles não estão habituados a estudarem em casa durante tanto tempo, além de que muitos deles não têm autonomia para estudarem sozinhos. Embora, compreendemos que se a atividade elencada pelo professor for dinâmica e/ou proporcione algum tipo de interação entre os estudantes, conseguiremos manter a atenção deles por mais tempo. Notamos também que aulas expositivas de longa duração tendem a serem mais cansativas e os estudantes acabam perdendo o foco mais rapidamente. A situação torna difícil para o professor e estudante. No entanto, existe um lado positivo: a capacidade dos professores se (re)inventarem para lidar com essa realidade, sendo possível estabelecer um nível de relação com os estudantes.

Quanto os testes de cunho oral online que trabalhamos via aplicativo proposto, obtiveram caráter de maior êxito que os testes escritos, partindo do pressuposto que houve uma maior empolgação, interação e liberdade de expressão por parte dos estudantes. Certificamos que durante a realização das atividades orais o desempenho dos estudantes foram significativos no que se refere as questões emocionais, uma vez que estas são importantes durante o período de isolamento social por qual estamos enfrentando.

Em síntese, verificamos a necessidade de implementação de práticas de avaliações rotineiramente, pois essa funcionalidade tem-se objetivado como "cura" para a timidez dos estudantes que se mostram introvertidos durante realização de atividades em aulas a distância, tornando assim a língua como prática e acessível. Ainda, a potencialidade do uso da tecnologia tem sido importante e indispensável no ensino de língua, tornando uma ferramenta eficiente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisamos o quanto a utilização das TIC's e aplicativos de hipermídias contribuem significativamente e são eficazes como recursos metodológicos no ensino de línguas em aulas remotas. Notamos o quanto os planejamentos das aulas não interferiram na adaptação dos recursos e avaliações, pois conseguimos desenvolver nossos objetivos e garantir ao mesmo tempo a participação ativa dos estudantes. Constatamos que nossas hipóteses, quanto a necessidade de o professor organizar seu componente curricular, produzir e selecionar recursos didáticos e adaptar o seu próprio AVA, ainda assim contribuir quanto a orientar os seus estudantes, pois todo processo de ensino e aprendizagem tornou-se mediado pelas TIC's, o que obviamente ocorreu dentro de etapas, adequações a uma linguagem e soluções de inquietações.

Ressalvamos que as TIC's é uma realidade da nossa sociedade contemporânea e globalizada, cabendo a nós professores e estudantes constantemente promover formas de pensar e fazer o nosso ensino e aprendizagem, pois precisamos estar preparados para vivermos a cultura do compartilhamento, condicionando possibilidades de produções colaborativas e entre outros. Em suma, a modalidade de ensino remoto nos permite desenvolver autonomia e disciplina. Quanto a instituições de ensino o comprometimento em garantir a qualidade dos serviços prestados, assim como professores e estudantes.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, F J. **Educação e informática: Os computadores na escola**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

AMARAL, N C. *Et al.* **Desafios da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental**. REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE PEDAGOGIA–ISSN: 1678-300X. Ano X – Número 19–Janeiro de 2012–Periódicos Semestral. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Desktop/Linguagem%20e%20Pandemia/mB3aBiN8DsSQ85A\\_2013-7-10-15-34-55.pdf](file:///C:/Users/User/Desktop/Linguagem%20e%20Pandemia/mB3aBiN8DsSQ85A_2013-7-10-15-34-55.pdf) Acesso em: 09 de Julho de 2020.

LIMA, D C. (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1996.

MACHADO, P L P. **Educação em tempos de pandemia: O ensinar através de tecnologias e mídias digitais**. In: Revista Científica Multidisciplinar Nucleo do conhecimento. Ano 05, Ed. 06, Vol. 08, pp. 58-68. Junho de 2020. ISSN: 2448-0959

Disponível em:

<file:///C:/Users/User/Desktop/Linguagem%20e%20Pandemia/Educação%20em%20tempo%20de%20pandemia%20-%20-%20ensinar%20através%20de%20tecnologias%20e%20mídias%20digitais.pdf>. Acesso em: 09 de julho de 2020.

OLIVEIRA, A V. *Et al.* **Guia curricular para a língua Inglesa Educação Infantil e Ensino Fundamental subsídios para professores e gestores.** LONDRINA, PR 2013.

Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/epic/pages/arquivos/Guia%20Curricular%20versao%20final.pdf> Acesso em: 09 de Julho de 2020.

PEREIRA, A. F. **A importância do aprendizado de línguas estrangeiras.** Disponível em:

<http://www.jornalcorreiodoslagos.com.br/on-line/educa%C3%A7%C3%A3o/a-import%C3%A2ncia-do-aprendizado-de-l%C3%ADnguas-estrangeiras-1.1967998>  
Acesso em: 18 de Julho de 2020.

SANTOS, S L. **O uso das tecnologias na formação profissional e tecnológica: um estudo de caso do Centro Territorial de Educação Profissional do Extremo Sul (CETEPES).** ISSN 2359-4799 Volume 5/Número 2/Ano 2019–p. 175-186 DOI:

10.36524/ric. V 5i2.446. Disponível em:

[file:///C:/Users/User/Desktop/Linguagem%20e%20Pandemia/446-Texto%20do%20Artigo-1548-2-10-20191222%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Desktop/Linguagem%20e%20Pandemia/446-Texto%20do%20Artigo-1548-2-10-20191222%20(1).pdf) Acesso em: 09 de Julho de 2020.

## EDUCAÇÃO REMOTA EM PERÍODO DE PANDEMIA: REALIDADE E DESAFIOS ENFRENTADOS PELA COMUNIDADE ESTUDANTIL DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DO BAIRRO CUITÉS, EM CAMPINA GRANDE - PB

Adriano Alves Bezerra

*Graduando em Letras, Língua Portuguesa, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB. Especialista em Ensino de Língua Espanhola da Universidade Cândido Mendes. Professor de Língua espanhola da Escola Cidadã Integral Prof. Williams de Sousa Arruda, Campina Grande-PB, [adrianoalves077@gmail.com](mailto:adrianoalves077@gmail.com)*

Anna Clisley Barbosa de Souza

*Graduanda em Letras, Língua Portuguesa, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB. Bacharel em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Coordenadora Administrativo Financeira da Escola Cidadã Integral Prof. Williams de Sousa Arruda, Campina Grande-PB, [annaclisley@gmail.com](mailto:annaclisley@gmail.com)*

Maria Jucineide Araújo

*Graduanda em Letras, Língua Portuguesa, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB. Especialista em Educação Para as Relações Étnico-Raciais e Graduada em História, ambas pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [jucyharaujo@gmail.com](mailto:jucyharaujo@gmail.com)*

Simone Zeferino Pê

*Graduanda em Letras, Língua Portuguesa, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB. Graduada em Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [simone.zpe23@gmail.com](mailto:simone.zpe23@gmail.com)*

Juliana Palmeira dos Santos

*Graduanda em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Graduada em Pedagogia da Faculdade Maurício de Nassau. Graduada em Ciências Contábeis da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [jupalmeira05@gmail.com](mailto:jupalmeira05@gmail.com)*

A presente pesquisa tem como tema a educação remota em período de pandemia. Nesse sentido, buscou-se discutir os desafios enfrentados pela comunidade escolar relativos a esta nova modalidade de ensino, a qual não estava preparada previamente, tais como adequações e uso de novas ferramentas pedagógicas. A realidade brasileira é permeada por desigualdades sociais, uma parcela considerável de estudantes das escolas públicas urbanas não possui computador ou *tablet* em casa e alguns destes só acessam a *internet* pelo celular. Este estudo objetiva discutir sobre a problemática enfrentada, com relação à continuidade das aulas remotamente devido ao surto da COVID-19, pela comunidade escolar de um estabelecimento de ensino estadual localizado no bairro Cuités, em Campina Grande-PB. Para tanto, buscou-se analisar alternativas de enfrentamento às dificuldades encontradas nesta instituição, com relação ao ensino remoto, estabelecendo um diálogo com a comunidade escolar no intuito de tornar essa educação disponível à maioria dos estudantes, como a utilização de material em PDF acessível pelo celular. A metodologia empregada partiu de relatos de experiências de um professor e um dos gestores da referida escola. Através dessas vivências, percebemos que diversos fatores interferem no sucesso da educação remota na escola investigada, visto que grande parte dos alunos não têm *smartphone*, mais de 70% da comunidade estudantil só tem acesso à *internet* por meio de dados móveis, há uma grande resistência e/ou dificuldade para realização das atividades no *google classroom*, além da falta de recursos tecnológicos e a maneira repentina de adaptação à nova dinâmica educacional.

**Palavras-chave:** Educação remota; pandemia; novas ferramentas pedagógicas; *google classroom*.

## INTRODUÇÃO

O novo coronavírus impôs mudanças imediatas à sociedade para conter sua transmissão e propagação. Nesse sentido, a pandemia provocou impactos sociais, econômicos, culturais e políticos em escala global, afetando não somente a saúde e economia, como também a educação que passou por uma reconfiguração a partir de uma nova dinâmica pautada no ensino remoto. Consequentemente, a modalidade de Ensino a Distância - EaD vem sendo empregada por sistemas de educação no mundo inteiro, inclusive o brasileiro.

A partir disso, muitos são os desafios que se colocam para o poder público, pais, professores e alunos, no intuito de fazer com que se cumpra o direito constitucional à educação. Alguns destes são a falta de recursos tecnológicos e a oferta insuficiente de formação adequada para professores e alunos acerca do uso das novas tecnologias. Além disso, muitos discentes não possuem acesso à *internet* de qualidade, nem dispõem de computador, *tablet* ou *smartphone*, as aulas remotas são realizadas em plataformas desconhecidas até então pelos estudantes e o docente não tem retorno preciso sobre a qualidade do ensino ofertado e participação efetiva dos discentes.

Nesse cenário, muitos são os desafios enfrentados pela comunidade escolar, especialmente no contexto brasileiro, caracterizado por inúmeras discrepâncias sociais. Conforme dados da pesquisa TIC Educação 2018, apenas 38% dos alunos de escolas públicas possuem computador portátil em casa, enquanto nas escolas particulares esse índice é de 72%. Além disso, 21% dos alunos das escolas públicas só acessam a *internet* por meio do celular, enquanto na rede privada este percentual é de apenas 3%. O uso de *internet* apenas pelo celular acontece principalmente nas regiões Norte: 31% e Nordeste: 32%. Tal pesquisa torna evidente as desigualdades socioeconômicas que limitam um maior potencial de utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs pelos jovens das classes populares.

Nesse contexto de desigualdades, de falta de acesso à *internet*, por parte dos estudantes de escolas públicas brasileiras, em que a maioria dos estados optou pelo fechamento temporário das escolas, emerge a necessidade do ensino a distância, não somente via *internet*, mas por outros canais, tais como TV, rádio e materiais impressos.

No tocante ao nosso estado, o governo da Paraíba determinou a suspensão das aulas presenciais, através do Decreto nº 40.122, de 13 de março de 2020. Além disso,

apresentou estratégias de implantação do Regime Especial de Ensino estabelecido na Portaria nº 418, de 17 de abril de 2020, alterado pela Portaria nº 481, de 11 de maio de 2020. Tal regime determina a manutenção das atividades pedagógicas, para o ano letivo de 2020, sem a presença de estudantes e professores nas dependências escolares, através do ensino remoto, *online* ou não, sendo as atividades síncronas ou assíncronas.

Diante dessa problemática, esse artigo versa sobre a educação remota em período de pandemia. A justificativa para escolha desse tema deu-se em virtude de vivermos um cenário atípico, forçado pela pandemia do novo coronavírus, o qual impôs mudanças significativas para a continuidade do ensino por parte das escolas brasileiras. A motivação para o estudo é fruto da experiência de um professor e um dos gestores da Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prefeito Williams de Sousa Arruda, localizada na Rua Bruxelas, S/N, bairro dos Cuités, cidade de Campina Grande – PB. Compreendemos que a temática proposta neste estudo é atual e de extrema relevância no contexto educacional brasileiro, uma vez que trará apontamentos sobre a realidade desses estudantes e subsidiar ações futuras nessa instituição de ensino.

Dessa maneira, esta pesquisa objetiva discutir sobre a problemática enfrentada, com relação à continuidade das aulas remotamente devido ao surto da COVID-19, pela comunidade escolar deste estabelecimento de ensino. Para tanto, buscou-se analisar alternativas de enfrentamento às dificuldades encontradas nesta instituição, com relação ao ensino remoto, estabelecendo um diálogo com a comunidade escolar no intuito de tornar essa educação disponível à maioria dos estudantes.

A metodologia empregada partiu de levantamento bibliográfico, documental e de campo. A partir das planilhas de acesso dos alunos e de relatos de experiências de um dos professores e um dos gestores da referida escola foi possível comprovar que, na primeira semana, o acesso dos alunos à plataforma *google classroom* foi bastante significativo, porém nas demais semanas houve uma considerável diminuição. Diversos são os fatores que interferem no sucesso da educação remota na escola investigada; considerando os discentes às possíveis causas são: a falta de dispositivos, computador e celular, ausência ou baixa qualidade da *internet* para acessar as plataformas, bem como os conteúdos disponibilizados e resistência ou dificuldade de aprendizado remoto.

Assim, é indispensável pensarmos em estratégias de tornar a educação remota disponível à maioria dos estudantes.

## **METODOLOGIA**

Os procedimentos metodológicos empregados neste estudo utilizam a pesquisa descritiva e exploratória, com vistas a proporcionar uma aproximação inicial com o problema e descrever as características desse fenômeno (GIL, 2002). Nesse sentido, discutiremos os desafios encontrados, relativos à implementação do ensino remoto, pela comunidade estudantil da Escola Estadual Prefeito Williams de Sousa Arruda, localizada no bairro dos Cuités, na cidade de Campina Grande - PB.

Para tanto, foi realizado levantamento bibliográfico, documental e de campo, baseado em pesquisas já publicadas a respeito do tema, na legislação estadual que regulamenta tal ensino e relatos de experiência de um professor e um dos gestores da escola. O instrumento de coleta de dados partiu de planilhas de acesso e realização das atividades dos alunos, bem como vivências na referida instituição. A análise dos dados da pesquisa é quali-quantitativa, uma vez que foram considerados tanto dados estatísticos, quanto descritivos a respeito da comunidade escolar em que foi realizada a pesquisa.

Por fim, cabe ressaltar que os aspectos éticos foram respeitados garantindo-se o sigilo das informações sobre os participantes, anonimato e liberdade para escolher participar de forma voluntária na pesquisa. Nesse sentido, os dados sobre a escola só foram coletados após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Conforme visto anteriormente o governo do Estado da Paraíba estabeleceu, por meio da Portaria nº 418 de 17 de abril de 2020, o Regime Especial de Ensino com vistas à continuidade do ensino de maneira remota, devido a rápida transmissão do coronavírus em todo o estado.

Para tanto houve, inicialmente, uma formação para os professores, secretários e gestores da rede estadual de ensino. O curso “Formação Profissional para Regime Especial de aulas não presenciais” visava a formação dos docentes para uso do *google*

sala de aula. Tal formação começou no dia 19 de abril (data de publicação do material via *google* sala de aula) e tinha previsão inicial para seu término no dia 26 de abril. Sendo, posteriormente, prorrogado para o dia para o dia 10 de junho do ano corrente.

De acordo com seu plano, o curso destinava-se aos professores de todos os componentes curriculares e modalidades de ensino da Rede Estadual da Paraíba e tinha como objetivos a inserção dos professores às práticas em um regime especial de ensino e mediação da aprendizagem por meio de ambientes virtuais, e orientação para a utilização do *google* sala de aula como ambiente de aprendizagem e compartilhamento de materiais norteadores acerca da mediação de aprendizagem através do ensino remoto. A estrutura do curso era a seguinte:

O curso de capacitação para o uso do Google Sala de Aula possui uma abordagem bastante técnica e operacional, com o objetivo de fornecer informações suficientes para que o professor consiga estabelecer a mediação do processo de ensino aprendizagem com seus estudantes nesse momento de atividades complementares. A proposta contém 3 módulos, cada um deles contendo atividades compostas de lições interativas. Somando-se o tempo de dedicação a cada módulo o curso será composto de 20 horas de aprendizagem virtual. Após o acesso a esse material o professor terá condições de aplicar os conceitos aprendidos de forma prática, a fim de iniciar seu planejamento de atividades através do uso do Google Sala de Aula. (SEECT, Ementa do curso Formação profissional para regime especial de aula não presenciais da rede estadual de ensino da Paraíba, 2020)

Em meio a este processo, fora lançado um Plano Estratégico Escolar, de acordo com a Portaria nº 418, de 17 de abril de 2020, voltado à orientação das escolas para o planejamento das atividades complementares que deveriam ser desenvolvidas pelos docentes e acompanhadas pelos gestores escolares. O documento trazia orientações para as primeiras 4 semanas de aulas no regime especial. Estas semanas eram regidas por eixos temáticos que deveriam ser seguidos pelos professores de todos os componentes curriculares. O quadro abaixo mostra os eixos de cada semana:

Quadro 1- Eixos Norteadores - Agenda.

**Eixos Norteadores - AGENDA:**

Semana	Eixo	Temas
1ª Semana	Identidade e Autonomia	Estudo Orientado, Nivelamento, Projeto de Vida, Cidadania, Direitos Humanos, Autocuidado, Cultura.
2ª Semana	Natureza e Sociedade	Sustentabilidade, Estudo orientado, Nivelamento
3ª Semana	Saúde	Higiene Pessoal, Sexualidade, Estudo orientado, Nivelamento
4ª Semana	Economia	Economia Doméstica, Orçamento Doméstico, Consumismo, Estudo Orientado, Nivelamento

Fonte: SEECT. Plano de estratégias: anos finais do ensino fundamental e médio, 2020.

De acordo com o plano, cada área tinha seus dias de postagens de material na plataforma *google* sala de aula: disciplinas da área de Linguagem - postagem nas segundas-feiras; disciplinas da área de Humanas - postagem nas quartas-feiras; e, disciplinas da área de Exatas - postagem nas sextas-feiras; ficando as terças e quintas-feiras como dias destinados para estudos, realização das atividades e envios para a correção do professor.

Seguindo as orientações da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia - SEECT, a Escola Williams de Sousa Arruda elaborou um plano estratégico escolar. Para tanto, foi feito um estudo sobre a realidade da comunidade estudantil. A partir do levantamento da coordenação pedagógica comprovaram-se informações já percebidas pelos gestores e corpo docente: grande parte dos alunos não possui *notebook*, *tablet*, e às vezes, nem ao menos um *smartphone*, a grande maioria também não tem acesso à *internet* de qualidade.

A escola está localizada na Rua Bruxelas, S/N, bairro dos Cuités, cidade de Campina Grande - PB. O bairro dos Cuités faz parte da zona urbana, mas possui características estritamente rurais. A área engloba chácaras e os filhos dos caseiros estudam nas escolas públicas da localidade. A instituição de ensino oferta as séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e o Ensino Médio em tempo integral. Passou do

modelo regular para o modelo integral em 2019, visto que as comunidades desse bairro são, em sua maioria, carentes.

Foi possível identificar, através de questionário, que mais de 70% do corpo discente utiliza o celular, por meio de dados móveis, como única ferramenta de acesso à *internet*, fator que se agrava por conta da localização, pois em caso de chuva ou nevoeiro, o bairro fica sem sinal da rede de telefonia. Atualmente o número de matrículas é de 160 alunos, sendo 116 no Ensino Fundamental II e 44 no Ensino Médio. Quanto às séries, estão assim distribuídas em turmas únicas: fundamental - 22 alunos no 6º ano, 36 alunos no 7º ano, 26 alunos no 8º ano e 32 alunos no 9º ano; médio - 17 alunos na 1ª série, 9 alunos na 2ª série e 18 alunos na 3ª série. Quanto ao corpo docente, a escola tem um total de 14 professores.

Segundo o mapeamento do Plano estratégico da referida escola, temos as seguintes informações:

Os alunos atendidos na escola são oriundos do bairro e dos sítios circunvizinhos da zona rural. O perfil socioeconômico das famílias apresenta: 68,2% com renda mensal de até um salário mínimo; 26,6% possuem de 1 a 2 salários mínimos; 7,4% entre 2 e 3 salários mínimos e 3,2% recebem acima de 3 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, 38,3% dos pais cursaram ensino fundamental I; 28,7% cursaram o ensino fundamental II; 20,2% terminaram o ensino médio; 8,5% são alfabetizados; 2,8% possuem ensino superior e 2,1% são analfabetos. O diagnóstico realizado apresenta como resultado 60% dos alunos com acesso a internet e 40% não possuem nem um aparelho celular em suas residências, impossibilitando, assim, o acesso às redes sociais e, conseqüentemente, a realização das atividades complementares pelo Google Classroom. Para atender a esta demanda a escola disponibilizou uma pasta com atividades impressas para os alunos realizarem suas atividades em casa para devolverem posteriormente. (SEECT, Plano estratégico - ECI Williams de Sousa Arruda, 2020).

Para acesso ao ambiente virtual, tanto alunos como professores deveriam ter uma conta no *gmail*. Por isso, durante a semana em que os professores participavam do curso “*Google Classroom* para gestão de atividades remotas no regime especial de ensino” começaram, também, as instruções de acesso às turmas virtuais via *google classroom* que foram criadas para cada série das escolas. Ao acessar a plataforma

Paraíba Educa<sup>3</sup> alunos e professores encontravam informações de acesso a seu *e-mail* institucional: endereço eletrônico, senha e para os alunos que iriam acessar os materiais didáticos pelo celular: como baixar o aplicativo *google classroom*.

Para a grande maioria dos alunos, principalmente os das séries finais do ensino fundamental, a primeira dificuldade foi realizar este primeiro acesso ao *gmail*, visto que não conheciam esta ferramenta. Diferentemente dos professores, que iniciaram a formação uma semana antes das aulas em regime especial, os alunos não tiveram nenhuma capacitação nesse sentido. Por isso, houve uma intensa mobilização dos docentes e da escola, através das redes sociais, principalmente através do *whatsapp*, para orientá-los ao acesso, primeiro ao *gmail*, depois às respectivas turmas do *google* sala de aula. Por isso, a primeira das quatro semanas iniciou no dia 27 de abril e o suporte oficial de postagem das atividades era o *google classroom*. As orientações iniciais para os professores foram de publicação semanal de atividades.

Com os esforços de toda a equipe conseguimos alcançar pouco mais de 50% dos alunos da escola acessando a plataforma. De um total de 160 alunos, 90 participaram da semana introdutória. Os docentes tiveram o desafio de iniciar os *posts* na plataforma, instigar os alunos a participarem, apresentarem atividades voltadas ao eixo temático (identidade e autonomia) e orientar aqueles que apresentavam dificuldades.

Percebemos que, muitos são os desafios encontrados pelos alunos de conexão à plataforma. Existem casos em que até 3 irmãos estudam numa mesma série, também de 5 irmãos estudando na escola. Tal fato torna-se um agravante, visto que, em algumas situações, nem todos têm aparelho celular e um único aparelho é utilizado por todos da residência e até por colegas. O acesso a várias contas de *e-mail*, em um mesmo aparelho (*smartphone*), acaba provocando, por vezes, impedimentos ou dificuldades de ingresso ao *google classroom*, fazendo com que o aluno recorra aos professores, sendo que estes últimos nem sempre têm a solução para tais problemas técnicos.

A rotina caseira diária aliada ao desestímulo para estudar de maneira remota, bem como a falta de *internet* de qualidade e/ou equipamentos eletrônicos fez com que os discentes reduzissem drasticamente o acesso à plataforma. Além disso, os professores foram instruídos que nas oito primeiras semanas não deveriam atribuir

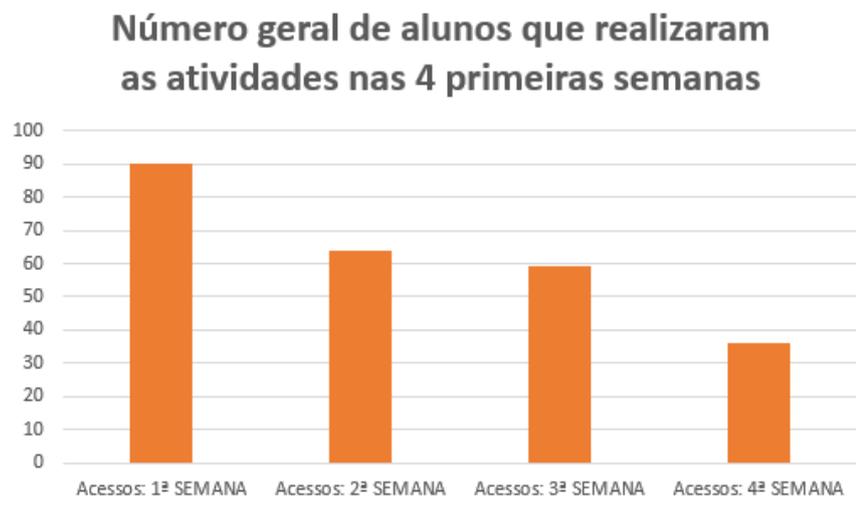
---

<sup>3</sup> Disponível através do site: <<https://sites.google.com/prod/see.pb.gov.br/pbeduca/p%C3%A1gina-inicial?authuser=0>>.

notas às atividades feitas pelos alunos, trabalhando apenas com rubricas nos *feedbacks*. Apesar dos docentes não deixarem tal fato explícito, os educandos davam sinais de que desconfiavam de tal situação.

Entre a primeira e segunda semana do regime especial de ensino, os professores se mobilizaram para auxiliar a equipe gestora, realizando ligações para os pais ou responsáveis dos discentes na tentativa de atingir a meta da SEECT: todos alunos acessando e realizando as atividades no *google* sala de aula, no entanto não houve progresso. A cada semana o acesso diminuía consideravelmente, como se pode observar no gráfico abaixo:

**Gráfico 1** - Número geral de alunos que realizaram as atividades nas 4 primeiras semanas.



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Através do gráfico, percebemos que entre a primeira e a quarta semana a redução de acesso e realização das atividades pelos alunos da escola foi de  $\frac{2}{3}$  (dois terços). A partir da terceira semana de estudos a gestão da escola, orientada pela 3ª Regional de ensino, pediu que os professores preparassem também material impresso a ser disponibilizado na instituição aos alunos sem condições de acessar os materiais disponibilizados virtualmente.

Nesse momento, os casos de contaminações e/ou mortes causados pela COVID-19 aumentavam a nível estadual e nacional. Por esse motivo, quando se encerrava a quarta semana de ensino remoto, a SEECT disponibilizou a segunda edição do plano de

estratégias com a programação de mais 4 semanas, desta vez com eixos temáticos quinzenais novamente para serem trabalhados em todas as disciplinas. Os eixos eram os seguintes:

**Quadro 2 - Eixos Norteadores - Agenda**

**Eixos Norteadores - AGENDA:**

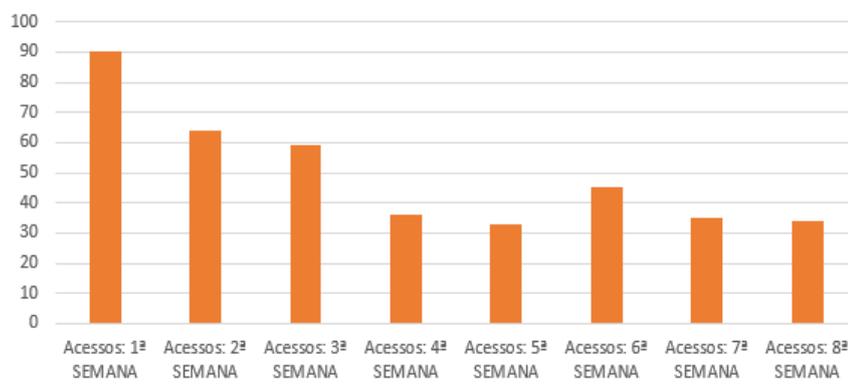
Semana	Eixo	Temas
5ª e 6ª Semana	Educação em Direitos Humanos	Dignidade Humana, Gênero e Diversidade; Direitos Humanos e Cidadania; Democracia e Responsabilidade Social
7ª e 8ª Semana	Ciência, Tecnologia e Inovação	Redes Sociais; Comunicação; Design Thinking

**Fonte:** SEECT. Plano de estratégias: anos finais do ensino fundamental e médio. 2.ed., 2020.

Apesar dos esforços dos professores, juntamente à equipe gestora, os resultados continuaram insatisfatórios. A participação e realização de atividades por parte dos alunos, ainda que apresentasse algumas oscilações positivas, continuava caindo nas 4 semanas da 2ª edição do Regime Especial de Ensino. É o que podemos observar no gráfico abaixo, das 8 semanas analisadas:

**Gráfico 2 - Número geral de alunos que realizaram as atividades nas 8 semanas analisadas.**

**Número geral de alunos que realizaram as atividades nas 8 semanas analisadas**



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Terminamos as duas edições do Regime Especial de Ensino cientes do longo caminho que ainda temos pela frente até o fim da pandemia, responsável por drásticas mudanças no ambiente de ensino e na interação estabelecida com e entre os alunos, forçando-nos a adotar o regime de ensino remoto em uma comunidade escolar que enfrenta inúmeros obstáculos para implementação de tal metodologia. Em meio aos esforços dos professores e as estratégias utilizadas pelo estado para dar continuidade ao ensino durante esse período surgem também novos desafios.

Na escola, objeto deste estudo, a tentativa de inclusão dos alunos tem demonstrado as discrepâncias socioeconômicas enfrentadas por esta comunidade. Nesse sentido, o estado vem buscando soluções para que esta inclusão ocorra de maneira eficaz, no início do mês de julho de 2020 foi lançado um canal educativo criado com o apoio da Assembleia Legislativa que oferece, das 08h00min às 20h30min, uma programação com aulas para o ensino infantil, fundamental e médio - a TV Paraíba Educa<sup>4</sup>. Também foi disponibilizado o aplicativo: Paraíba Educa<sup>5</sup>, que oportuniza a alunos e professores da rede estadual de ensino acesso a um pacote de *internet* móvel gratuita.

### **Relatos de vivência de Adriano, professor de Língua Espanhola da escola**

Sou professor de Língua espanhola na Escola Williams de Sousa Arruda desde março de 2019, acompanho a instituição desde os primeiros passos no Regime Integral, o que considero um importante avanço para a comunidade, no tocante a efetivação de um ensino público de qualidade, enquanto espaço de formação do aluno. Além disso, mais de 60% dos educandos são de famílias cuja renda familiar mensal é um salário mínimo e uma boa parte vive na zona rural. Nesse sentido, a escola em tempo integral assume, para além da função social de transmissão de conhecimentos, a soluções de problemas sociais da comunidade que não têm natureza propriamente pedagógica, tais como alimentação, cuidado integral enquanto os pais trabalham, entre outros.

---

<sup>4</sup> Fonte: Governo do Estado da Paraíba. Disponível em: <<https://sites.google.com/prod/see.pb.gov.br/pbeduca/p%C3%A1gina-inicial/forma%C3%A7%C3%A3o-remota/v%C3%ADdeo-aulas?authuser=0>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

<sup>5</sup> Fonte: G1 Paraíba. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/07/06/governo-da-pb-disponibiliza-aplicativo-com-internet-gratuita-para-alunos-e-professores.ghtml>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

O ano letivo de 2020 mal começou e houve a suspensão das aulas devido à pandemia. Fomos pegos de surpresa com a informação de que, após nossas férias antecipadas, entre os dias 19 de março e 18 de abril, retomariamos as aulas de forma remota. Para tanto, iniciamos um curso sobre gestão de atividades através da plataforma *google classroom*. Tal capacitação tinha um prazo para término de apenas uma semana o qual, depois das dificuldades apresentadas pela grande maioria dos professores da rede estadual em concluí-lo, foi prorrogado. No final de abril do presente ano tivemos que dar início às aulas nesta nova modalidade. Enquanto participávamos dessa formação refletia sobre as dificuldades que nossos alunos teriam em acessar a plataforma e realizar as atividades propostas.

Muitos foram nossos desafios nestas oito primeiras semanas. Todas as orientações de acesso ao *google classroom* foram oferecidas aos alunos principalmente pelos grupos de *whatsapp*, repassando instruções de *login* às contas *gmail*, bem como as turmas virtuais, explicando-os como realizar as atividades, dentre outras informações. Muitos professores improvisaram materiais instrutivos para que os alunos conseguissem entender passo a passo. Confesso que, no início das atividades, almejava resultados positivos com a implementação de tal ensino, visto que mais de 50% dos estudantes acessaram a plataforma na aula introdutória. Porém, com o passar das semanas o ingresso ao ambiente *online* foi diminuindo e minhas reflexões iniciais tornaram-se evidentes. A maioria dos nossos discentes não têm condições de estudar sob este regime frente às dificuldades já mencionadas neste trabalho.

As adversidades mais encontradas pelos educandos, com relação ao acesso e realização das atividades, foram: falta de dispositivo e/ou *internet*, falta de persistência para aprender através do *classroom* e dificuldade de conexão a este, seja pelo fato da *internet* ser de baixa qualidade (dados móveis), seja pela falta de sinal ou ainda aparelhos celulares com pouca memória e/ou incompatíveis com alguns dos dispositivos virtuais de aprendizagem necessários. A partir da experiência proporcionada pela primeira semana chegamos à conclusão de que os materiais tinham que ser simples, sucintos, vídeos precisavam ser curtos, materiais de textos em PDF facilitavam o acesso pelos *smartphones*, também teríamos que orientar bem as

atividades. Recorremos a vídeos, infográficos, gamificação (como é o caso da plataforma *Educaplay*<sup>6</sup>), dentre outros.

Todos os professores precisavam postar materiais relacionados às suas disciplinas. Considerando a realidade dos nossos alunos procuramos publicar o mínimo, tendo em vista que o acesso à *internet* ocorre, na maioria das vezes, por meio de dados móveis limitados que necessitam de uma nova recarga após o término e os educandos nem sempre têm condições de fazê-la. No tocante as participações dos alunos na primeira semana quando comparamos com a última (8ª semana), percebemos que estas reduziram em  $\frac{2}{3}$  (dois terços).

Em nossas vivências, enquanto educadores, nos sentimos, muitas vezes, incapazes de dar conta de todas as dificuldades apresentadas pelos educandos, não temos um retorno preciso sobre de que maneira este conteúdo está chegando aos discentes e a interação torna-se prejudicada. Somado a isto convivemos em meio à sobrecarga de trabalho, os discentes que participam nos procuram com dificuldades em, praticamente, todos os horários do dia, inclusive finais de semana. As aulas remotas nos obrigam a preparar materiais diversos, tais como: vídeos, *powerpoints*, infográficos, atividades *gamificadas* e utilizar equipamentos tecnológicos, os quais não estávamos previamente aptos.

Acredito que a implementação do Regime Especial de Ensino tenha sido uma proposta do governo para conhecer a realidade escolar estadual e, a partir desta, implementar novas medidas, tais como o lançamento do aplicativo Paraíba Educa com disponibilização de *internet* gratuita<sup>7</sup> para alunos e professores da rede estadual. Além do canal educativo, TV Paraíba Educa, com sinal aberto em todo o estado.

### **Relatos de vivência de Anna Clisley, Coordenadora Administrativo Financeira da escola**

É importante destacar que a escola iniciou as atividades remotas duas semanas antes da indicação do Governo do Estado, pois percebemos a necessidade de continuar o

---

<sup>6</sup> Fonte: Plataforma Educaplay. Disponível em: <<https://es.educaplay.com/>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

<sup>7</sup> Esse app disponibiliza o uso de *internet* móvel patrocinada para professores e estudantes regulares da rede de ensino estadual da Paraíba. Sem custo para os usuários, será possível o acesso imediato à Sala de Aula configurada pelo *google classroom*, onde professores poderão dar continuidade às aulas letivas. Além disso, o aplicativo também permite acesso ao sistema Saber e informações institucionais do Paraíba Educa. Fonte: <[https://play.google.com/store/apps/details?id=br.gov.pb.seect.pbeduca&hl=pt\\_BR](https://play.google.com/store/apps/details?id=br.gov.pb.seect.pbeduca&hl=pt_BR)>.

contato com nossos alunos. Dessa maneira, mesmo diante de todas as incertezas, a escola vinha se preparando para o ensino remoto. Não podemos afirmar que a SEECT realizou uma formação, o que aconteceu foi uma gama de informações virtuais, as quais tivemos que processar ao longo das semanas. No primeiro momento, apresentaram-nos todas as ferramentas para uso das plataformas, tal fato gerou um efeito negativo nos profissionais. Além disso, alguns conteúdos necessários para a implementação do ensino remoto não foram trabalhados. Os professores receberam muitas demandas e foi preciso estipular um calendário de entregas dos programas, tentando aliviar as tensões dos que se queixavam de sobrecarga.

A maioria da equipe docente abraçou junto com a gestão a situação vivenciada, no entanto também houve professores resistentes a esta modalidade de ensino, que não conseguem desenvolver as atividades e alguns que se recusam a dar aulas remotamente. Nesse sentido, foi necessário um exercício de acolhimento com os educadores para que os mesmos pudessem visualizar outra parte da equipe realizando os demais trabalhos.

Toda situação nova, nesta fase remota de ensino, é um desafio, com as atividades impressas não foi diferente. Realizamos todo um trabalho de explicação para que o corpo discente compreendesse como e qual a finalidade destes exercícios. Atendendo às normas estabelecidas pelos órgãos de saúde, visando a diminuição do contato, foi montada uma logística na escola para a distribuição das atividades aos pais e alunos, normalmente direcionadas àqueles que não conseguiam acessar a plataforma. Dessa maneira, compreendemos que todos os dias surgem novos desafios ao ensino remoto, mas que, apesar destes, as atividades vêm sendo desenvolvidas buscando oportunizar o ensino para todos os nossos estudantes, inclusive os que têm acesso precário, ou nenhum tipo de acesso à *internet*, objetivando a diminuição das desigualdades educacionais.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo objetivou discutir sobre a continuidade das aulas, de modo remoto, em meio ao período da pandemia ocasionada pela COVID-19, em uma escola da rede estadual de ensino do Bairro dos Cuités, em Campina Grande - PB. Para tanto, analisamos a receptividade da comunidade estudantil, predominantemente carente, a esta nova modalidade de ensino, a partir do monitoramento do acesso dos alunos e

realização de atividades na plataforma *google classroom* nas oito primeiras semanas do Regime Especial de Ensino proposto pela SEECT.

A partir dos resultados encontrados, percebemos que diversos são os obstáculos que se colocam para alunos, professores e gestores. Os docentes tiveram um curto período de preparação e formação para uso das ferramentas de ensino remoto. Além disso, têm que lidar com as dificuldades dos discentes, como falta de dispositivos e/ou *internet* para acessar as plataformas e conteúdos, resistência ao aprendizado através de plataformas virtuais, aparelhos celulares utilizados por muitos estudantes da mesma residência; com pouca memória ou incompatíveis com os aplicativos educacionais. Os gestores têm que lidar com a resistência de alguns professores a esta modalidade de ensino, além da sobrecarga de trabalho vivenciada por todos os profissionais da instituição.

Dessa maneira, algumas alternativas de enfrentamento aos desafios encontrados pelos estudantes desta instituição foram implementadas, tais como: a distribuição de material impresso pela escola, a disponibilização de material mais simples, sucinto, vídeo curtos, materiais de textos em PDF que facilitam o acesso pelos *smartphones*, infográficos, *gamificação*, dentre outras estratégias para manter os alunos participando. No entanto, a participação do corpo discente à plataforma *google classroom* não atingiu às expectativas, apesar dos esforços dos professores e da gestão, ao final das oito semanas analisadas, aproximadamente 34 dos 160 alunos matriculados na escola tiveram acesso contínuo à plataforma.

Percebemos, ao fim do estudo, que as desigualdades sociais presentes em toda a sociedade brasileira e os poucos recursos públicos destinados à formação dos docentes impactam diretamente na educação. Nossos alunos não têm conseguido ter acesso à educação remota, o que significa *internet* de qualidade e equipamentos minimamente razoáveis para acompanhar as atividades de formação. Aos profissionais da educação não basta ter um computador e *internet*, mas saber utilizar adequadamente as tecnologias digitais.

Diante de tais desafios urge a necessidade de pensarmos em estratégias de oferta de educação remota, para além do uso das ferramentas digitais, incluindo o envio de material impresso, programas de rádio e TV, visando a diminuição das desigualdades

educacionais. Algumas destas já vêm sendo implementadas pelo governo da Paraíba, tais como o canal educativo, TV Paraíba Educa, com sinal aberto em todo o estado.

Finalmente, listamos algumas sugestões e recomendações para potenciais pesquisas futuras sobre educação remota em período de pandemia. Dentre elas, é possível investigar os desafios enfrentados pelos docentes, no tocante ao processo de interação, tanto professor-aluno quanto aluno-aluno e na formação de competências, ou ainda, verificar propostas de ensino remoto capazes de diminuir as discrepâncias sociais. Ambas as possibilidades buscam, portanto, enfatizar a importância de tratarmos sobre essa modalidade de educação utilizada atualmente.

## REFERÊNCIAS

CGI.br. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC educação 2018. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.

Disponível em:

<[https://cetic.br/media/docs/publicacoes/216410120191105/tic\\_edu\\_2018\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/216410120191105/tic_edu_2018_livro_eletronico.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2020.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar pesquisas? In: **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-57.

PARAÍBA. **Decreto nº 40.122** de 13 de março de 2020. Diário Oficial 14 mar. 2020.

Disponível em:

<<http://www.pm.pb.gov.br:1919/xmlui/bitstream/handle/123456789/297/DECRETO%20N%C2%BA%2040.122%20DE%2013%20DE%20MAR%C3%87O%20DE%202020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 jul.2020.

PARAÍBA. **Portaria nº 481** - SEECT de 11 de maio de 2020. Diário Oficial do Estado da Paraíba 12 mai. 2020. Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/janeiro/maio/diario-oficial-12-05-2020.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

PARAÍBA. **Portaria nº 418** - SEECT de 17 de abril de 2020 (Regime Especial de Ensino). Diário Oficial do Estado da Paraíba. 18 abr. 2020. Disponível em:

<<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/janeiro/abril/diario-oficial-18-04-2020-suplemento.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA -SEECT. 3ª Gerência Regional de Educação. **Plano Estratégico Escolar** - 2ª Edição. Escola Cidadã Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prefeito William de Sousa Arruda. Equipe gestora: Cícero Emiliano Pereira; Anna Clisley Barbosa de Souza; Luzenilda Rodrigues Costa da Silva Campina Grande: mai. 2020.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA - SEECT. **Plano de Estratégias**: anos finais do ensino fundamental e médio. Paraíba Educa, 2020.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA -SEECT. **Plano de Estratégias**: anos finais do ensino fundamental e médio. 2ª edição. Paraíba Educa, 2020.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA -SEECT. **Ementa do curso Formação profissional para regime especial de aula não presenciais da rede estadual de ensino da Paraíba**. Governo do Estado da Paraíba, 2020.

## **SER PROFESSOR EM TEMPOS DE INCERTEZA: OS DESAFIOS DOS PROFESSORES NO ENSINO REMOTO**

Mariana Soares de Farias

*Graduanda do Curso de Letras do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB,  
mariana.s1@outlook.com*

Lucas de Sousa Ferreira

*Graduando do Curso de Letras do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB,  
lucas.pb59@hotmail.com*

O presente trabalho tem por objetivo discutir os desafios enfrentados pelos docentes no ensino remoto, ressaltando a diferença entre esse tipo de ensino e o ensino a distância, além de discutir sobre eventuais dificuldades encontradas para a conectividade universal dos alunos que, de certa, acaba sendo mais um desafio para a promoção desse ensino emergencial. Dessa forma, a Educação a Distância vem se expandindo muito, já que é uma educação que tem apresentado resultados positivos, sendo ela planejada para acontecer a distância, além de ser pensada considerando a diária e contínua conectividade de alunos que escolhem esse ensino e, também, sendo mediada por professores que são preparados e capacitados para utilizarem ferramentas que diminuam a distância entre professor e aluno e transformem o meio virtual em uma plataforma de ensino tão eficaz quando a sala de aula tradicional. Assim, partindo dessa ideia, discutiremos a diferença entre EaD e o ensino remoto, que acontece assim devido a emergência de isolamento social causada pela pandemia do Covid-19. Para tanto, serão postos em discussão os empecilhos enfrentados pelos professores para promover a educação mesmo em tempos de distanciamento social, pois, mesmo em século XXI, sabe-se que a tecnologia ainda não alcança a todos de maneira absoluta, além do mais, a falta de formação continuada é um problema que refletiu fortemente na educação durante a pandemia. Ao final, o enfrentamento das dificuldades para o alcance da educação em tempos de isolamento social será posto em discussão.

**Palavras-chave:** Educação; Desafios; Ensino remoto.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo obteve estudo sobre o atual contexto educacional, contexto esse que levanta diversos questionamentos e opiniões sobre de como saber lidar e bem como proceder esse novo ensino frente aos diversos desafios. Sabemos que com o avanço da pandemia no Brasil grandes desafios surgiram, em que muitos setores tiveram que se recompor para se manterem ativos. Um dos setores bastante afetado que foi preciso se reinventar para se adequar ao novo contexto atual, foi a educação, pois muitas instituições tiveram que abordar e criar novos planos para oferecer amparo educacional aos seus alunos. Com isso, veio a necessidade de criar algo “emergencial” que oferecesse

---

uma maior aproximação entre instituições e educandos, sendo ele o ensino remoto, ensino esse que trouxe incertezas para muitos docentes, pois tiveram que atuar e se adaptar a algo que não estavam preparados, algo novo e desafiador.

Muitos professores surgiram como verdadeiros heróis na busca de como se aproximar e levar o conhecimento aos seu alunado, alunos esses que estavam presentes em diversos contextos sociais. Esses docentes, tiveram que buscar maneiras pedagógicas que seriam aplicadas através do uso da internet e de aparatos tecnológicos com o propósito de reduzir os impactos que a covid trouxe para todo o meio educacional. Além disso, vários questionamentos e incertezas surgiram em relação de como proceder esse trabalho, pois maior parte dos professores não estavam habilitados a atuar nesse novo ensino, sendo que não tiveram preparo e formação adequada para saber lidar com as tecnologias e com estratégias que facilitassem o seu trabalho.

Sobretudo, o artigo ressaltar que o ensino remoto emergencial não tem o mesmo sinônimo que a Educação a distância, pois o Ensino Remoto Emergencial é apresentado pelo fato de que professores e alunos estão impedidos de se encontrarem pessoalmente para não disseminar o vírus e surge como algo para diminuir as consequências referentes ao distanciamento social, bem como para reduzir os impactos referentes a promoção e aquisição do saber.

Desse modo, o referente trabalho parte de uma pesquisa de cunho bibliográfico, sendo realizado leituras de diversos materiais para a excursão do mesmo, instigando e analisando os desafios existentes no ensino remoto. Assim, o artigo tem como finalidade apresentar os desafios dos professores no ensino remoto, bem como abordar conceitos e diferenças entre o ensino remoto e EaD; As Dificuldades de conectividade para a promoção do ensino remoto; A Falta de Formação Tecnológica dos professores; além de apresentar o enfrentamento dos desafios para o alcance da educação em tempos de isolamento social e, por fim, as considerações finais.

## **METODOLOGIA**

Para a construção do artigo, recorreremos à aplicação da pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Para isso, direcionamos nosso olhar a diversos estudos realizados sobre a temática em questão, verificando pesquisas verídicas e confiáveis divulgadas por grandes Institutos, realizadas com a população para verificar a possibilidade de alcance

da educação neste tempo de isolamento social. De acordo com Marconi e Lakatos (1992), a revisão bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, com finalidade de fazer com que o pesquisador tenha contato direto com o conhecimento através de um material escrito sobre o assunto, auxiliando na amplitude do conhecimento sobre o mesmo. Dessa forma, o estudo buscou averiguar as formas de acesso à tecnologia e a situação da formação tecnológica docente atual, já que o ensino remoto requer domínio tecnológico e conectividade para que aconteça

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **Ensino Remoto e EaD: conceitos e diferenças**

No século XXI, mais precisamente no ano de 2020, a educação encara um novo e grande desafio: continuar em meio ao isolamento social proposto pela pandemia do Covid-19. Dessa forma, o desafio traz consigo uma “montanha” a ser subida pelos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, pois representa algo novíssimo para o contexto educacional.

Sendo assim, como o isolamento social é uma necessidade imposta pela situação e é fato que a educação deve continuar considerando o distanciamento seguro, o modelo de educação proposto considerou professores e alunos em suas casas dando continuidade ao que Neilson Mandela dizia ser a arma mais poderosa para mudar o mundo: a educação. Assim, foi proposto um tipo de ensino remoto que não é conceituado em nenhum documento da literatura educacional, que acontecerá de maneira a distância e amparado pela tecnologia. Porém, apesar de acontecer de maneira não presencial, não se iguala a modalidade de Educação a Distância que, de acordo com o Ministério da Educação, é a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Nesse contexto, a Educação a Distância já uma realidade da educação brasileira, inclusive uma realidade que surgiu a muito tempo, pois conforme Barros (2003), os primeiros indícios de utilização da Educação a Distância remontam ao século XVIII, quando um curso por correspondência foi oferecido por uma instituição de Boston

(EUA). Nesse interim, nota-se que essa modalidade de ensino surgiu há muitos anos atrás e, além disso, a EaD é pensada, organizada e planejada para acontecer considerando a distância física entre professor e aluno, assim, professores dessa modalidade possuem domínio sobre as ferramentas tecnológicas e o material é adaptado para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de maneira correta, ou seja, resumidamente, a Educação a Distância é planejada para acontecer da forma que acontece e por isso considera todos os desafios impostos pela distância entre docente e discente. Por outro lado, o Ensino Remoto, apesar de já previsto pela Lei de Diretrizes e Bases – LDB, em seu artigo 32, § 4º, onde diz que “o Ensino Fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”, acontece em contexto de situação emergencial e, por isso, não houve uma preparação para a situação vivenciada.

Dessa forma, nos deparamos com um tipo de ensino totalmente diferente do contexto vivenciado em sala de aula e os desafios apareceram juntamente com a solução para fazer a educação continuar.

Dentro desse contexto, o ensino remoto é rodeado de dificuldades que precisam de uma atenção, pois apesar de ser um ensino emergencial, ele precisa fazer com que o conhecimento alcance os alunos. No entanto, como fica a situação de alunos que residem em zona rural e não têm acesso à internet? E a de alunos que não condições financeiras para custear seus gastos com a conectividade? Essas são reflexões que precisam ser postas em discussão para que a educação continue de forma que todo o grupo discente esteja incluso e possa participar das aulas a partir das formas de enfrentamento do problema atual.

### **As dificuldades de conectividade e a falta de recursos tecnológicos para a promoção do ensino remoto**

O ensino remoto passa por inúmeras dificuldades, pois é um ensino que atingiu todos de surpresa, seja o poder público, instituições e bem como pais e alunos. Sabemos que os avanços tecnológicos foi algo que ajudou na implementação desse novo ensino, contando com a ajuda de ferramentas que podem facilitar para o trabalho do educador e para o aprender do aluno. Mas, é oportuno ressaltar que os desafios são diversos, sendo que por meio de vários recursos a internet tem suprido esses desafios de forma

razoável, sobretudo, em alguns casos, o ensino remoto tem se tornado ineficiente para muitos.

As mudanças repentinas presentes no momento atual colocaram instituições de ensino em posições desafiadoras. O pouco acesso de alunos a internet expõe o aprendizado dos mesmos em risco, pois uma grande parte dos educandos só têm um único meio de acesso à internet, que é usando o celular, celulares que não suportam arquivos e muitos menos contam com uma qualidade a internet boa para que o aluno tenha acesso a aplicativos, que possa usufruir e construir o seu conhecimento e, de certa forma, isso também dificulta para o trabalho do professor em relação ao promover conhecimento, pois pode se tornar algo “mal usado” e com objetivos poucos atingidos. Para (NEIRA, 2016 p. 0) [...]. Ao mesmo tempo em que oferece desafios e oportunidades, o ambiente digital pode tornar-se um empecilho para o aprendizado quando mal-usado.

Índices mostrados pelo IBGE apontam que a região do país que tem menos indivíduos com conectividade a internet é a região nordeste, mostrando que 30% das residências na região estão sem qualquer conectividade a internet. A pouca conectividade do alunado ao acesso à internet, se dá pelo fato de que a maior parte do alunado é pertencente a classe média baixa, que não contam muitas vezes com recursos para supri suas necessidades básicas e sequer para ter uma internet de qualidade em casa. Também, com a dificuldade financeira que a momento atual enfrenta, é possível entender que muitos pais não estão com recursos que atenda a demanda escolar, ou que possibilite um apoio tecnológico e que favoreça a conectividade do filho à internet. Outro fator que promove a pouca conectividade do indivíduo a internet, é o local onde o educando mora, muitos moram em cidades do interior em que pouco investimento é feito em relação a alcance da internet, ou seja, o investimento das empresas de internet para essas áreas não é satisfatório como acontece em grandes centros. Ademais, alguns alunos que moram em áreas rurais podem ter acesso a internet, mas que esse acesso acontece de forma restringida, que não supre as necessidades exigidas, colocando o educando em situações de estresse e o desmotivando para excursão de uma aula ou atividade.

Em 2019 uma pesquisa feita pela “TIC domicílios”, formada (Cetic) mostra que por volta de 30% das residências no Brasil não contam com a conectividade, com o acesso à internet. Com a falta de um computador, ou de um acesso à internet em casa, ou

até mesmo um sem um aparelho celular, muitos buscam a casa de amigos ou colegas em busca do chamado “wi-fi” compartilhado” que o coloca em situações de risco, pois consequentemente ele irá ter contato com outras pessoas, bem como o cansando e se deparando com locais pouco agradáveis para assistir uma aula ou que o faça se concentrar no que está sendo apresentado pelo educador. Além disso, é oportuno ressaltar que não podemos englobar e dizer que todos os alunos que possuem um celular estão em situação de participar de aula remotas, sabemos que em famílias de baixa renda, existe apenas um celular para comportar a necessidade de todos e que isso acarreta uma gravidade no problema e na aquisição de informações do educando, pois tem muitos pais que trabalham e só podem oferecer o celular ao aluno depois que concluir todos os seus afazeres, ou seja, à noite.

Nessa esteira, é fundamental a participação do estado, apresentando políticas públicas que favoreça esse contexto, neste momento educacional, pois a situação atual de muitos indivíduos é precária e pouca favorável para manter uma conexão digna a internet, digna ao aprender. Para Sergio Amadeu da Silveira, uma política pública não se resume ao papel desempenhado pelo Estado. Sem dúvida alguma, o Estado deve destinar a maior parte dos recursos, mas a formulação, a execução e a avaliação necessariamente devem envolver as comunidades locais, os movimentos sociais e as organizações não-governamentais. (SILVEIRA, 2003, p. 30).

Outra pesquisa realizada pela TIC Domicílios no ano de 2018, analisa que os maiores números de recursos tecnológicos se fazem presentes nas residências de classes ricas, apontando que 90% da classe “A” conta com notebook em casa e 49% com tablete. Nas classes menos favorecidas apenas 3% e 4% contam com esses recursos em seus lares. Desse modo, para que o ensino remoto atinja seus principais objetivos e que não deixe os poucos favorecidos para trás, é necessário observar todo o contexto em que o aluno se encontra inserido, buscando analisar quais recursos estão favoráveis para o alunado. É importante perceber que a falta do principal meio de acesso ao conhecimento no ensino remoto é a internet e se torna fundamental para que o conhecimento chegue até o público alvo, sendo ele o aluno, de outro modo, a falta da conectividade irá acarretar o que muitas instituições de ensino pregam temer, que é a exclusão do aluno ao aprender. Para isso, o ensino remoto precisa enfrentar muitos desafios, sobretudo,

precisa do apoio do poder público, que busquem estratégias, objetivos e que visem a inclusão de todos até a retomada das aulas presenciais.

### **A falta de formação tecnológica dos professores**

Um dos grandes desafios que os professores vêm enfrentando é a falta de formação tecnológica para atender as demandas do novo ensino, ensino esse que preocupa a maioria dos docentes em relação de como preparar, de como agir e de quais recursos tecnológicos usar ao seu favor, bem como de como manusear essas ferramentas. Educadores que tinham pouca habilidade frente as tecnologias tiveram que estabelecer e planejar novas aulas com o uso de ferramentas pouco usadas antes. Além disso, esse novo ensino proporcionou uma preocupação maior aos educadores, pois muitos se sentem despreparados e inseguros frente aos recursos tecnológicos, frente a elaboração de aulas que ofereça um melhor engajamento com os alunos. É o que mostra uma pesquisa feita neste ano, realizada pelo instituto Península em 13 de abril e 14 de maio, mostra que 83% dos educadores se sentem inseguros e inábil para o ensino a distância.

A maioria dos docentes têm a facilidade de usar o computador ou até mesmo o celular em seu dia a dia, mas é algo que não é usado com objetivos pedagógicos, pois mesmo sabendo que as ferramentas tecnológicas estão como recurso importantíssimo no processo de ensino aprendizagem há bastante tempo, mas muitas instituições resistem ao uso da mesma, e de certa forma, não buscam formar e atualizar os professores em relação de como usar as novas tecnologias. A solução poderia estar e ser resolvida através da formação continuada, porém, uma pesquisa feita pela TIC Educação em 2018, mostra que 77% de docentes de escolar de rede pública não tiveram formações de uso das tecnologias nas práticas educativas. Isso explica a pouca segurança dos docentes em relação ao ensinar por meio das tecnologias, se tornando algo desafiador que mexe até mesmo com o emocional dos professores e, conseqüentemente, dificultando na promoção do saber e na aquisição de conhecimento do aluno.

Para tanto, sem uma preparação adequada para o momento em que a educação está vivenciando se torna preocupante, pois os educadores terão que enfrentar vários obstáculos para cumprir os seus principais objetivos no ensino remoto. Ademais, é

oportuno ressaltar que o ensino remoto demanda tempo, tempo para preparo, tempo para pensar e planejar, e o fundamental, de como agir, já que muitos professores não dispõem de formações que visassem e diversificassem o ensino por meio das tecnologias. Cabe o professor buscar estratégias junto com a gestão escolar para alcançar os seus objetivos e enfrentar os seus principais obstáculos. Além do mais, é momento de instituições repensarem o fato de como irá propor formações que visem a interação, e facilite o trabalho do professor no contexto contemporâneo, ou seja, cabe também as intuições analisar o que irá cobrar do professor e analisar o que tem para auxiliar os mesmos. Segundo Mizukami, é perceptível a necessidade de rever o atual modelo de formação, pois “não se pode exigir que docentes realizem em suas aulas o que não veem aplicado na própria formação” (MIZUKAMI, 2002, p. 39).

No contexto em que os profissionais da educação estão situados no que se refere ao ensino remoto, se tornar um empecilho não ter qualquer formação para lidar com as mesmas, seja com as ferramentas tecnológicas, seja na elaboração de aulas através dessas ferramentas. Sem formação tecnológica o docente irá enfrentar diversos obstáculos, obstáculos que estão presentes ao gravar um simples vídeo para uma determinada aula, ou na edição do mesmo, ou na execução de aulas por meio de aplicativos que visam facilitar o trabalho docente. Mas, o professor sem qualquer formação tecnológica, muitas ferramentas que surgem para facilitar o trabalho do educador no ensino remoto podem se tornar um obstáculo, que muitas vezes sobrecarrega o professor, pois não é fácil dominar algo que não lhe foi ofertado nenhum preparo. Segundo Bonilla (2005) a compreensão de que as tecnologias são tão importantes no processo de formação de professores, quanto a língua materna, as metodologias, a psicologia, a sociologia, e todas as demais áreas que compõem o currículo de uma licenciatura em qualquer área do conhecimento, ou de um curso de formação continuada”(p. 203).

### **O enfrentamento dos desafios para o alcance da educação em tempos de isolamento social**

Diante disso, as dificuldades para o acontecimento do Ensino Remoto, como assim foi nomeado o novo tipo de ensino, são enormes e obriga professores e alunos a se desdobrarem e enfrentar o desafio rodeados de dificuldades como vulnerabilidade

socioeconômica para arcar com os gastos de conectividade, falta de formação tecnológica e, até mesmo, a não adesão dos pais a esse ensino que requer grande atenção das famílias, principalmente, para os alunos do ensino fundamental.

Sabe-se, claramente, que a desigualdade social é um problema presente na sociedade brasileira, sendo o “Brasil um dos piores países do mundo em matéria de desigualdade de renda. Mais de 16 milhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza”, de acordo com o relatório OXFAM. Considerando isso, já é bem visto que o acesso à internet, por não ser gratuito, ainda não é uma realidade na casa de muitas famílias brasileiras, visto que algumas não têm condições de ter comida na mesa. Consoante a isso, segundo dados de 2018 divulgados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), uma em cada quatro pessoas no Brasil, não tem acesso à internet, isso significa que **46 milhões de brasileiros não acessam a rede**. Em áreas rurais, o índice chega a 53,5%. Visto que a escola comporta alunos de diferentes realidades sociais, como fica a situação dos discentes que não tem acesso às redes de internet?

Além da dificuldade de acesso, um dos grandes problemas do ensino remoto tem sido a falta de formação tecnológica. Apesar do século XXI já está sendo vivenciado, muitos professores não dominam ainda a tecnologia e isso acontece por diversos motivos: i) falta de interesse/motivação; ii) falta de oportunidades; iii) falta de disponibilidade para as formações; iv) não reconhecimento da importância da tecnologia na educação; etc. Contudo, o enfrentamento desses problemas é medida que se impõe para que as questões sejam solucionadas e a educação prossiga de maneira inclusiva e com qualidade.

Nesse interim, como já posto em discussão, a falta de acesso à internet tem sido um dos grandes empecilhos para a inclusão de grande parcela dos alunos no ensino remoto. Dessa forma, há a necessidade da oferta de auxílios de conectividade aos alunos que comprovarem não terem condições financeiras para custear seu acesso à internet. Essa medida, certamente, agiria em casos de falta de acesso devido a questões financeiras, porém, como ficaria a questão de alunos que não tem acesso à internet pelo fato de residirem em locais onde o acesso à internet não é uma realidade? Pensando nisso, para esses alunos, deve ser oferecida a oportunidade de coletar as atividades

impressas nas escolas em um horário agendado, visto que o objetivo é alcançar a maior parcela do público discente.

Referindo-se a realidade da falta de domínio tecnológico por parte dos discentes, faz-se necessário que cursos de formação continuada sobre o uso da tecnologia no ensino remoto sejam ofertados de maneira gratuita e obrigatória para todos os professores atuantes em sala de aula.

Com essas medidas, busca-se um contexto educacional, onde as diferenças sociais não sejam decisivas na hora da participação dos alunos nas aulas online. Além disso, o domínio tecnológico do docente precisa ser uma realidade, principalmente durante o ensino remoto, pois não há como um professor ensinar a distância sem se amparar na tecnologia.

Potanto, as formas de enfrentamento postas em discussão são direcionadas a uma parcela das dificuldades existentes para que o ensino alcance a todos, porém em um país onde o trabalho infantil é, ainda, uma realidade, não há como promover o acesso universal aos meios que proporcionam o acontecimento do ensino em tempos de isolamento social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho ressaltou a diferença entre Ensino Remoto e Educação a Distância, destacando as dificuldades para que a educação alcance a todos durante o isolamento social, compreendendo os empecilhos postos na sociedade brasileira para que essa inclusão aconteça na educação.

O Ensino Remoto é, sem dúvidas, uma solução para o momento vivenciado pelo mundo, porém é necessário pensar na classe discente e docente como um todo, de forma que as condições sociais não seja um passaporte para participar do processo de ensino-aprendizagem nesse momento. Nesse interim, o trabalho analisa tais dificuldades, com o intuito de propor formas de enfrentamento às mesmas e contribuir para uma educação igualitária que alcance o aluno moderno, de boas condições sociais e já inserido no mundo tecnológico, da mesma forma que alcance o docente que não possui condições sociais para custear seus gastos com a conectividade.

Para tanto, a análise a cerca dos problemas esteve pautada em dados de pesquisas quantitativas publicadas, possibilitando a constatação das dificuldades e, às

vezes, até impossibilidade de acesso para que a educação continue mesmo neste período de isolamento social. Ao final, as formas de enfrentamento propostas apontam para uma superação das dificuldades ressaltadas, no entanto, é muito importante reconhecer que o acesso universal, por parte dos alunos, ao ensino emergencial é um grande desafio para a educação brasileira.

## REFERÊNCIAS

BARROS, D. M. V. **Educação a Distância e o Universo do Trabalho**. Bauru-SP: EUDSC, 2003.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola aprendente**: para além da sociedade da informação. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

BRASIL. LDB – **Leis de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br>. Acesso 05 jul 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 jul 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. *Agência IBGE Notícias*, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em: 15 jul 2020.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Escola e aprendizagem da docência**: processos de investigação e formação. São Carlos, 2002.

NEIRA, Ana Carolina. **Professores aprendem com a tecnologia e inovam suas aulas**. *Jornal Estado de São Paulo*. 24 de fevereiro de 2016. São Paulo, 2016.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Software livre e inclusão digital**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

TENENTE, Luiza. **30% dos domicílios no Brasil não têm acesso à internet**. G1, 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/26/66percent-dos-brasileiros-de-9-a-17-anos-nao-acessam-a-internet-em-casa-veja-numeros-que-mostram-dificuldades-no-ensino-a-distancia.ghtml>> Acesso em: 12 jul 2020.

## **AS DIFICULDADES DO ENSINO REMOTO: COMO PROFESSORES E ALUNOS ESTÃO LIDANDO COM AS NOVAS PROPOSTAS DE ENSINO**

Francisco Mateus Faustino Araújo

*Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA, matfrancisco841@gmail.com*

A pandemia do novo corona vírus (Covid-19) mudou rotinas de professores e alunos, assim alterando métodos do ensino presencial se tornando remoto, trazendo reflexões de como estão as estruturas escolares, e a contribuição da tecnologia para essa adaptação, sendo que ao mesmo tempo esse novo meio mostra as deficiências do qual o ensino público vem enfrentando em diversas partes, pois as instituições não estava preparadas para um momento delicado como este, no qual precisava-se de uma organização. A visão de que temos uma educação precária, principalmente na rede pública que reúne alunos de diversos contextos sociais, refletindo nas práticas de ensino aprendizagem, e como gestores e docentes estão lidando e adequando os meios para atender a demanda. Visando essas questões de inclusão tecnológica no qual ainda se tem um grande número de alunos que não tem acesso aos meios digitais. Ao fazer essa reflexão acerca do parágrafo 4º do Artigo 32 da LDB, que é trata do ensino em situações emergenciais, objetivando o planejamento dos professores (as) para garantir a educação dos alunos. A metodologia utilizada para desenvolver está pesquisa de base bibliográfica e qualitativa com entrevista de professores e alunos da escola pública, dando ênfase as práticas pedagógicas. Com base no que foi apresentado, destacar os meios que os profissionais estão fazendo para promover o funcionamento da educação.

**Palavras-Chave:** Professores; Propostas; Educação.

### **INTRODUÇÃO**

Ao longo deste artigo, buscamos elaborar de forma sintética o conteúdo e as idéias referente a temática do ensino remoto emergencial, que tem modificado rotinas nos diversos setores da educação, inclusive na vida dos alunos e dos professores, que são os principais agentes na contribuição de manter o funcionamento da educação na rede pública de ensino nas diversas instituições no país.

Observamos de maneira minuciosa as questões voltadas para a realização das aulas no contexto da pandemia, e quais as dificuldades encontradas pela falta de estrutura para suprir as necessidades dos alunos. As discussões voltadas para tecnologia e uso no contexto educacional, e a sua contribuição no andamento do ano letivo, e como está a relação professor aluno em meio ao distanciamento social, que consiste nas práticas didáticas na promoção de estratégias que mantenha as metodologias de ensino aprendizagem em meio a realidade local da escola.

Na vivência dos diferentes contextos escolares, em meio a globalização e os avanços tecnológicos que implica nas questões sociais e na exclusão dos mais vulneráveis, o ensino remoto emergencial trouxe desafios enormes mostrando a

fragilidade da educação especialmente das políticas assistenciais de forma geral. De acordo com Thiele e Ahlert (2007)

Com a globalização da economia e a reestruturação produtiva, este quadro mudou completamente. Se educação e trabalho, no taylorismo/fordismo, eram mediados pelos modos de fazer, ou seja, pela força física ou habilidades específicas de coordenação motora fina ou acuidade visual, por exemplo, passaram a ser mediados, a partir de então, pelo conhecimento, compreendido como domínio de conteúdos e habilidades cognitivas superiores, frente à flexibilização dos procedimentos. Capacidade de análise, síntese, estabelecimento de relações, rapidez de respostas e criatividade face às situações desconhecidas, comunicação clara e precisa, interpretação e uso de diferentes formas de linguagem, capacidade para trabalhar em grupo, passaram a ser imprescindíveis (p. 8).

Embora a todos os avanços da sociedade, a educação inclusive na formação docente tem mostrado um atraso significativo, que é notável durante a busca para incluir a todos no ensino evitando problemas futuros como a evasão escolar. Para entender melhor buscamos ouvir os professores linha de frente no comando dessa tarefa de ensino remoto, que é tão pouco discutido nos âmbitos educacionais e curriculares.

## **MEDOTOLOGIA**

Nessa direção observamos os esforços por parte das equipes que compõem a educação em todo país, para garantir que o ensino remoto emergencial chegue a todos os estudantes da rede pública nas suas diversas etapas de ensino. Para melhor compreensão do tema abordado neste presente artigo foi abordado os temas relevantes acerca do andamento das aulas neste contexto de pandemia e distanciamento social, seguindo as novas propostas de ensino e os métodos utilizados no uso de recursos didáticos, digitais e midiáticos.

Para a melhor abordar a temática, foi utilizada a pesquisa qualitativa, com base nas vivências dos professores e alunos em meio às adaptações na rede pública de ensino, buscando dialogar teoricamente para uma melhor compreensão. Visa destacar a relação professor aluno e as questões sociais presente nas escolas, sendo o docente o principal conhecedor dessas realidades.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A escola espaço de partilha, vivência e aprendizagem, teve que mudar a sua rotina e a sua maneira de formação adequando-se a nova realidade com o ensino remoto emergencial, de certa maneira as escolas e o corpo docente não estavam preparados estruturalmente para a atual situação. No parágrafo quarto do artigo 32 da LDB- Lei de diretrizes e bases, cita essa modalidade de ensino na educação massa sem ter muita clareza de como será esse ensino ou complementação. “O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais” (LDB, 1996). Nesse sentido as exigências na elaboração de planos que incluam a situação social e local dos alunos e da escola. Pois boa parte dos alunos não se tem acesso aos meios tecnológicos, dificultando assim o andamento das atividades escolares. Pois a continuidade do ensino nesse momento em que escolas de todo o país foram afetadas pela pandemia, tendo que elaborar uma diversidade de recursos que favoreça os estudantes, sendo a tecnologia um dos meios mais usados para manter o contato com os professores e conteúdos, em que se mostram deficiências no acesso nem sempre irá assistir a todos de maneira igual, nesse sentido cabe à educação dar soluções assistenciais com novas visões e propostas que ajude na aprendizagem.

Mas para que haja a interação de todos os alunos precisasse de planejamento por parte do professor, em organizar um meio de ensino que atenda as necessidades da turma, distinguindo os meios metodológicos inclusive dos que não acessam a Internet.

No caso dos processos de educação a distância observa-se a importância do professor, desde a criação/produção/ revisão/recomposição dos materiais didáticos, até aos contatos com os alunos, mais diretos ou indiretos, em diferentes momentos, por diferentes modalidades: na colocação de temas, de problemas, em consultas, em tutoria, em revisões, em processos de recuperação, etc; por emails, por webcam, por telefone, em bases de atendimento, etc. O professor não é descartável, nem substituível, pois, quando bem formado, ele detém um saber que alia conhecimento e conteúdos à didática e às condições de aprendizagem para segmentos diferenciados. Educação para se ser humano se faz em relações humanas profícuas (GATTI, 2016, p. 164).

Nesse sentido, mesmo com o ensino remoto as aulas não se resumem somente a teoria, mas no diálogo em diversos meios, “A visão tradicional de sala de aula vai sendo modificada com as novas possibilidades de comunicação e interação. Cada vez mais a

lógica bancária da educação (professor detentor do conhecimento e aluno expectador) vai sendo substituída por uma construção contínua, coletiva e em rede”. (COSTA, 2016, p. 38). Mesmo que seja em plataformas de ensino ou não a interação por mais simples que seja o docente terá um papel essencial.

O diálogo professor-aluno torna-se fundamental na mediação dos conhecimentos, pois essa proposta não se baseia em comandos e em repetições mecânicas. O professor deve envolver-se na mediação dos conhecimentos, não se limitando a uma simples troca de idéias, pois as relações sociais incidem sobre o processo de ensino-aprendizagem (BELLOTI; FARIA 2010, p. 7).

Para manter essa relação com base no diálogo, e de fundamental importância que o educador reconheça as barreiras impostas no âmbito de ensino, sendo os meios digitais os mais utilizados. “As tecnologias invadem os espaços de relações, mediatizando estas e criando ilusão de uma sociedade de iguais, segundo um realismo presente nos meios tecnológicos e de comunicação” (PORTO, 2006, p. 1).

Nesse contexto, as dificuldades no acesso são frequentes, pois implica muito nas questões sociais em torno da formação docente e escolar, mostrando com essas desigualdades que a elaboração de novas propostas é importante na assistência, “buscar entender as condições sociais, culturais e educativas de seus contextos. Esse enfoque é primordial para perceber as possibilidades que se estabelecem com o uso das modernas – algumas já nem tão modernas assim – tecnologias” (PORTO, 2006, p. 44).

A permanência de um planejamento estratégico, dentro do ensino, contribui para não haver a exclusão dos alunos, evitando assim o atraso e problemas que prejudiquem a aprendizagem dos estudantes. O uso de diversos recursos e materiais didáticos é importante no auxílio de da aprendizagem, ou seja, “O educador deve auxiliar os educandos a utilizar os conhecimentos que adquiriram, por isso, deve utilizar estratégias para que eles contem coisas pessoais e opinem sobre os acontecimentos”. (BELOTTI; FARIA, 2010 p. 6).

Seguindo essa ideia, dar a continuidade ou fazer revisão de conteúdos mantendo a relação com o que já foi aprendido, sem sobrecarregar tarefas visando que as dificuldades de aprendizagem estarão presentes nesse contexto, sendo o professor o principal mediador para indicar e apresentar as soluções cabíveis para que todos

participem das atividades “O educador assume a preocupação com o processo de pensamento dos alunos; ouvindo-os” (MOREIRA, 2015 p. 501)

Sendo um processo de construção de conhecimentos tendo a contribuição de todos no processo de ensino e aprendizagem, precisa manter o olhar para as limitações e dificuldades encontradas na aprendizagem e no acesso aos meios de ensino. Nesse sentido o professor sendo o principal instrumento para funcionamento do ensino remoto emergencial e conhecedor da realidade escolar do alunado, implica na criação de estratégias e metodologias que favoreça a aprendizagem e atenda as perspectivas. “Ao conceber a responsabilidade de se dedicar a formação de cidadãos emancipados, a escolha das estratégias de ensino e as concepções que estão subjacentes a estas são fundamentais” (MOREIRA, 2015, p. 498).

## **RESULTADO E DISCUSSÃO**

Sabemos que a pandemia do novo Coronavírus (Covid-19) afetou diversos setores inclusive as escolas e o ano letivo, assim fazendo com que professores e alunos se reinventem e elaborem novas propostas de ensino de acordo com a realidade local. Por tanto o uso de metodologias é fundamental para o andamento das atividades, visando métodos de trabalho para o ensino remoto emergencial, sendo os professores os responsáveis pela mediação. Em entrevista, a professora 1 relata que,

De início sim. Por conta da adaptação de pais e alunos a essa nova realidade. A questão financeira, emocional tem afetado a realização e compromisso com as entregas das atividades, otimização do tempo, responsabilidade com o horário da aula, acompanhamento dos pais, foi realmente bastante difícil.

O olhar para as dificuldades que compõem o cotidiano dos alunos, é importante, pois todos vêm de realidades sociais diferentes, isso implica muito na realização das aulas e do acompanhamento pedagógico. Para a professora 2,

Sim. Não é apenas uma, são várias, como as crianças que não tem acesso diário a internet, outras que não tem de jeito algum, outras que utiliza o celular de uma 3ª pessoa para receber as informações do grupo. Aliás as dificuldades e notório no que se refere ao não acesso em tempo real e em 100% das crianças. Ênfase referente aos recursos midiáticos, que é um complemento de extrema importância, em relação as atividades impressas são entregues nas casas e na escola.

Seguindo esta fala, para melhor assistência à utilização de recursos midiáticos e didáticos tem fundamental importância no andamento das atividades, para Altão e Nez (2016)

Dessa forma, o professor necessita atentar-se a escolha do método/caminho que melhor conduzirá seus alunos para a aprendizagem. Essa compreensão do professor implica também na definição e ação da sua metodologia de ensino, que diante de uma perspectiva dialética realizará a conexão entre currículo e a realidade visando o aprendizado do seu aluno (p. 4).

O uso de metodologias que auxiliam os alunos de acordo com as propostas curriculares é importante ressaltar o uso das Tecnologias de informação e comunicação TIC, e suportes educacionais nesse processo de ensino, tanto para manter os conteúdos como a relação professor aluno. Como descreve a professora 1,

Os recursos utilizados variam desde o material disponibilizado na Plataforma Google classroom, meet, como as fanpage de Bibliotecas Virtuais, as quais tenho pesquisado e os inscrevi, para próximas aulas. Entretanto, resalto que os recursos tecnológicos, não atende a todos os alunos, mas as atividades # Estudo em Casa, Os gestores xerocam para entregar na casa do aluno.

Sabemos que a variedade de recursos que auxiliam nas atividades escolares tem uma importância fundamental para manter o andamento dos estudos domiciliares, mas cabe lembrar que muitos alunos não acessam esses recursos digitais, nesse sentido gestores e professores fazem o possível para que todos sejam incluídos de diversas formas, como conta a professora:

Mediante a necessidade compartilho no grupo um roteiro diário (pontuando de acordo com a rotina) Completando com links de vídeos educacionais (cantigas, histórias, receitas, listas, parlendas etc) sendo os mesmos de acordo com o estudo do dia. Figuras com incentivos diversificados para os alunos e sua família por o apoio. Sugestões de brincadeiras, ilustrações e desafios com as família (realizar as atividades com as crianças e registrar) dentro outros. Elaborado visando a realidade do momento estudo em casa. Orientando a importância da devolutiva (vídeos e áudios e fotos da atividade realizada).

Nesse sentido, a adaptação das aulas vale destacar que as dificuldades contribuiu na criatividade dos novos recursos, para deixando atraentes e saindo um pouco dos exercícios teóricos, o trabalho com a ludicidade se destaca muito inclusive em datas comemorativas do calendário escolar em que havia a interação e participação de todos, mesmo com o desafio do distanciamento social a busca em levar a escola para o lar de cada aluno um pouco da vivência e da partilha de saberes e aprendizagens. A professora entrevistada elenca;

Apenas agora com esse Vírus (covid-19), essa pandemia, que nos pegou de surpresa e tivemos que nos reinventar para contribuir, de forma significativa, com a aprendizagem das nossas crianças, mesmos diante das dificuldades.

Sabemos que ninguém estava preparado, e a pandemia trouxe inúmeros desafios inclusive na formação tecnológica de professores e alunos, “O trabalho escolar com as tecnologias de comunicação e informação supõe mudar a ordem do processo educativo, no qual, tradicionalmente, o professor decide arbitrariamente o que ensinar” (PORTO, 2006, p.17).

Tendo em vista que mesmo com a utilização das TIC, para haver as atividades o planejamento será uma ferramenta indispensável nas ações articuladas das atividades para assistir a todos que usem ou não recursos digitais. Como afirma a professora 1:

Posso dizer que essa situação repentina no Ensino Fundamental, é nova para mim e desafiadora, não me assusta, pelo contrário, faz parte do mundo Digital: Volátil, incerto, complexo, devido a crise econômica, e por vezes, ambíguo, pois não se tem o certo e o errado, vai depender dos princípios de cada um.

O docente sendo conhecedor de realidades sociais presentes no ambiente escolar “O professor deve ser um facilitador do processo de ensino-aprendizagem junto ao aluno, em todo o contexto no qual ele está inserido, e estar em atualização continuada mediante as mudanças que ocorrem no mundo globalizado de hoje” (BELOTTI, FARIA, 2010, p. 4).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É importante destacar a função do professor nesse contexto de pandemia e sua importância na grande contribuição no ensino e nas diversas formas e estratégias para não deixar seus alunos sem aula. A colaboração no processo de ensino e aprendizagem por meios que atenda as necessidades das turmas.

Inovação, a palavra chave no contexto escolar diante dos quadros de vulnerabilidade das instituições públicas de ensino. Diante do que foi mensagem ao longo deste artigo observamos os intensos esforços para não parar o andamento do ano letivo, para incluir a todos.

Concluimos que, a responsabilidade entregue aos professores e de fundamental importância para o andamento da educação e do ensino público nas diversas realidades do país. Vemos que o papel do docente tem grande conhecimentos dessas realidades, das diferenças de aprendizagem entre outros fatores que cercam na vida de seus alunos, dentre as questões sociais que estão presentes influenciando no ensino ou até mesmo excluindo os estudantes. A realidade da pandemia, mostra que ainda precisa melhorar muito nas questões tecnológicas para se ter a equidade no ensino nas escolas públicas de todo o país.

## **ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO**

Ensino Remoto como os Professores estão enfrentando?

1- Sobre o ensino remoto. Que estratégias você está usando para manter o ensino da sua turma?

2- Quais recursos está utilizando?

3- Você encontrou alguma dificuldade? Qual ?

4- Enquanto Professora, você já passou por alguma situação parecida em que tiveram que adotar esse tipo de ensino?

Obrigado por participar!!!

## ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Ensino Remoto: Como os alunos estão enfrentando?

Nome:

Idade:

1- Como aluno (a), Qual é a sua opinião sobre o ensino remoto emergencial?

2- Quais as dificuldades você está enfrentando?

3- Você tem acesso aos meios tecnológicos? Quais?

4- A sua escola disponibilizou algum recurso de ensino aprendizagem? Quais?

Obrigado por participar!!!

## REFERÊNCIAS

ALTRÃO, Francielle, NEZ, Egeslaine. **Metodologia de ensino repensar do processo de ensino**: aprendizagem metodologia de ensino repensado processo de ensino aprendizagem. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/download/647/273&ved=2ahUKEwjn8dHakYXrAhUEA9QKHVlbCagQFjACegQIBxAB&usg=AOvVaw3D4Eq0U9u\\_T1vkUhCQE6Yq](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/download/647/273&ved=2ahUKEwjn8dHakYXrAhUEA9QKHVlbCagQFjACegQIBxAB&usg=AOvVaw3D4Eq0U9u_T1vkUhCQE6Yq). Acesso em 05 de Julho de 2020.

BELOTTI, Saula. FARIA, MOACIR. **Relação professor/aluno**. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdfs/salua.pdf&ved=2ahUKEwi2\\_cmekIXrAhUND7kGHfvWDeoQFjAAegQIBBAB&usg=AOvVaw1ZBk\\_x-ngyaYYMnTLnCPjW](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdfs/salua.pdf&ved=2ahUKEwi2_cmekIXrAhUND7kGHfvWDeoQFjAAegQIBBAB&usg=AOvVaw1ZBk_x-ngyaYYMnTLnCPjW). Acesso em 05 de Julho de 2020.

GATTI, A Bernadete. **Formação de professores**: condições e problemas atuais. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/347&ved=2ahUKEwiy3r6LkoXrAhW6HrkGHdT\\_BX8QFjAAegQIBBAC&usg=AOvVaw3ydd-ps2wHEFvcluHHzHdf](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/347&ved=2ahUKEwiy3r6LkoXrAhW6HrkGHdT_BX8QFjAAegQIBBAC&usg=AOvVaw3ydd-ps2wHEFvcluHHzHdf). Acesso em 05 de Julho de 2020.

MOREIRA, Ana. **O papel docente na seleção das estratégias de ensino**. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%2520E%2520PRATICAS/O%2520PAPEL%2520DOCENTE%2520NA%2520SELECAO%2520DAS%2520ESTRATEGIAS%2520DE%2520ENSINO.pdf&ved=2ahUKEwi6282akYXrAhWrFbkGHXFWAVwQFjABegQICxAG&usg=AOvVaw3mpkBvuygXrzk2VDk-ISPd>. Acesso em 05 de Julho de 2020.

PORTO, Helena. **As tecnologias de comunicação informação na escola; relação as possíveis... relações construídas.** Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a05v11n31.pdf&ved=2ahUKEwit6L3ukIXrAhUYHLkGHd8dAicQFjAAegQIBRAC&usg=AOvVaw2-5BvUnp82TY9QXc0jqzKi>. Acesso em 05 de Julho de 2020.

THIELE, Marisa. AHLERT, Alvorí. **Condições de trabalho docente:** Um olhar na perspectiva do acolhimento. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/857-4.pdf&ved=2ahUKEwi1g4GkoXrAhWUHLkGHXkxAdEQFjAAegQIAhAB&usg=AOvVaw2nYmHF601CAU8QPLyEMDuF>. Acesso em 05 de Julho de 2020.

## **ENSINO REMOTO, A SALVAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM MEIO ÀS IMPACTANTES LIMITAÇÕES OCASIONADAS PELA PANDEMIA DA COVID-19: QUAIS OS SEUS PRINCIPAIS DESAFIOS E CAMINHOS PARA A SUA IMPLEMENTAÇÃO EFICIENTE?**

Aline Afonso Silva da Rocha

*Advogada do escritório Miranda Lima Advogados, Graduada em Licenciatura em História pela Faculdade Estácio de Sá. Cursando MBA em Relações Internacionais pela Fundação Getúlio Vargas, [alinerochaa@yahoo.com.br](mailto:alinerochaa@yahoo.com.br)*

Pablo Hertz Bruzzone Leal

*Sócio do escritório Miranda Lima Advogados, [pablobruzzone@mla-advogados.com.br](mailto:pablobruzzone@mla-advogados.com.br)*

Por conta da pandemia do Coronavírus, lançou-se uma coalizão global para mitigar os impactos na educação mundial de mais de 1,57 bilhão de alunos durante o período do isolamento social através do uso de tecnologias digitais. No Brasil, país que não tinha experiência com educação emergencial de massa, a pandemia trouxe o protagonismo das aulas remotas; forçou os professores a reverem sua didática e aos pais a estarem mais presentes na educação formal dos filhos. Contudo, muitos alunos da rede pública estão impossibilitados de assistir às aulas remotas, fornecida pelo Governo, por ausência de acesso à computadores e à internet, falta de espaço em casa e baixa escolaridade dos familiares. Já na rede particular, que realizou fortes investimentos em licença de uso de *softwares* e instalação de equipamentos tecnológicos, muito tem se questionado quanto a cobrança de mensalidades escolares no valor integral e, muitas instituições privadas já estão experienciando o aumento da inadimplência e do cancelamento de matrículas, em decorrência de migração para escolas públicas e *homeschooling*. Tendo em vista que a desigualdade social está comprometendo o acesso à educação neste período, partindo da análise de fontes jornalísticas, questionamos como está o desenvolvimento da educação remota brasileira durante a pandemia. Os objetivos do artigo são: demonstrar como que o ensino remoto está se desenvolvendo eficientemente apenas na rede privada e problematizar como que o abalo financeiro sofrido pelas instituições privadas de médio e pequeno porte irá comprometer a manutenção do ensino remoto e a permanência destas no mercado.

**Palavras-chave:** Pandemia, tecnologia, educação, ensino, remoto.

### **INTRODUÇÃO**

A crise sanitária provocada pela pandemia da COVID-19 impactou na educação de 1,57 bilhão de alunos, em 191 países, de acordo com dados da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, tornando-se necessário o lançamento de uma coalizão global para mitigar danos durante o período do isolamento social através da aprendizagem emergencial remota auxiliada pelas tecnologias digitais.

No Brasil, país que não tinha experiência com educação emergencial de massa, a pandemia obrigou professores, pais, alunos, instituições de ensino e entes federados à adaptação rápida das estruturas metodológicas tradicionais às condições de isolamento social. Assim, professores tiveram que rever a sua didática, muitas instituições de ensino

privadas foram obrigadas a investir em licenças de uso de plataformas *online* e em outras tecnologias, os alunos precisaram adquirir mais disciplina para e flexibilidade para um autoestudo, os pais precisaram estar mais presentes na educação formal dos filhos e os Governos Estaduais e Municipais, sem uma diretriz da União, precisaram fazer parcerias para tentar promover alguma aprendizagem para a rede pública.

Enquanto de um lado temos os desafios da rede pública que serpenteiam a necessidade de proporcionar uma aprendizagem individualizada que atenda as diversas dificuldades dos alunos, no outro polo está o imbróglio das instituições de ensino privadas de médio e pequeno porte, que precisaram se adaptar rapidamente à realidade de uma quarentena, fazendo fortes investimentos em licenças de uso de plataformas digitais, está no abalo financeiro experienciado com a pandemia que trouxe o aumento da inadimplência, do cancelamento de matrícula, além da discussão quanto a obrigatoriedade de concessão de desconto na mensalidade escolar durante o isolamento social, causando grande risco de tais instituições fecharem as portas, inclusive, as creches e escolas de educação infantil por não poderem oferecer ensino remoto.

A pandemia desnudou a necessidade de adequação de um sistema educacional criado no século XIX, que não suporta a suspensão das aulas presenciais por longo período, com a urgência de serem revistas as estruturas metodológicas tradicionais (aulas presenciais expositivas, relação professor/ aluno, ingerência dos pais na educação formal dos filhos, aluno apenas como um receptor de conhecimentos) para que, inclusive, as instituições particulares de ensino continuem competitivas no mercado, não sucumbindo à Destruição Criativa Schumpeteriana.

A notória relevância do tema está nos grandes impactos que a pandemia do COVID-19 trouxe a curto, médio e longo prazo para educação de um país que já estava no *ranking* dos piores no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA, com o agravamento das desigualdades educacionais de um lado, além da crise econômica das unidades escolares privadas de outro, que num efeito cascata, intensificará as adversidades encontradas na rede pública através da grande migração de alunos para esta. O objeto da presente pesquisa ainda é consideravelmente lacunar no que tange à perspectiva aqui proposta, pouco tem se falado sobre os impactos na rede privada, bem como sobre a manifesta disrupção da forma de educar, que muito provavelmente ensejará na destruição criativa.

Desta forma, partindo da análise das conjunturas econômica e sociopolítica brasileiras no período da pandemia do Coronavírus, através da análise bibliográfica e documental, em especial os dados estatísticos publicados pela mídia e com a utilização do método histórico-dedutivo, objetivamos problematizar como que o abalo financeiro sofrido pelas instituições privadas de médio e pequeno porte irá comprometer a manutenção do ensino remoto e a permanência destas no mercado, além de aprofundar os desafios das escolas públicas com a grande migração dos alunos, certos de que este trabalho não é exaustivo.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo exploratório pauta-se na pesquisa bibliográfica e documental, focada em dados estatísticos publicados pela mídia no período de março a junho de 2020. Tendo em vista que a pesquisa foi realizada no período da pandemia, com alterações diárias de dados e informações, tornou-se necessária a delimitação de datas e dados.

Desta forma, utilizou-se o método histórico-dedutivo para analisar as conjunturas econômica e sociopolítica brasileiras no período da pandemia do Coronavírus com o objetivo de demonstrar como que o ensino remoto está se desenvolvendo eficientemente apenas na rede privada e problematizar como que o abalo financeiro sofrido pelas instituições privadas de médio e pequeno porte irá comprometer a manutenção do ensino remoto e a permanência destas no mercado, bem como, a migração de alunos da rede privada para a pública irá aprofundar os desafios das escolas públicas que encontrarão grandes dificuldades nos próximos anos para superar a intensificação defasagem na aprendizagem deste período.

Com base nos resultados apresentados, podemos concluir que o isolamento social trouxe um abalo financeiro para os estabelecimentos de médio e pequeno porte, através do aumento da inadimplência, do cancelamento de matrículas e da obrigatoriedade de fornecer descontos na mensalidade escolar, o que gerará uma crise econômica com a falência de muitas instituições particulares de ensino e a demissão em massa de profissionais da educação, além de aprofundar os desafios das escolas públicas com a grande migração alunos, de forma que as instituições precisarão estar atualizadas às

novas tecnologias auxiliaadoras da aprendizagem para que não sucumbam à Destruição Criativa Schumpeteriana.

O aumento da migração de alunos da rede privada para a pública irá agravar os desafios encontrados por esta nos quais a pandemia serviu para agravar as desigualdades educacionais preexistentes, uma vez que grande parte dos alunos não tem acesso à tecnologia digital para assistir as aulas presenciais e o uso de outros meios de ensino, sem o devido acompanhamento de professores e pais, não se torna efetivo, o que causará um retrocesso na aprendizagem, aumento da evasão escolar e dificuldade de adequação do calendário escolar dos próximos anos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O embasamento teórico deste artigo pauta-se na Teoria da Destruição Criativa, do economista austríaco Joseph Alois Schumpeter, em sua obra “Capitalismo, socialismo e democracia”, de 1942, aplicada ao contexto da educação privada brasileira durante e pós-pandemia do Coronavírus.

No âmbito educacional, a necessidade de isolamento social decorrente da Covid-19 trouxe como tendência global o uso de tecnologia para o fornecimento de aulas remotas, de forma que, como destaca o Fórum Econômico Mundial (WEFORUM, 2020), o Coronavírus apontou a importância da prontidão digital para a manutenção da funcionalidade da sociedade durante as pandemias, tornando-se essencial que qualquer empresa ou país se mantenha atualizado com a tecnologia mais recente para permanecer competitivo no mundo pós pandemia.

Neste sentido, tendo em vista que o novo padrão de governança global vai exigir uma transformação metodológica das unidades de ensino brasileiras no pós-pandemia com a maior interação entre educação e tecnologia, torna-se importante refletir sobre a Destruição Criativa de Schumpeter, principalmente, quando de 30% a 50% de tais instituições privadas de ensino correm o risco de falir, conforme dados União das Escolas Particulares de Médio e Pequeno Porte.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Se por um lado a pandemia do Coronavírus está levando o mundo à recessão e desencadeando, como destaca o Fundo Monetário Internacional (IMF, 2020), a crise

mais aguda global do século, através do entrelaçamento de uma grave crise mundial de cunho sanitário, econômico, institucional e educacional, por outro lado acelerou algumas tendências tecnológicas globais que ajudam a manter a funcionalidade da sociedade e a viabilidade das atividades empresariais neste período, dentre as quais o Fórum Econômico Mundial (WEFORUM, 2020) elenca o ensino à distância, o trabalho remoto, a tele saúde, o pagamento digital, 5G e tecnologia da informação, entretenimento online, impressão 3D e outros.

Sob o prisma educacional, conforme dados da UNESCO (UN, 2020), a crise sanitária afastou mais de 1,57 bilhão de alunos das unidades escolares mundiais através da necessidade de isolamento social para contenção da propagação do vírus, enquanto que a redução de renda domiciliar causada pela impossibilidade de continuação de alguns setores como comércio, turismo e eventos, impactou fortemente nas finanças das redes privadas de ensino.

Para mitigar os danos provocados pela pandemia à educação mundial, a Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, lançou uma coalização global com o escopo de que os países ofereçam aprendizagem remota durante o período de isolamento social. No Brasil, os Governos Estaduais e Municipais, sem uma direção da União, buscaram parcerias com plataformas *online*, como o *Google Classroom*, enquanto instituições privadas de ensino precisaram investir pesado em licenças de uso de *softwares* e instalação de equipamentos tecnológicos para garantir alguma aprendizagem neste período.

Conforme disposto no Parecer 05, do Conselho Nacional de Educação, tais aulas remotas estão contando como dias letivos, que, inclusive, foram flexibilizados, neste ano, através da Medida Provisória 934, desde que cumprida a exigência legal de 800 horas curriculares. Na educação básica, a Lei de Diretrizes e Bases autoriza o ensino médio a ter até 20% das suas aulas à distância, em cursos diurnos, e 30%, nos noturnos, e o fundamental, apenas em casos de emergência, tal como a pandemia da Covid-19. Já no ensino superior, a Portaria 2117/19, do Ministério da Educação, já havia permitido o aumento do percentual da carga-horária de ensino à distância de 20% para 40% em cursos presenciais.

Segundo Senhoras (2020), a pandemia potencializou as assimetrias socioeconômicas e educacionais pré-existentes, ante a “crescente convergência para

estratégias de ensino da terceira revolução industrial, com base em tecnologias de informação e comunicação que não são plenamente disponíveis ou acessíveis a todos estudantes e professores”.

De acordo com dados do Instituto Península, 88% dos professores da rede pública e particular afirmam nunca ter lecionado uma aula remota antes do isolamento social. Para Rosa (2020), o professor continua sendo essencial em aulas remotas para construir de ambientes de aprendizagem, porém “o docente não é mais o centro do processo de ensino, mas sim o mediador, que organiza todas as ferramentas necessárias para a busca da aprendizagem pelo discente”.

Segundo Tavares (*et al*, 2019) o avanço tecnológico afeta a dinâmica de empregos, de forma que “quem não se preparou ou procura se adequar à nova realidade imposta pelo mercado, seguramente estará à margem desse processo de evolução que muda conceitos e incute no homem a necessidade de conquistar espaços para garantir a sua própria sobrevivência”.

Sem o treinamento adequado, como poderão os professores moldarem a sua didática à nova realidade de aulas de forma a lecionar de forma eficiente neste período, se além da barreira técnica, muitos convivem com o medo de ter o salário reduzido ou o contrato de trabalho interrompido? De acordo com dados do IBGE (PNAD Contínua), o desemprego atingiu 12,9 milhões de pessoas no país em abril, subindo para 12,2%, sendo que só uma *startup* educacional rescindiu o contrato de mais de quatrocentos professores no início do isolamento social.

No âmbito da rede particular, as instituições de ensino, principalmente as de médio e pequeno porte, sofreram grande abalo em suas finanças com o aumento da inadimplência (que eram de 9% para 15%, em abril) e do cancelamento de matrículas de alunos que migraram para a rede pública ou optaram *homeschooling* (que já representava 10% em abril). Os dados são da União das Escolas Particulares de Médio e Pequeno Porte, que acrescenta que, de 30% a 50%, de tais instituições correm o risco de falir por conta da pandemia. Tal impacto financeiro foi percebido mais intensamente em creches e escolas de educação infantil por não poderem oferecer ensino remoto, 80% correm o risco de fechar as portas neste período, de acordo com a Federação Nacional de Escolas Particulares – FENEP.

Outrossim, muito tem se questionado quanto a cobrança de mensalidades escolares no valor integral durante a pandemia, após um colégio em São Paulo, que possui uma das mensalidades mais altas do Estado, conceder desconto de 30% durante o isolamento social. Foram protocolados Projetos de Lei na Câmara dos Deputados, no Senado e, em pelo menos 11 Estados brasileiros com o escopo de reduzir as mensalidades escolares, num percentual entre 10% a 50%, durante a pandemia. Apesar de tais projetos terem sido aprovados no Rio de Janeiro e no Distrito Federal, muito tem se questionado acerca da constitucionalidade formal e material das referidas normas, seja por vício de competência, seja ausência de um incentivo correlato para equilibrar os contratos e evitar a falência de diversos estabelecimentos de ensino privados.

Como as instituições particulares de ensino, de médio e pequeno porte, podem manter a qualidade de seu ensino neste período, vindo a manter um ensino híbrido após a pandemia, se estão sofrendo grave desfalque financeiro em seu orçamento e talvez não tenham condições de pagar seus funcionários, aluguéis e contas e, provavelmente, terão que fechar as portas? Destaca o Fórum Econômico Mundial (WEFORUM, 2020), o COVID-19 apontou a importância da prontidão digital para a manutenção da funcionalidade da sociedade durante as pandemias, tornando-se essencial que qualquer empresa ou país se mantenha atualizado com a tecnologia mais recente para permanecer competitivo no mundo pós pandemia.

Haja vista que o novo padrão de governança global vai exigir uma transformação pedagógica das unidades de ensino brasileiras no pós-pandemia com a maior interação entre educação e tecnologia, torna-se importante refletir sobre a Destruição Criativa de Schumpeter. Neste sentido, tendo em vista a exigência de aperfeiçoamento profissional pelas tecnologias, para Tavares (*et al*, 2019) “[...] a Destruição Criativa, torna-se destrutiva na medida em que afeta as dinâmicas de empregos dos países subdesenvolvidos, acarretando perdas salariais, desemprego, desarticulação dos sindicatos, desaparecimento de empresas”.

Para Schumpeter (1984, p.113), “[...] a concorrência centra-se na inovação e esta provoca um processo de Destruição Criativa onde velhas estruturas são substituídas por novas conduzindo a economia a níveis mais elevados de renda e presumivelmente de bem-estar social”.

No contexto educacional pandêmico brasileiro, a destruição criativa se insere na perspectiva de mudanças no velho sistema educacional ocasionadas pelos novos papéis impostos à educação e ao professor, além do uso da tecnologia para auxiliar na aprendizagem, de forma que as instituições privadas de ensino que quiserem se manter competitivas no mercado precisarão estar atentas a necessidade de prontidão digital e atualizadas quanto as novas formas de aprendizagem com o auxílio de aparatos tecnológicos, de forma que para Marcon (*et al*, 2020), “[...] medidas emergenciais, entretanto, não são suficientes para restaurar a normalidade ou reconstruir a “nova normalidade” do mundo pós pandemia. Serão imprescindíveis profundas transformações e o aperfeiçoamento das relações entre ciência, tecnologia e sociedade”.

Enquanto de um lado temos os desafios da rede particular que serpenteiam a crise econômica e necessidade de adaptação à novas metodologias de ensino, no outro polo está o imbróglio da rede pública de proporcionar um atendimento individualizado que atenda as diversas dificuldades dos alunos. A pandemia evidenciou que o sistema de ensino brasileiro não está preparado para ficar longo período com as aulas presenciais suspensas, de forma que, de acordo com Parecer n. 5, do Conselho Nacional de Educação, tal suspensão por prolongado prazo poderá dificultar a reposição das aulas presenciais, comprometendo o calendário escolar de 2021 e 2022, aumentar a defasagem na aprendizagem e na evasão escolar por perda do vínculo do aluno com a escola, além de sobrecarregar o trabalho dos docentes que não estão familiarizados com o modelo.

Neste sentido, em que pese o esforço das secretarias de educação de oferecer alguma aprendizagem formal neste período, a latente desigualdade social e educacional brasileira está impossibilitando muitos alunos da rede pública de assistirem às aulas remotas, pois além de problemas sociais como a fome, o grande perigo de contágio, a aglomeração humana em suas moradias, a violência doméstica e a baixa escolaridade familiar, vislumbra-se a ausência de acesso à computadores e à internet banda larga, como mostra o relatório do Comitê Gestor da Internet que 56% dos brasileiros, de áreas urbanas, utilizam internet apenas no celular e com pacote de dados limitados, sendo de 85% o percentual entre as classes mais desfavorecidas, de forma que algumas alternativas foram criadas numa tentativa de incluí-los, como por exemplo, as aulas via rádio, via televisão e o fornecimento de material impresso.

Ocorre que tais medidas alternativas podem não se mostrar efetivas na medida em que as Secretarias de Educação não conseguem controlar se os alunos estão acessando os conteúdos fornecidos via televisão e via rádio, bem como, pelo alto risco de propagação do contágio do Coronavírus através do manuseamento do material escolar impresso que transita entre a escola, a casa do professor e a do aluno. Segundo Senhoras (2020), a aprendizagem remota auxilia a manutenção do comprometimento educacional no curto prazo, porém será muito influenciado pelas experiências empíricas de transmissão e absorção de conteúdo e da acessibilidade. Ademais, o quanto esta aprendizagem está sendo efetiva sem professores preparados para lecionar no modelo e sem um acompanhamento familiar adequado? De acordo com o Fórum Econômico Mundial, (WEFORUM, 2020) a educação remota pode criar pressão econômica sobre os pais – em especial, as mães – que podem ter uma perda na diminuição de produtividade no trabalho por precisar cuidar dos filhos em casa. Neste sentido, Gomes (*et al.*, 2020) pondera que a educação a distância pode ser um entrave sem o acompanhamento familiar na educação formal para desenvolver a autonomia do aluno.

É notório que a pandemia trouxe a necessidade de resiliência de todos os atores envolvidos no processo educacional (alunos, professores, pais, instituições de ensino e entes federados), e mesmo após o seu término, apenas os estabelecimentos de ensino privados e professores que forem capazes de se adaptar à nova realidade metodológica com a presença da tecnologia, conseguirão se manter competitivos nesta nova realidade que já está tendo os seus contornos desenhados e poderão impedir o agravamento dos desafios da rede pública pela migração em massa de alunos para esta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É inegável que a humanidade está vivenciando, nos últimos anos, um momento de grande inovação tecnológica, como jamais visto, com uma grande disrupção entre diversos modelos tradicionais de negócios para alternativas mais atrativas ou eficientes com aplicação da tecnologia.

Algumas áreas foram impactadas mais fortemente e com mais celeridade, como o transporte, alimentação e hotelaria, cujo consumo migrou de forma substancial para diversos aplicativos que permitem uma experiência mais agradável (BABYPASS, IFOOD, AIRB&B, etc.) ou com valores mais acessíveis, notadamente através do compartilhamento (WAZE, UBER, HURB, etc.), dentre outros.

Foi nesse contexto que a pandemia da COVID-19 se instalou no mundo e, em razão das grandes restrições impostas para se controlar o contágio e mitigar as suas consequências, notadamente o afastamento social e o *lockdown*, acabaram por funcionar como um agente catalisador desse processo de transformação, inclusive e especialmente no que se refere às instituições de ensino. Apesar das limitações legais e regulamentares, a pandemia impôs a mitigação de tais regras para evitar que os impactos negativos sofridos pelos alunos fossem ainda maiores, abrindo as portas para a tecnologia, que foi a responsável pela alternativa mais eficiente de implementação do ensino remoto de urgência, através de plataformas digitais de aprendizagem.

As consequências da pandemia para a educação no Brasil foram gravíssimas, a começar pela rede pública de ensino, em que a alternativa das plataformas digitais de ensino se revelaram em grande parte inviável em razão da grande maioria dos alunos não possuírem acesso aos equipamentos necessários e internet, tornando o desafio ainda maior para os profissionais da educação pública, que tiveram que se desdobrar para, em curtíssimo espaço de tempo, implementar aulas via rádio, televisão e/ou através de material impresso entregues nas residências dos alunos.

Ou seja, a rede pública, surpreendida e absolutamente despreparada para enfrentar essas impactantes limitações ocasionadas pela pandemia da COVID-19, ficou refém do comprometimento das equipes locais, desde os secretários de educação até os professores, para implementar soluções criativas para que seus alunos não restassem totalmente desamparados nesse delicado momento. Podemos afirmar que, na rede pública de ensino, os prejuízos dos alunos foram inversamente proporcionais à proatividade e à criatividade da administração pública local e dos agentes de educação correlatos.

Por outro lado, na rede privada, a implementação do ensino remoto de urgência através de tecnologia se revelou indispensável e essencial para a continuidade das instituições privadas, pois, caso contrário, havendo uma interrupção total das atividades pelo longo período de fechamento das escolas, certamente o cancelamento das matrículas e redução abrupta das receitas acabaria tornando insustentável.

Ratificando essa constatação temos a realidade vivenciada pelas creches e instituições de ensino infantil, em que o serviço remoto é inviável e, por conseguinte,

maior a evasão causada pela pandemia, em que já há uma assustadora previsão de que 80% (oitenta por cento) sejam forçadas a fechar as portas em definitivo.

Por oportuno, é importante frisar que o ensino remoto à distância implementado de forma eficiente permite a estruturação do ensino híbrido, que tem sido muito eficiente para comprometer mais os alunos, que passam a demonstrar mais interesse e participação nas aulas.

Apesar de ter sido implementada de supetão, aos que tudo indica a educação remota não será apenas uma experiência momentânea e transitória, mas sim de uma ferramenta evolutiva que veio para ficar e para aperfeiçoar o ensino.

Nessa ordem de ideias se revela inequívoco que a pandemia antecipou a transformação do serviço educacional, que certamente implicará no fenômeno da destruição criativa no campo da educação privada, pois, os agentes já estão desenvolvendo novas formas de produzir, mais eficientes, que tornará obsoleta a antiga forma de ensino e, como conseqüência lógica e natural, as instituições que não forem capazes de acompanhar tais transformações, disruptivas, muito provavelmente irão sucumbir.

Até mesmo se analisássemos a questão exclusivamente sob o aspecto da necessidade do ensino remoto, a tecnologia já se revelaria indispensável não só para permitir a volta às aulas seguras, pós pandemia, bem como para que os alunos não sejam novamente surpreendidos e prejudicados com eventos análogos, uma vez que muitos estudos apontam que o nosso nível atual de globalização indica a probabilidade de ocorrência de novas pandemias como a da COVID-19. É previsível, então, que as famílias e os alunos busquem instituições que estejam preparadas para tais desafios.

Essa conjuntura se revela, pois, extremamente desafiadora para as instituições privadas de ensino, uma vez que passam por um momento econômico muito delicado, com a redução da renda das famílias e conseqüente evasão dos alunos as receitas tendem a reduzir drasticamente, ao passo que precisam investir fortemente em tecnologia e treinamento de seu pessoal para que não fiquem obsoletas e sem significância para o mercado.

Por outro lado, no âmbito da rede pública de ensino, o desafio não parece menor, uma vez que é dever constitucional do estado prover educação de qualidade, “[...] visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania

e sua qualificação para o trabalho [...]" (CF, art. 205), motivo pelo qual se impõe a imediata implementação de políticas públicas que possibilitem o acesso dos alunos da rede pública à tecnologia, ao ensino remoto e metodologias de ensino mais eficientes, que atraiam mais interesse e participação dos alunos, tal qual a tendência na rede privada.

Inclusive, algumas universidades públicas já identificaram essa necessidade e adotaram medidas iniciais nesse sentido. Por exemplo, os alunos cotistas dos cursos de graduação da UERJ e do Colégio de Aplicação da universidade vão receber uma bolsa auxílio de R\$ 600,00 (seiscentos reais), para aquisição de material didático e a ampliar o grau de inclusão digital da comunidade estudantil. Já a UFRJ disponibilizou cerca de 12 mil kits de internet móvel aos estudantes de graduação e pós-graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica. O programa Auxílio Inclusão Digital leva chips e modems para os alunos estudarem em casa.

Nesse cenário a integração da tecnologia à educação, principalmente para viabilizar o ensino remoto de forma eficiente, se revela um caminho sem volta, tanto para a rede privada quanto para a rede pública. E, certamente, iniciado esse processo transformador e de grande potencial disruptivo das novas tecnológias digitais, o ensino sofrerá melhorias exponenciais que poderão deixar pelo caminho aquelas que não estiverem atentas e proativas para implementação de tais transformações.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao escritório Miranda Lima Advogados pela sua visão sobre a relevância da educação e pelo comprometimento em participar efetivamente da sua transformação e desenvolvimento no Brasil, tão essencial para a qualidade do nosso futuro como sociedade, bem como pelo constante apoio e motivação à equipe de profissionais dedicados ao estudo e adoção de práticas voltadas para o incremento eficiente e sustentável, em nosso ramo de atuação, desse relevante mercado de serviço público e essencial.

## **REFERÊNCIAS**

GOMES, Candido Alberto Gomes; SÁ, Susana Oliveira e; JUSTO; Enrique Vázquez; LOBO, Cristina Costa. **A Covid-19 e o Direito à Educação** in *Revista Internacional de Educación para la Justicia Social*, 2020.

MARCON, Antonio M. Marcon, LENHARI, Luciana Lenhari. **A Pandemia e O Empreendedorismo Inovador: A Destruição Criativa na Prática** in *Boletim 6 UNICAMP*. 2020.

ROSA, Rosane Teresinha Nascimento da. **Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus - o COVID-19** in *Rev. Cient. Schola*, vol 1, 2020.

SENHORAS, Eloi Martins. **Coronavírus e Educação: Análise dos Impactos Assimétricos** in *Boletim de Conjuntura (BOCA)*. vol. 2. n. 5. 2020.

SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares; MELO FILHO, Hélio Teodósio de, PEREIRA, Joaquim Artur de Almeida Feitosa. **A Destruição Criativa e Suas Influências Sobre Os Cursos Técnicos Profissionalizantes na Década de 1980** in *Revista Eletrônica Saberes Múltiplos*. Vol 9. 2019.

## SITES ACESSADOS

Alunos cotistas da Uerj vão receber auxílio de R\$ 600. Disponível em <https://bandnewsfmrio.com.br/editorias-detalhes/alunos-cotistas-da-uerj-va-receber-auxilio-d>. Acesso em 17 de julho de 2020.

*Education: From disruption to recovery*. Disponível em <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em 15 de abril de 2020.

Risco de Falência Atinge Metade das Escolas Pequenas e Médias do Brasil Diz Pesquisa. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/risco-de-falencia-atinge-metade-das-escolas-pequenas-e-medias-do-brasil-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em 20 de junho de 2020.

Com debandada de alunos, escolas de educação infantil começam a desaparecer na pandemia. Disponível em [https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53229846?at\\_custom1=%5Bpost+type%5D&at\\_medium=custom7&at\\_custom3=BBC+Brasil&at\\_campaign=64&at\\_custom2=facebook\\_page&at\\_custom4=45B16AF6-BAC4-11EA-9DDD6CE2923C408C&fbclid=IwAR2M69qnQ2gH5XfdjWzK2xbm6yaos3RZ1F60xirBdcn7ReAKWSDZfvGetmg](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53229846?at_custom1=%5Bpost+type%5D&at_medium=custom7&at_custom3=BBC+Brasil&at_campaign=64&at_custom2=facebook_page&at_custom4=45B16AF6-BAC4-11EA-9DDD6CE2923C408C&fbclid=IwAR2M69qnQ2gH5XfdjWzK2xbm6yaos3RZ1F60xirBdcn7ReAKWSDZfvGetmg). Acesso em 01 de julho de 2020.

*10 technology trends to watch in the COVID-19 pandemic*. Disponível em <https://www.weforum.org/agenda/2020/04/10-technology-trends-coronavirus-covid19-pandemic-robotics-telehealth/>. Acesso em 15 de maio de 2020.

*An Early View of the Economic Impact of the Pandemic*. Disponível em: <https://blogs.imf.org/2020/04/06/an-early-view-of-the-economic-impact-of-the-pandemic-in-5-charts/>. Acesso em 15 de maio de 2020.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnadcontinua.html?=&t=downloads>, Acesso em 10 de maio de 2020.

Parecer CNE/CP Nº 5/2020. Disponível em <https://www.semesp.org.br/legislacao/parecer-cne-cp-no-5-2020/>. Acesso em 03 de julho de 2020.

## O NOVO PAPEL DO PROFESSOR FRENTE AOS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO: A NECESSIDADE DE MUDANÇA DO COMPORTAMENTO DOCENTE

Rossini Fonseca Silveira

Raquel Martins de Oliveira

Joseane Rosa Santos Rezende

Este estudo tem como tema o novo 'normal' do professor de línguas durante a pandemia. Percebemos o surgimento de dificuldades, tais como: dificuldades de acesso à internet e interação com os alunos; necessidade de mudança do comportamento em relação à exposição a outrem e dificuldades em gerenciar recursos tecnológicos durante a preparação e a realização das aulas. Nesse sentido, objetivamos refletir sobre as dificuldades enfrentadas por professores durante a preparação e a execução de aulas remotas, bem como, discutir a necessidade de capacitação e acesso à internet para o uso de ferramentas tecnológicas durante o novo processo educacional. Para isso, propomos um estudo de caso baseado em Nicolaides (2003), Paiva (2002) e Freire (1996) sobre o desenvolvimento da autonomia, tendo como corpus os relatos de três professores de realidades educacionais distintas que retratam uma parcela do que está sendo experienciado pelos profissionais de educação no Brasil. Dessa forma, esperamos contribuir para a construção de propostas de enfrentamento das dificuldades e melhorias na qualidade do ensino remoto através das reflexões acerca das experiências relatadas.

**Palavras-Chave:** Ensino remoto; Dificuldades dos docentes; Desenvolvimento da autonomia.

### INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, nós, professores, temos participado de capacitações e recebido orientações sobre o uso de aparato tecnológico como recurso didático capaz de tornar nossas aulas mais atrativas e eficientes. Contudo, a realidade experienciada nas salas de aula das redes públicas de ensino no Brasil mostra que a existência de equipamentos como *chromebooks*, tablets, assim como o acesso à internet de qualidade, ainda é uma utopia para a maioria dos professores e alunos.

Sob o efeito da pandemia, ocasionada pelo coronavírus (Sars-CoV-2), instituições educacionais iniciaram uma corrida migratória para o Ensino Remoto Emergencial. A iniciativa surgiu como uma alternativa educacional designada para manter o aluno engajado às atividades de aprendizagem, o que amenizaria o distanciamento escolar e

ofereceria a possibilidade de promover aulas, por plataformas digitais, capazes de refletir o processo didático já iniciado na sala de aula presencial, mas em um novo contexto.

Neste artigo, discutimos algumas das dificuldades enfrentadas por professores durante a preparação e a execução de aulas remotas. Para tanto, analisamos o relato de dois dos autores deste artigo, professores com atuação em realidades educacionais distintas. Dessa forma, o artigo foi organizado em quatro seções, a saber: esta introdução; uma revisão literária sobre o ensino remoto e o desenvolvimento de processos autônomos de aprendizagem; exposição da abordagem metodológica, material empírico coletado e sua discussão à luz da literatura consultada; e as considerações finais relacionadas a esta discussão.

### **O QUE HÁ DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL?**

Nesta seção, discutimos algumas das inquietações que passaram a fazer parte da prática educativa de muitos professores brasileiros, sobretudo aqueles que fazem pouco ou nenhum uso de plataformas digitais para ministrar suas aulas, mas que, de modo abrupto, tiveram de se adaptar a novos termos, contextos e perspectivas educacionais em decorrência da mudança de um processo educativo historicamente presencial para o desenvolvimento de atividades remotas, em ambientes virtuais.

Professores e alunos tiveram que interagir com o universo online, testando, errando e se adaptando a novos modos de ensinar e de aprender. Foi preciso entender que o Ensino Remoto Emergencial (ERE) pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos, mas intensifica o acompanhamento didático. No ERE, a presença física do professor e do aluno são substituídas por uma presença digital em aulas online, e a sala de aula presencial, em um Ambiente de Aprendizagem Virtual (AVA).

Contudo, a comparação entre prática e teoria nos revela que ERE e EaD não podem ser compreendidos como sinônimos. No ERE, as aulas seguem os princípios do ensino presencial, num tempo síncrono, com acompanhamento online e webconferências, estabelecendo formas de contato efetivas e atividades semanais, privilegiando a participação dos alunos, os feedbacks e as contribuições dentro do AVA.

Por outro lado, a mediação na modalidade EaD é feita por meios digitais e tecnologias de informação e comunicação, com tutores e professores desenvolvendo

atividades educativas de forma síncrona e assíncrona, em tempos e lugares diversos (Moraes, 2002; Barbosa, 2005). As atividades promovidas pelo EaD possuem um modo de funcionamento didático-pedagógico próprio, com conteúdos adequados às características das áreas dos conhecimentos gerais e específicos.

Apesar das diferenças, críticas sobre a modalidade EaD ainda representam um desafio para essa nova ação pedagógica. A questão é como assegurar que as atividades educacionais durante o período de pandemia não reproduzam uma relação pedagógica correntista – metáfora de Paulo Freire (1996), sobre educação bancária – que confere aos recursos tecnológicos o poder de conformar a mediação docente, tornando nulos os saberes dos discentes e reduzindo a ação pedagógica a uma série de depósitos feitos pelos professores que, mais tarde, executariam saques, por meio de provas.

Tais reflexões evidenciam que quando atividades, materiais e aulas gravadas são disponibilizados de forma atemporal e diluídas em diferentes recursos midiáticos, estamos efetivando práticas que se assemelham à dinâmica daquelas ofertadas em forma de EaD. No entanto, se por outro lado, esse mesmo conjunto de materiais fizer parte do desdobramento de uma sequência de aulas on-line, organizadas, personalizadas e acompanhadas, de forma a resguardar os princípios da educação presencial, então, temos uma abordagem mais aproximada do que propõe o ensino remoto.

Essas percepções sobre o novo contexto educacional nos revelam que o ensino remoto, proposto durante a pandemia, assemelha-se a EaD apenas no que se refere a uma educação mediada pelo uso de tecnologia, pois suas atividades devem ser aplicadas de forma pontual e com acompanhamento on-line do(a) professor(a), por meio de plataformas digitais. As atividades devem manter a coerência com o desenvolvimento dos pactos educacionais firmados no início do ano letivo, por meio de ações e estratégias que assegurem o cumprimento da programação de conteúdos para cada série e ou etapa de educação, sobretudo, garantir o acesso, a interação e a aprendizagem.

Dentre as muitas questões que norteiam os processos de ensino e aprendizagem, nas mais diversas modalidades, uma delas refere-se ao desenvolvimento da autonomia. Esse termo, desde os Parâmetros Curriculares Nacionais, já era tratado como um “princípio orientador das práticas pedagógicas capaz de ser desenvolvido pelos alunos”

(PCN, 1997, p. 61). Assim, o sentido da autonomia, como princípio didático é conceituado como

[...] uma opção metodológica que considera a atuação do aluno na construção de seus próprios conhecimentos, valoriza suas experiências, seus conhecimentos prévios e a interação professor-aluno e aluno-aluno, buscando essencialmente a passagem progressiva de situações em que o aluno é dirigido por outrem a situações dirigidas pelo próprio aluno (PCN, 1997, p. 61-62).

Portanto, na perspectiva desse documento, a autonomia refere-se a capacidade de posicionar-se, de eleger e administrar metas pessoais, participando enunciativa e cooperativamente de projetos coletivos, ou seja, saber agir com e sobre o processo de aprendizagem. Com as informações cada vez mais acessíveis, é necessário que o aluno desenvolva habilidades que o ajudarão a tomar decisões para resolver problemas utilizando os saberes adquiridos, convivendo com respeito em meio à diversidade.

Nesse contexto, Nicolaidis (2003, p. 38) salienta que a autonomia não significa saber atuar sozinho, mas saber como participar de uma forma mais efetiva na sua comunidade. Dessa forma, a autora lembra que o conceito de autonomia perpassa por dimensões morais e emocionais que envolvem autorrespeito, respeito mútuo, segurança e sensibilidade, fatores que atuam para que os sujeitos sejam vistos como agentes no meio em que vivem, em sua conduta dentro do contexto educacional no qual estão inseridos e, principalmente, na maneira construtiva como cooperam para a resolução de problemas.

Barbosa, Viegas e Batista (2020) observam que o docente é o protagonista desse novo contexto. Além da rotina alterada, os docentes assumiram uma série de demandas que envolvem repensar novas formas de motivar o aluno a fim de que este desenvolva a autonomia no processo de ensino e aprendizagem. Dentre elas, aprender a manusear recursos tecnológicos, muitos dos quais sem preparo prévio, como o gerenciamento de reuniões síncronas em plataformas como o Zoom e o Google Meet, a produção e edição de vídeo aulas no YouTube. Além disso, é responsável por coordenar grupos de discussão em redes sociais como Facebook, Instagram e *Whatsapp*, bem como postar atividades e avaliações no Google Classroom, Google Forms ou outra plataforma virtual adotada para o ensino, como o Moodle, por exemplo.

Na rota do desenvolvimento da aprendizagem autônoma, os professores devem agir como coautores do processo educacional. No ERE, a construção da autonomia é sugerida pela possibilidade de distribuição de poderes. Por meio do ambiente virtual, professores e alunos podem negociar o planejamento e desenvolvimento de tarefas, compartilhar o conhecimento sobre uso de recursos e interagir no processo de avaliação.

Contudo, Nicolaides (2003) afirma que o sistema de educação no Brasil, ainda oferece grande resistência à introdução de aspectos característicos da aprendizagem autônoma, como autenticidade, alternância de poderes, flexibilização do programa de conteúdos, reflexão sobre o processo de aprendizagem e autoavaliação. Portanto, o professor precisa estar atento às preferências dos alunos e associar seus gostos, desejos e anseios às diversas possibilidades de elaboração e execução de aulas no contexto do ERE. Dessa maneira, ele pode estabelecer vínculos afetivos com o aluno e ajudá-lo a desenvolver autonomia na modalidade de ensino a qual vivenciamos no momento atual.

Na próxima seção, passaremos a tratar dos aspectos metodológicos que nortearam a pesquisa e o tratamento do material empírico coletado.

## **METODOLOGIA**

Em observação ao objetivo proposto para este artigo, optamos por uma pesquisa descritiva, do tipo estudo de caso. Nossa intenção é identificar comportamentos, inquietações, desejos e necessidades em relação às dificuldades enfrentadas para o desenvolvimento de atividades pedagógicas voltadas ao desenvolvimento de aulas de língua estrangeira - Inglês e Língua Brasileira de Sinais - Libras, durante a vigência do Ensino Remoto Emergencial. Para tanto, partimos do registro da experiência prática de dois professores de realidades educacionais distintas em diferentes regiões do país.

Dentro de uma abordagem qualitativa, esta pesquisa se debruça sobre o relato das experiências dos participantes, cujas instituições de ensino foram obrigadas a migrar de um contexto presencial para o ambiente virtual. Essa mudança impactou, sobremaneira, a rotina docente. Os fatos, sentidos e novas perspectivas revelados, neste estudo, podem contribuir para o aprofundamento das discussões acerca dos desafios decorrentes desse novo fazer pedagógico.

A coleta de material empírico foi realizada por meio do registro dos relatos de dois dos autores deste artigo. O primeiro atua como professor da disciplina de língua inglesa, em uma escola pública de ensino médio, no município de Luís Eduardo Magalhães, Bahia e a segunda é professora em uma escola federal de Brasília e ministra a disciplina de Libras na modalidade FIC (Formação Inicial e Continuada).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesta seção, apresentamos o resultado e discussão dos dados empíricos coletados para este estudo. Primeiro, são expostos os relatos dos dois participantes e depois seguimos como a análise do material sistematizado, em 3 categorias: dificuldade de acesso à internet e interação com os alunos; necessidade de mudança do comportamento em relação à exposição a outrem; e dificuldade em gerenciar recursos tecnológicos durante a preparação e realização das aulas.

### **Primeiro participante**

Meu nome é Rossini, trabalho numa mesma escola de Ensino Médio, no município de Luís Eduardo Magalhães, Bahia, há 18 anos. Nesta instituição, leciono a disciplina de Língua Inglesa para alunos de 1<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> séries, nos turnos matutino e vespertino. Durante todo esse tempo, nunca tínhamos parado nossas atividades por medidas de isolamento social.

A paralisação das aulas foi anunciada em 18 de março, pelo governo estadual. Contudo, uma semana depois, tivemos uma reunião virtual com a direção da escola para pensar em como dar continuidade às atividades, uma vez que não havia previsão de volta às aulas. Como já havíamos participado de um processo de capacitação, mesmo que deficitário, relacionado ao uso da agenda *G-Suite* da *Google*, resolvemos utilizar a plataforma do *Google Classroom* para iniciar nossa nova ação pedagógica. A experiência que relato está compreendida no período entre 18 de março e 30 de junho de 2020.

### **Dificuldade de acesso à internet e interação com os alunos**

Para o desenvolvimento das atividades durante o ERE, criei 13 salas virtuais, uma para cada turma em que leciono. Os alunos de 3<sup>os</sup> anos acessaram usando contas

institucionais e os de 1<sup>os</sup>, através de suas contas pessoais de e-mail. Essa diferença, causada pela emergência das ações, repercutiu sobre o manejo das salas. Contas institucionais oferecem mais recursos de acesso e armazenamento, além da facilidade na identificação dos alunos em atividades e comentários.

Mesmo podendo usar suas contas pessoais, muitos alunos alegaram não ter pacote de dados para baixar o *Google Classroom* ou assistir às aulas usando links. Para esses alunos, comecei a preparar materiais impressos e a disponibilizar na secretaria da escola para facilitar o acesso. Outro problema que tive é que, durante as aulas on-line, muitas vezes a internet caía, exigindo que eu alternasse entre o uso da internet via rádio e o pacote de dados da minha conta de celular, causando perda do tempo de aula e descredibilidade para com o processo em desenvolvimento.

Quanto à interação com os alunos, é importante destacar que durante as três primeiras semanas em que comecei a disponibilizar materiais via classroom, tive que buscar nos documentos de matrícula de muitos dos meus alunos, um número de contato para avisá-los sobre as medidas adotadas pela escola a fim de que eles continuassem vinculados às atividades educativas. No entanto, me deparei com o fato de que muitos alunos não possuíam celulares próprios; outros não tinham nenhum acesso à internet. Sendo assim, tive que cadastrar, junto ao classroom, e-mails dos responsáveis para que esses alunos pudessem ter acesso às atividades enquanto regularizavam sua situação.

Ainda em relação à interação, percebi que durante as aulas on-line, via *Google Meet*, poucos mostravam seus rostos no vídeo ou usavam o microfone para fazer comentários e perguntas. No *chat*, as participações estavam mais relacionadas a avisos sobre perda de sinal ou qualidade do áudio, poucos, de fato, perguntavam algo relacionado à aula ministrada. Só comentavam quando requisitado por mim. Isso me deixou bem desanimado. A atmosfera era muito diferente das aulas presenciais, quando podíamos perceber, até pela expressão facial dos alunos, quem estava entendendo ou não. Às vezes, eu saía do modo de apresentação apenas para verificar se eles ainda estavam lá, tinham escrito algo no chat, ou eu tinha perdido o sinal de internet. Todo aquele silêncio me angustiava. Não parecia uma aula. Aproximava-se, talvez, da apresentação de um monólogo.

Em relação aos materiais que disponibilizamos através do *Google Classroom*, tive muita dificuldade em administrar a interação por meio dos comentários que os alunos

postavam no ambiente. Como essa atividade acontecia em horários diversos, era difícil sincronizar o tempo de pergunta, resposta e esclarecimentos. Eu tinha que verificar, várias vezes por dia, para entender quais eram as dúvidas dos alunos.

Apesar de tantas dificuldades com o acesso e a interação por meio do ambiente virtual, eu precisava criar condições para que o fluxo de informações não fosse interrompido. Precisei repensar conteúdos, atividades e maneiras de apresentação para assegurar a interação dos alunos neste novo contexto de aprendizagem. Meus esforços foram para que os alunos percebessem a necessidade de se tornar mais responsável por desenvolver uma aprendizagem mais cooperativa, socialmente mediada (NICOLAIDES, 2003), propondo a discussão, seleção de materiais, soluções de exercícios de forma coletiva, em interação virtual. Muitos dos materiais criados foram utilizados para nortear as aulas on-line.

### **Necessidade de mudança do comportamento em relação à exposição a outrem**

Desde o início das atividades remotas, sempre tive muita preocupação sobre como realizar aulas por videoconferência, pois não sabia como manter a qualidade de uma aula na qual eu me dirigia aos alunos por meio de uma tela. Como prender a atenção sem me distanciar dos objetivos propostos? Como me expor sem ser cansativo, sem saber que tom de voz usar - sempre falo muito alto durante as aulas presenciais, sem saber ao certo como me comportar. Foi uma estreia fascinante e assustadora.

Uma outra preocupação me vinha à cabeça sobre o uso das aulas: quem, além dos meus, alunos iria assistir? As aulas eram disponibilizadas tanto *on* quanto *off-line*. Sendo assim, a gravação ficava disponível para os alunos, seus responsáveis, outros professores, a direção da escola que também estava na sala virtual. Tais fatores provocaram receio e repercutiram sobre o modo como eu abordava os assuntos durante as aulas on-line.

Contudo, Paulo Freire (1996) afirma que “ensinar exige risco, aceitação do novo[...]”. Nesta afirmação o autor lembra que “o que é novo não pode ser negado ou acolhido só porque é novo”, assim como a permanência do velho depende da preservação de sua validade. Assim, o experiente fazer pedagógico presencial, em tempos de pandemia, encontra oportunidade de renovação através do contexto virtual,

do exercício de exploração de novos modos de interagir, aprender e ressignificar a prática educativa.

Dificuldade em gerenciar recursos tecnológicos durante a preparação e realização das aulas.

Nosso primeiro desafio relacionado ao gerenciamento de recursos e preparação das aulas foi que a maioria dos professores, apesar de ter alguma formação, nunca haviam utilizado o *Classroom* para dar aulas. Eu, mesmo tendo usado a ferramenta em anos anteriores, observei que os recursos, nesse ambiente virtual, tinham sido atualizados, tais como: formas diferentes de inserir as atividades; vinculação de várias disciplinas e professores na mesma sala, por meio de tópicos; e a programação do acesso a formulários e testes. Dadas as circunstâncias, percebi que seria necessário um tempo maior para aprender a utilizar tais ferramentas de forma consciente. Mas não havia tempo suficiente.

Dessa forma, iniciei um uso do ambiente virtual de forma intuitiva. A primeira proposta foi constituída de vídeos, slides com áudio e exercícios, com o intuito de dar prosseguimento aos conteúdos iniciados nas aulas presenciais. Nesse período, tudo parecia complexo e necessitava de estudo e ponderação. Foi um tempo de pesquisa e troca de informações com colegas e alunos. Por tentativa e erro, fui me familiarizando com a plataforma e consegui melhorar minha interação com os alunos.

Depois, já durante a execução de aulas on-line, ainda houve momentos em que a disponibilização de materiais em vídeo com áudio ficou comprometida. Os motivos eram diversos: a falta de conhecimento sobre o que fazer quando o áudio ou vídeo travavam, como compartilhar com os alunos materiais disponíveis na internet, quais os tipos de mídia eram mais adequados. Tive que refazer muito do que planejava por falta de habilidade no manejo. Um exemplo disso foi quando planejei revisar o conteúdo usando o *Kahoot!* e não consegui fazê-lo à distância.

Esta última dificuldade foi a que mais implicou sobre como eu, enquanto professor, fosse capaz de cooperar para que meus alunos se sentissem motivados a desenvolver processos mais autônomos de aprendizagem, pois como afirma Paiva (2005, p. 139), a autonomia é

[...] um sistema sócio-cognitivo, que se manifesta em diferentes graus de independência e controle do próprio processo de aprendizagem, envolvendo

capacidades, habilidades, atitudes, disposição, tomada de decisões, escolhas, planejamento, ações e avaliação tanto como um aprendiz de línguas ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula.

Nesta afirmação a autora atenta para as variáveis sociais, psicológicas, culturais e políticas envolvidas no processo, descrevendo a autonomia como um sistema dinâmico, não-linear, adaptativo, aberto, auto-organizado e sensível às condições iniciais e ao *feedback*.

#### Segunda participante

Meu nome é Joseane, trabalho em uma escola federal em Brasília e os cursos ofertados são: Técnico Integrado ao Ensino Médio Integrado, Técnico Subsequente, PROEJA, Formação Inicial e Continuada (FIC) e um curso técnico a distância. Nessa escola, trabalho há três anos e leciono a disciplina de Libras na modalidade FIC, curso este ofertado semestralmente.

Com o advento da pandemia, houve a necessidade do isolamento social e, portanto, as aulas tiveram que ser em um novo formato. Inicialmente foi usado o *Moodle*, mas a praticidade foi encontrada em gravação de aulas pelo *YouTube* ensinando os conteúdos. As atividades foram feitas pelo *Google Forms*, já que este permite a correção instantânea. Como a Libras é uma língua de modalidade visual, também foram requeridas atividades em vídeo, devendo estas serem enviadas pelo *WhatsApp*.

Semanalmente, os professores do campus reuniram-se virtualmente para discutir possibilidades para o retorno não-presencial a partir de agosto, unificando a plataforma de ensino. Assim, ficou acordado o uso do *Google Classroom* como ferramenta principal, e como secundárias, o *YouTube*, *WhatsApp* e demais ferramentas que o professor quiser utilizar.

Para saber como os alunos estavam lidando com a nova forma de aprendizagem, foram feitos questionários e reuniões virtuais. Alguns alunos apontaram dificuldades com o ensino virtual, por já estarem acostumados apenas ao ensino presencial. Todavia, relataram a importância do ensino online durante este período.

### **Dificuldade de acesso à internet e interação com os alunos**

As turmas de FICs são bastante heterogêneas (a idade mínima para ingresso é 15 anos), há alunos de diversas idades e uma dificuldade encontrada foi, principalmente, com aqueles maiores de 50 anos, já que o uso das tecnologias digitais não é fácil para todos. Contudo, houve alunos mais jovens que também tiveram dificuldade com a nova forma de ensino. Assim, para aqueles que necessitaram, fiz um tutorial ensinando o passo-a-passo, tanto da forma de cadastro e envio das atividades via *Moodle* quanto sobre como ligar e desligar o microfone quando estávamos em aula virtual.

Apesar dessa limitação encontrada, a dificuldade foi vencida através do suporte docente e também da ajuda dos outros alunos pelo *WhatsApp*, explicando aos colegas como proceder.

Durante as aulas online, a interação entre os alunos, inicialmente, foi um pouco tímida, mas, como parte de um processo novo, logo essa barreira foi quebrada através de atividades virtuais em grupo. Isso ocorreu principalmente pelo fato de que os discentes se reuniam pelo *WhatsApp* para praticar algum diálogo em Libras e posteriormente a tarefa era repassada para a docente a fim de que ela averiguasse o uso dos sinais. Nessa última atividade, os alunos se sentiram mais confiantes por trabalharem em grupos menores e proverem ajuda mútua.

Algumas *lives* foram feitas para poder avaliar a prática da Libras, mas alguns entraves foram encontrados com relação à internet, visto que houve momentos em que os vídeos travavam, impossibilitando a visualização dos sinais feitos pelos alunos, já que nem todos possuem uma internet de qualidade, portanto, o docente deve respeitar, entender e prover outros meios para avaliar o que foi proposto.

Consoante a isso e de acordo com o Parecer CNE/CP 05/20, as atividades pedagógicas não presenciais devem possibilitar “o desenvolvimento de objetivos de aprendizagem e habilidades previstas na BNCC, currículos e propostas pedagógicas passíveis de serem alcançados” e desta forma, o professor pode ajustar e flexibilizar alguma atividade para determinado(s) alunos caso haja falha em relação às TICs.

### **Necessidade de mudança do comportamento em relação à exposição a outrem**

Para que todo esse aparato tecnológico chegasse ao aluno, como docente, precisei preparar e estudar. Afinal, o novo não é apenas para o discente. É preciso quebrar

paradigmas de exposição, uma vez que é a imagem do próprio professor, responsável pela disciplina, que será exposta ao aluno. Embora essa exposição já aconteça no ensino presencial, o que muda agora, é o ambiente. Nesse sentido, não senti essa dificuldade ao gravar as vídeo-aulas, pois, nós, professores, precisamos ter em mente a noção de que não somos youtubers, mas sim, mediadores de um ensino que necessitou ser reformulado para adequação do período vivido.

De igual modo, o aluno também precisa ter essa consciência em relação ao professor, já que, dependendo da atividade, ele passará pela mesma exposição e o que importa, de fato, é a aprendizagem.

Mesmo com isso em mente, há o cuidado de escolher o local da gravação porque o seu ambiente íntimo (mesmo que seja um espaço pequeno) será exposto; a família precisa limitar-se ao silêncio para não atrapalhar a gravação e há os ruídos externos que fogem do nosso controle, como, por exemplo, barulho de automóveis e animais.

### **Dificuldade em gerenciar recursos tecnológicos durante a preparação e realização das aulas**

Na semana seguinte ao isolamento social, enviei mensagem de *WhatsApp* para todos os alunos avisando que usaríamos o *Moodle* institucional e que todos deveriam fazer o cadastro. Sempre faço grupos para agilizar informações, o que facilitou o processo nesta fase de adequações. Ao passo que alunos sentiam dificuldade em realizar o cadastro, enquanto professora, eu estava fazendo curso sobre como usar o *Moodle*, bem como sobre a utilização das ferramentas disponíveis nessa plataforma. Ou seja, eu precisava aprender para sanar as possíveis dúvidas dos alunos.

Como a instituição ainda não havia optado por uma determinada ferramenta, preferi usar outros meios os quais não seriam tão desconhecidos para mim. Dessa forma, as aulas começaram a acontecer via *Zoom* e/ou *Meet*, em que também precisei aprender a fazer compartilhamento de tela.

Ao realizar as aulas pelo *Zoom* e/ou *Meet*, alguns alunos não sabiam ligar e desligar microfone ou, ao tentar fazê-lo, compartilhavam telas e com isso, as explicações precisavam ser pausadas para ensinar como desligar o microfone ou ligar a câmera para ver o aluno sinalizando em Libras.

Como a instituição tem um canal de TV, comecei a gravar aulas - com o cuidado de não fazer vídeos longos para não ficar cansativo aos estudantes - e enviar para a equipe técnica fazer a postagem.

A dificuldade encontrada foi na edição de vídeos, pois só sei fazer uma edição simples e pelo *Movie Maker*, portanto, foi o que usei. No último vídeo postado, coloquei até os erros de gravação, visto que aconteciam bastante, e por conseguinte, os alunos perceberem que somos sujeitos a errar e a acertar e nem tudo que é feito pela primeira vez fica perfeito.

Para garantir que o aluno estava assistindo às aulas, junto com o vídeo era enviado o link de atividades a serem feitas pelo *Google Forms*, outra ferramenta que precisei aprender a lidar e organizar de maneira didática para que os alunos respondessem.

Por fim, alguns vídeos também foram solicitados, pois como a Libras é uma língua que utiliza sinais, os alunos, após assistir às aulas, precisavam enviar vídeos fazendo sua produção em Libras para que eu pudesse analisar a sinalização e fazer a devolutiva.

Dessa forma, muito aprendi e sei que tenho a aprender com as ferramentas digitais, mas foi um processo interessante pelo qual passei e que fez-me obter mais conhecimento em relação ao ensino remoto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com esta nova forma de ensinar e aprender, nós professores, indiferente do nível de ensino ou realidade escolar em que trabalhamos, somos chamados a refletir sobre a necessidade mudar, sobre como fazer uso do aparato tecnológico para provocar situações de interação e aprendizagem, revelando pontos positivos advindos do ensino não-presencial.

A mudança na forma de ensinar forçou muitos professores a se deslocarem de sua zona de conforto e adequarem suas aulas ao ambiente virtual. Nesse caminho, Rojo (2008) atenta para a necessidade de “reestruturar seus processos de ensino-aprendizagem às novas configurações que se apresentam no mundo contemporâneo e globalizado e [...] tomar para si a tarefa de trabalhar com esses novos modos de ver/sentir/agir e de significar o mundo e a realidade social”. Tais evento, apesar dos

transtornos, provocou uma aproximação entre a sala de aula e a realidade dos alunos, revelando tanto dificuldades quanto possibilidades.

Sobre esse processo de adaptação, Sousa (2016) aponta algumas estratégias para que os professores se familiarizem com as tecnologias digitais. Uma delas é buscar treinamentos para conhecer as ferramentas tecnológicas disponíveis o que reflete em aulas remotas ou presenciais capazes de despertar no aluno o desejo de autonomia, ou seja, que desenvolva propostas pedagógicas capazes de “produzir *indivíduos autônomos* por meio da produção de *alunos autônomos*” (Nicolaides; Fernandes, 2003, p. 80, grifos das autoras). Dessa maneira, o aluno desenvolverá a capacidade de exercer a autonomia tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Se por um lado, a prática educacional durante o ERE tenha imposto desafios aos professores em relação à participação dos alunos de ordem estrutural (qualidade do acesso à internet; qualidade do equipamento utilizado para assistir às aulas, (in)adequação do espaço onde assiste às aulas) e de ordem afetiva (timidez, insegurança, confiança), por outro influenciou mudanças repentinas, as quais apresentam novas alternativas didáticas tanto para os professores quanto para os alunos.

Agora, o professor assume efetivamente uma nova postura, conforme Souza (2016, p. 21): “muda-se o papel do professor, que antes era “professor transmissor” e passa a ser “professor mediador” ou coautor da aprendizagem (NICOLAIDES, 2003). Já o aluno tem sua curiosidade estimulada pela busca de respostas e maneiras inusitadas de aprender, ao mesmo tempo que se integram a novos usos de ferramentas tecnológicas, antes voltadas somente para atividades de lazer e entretenimento. De fato, o ERE nos propõe novas formas de aprender a conhecer, fazer, conviver e ser. Um novo percurso pedagógico que tende a transcender o período de pandemia.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, André Machado; VIEGAS, Marco Antônio Serra; BATISTA, Regina Lúcia. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Revista Augustus**. Rio de Janeiro.v.25 n. 51 p. 255-280

jul./out. 2020.

BARBOSA, Rommel Melgaço (Org). **Ambientes virtuais de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 24 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. [Parecer CNE/CP nº 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192) - Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 27 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Ensino Fundamental – Língua Estrangeira. Brasília: Ministério da Educação e Desportos, 1997.

CARVALHO, Filipe Veziante Lembi. **A educação em quarentena**: oportunidade de mudanças na direção de uma maior interdisciplinaridade. *Pedagogia em Ação*, Belo Horizonte, v.13, n. 1 (1 sem. 2020). p. 193- 204

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**: conhecimento necessário na prática educacional. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORAES, Maria Cândida (Org). **Educação a distância**: fundamentos e práticas. Campinas, SP: Unicamp / Nied, 2002.

NICOLAIDES, Christine Siqueira. **O desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de línguas**. Tese de Doutorado, 2003. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

NICOLAIDES, Christine; FERNANDES, Vera. **Crenças e atitudes que marcam o desenvolvimento de autonomia no aprendizado de língua estrangeira**. THE ESPECIALIST (PUCSP), São Paulo, v. 23, n.1, p. 75-99, 2002.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e. Autonomia e complexidade. **Linguagem & Ensino** (UCPel), Pelotas, v. 9, n.1, p. 78-127, 2006.

ROJO, Rojane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOUZA, Leandro. Coqueiro. A TIC na Educação: uma grande aliada no aumento da aprendizagem no Brasil. **Revista Eixo**, v. 5, p. 19-25, 2016.

## **OS ATOS RESPONSIVOS NO ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE QUARENTENA**

Meiriele da Silva Rodrigue Rocha

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade de Franca - SP,  
[meiriele@hotmail.com](mailto:meiriele@hotmail.com)*

Marilurdes Cruz Borges

*Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca - SP,  
[marilurdescruz@gmail.com](mailto:marilurdescruz@gmail.com)*

O presente trabalho analisa os atos responsivos no ensino remoto, como eles dialogam com as metodologias ativas e com os quatro pilares da educação. Em tempos de distanciamento social, provocado pelo Covid-19, vários segmentos da sociedade passaram a utilizar ferramentas digitais para desenvolver suas atividades. A escola, na tentativa de seguir o ano letivo e garantir as práticas de ensino e de aprendizagem, também recorre a essas ferramentas e oferece a educação remota, modalidade de ensino emergencial que permite a interação entre professor e aluno. Essa nova realidade educacional tem gerado discussões no ambiente acadêmico e social, e são essas discussões que motivam este estudo, pois, embora haja muitos aspectos negativos à aprendizagem, acredita-se que o ensino remoto contribui para o desenvolvimento de um sujeito social aprendente, autônomo, responsável e responsivo. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como os atos responsivos, no ensino remoto, promovem metodologias capazes de levar o sujeito a aprender a aprender; a aprender a fazer; a aprender a conviver e a aprender a ser. A investigação parte dos conceitos bakhtinianos de ato responsivo e dialogismo (BAKHTIN, 2010, 2017; BRAIT, 2006; FARACO, 2007; SOBRAL, 2009) para observar as relações dialógicas em que as metodologias ativas (MORAN, 2013; BOROCHOVICIUS, TORTELLA, 2014; SOUZA; DOURADOS, 2015; FREIRE, 2016) e os quatro pilares da educação (UNESCO) aparecem na educação remota e promovem uma aprendizagem necessária e fundamental para formação do cidadão do século XXI.

**Palavras-chave:** ensino remoto; ato responsivo; dialogismo; metodologias ativas.

### **INTRODUÇÃO**

A obrigatoriedade do distanciamento social imposto pela Covid-19 promoveu grandes mudanças no mundo. Observou-se mudanças em vários setores da sociedade, como: saúde, empresarial, segurança, transporte e educação. De modo abrupto, todos passaram a reinventar a maneira de viver, e a tecnologia foi o mecanismo primordial para que o mundo não parasse totalmente.

A nova realidade imposta, entretanto, trouxe à tona questões importantes. No Brasil, não é novidade que há desigualdade social, mas o novo cenário exige maior preocupação sobre isso. Nem todos têm as mesmas condições e oportunidades. Parte

considerável da população ainda não possui acesso à tecnologia, fato esse que agrava ainda mais quando se fala em educação.

A fim de dar continuidade ao ano letivo, escolas e universidades, recorreram a ferramentas digitais. Diferentes formatos de ensino são utilizados: o EAD, já fixado no ensino superior, e o remoto, modalidade emergencial para o momento de contingenciamento. Ambas modalidades de ensino requer o uso da tecnologia através de meios eletrônicos como tablet, celular, computador, televisão etc. O que as difere é que, enquanto o EAD são aulas previamente gravadas e editadas, chamadas de vídeo aulas, o ensino remoto preconiza a transmissão em tempo real, em que a duração corresponde a aula presencial e é possível a interação imediata entre professor e aluno.

Ao observar toda mudança no dia-a-dia da educação, surgiu a proposta desta pesquisa: analisar como os atos responsivos no ensino remoto levam o sujeito social a desenvolver os quatro pilares da educação, propostos pela UNESCO, e como são propostas metodologias ativas, nesse novo ambiente de estudo, para promover o desenvolvimento de um sujeito autônomo e aprendente.

A partir dos conceitos bakhtinianos sobre dialogismo e ato responsivo, a investigação verifica que o diálogo não permite sua atribuição a apenas um sujeito, mas se estabelece entre sujeitos – o eu e o outro, em processos historicamente instaurados em um tempo e lugar, como advém toda atividade humana. De acordo com Bakhtin, a linguagem só é dotada de sentido, se houver no discurso entre os sujeitos, a interação verbal; o locutor e o interlocutor são importantes nesse processo, visto que “toda enunciação é uma ‘resposta’, uma réplica, a enunciações passadas e possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma ‘pergunta’, uma ‘interpelação’ a outras enunciações” (SOBRAL, 2009, p. 33).

Do mesmo modo que Bakhtin, Freire (2004, p. 78) também diz que “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.” Como dito, ambos autores asseguram que o diálogo só é possível com a interação entre os sujeitos, de modo ativo, e não como meros ouvintes, como sujeitos pacientes, que só recebe e não participa da interação.

No âmbito educacional, a escola é um dos ambientes que auxilia no desenvolvimento dos atos comunicativos, é um lugar para aprender a comunicar-se, uma vez que o diálogo é fundamento para o processo educativo. Diante disso, questiona-

se: como se dá a prática de aprender a se comunicar em um ambiente online? A aula remota cria ambiente de diálogo compatível ao ambiente presencial? O ensino remoto atende às definições dos quatro pilares da educação, no ambiente virtual?

O setor educacional no Brasil está diante de muitos desafios, principalmente, porque já existiam problemas. Embora garantido por lei o direito à educação de qualidade, nem todos os alunos a recebiam. Agora, diante da nova realidade, os desafios são outros, como, por exemplo, a falta de internet e de dispositivos: celulares e computadores. Além disso, não basta só ter conectividade, ela precisa ter velocidade compatível com as plataformas utilizadas e, muitas vezes, em um mesmo lar, há mais de um aluno para ter aula no mesmo horário, o que requer mais de um dispositivo conectado.

Outro fator relevante é a condição financeira da maior parte das famílias brasileiras. A baixa renda da população foi agravada com a pandemia e muitos pais estão desempregados. Mesmo com a ajuda do governo, os recursos não são suficientes para a alimentação, logo, como motivar a criança a estudar em um ambiente desfavorecido? Como exigir da família apoio nas atividades escolares?

O ambiente virtual traz incertezas e questionamentos para gestores, professores, alunos e pais. É um grande desafio manter as atividades educacionais com qualidade e que garanta o aprendizado dos futuros cidadãos. Como fazer? Qual a melhor maneira de deter a atenção dos alunos? Como atingir de maneira eficaz a todos os discentes? Esses são alguns questionamentos que afligem a todos os envolvidos com a educação. Trata-se de uma nova experiência, de um novo modo de aprender.

São, portanto, muitos os desafios, mas a educação não pode parar. Ela é um direito de todos, promove o desenvolvimento do ser cidadão e promove competências para o mercado de trabalho. A educação desenvolve habilidades para sobreviver.

Justifica-se identificar, em tempos de quarentena, os atos responsivos do ensino remoto para observar como os desafios estão sendo vencidos. Como as aulas remotas estão respondendo responsivamente às necessidades educacionais. Como as metodologias de ensino e aprendizagem, no ambiente virtual, determinam as relações dialógicas. Como esse novo ambiente escolar está contribuindo à formação do cidadão do século XXI.

Tem-se exigido muito dos responsáveis pela educação. Docentes buscam novas aprendizagens para ensinar. Mostram muita criatividade nas aulas online para suprir a ausência física e obter o resultado esperado. Dos alunos, é exigido concentração, autonomia, responsabilidade. Ele precisa ser um sujeito aprendente, construir o caminho do seu próprio conhecimento, ser responsivo à aprendizagem.

Nesse ambiente virtual, as relações dialógicas são observadas em outras circunstâncias. Outros confrontos de vozes participam nas aulas remotas e promovem reflexões e aprendizagens outras, das que ocorriam nas aulas presenciais. Por isso, pode-se afirmar que, nessa modalidade de educação, a relação dialógica entre os sujeitos se exerce “em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real” (FIORIN, 2006, p. 18).

Assim, as práticas pedagógicas, utilizadas no ensino remoto, devem responder aos quatro pilares da educação e promover uma formação flexível, dinâmica, com ênfase no trabalho em equipe, na valorização de aptidões e talentos, bem como capacidade de iniciativa.

## **METODOLOGIA**

Este estudo, de caráter qualitativo, analisa o ensino remoto a partir de investigação bibliográfica. Inicialmente, a pesquisa se dá em relação à fundamentação teórica acerca dos conceitos de dialogismo e atos responsivos, comuns aos pensamentos de Mikhail Bakhtin, do Círculo bakhtiniano e de pesquisadores brasileiros como Fiorin (2006), Faraco (2007), Sobral (2009), entre outros.

Após apresentada a teoria estruturante, investiga-se os fundamentos dos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, a aprender a conviver e aprender a ser, definidos em relatório da Unesco. O relatório apresenta uma análise considerável a respeito do desenvolvimento da sociedade contemporânea. São as tensões provocadas pela globalização e a necessidade de conviver com as diferenças que promoveram o novo olhar sobre a educação e a criação dos pilares para uma educação eficaz.

Na sequência, desenvolve-se uma pesquisa sobre as chamadas metodologias ativas. O intuito desse estudo é observar as estratégias educativas que colocam o aluno como protagonista no processo educativo, ou seja, como ele se torna agente na construção do seu próprio conhecimento. A proposta dessas metodologias é fazer o

professor assumir papel de mediador, de facilitador da aprendizagem. É preciso compreender os mecanismos das metodologias ativas, para observar se elas estão sendo utilizadas no ensino remoto, já que o estudante precisa de autonomia e responsabilidade para aprender a distância, longe do professor.

A última parte deste estudo analisa como os atos responsivos, no ensino remoto, promovem metodologias capazes de levar o sujeito a se desenvolver e assim atender às solicitações dos pilares da educação.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

É no diálogo que está contido a condição de sentido de todo discurso, segundo as reflexões bakhtinianas. O discurso é o fenômeno textual do qual o proferimento enunciativo é englobado pelo dialogismo. Compreendido desse modo, o diálogo não pode ser atribuído a um sujeito individual, como toda atividade verbal do comportamento humano, ele se constitui na relação entre o eu e o outro, em processos discursivos historicamente instaurados em um tempo e lugar (BORGES, 2015).

Para Bakhtin, a linguagem só é atribuída de sentido, se existir, no discurso entre sujeitos, a possibilidade de interação verbal. No seu processo, tanto o locutor quanto o interlocutor são relevantes, visto que “toda enunciação é uma ‘resposta’, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras e, ao mesmo tempo, uma ‘pergunta’, uma ‘interpelação’ a outras enunciações” (SOBRAL, 2009, p. 33).

O diálogo é promovido por vários sujeitos, são esses que refletem e refratam as vozes ideológicas, pois revelam discordantes opiniões em determinados contextos sócio-histórico.

Diálogo, de maneira recursiva, é identificado na ação entre interlocutores, entre autor e leitor, entre autor e herói, entre heróis, entre diferentes sujeitos sociais, que, em espaços e tempos diversos, tomam a palavra ou têm a palavra representada, ressignificada (MARCHEZAN, 2006, p. 129).

Como exposto por Marchezan, o espaço enunciativo estabelece sujeitos do diálogo. Em um romance, há o diálogo no interior do discurso – as vozes materializadas na narrativa – bem como o diálogo no exterior dele – as vozes que participam da construção do sentido.

No espaço educacional, diferentes vozes participam do desenvolvimento da aprendizagem. Tanto o professor quanto o aluno são sujeitos aprendentes que dialogam entre si, mas também com outras vozes. Para melhor compreender isso, destaca-se o que diz Freitas (2003, p. 30), “[...] o estudo dos fenômenos humanos se realiza a partir de interrogações e trocas, portanto pelo diálogo. Diálogo compreendido não apenas como uma relação face a face, mas de forma mais ampla implicando também uma relação do texto com o contexto”.

Nos estudos do Círculo de Bakhtin, o conceito de diálogo, refere-se, à condição de composição de enunciados e discursos, portanto, a condição de como e de onde os sujeitos agem e com quem interagem ao produzirem seus enunciados (SOBRAL, 2009). Há o diálogo entre sujeitos e entre discursos. Assim, no dialogismo, a palavra do outro é, dessa forma, a condição necessária para a existência de qualquer discurso. Sob um discurso, há outros discursos e, por isso, os discursos são históricos (FIORIN, 2010).

Faraco (2006, p. 64) também explica as relações dialógicas como:

[...] relações entre índices sociais de valor – que, como vimos, constituem, no conceitual do Círculo de Bakhtin, parte inerente de todo enunciado, entendido este não como uma unidade de língua, mas como unidade de interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas.

Assim, observa-se que no espaço educacional, seja de modo presencial, seja por meio virtual, há sujeitos socialmente constituídos, que mesmo no silêncio estão em diálogo. Os interlocutores participam ativamente da aprendizagem, pois o dispositivo enunciativo não é necessariamente o espaço físico, mas o que concerne o espaço educacional (BORGES, 2015).

Existem níveis diferentes de interação em que se destacam o intercâmbio verbal, o contexto imediato do intercâmbio social, o contexto social mediato e o horizonte histórico e social (SOBRAL, 2009). Assim, para ter interação entre os interlocutores, é preciso que haja a possibilidade de comunicação entre os sujeitos enunciativos, seja por meio da língua, do espaço social, por meio dos seus papéis sociais ou ainda dos seus conhecimentos culturais e históricos (BORGES, 2015).

Em relação ao ato, Bakhtin diz ser uma totalidade, que ele não pode realizar-se sem participação do outro. O filósofo afirma que “[...] em todo ato há conteúdo e forma, elaboração teórica e materialidade concreta, ser-no-mundo e categorização do mundo” (SOBRAL, 2009, p.123). Portanto, no ato, concentram-se os aspectos ético e estético.

Bakhtin aponta que o ato ético só pode realizar-se através de um sujeito singular, mas esse sujeito, ao pensar, participa do pensamento universal, do qual completa esse pensamento e o atualiza. Por isso, o ato é irrepetível. O sujeito é singular porque ele está em um tempo e espaço diferente de outros sujeitos. Logo, o sujeito do ato só pode pensar aquele pensamento do lugar de onde vê, do lugar em que está, de onde pensa (AMORIM, 2009).

Desse modo, cabe a esse sujeito singular e único, pensar o contexto da ação que abrange tanto o princípio dialógico quanto os elementos sócio-históricos (BORGES, 2015, p.31). Cabe ao sujeito, o dever de pensar e a possibilidade de não pensar, visto que o ato de pensar não é uma ação espontânea, uma mera opinião. No ambiente educacional, o estudando é provocado a pensar e o seu pensamento dialoga com o pensamento do professor, dos colegas, do material didático, do mundo. (BORGES, 2015)

O ato de pensar é de exclusiva responsabilidade do sujeito que o pensa, pois só ele pode pensar daquele lugar (BORGES, 2015, p.31). Visto assim, o estudante é um sujeito único, pois do lugar onde ele fala, nenhum outro sujeito pode falar. É também importante destacar que “para o dever de pensar é necessário o ato de resposta do sujeito” (BAKHTIN, 2010, p. 46). Assim, não há ato ético se o sujeito não participa do ato, não pensa, não responde.

Só é possível compreender o sentido de um discurso diante do ato de pensar, o qual articula sujeito e cultura. Dessa maneira, o sentido de um enunciado só acontece quando o sujeito compreende o seu dever em relação a esse enunciado, ou seja, pratica o ato responsivo e participativo. Segundo Bakhtin (2010, p. 67) “entre o conteúdo-sentido (o produto) e o ato (a real efectivação histórica) não existe unidade nem interpenetração, em consequência da abstracção fundamental de mim mesmo enquanto participante da afirmação do sentido e da visão”. Desta forma, é preciso que o sujeito reconheça que o conhecimento teórico não é um conhecimento único ou absoluto, portanto, ele não pode obrigar a uma mesma resposta.

Compreendido os conceitos de dialogismo e ato responsável, observa-se que, mesmo separados fisicamente, educadores e educandos interagem e dialogam rumo ao ensino-aprendizagem. Há, nesse novo ambiente educacional, níveis diferentes de interação em que se destacam a troca verbal, o contexto imediato da mudança social, o contexto social mediato e o horizonte social e histórico (SOBRAL, 2009).

Para que haja interação entre os interlocutores, é preciso que tenha a possibilidade de comunicação entre os sujeitos enunciativos, seja por meio do espaço social, seja por meio da língua, seja por meio dos seus papéis sociais ou ainda dos seus conhecimentos culturais e históricos (BORGES, 2015).

A interação social também foi discutida no relatório da Unesco, no qual os quatro pilares definidos buscam despertar e motivar nos alunos a vontade de aprender, de querer saber mais, de comunicar-se adequadamente através de diferentes linguagens, de interpretar, de selecionar as informações essenciais, além de conviver com atitudes éticas, valores e ações contra o preconceito.

Jacques Delors definiu os quatro pilares da educação em um relatório para Unesco, como: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender conviver e aprender a ser. De acordo com Delors (2014), a educação é essencial no combate às desigualdades, é a primeira etapa a ser ultrapassada para abrandar as grandes disparidades que afetam boa parte da população. Para ele, a educação básica “é um indispensável ‘passaporte para a vida’, que possibilita a escolha do que se pretende fazer, a participação na construção do futuro coletivo e a continuação da aprendizagem” (DELORS, 2014, p. 102).

Os quatro pilares foram definidos como uma tentativa de se atingir uma educação mais eficaz para toda a população mundial. Cabe aos profissionais da educação conhecê-los e inseri-los de forma efetiva nas práticas educativas. O relatório trata o desenvolvimento humano às necessidades básicas de aprendizagem, para atingir uma participação ativa na sociedade e para a continuidade da aprendizagem (SILVA, 2008).

O primeiro pilar é o *aprender a conhecer*, refere-se ao conhecimento pragmático e está vinculado ao preparo do aluno para a utilização de novos conhecimentos e de novas tecnologias, pois “aprender a conhecer e aprender a fazer são, em larga medida, indissociáveis” (DELORS, 2001, p. 93). O aprender a conhecer é “como um meio e como uma finalidade da vida humana” (DELORS, 2001, p. 90).

Imbricado ao pilar *aprender a conhecer*, está o segundo pilar: *aprender a fazer*, o qual é apresentado, de maneira explícita, a ligação com o mercado de trabalho e à formação profissional. A proposta desse pilar é ir além do conhecimento teórico, entrando no setor prático. Na sociedade atual, onde a maioria da população é assalariado e, frequentemente, o trabalho humano é trocado por máquinas, exigindo a realização de tarefas mais intelectuais e mentais, esse pilar contribui e enfatiza a importância do trabalho em equipe, desenvolvimento corporativo e valores, atitudes essas que preparam o indivíduo ao mercado de trabalho (SILVA, 2008).

*Aprender a conviver* é o terceiro pilar. Tal aprendizagem é essencial à vida humana, já que o homem vive em uma sociedade interativa, onde é preciso “viver juntos desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz” (DELORS, 2001, p. 102)

Finalmente, o quarto pilar, o *aprender a ser*, é marcado no dever de que a escola promova o desenvolvimento total do educando. Essa é uma exigência do mundo atual que está em transformação, em processo dinâmico, onde “o desenvolvimento dos serviços exige, pois, cultivar qualidades humanas que as formações tradicionais não transmitem, necessariamente e que correspondem à capacidade de estabelecer relações estáveis e eficazes entre as pessoas” (Delors, 2001, p. 95). Essa exigência é transferida também para a educação institucional, a fim de reorganizar o ensino para a personalização de maneira que sem exceção, todos permitam brotar seus talentos, bem como suas potencialidades criativas, o que faz com que cada um se responsabilize por sua realização pessoal (SILVA, 2008).

Consciente de que o desenvolvimento humano se realiza no decorrer da vida, Delors (2014, p.82) explica que esse desenvolvimento

[...] é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. Nesse sentido, a educação é, antes de mais nada, uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade. Na hipótese de uma experiência profissional de sucesso, a educação como meio para tal realização é, ao mesmo tempo, um processo individualizado e uma construção social interativa.

Ainda a respeito do desenvolvimento humano, o autor afirma que, a educação está centrada na mudança de qualificação. Essa mudança provém da “desmaterialização”

do trabalho que exige, além de técnica, aptidão para relações interpessoais. (DELORS, 2014).

O ambiente educacional já conta, há algum tempo, com outras maneiras e ferramentas para ensinar. Para desenvolver na prática atividades de metodologias ativas, é exigido do professor, cotidianamente, investimento de tempo na preparação das aulas, pesquisas extensas sobre técnicas adequadas ao conteúdo da disciplina e habilidade na condução das aulas, a fim de favorecer a participação ativa dos alunos e estabelecer um ambiente que fomente discussões reflexivas e críticas (NEVES, 2018).

A sala de aula invertida é um exemplo de metodologia ativa, onde o foco da aprendizagem está no aluno. Nessa metodologia, o aluno faz a internalização dos conceitos individualmente, só depois o conceito é compartilhado com a turma para debater os conhecimentos adquiridos e tirar dúvidas com a orientação do professor. Essas práticas têm sido consideradas adequadas ao ensino a distância e ao ensino remoto, pois o tempo de aula é reduzido, ficando restrito mais às discussões dos conteúdos. Os conceitos e as teorias devem ser internalizadas por cada aluno e somente as dúvidas ou sua aplicação em exercícios são intermediadas pelos professores.

Segundo Neves (2018, p. 13), “[...] metodologias ativas de aprendizagem são mecanismos didáticos que colocam o aluno direta e ativamente no centro do processo de aquisição do conhecimento, pois concentram o ensino e a aprendizagem no ‘fazer para aprofundar o saber’”. Elas são, portanto, caracterizadas pelo envolvimento dos professores e dos alunos na busca pela aprendizagem. É preciso ter habilidades para localizar e utilizar informações pertinentes e promover responsabilidade individual e coletiva, além de desenvolver iniciativa e independência pessoal, capacidade de planejamento e execução, bem como autoconfiança, cooperação, reflexão e autoavaliação.

Essas habilidades respondem aos quatro pilares da educação, pois enfatizam o diálogo entre educadores e educandos, promovem aprendizagem e desenvolvem o sujeito crítico, autônomo, autoconfiante e ético. Dessa forma, o ensino remoto coloca sujeitos: professor e aluno, em interação e diálogo bem como busca o desenvolvimento de um cidadão ativo no século XXI.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em decorrência da pandemia, restrições foram necessárias e provocaram mudanças nas aulas convencionais, as quais ficaram inviáveis por medida de segurança e saúde de todos os envolvidos.

Perante as imposições que o distanciamento social provocou, novas maneiras no modo de ensinar foram acionadas, o ensino remoto foi a solução encontrada para dar continuidade ao ensino-aprendizagem no ano letivo de muitos jovens pelo mundo.

Mediante a nova realidade, surgiram discussões no ambiente escolar e social. Encontraram, como ação emergencial, a modalidade de ensino remoto que permite a interação entre professor e aluno em tempo real, mas essa mesma solução deixou dúvidas e preocupações quanto a igualdade desse ensino a todos. Com a pandemia, as desigualdades ficaram mais evidentes, o que pode ser visto também no âmbito da educação a partir da dificuldade de acesso à tecnologia.

Esse cenário, analisado sob a perspectiva bakhtiniana do dialogismo e do ato responsivo, mostra que, no ensino remoto, o diálogo também se faz presente. Embora nem todos os estudantes tenham acesso à tecnologia, aqueles que têm desenvolvem aprendizagens importantes. O ambiente educacional, agora virtual, promove diálogos com outros sujeitos, com outras vozes. Há, nesse ambiente, relações dialógicas mais amplas do que ocorriam na sala de aula presencial. Além disso, exige do estudante um comportamento investigativo, responsivo e autônomo.

Formar um cidadão para o século XXI, requer desenvolver habilidades e competências para viver e sobreviver em uma sociedade globalizada e digital. Assim, as interações, no ambiente educacional voltado à formação do cidadão, mostram segundo Faraco (2006, p. 64):

[...] relações entre índices sociais de valor – que, como vimos, constituem, no conceitual do Círculo de Bakhtin, parte inerente de todo enunciado, entendido este não como unidade de língua, mas como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas.

Junto às relações dialógicas, os atos responsivos em relação aos quatro pilares da educação são fundamentais para a formação do cidadão nesse século. É preciso que a escola amenize as desigualdades, que os sujeitos participem das diferentes

aprendizagens e que haja desenvolvimento tanto do sujeito individual quanto do sujeito coletivo.

Desse modo, o ensino remoto deve despertar e motivar o aluno a ser um sujeito ativo que dialogue com o outro com criticidade, respeito, ética, valores, e sem preconceito. As metodologias ativas de ensino-aprendizagem devem ser utilizadas como estratégias educativas que permitam ao aluno ser o protagonista na construção do conhecimento.

Há muito o que se discutir e debater ainda para a conquista da formação de cidadãos ativos para uma sociedade dinâmica em que vivemos. Mas, o ambiente educacional criado em decorrência das novas formas impostas pelo vírus da Covid-19, que tirou todos da zona de conforto, permite pôr em prática um novo jeito de ensinar. São, pois, metodologias que garantem à aprendizagem dos conteúdos e promovem atitudes mais participativas e, com certeza, contribuem à formação de sujeitos historicamente construídos, sujeitos do conhecer, do fazer, do ser e do aprender.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A nova realidade educacional, em consequência do distanciamento social provocado pela pandemia, suscitou o uso da educação remota, modalidade de ensino emergencial para dar continuidade ao ano letivo.

No percurso realizado neste trabalho, investigou-se a relação dialógica entre as metodologias ativas e os quatro pilares da educação, a fim de verificar como as metodologias de ensino adotadas, na prática remota, respondem às propostas dos pilares da educação e como elas promovem uma aprendizagem necessária e fundamental à formação do cidadão.

Ao analisar os conceitos de atos responsivos e dialogismo, o estudo observou como o ensino remoto promove metodologias capazes de levar a autonomia ao sujeito, ou seja, possibilitar que ele aprenda a aprender; aprenda a fazer; aprender a conviver e a aprender a ser.

Ficou evidente, nesta pesquisa, que há muitos desafios para uma educação eficaz. São diferentes fatores que interferem no ensino-aprendizagem como, por exemplo, material didático, ambiente escolar, ambiente familiar, formação docente, nível sócio-econômico, dentre outros. O ensino remoto exige muito estudo, preparo e desempenho dos profissionais da educação, todavia também permite novas aprendizagens e

capacidades tanto desses profissionais quando dos alunos. Todos estão adquirindo conhecimentos.

Infelizmente é grande a desigualdade social, embora haja também grande empenho para diminuí-la. Como a educação é um direito de todos os cidadãos, é emergencial que se faça cumprir esse direito. Não podemos permitir que a educação, contida na constituição, fique só no papel. A sociedade do século XXI é dinâmica e exige cidadãos capacitados. Em tempos de pandemia as práticas de ensino-aprendizagem não pode parar.

Por fim, os estudos aqui apresentados apontaram que o ensino remoto atende à necessidade emergencial da educação. Esse modo de ensinar e aprender, por meio de metodologias ativas, permite que o aluno desenvolva habilidades e competências defendidas por educadores e pelos pilares.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **Para uma filosofia do ato**: válido e inserido no contexto. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BORGES, M. C. **A seção o português é uma figura, de Marcílio Godói, em diálogo com gêneros discursivos nas esferas jornalística, científica e pedagógica**. 2015. 215 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/132142> Acesso em: 15 jul. 2020.

BOROCHOVICIUS, E.; TORTELLA, J. C. B. **Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas**. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v22n83/a02v22n83.pdf> Acesso em: 20 jul. 2020.

BRAIT, B. (org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. 6. ed. Tradução José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez, 2001.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FARACO, C. F. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (org.) **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

FARACO, C. F. Voloshinov: um coração humboldtiano? In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Org.) **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis: Vozes. 2006.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 1ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2006.

FIORIN, J. L. Categorias de análise em Bakhtin. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.) **Círculo de Bakhtin, diálogos in possíveis**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREITAS, M.T. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J.; KRAMER, S. **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

MORAN, J. **Metodologias ativas para realizar mudanças progressivas e profundas no currículo**. 2013. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/transformacoes.pdf> Acesso em: 20 jul. 2020.

NEVES, V. J. et.al. **Metodologias ativas: inovações educacionais no ensino superior**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2019.

NEVES, V. J.; MERCANTI, L. B.; LIMA, M. T. **Metodologias ativas: perspectivas teóricas e práticas no ensino superior**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2018.

SILVA, L. R. **Unesco: os quatro pilares da “educação pós-moderna”**. Inter-Ação: Ver. Fac. Educ. UFG, 33 (2): 359-378, jul./dez. 2008.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado Letras, 2009.

SOUZA, S. C.; DOURADO, L. **Aprendizagem baseada em problemas (ABP): um método de aprendizagem inovador para o ensino educativo**. 2015. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2880> Acesso em: 18 jul. 2020.

## **AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE LETRAMENTO DOS ALUNOS NO CONTEXTO SOCIAL ATUAL: ANÁLISE DA MODALIDADE DE ENSINO REMOTO**

Debora Cardoso de Azevedo

*Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá,  
deborazevedohp@gmail.com*

Denise Moura Luz

*Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá,  
Deniseluz023@gmail.com*

Deuzilene Pinheiro Leal

*Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, deuzilene-leal9@hotmail.com*

Maria Lusia de Moura Goncalves

*Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá,  
lusiamoura13@gmail.com*

O presente trabalho intitulado as Dificuldades no Processo de Letramento dos Alunos no Contexto Social Atual: Análise da Modalidade de Ensino remoto, trata de uma temática bastante importante para o atual momento vivido, pois a partir dela podemos ter uma maior visão sobre o processo de letramento nesse período bastante delicado. Nesta linha de raciocínio surgiu o seguinte questionamento: De que forma a modalidade de ensino remoto influencia no processo de letramento na contemporaneidade. Diante disso, é necessário indagar que o processo de letramento é importante para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, em relação a contextualização das metodologias utilizadas pelos ambientes escolares e as mudanças necessárias para a adaptação do processo de letramento na sociedade atual, tendo como foco as mudanças nas metodologias pedagógicas que os educadores passaram a utilizar o ensino remoto, as plataformas digitais ou ambientes virtuais de aprendizagem tendo como exemplo o Moodle, AulaNet, LMS Estúdio, entre outras. Em relação aos objetivos da pesquisa, o objetivo geral é analisar como a modalidade de ensino remoto influencia no processo de letramento dos alunos atualmente, quanto aos específicos são: caracterizar o processo de letramento, compreender como ocorre o processo de letramento através do ensino remoto, descrever as ferramentas de ensino remotas. No que se refere aos procedimentos de pesquisa será utilizado a pesquisa bibliográfica. Portanto, é de suma importância o estudo a partir do processo de letramento através da modalidade de ensino remoto no contexto social atual em que vivemos.

**Palavras-Chave:** Contexto Social Atual, Ensino Remoto, Processo de Letramento.

### **INTRODUÇÃO**

É notável que processo de letramento se trata de um momento bastante significativo para o desenvolvimento do educando, visto que é a partir desse letramento

que o educando estará mais familiarizado com a leitura, bem como também com a compreensão e interpretação do que se lê e escreve.

É importante ressaltar que a globalização e o surgimento das tecnologias que estão cada vez mais presentes nos nossos dias vem trazendo nos últimos anos muitas discussões a respeito da tecnologia atrelada a educação, originando o ensino remoto e o ensino a distância como formas de ofertar a educação através de meios tecnológicos.

Diante disso, com a chegada da pandemia causada pelo Covid-19 escolas tiveram que se adaptar a novas formas de ensino transmitidos através desses meios tecnológicos. Desse modo, temos como formas de ensino utilizadas no momento atual o ensino a distância que já fazia parte de alguns cursos superiores do país, e o ensino remoto que foi adaptado para o novo momento. Levando em consideração essas duas formas de ensino, é importante salientar a diferença que existe entre as mesmas. O ensino remoto entende-se como:

Atividades mediadas por plataformas digitais assíncronas e síncronas, com encontros frequentes durante a semana, seguindo o cronograma das atividades presenciais realizadas antes do distanciamento imposto pela pandemia. Na educação remota predomina uma adaptação temporária das metodologias utilizadas no regime presencial, com as aulas, sendo realizadas nos mesmos horários e com os professores responsáveis pelas disciplinas dos cursos presenciais (ALVES, 2020, p. 358).

Sendo assim, percebe-se que o ensino remoto pode trazer interação entre alunos e professores, bem como o aluno, poderá tirar dúvidas no momento da aula, pois trata-se de um ensino que apesar de não ser presencial, acontece em tempo real. Aulas feitas através do ensino remoto seguem o mesmo sentido do presencial, contudo, são feitas através de meios tecnológicos como plataformas digitais.

No que se refere ao ensino a distância (EAD), descreve-se como “[...] o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente” (MORNAN ,2002, p.1). Nesse sentido, pode-se entender que no ensino EAD aulas são transmitidas através de vídeo aula, nesse caso não há uma troca, uma interação entre docente e aluno.

Posto isso, a pesquisa parte do seguinte questionamento, de que forma a modalidade de ensino remoto influencia no processo de letramento na contemporaneidade?

Logo, tem-se como objetivos analisar como a modalidade de ensino remoto influencia no processo de letramento dos alunos atualmente; caracterizar o processo de letramento; compreender como ocorre o processo de letramento através do ensino remoto; descrever as ferramentas de ensino remotas.

A referente pesquisa é importante por tratar de um assunto tão atual, que vem ganhando espaço nos debates científicos nos últimos tempos e mais especificamente durante esse período de pandemia, por buscar trazer uma ampliação nos acervos científicos que abordam a temática, visto que ainda há uma certa escassez nesses acervos justamente por ser uma temática tão nova., trata-se de uma temática bastante importante para o atual momento, pois a partir dela podemos ter uma maior visão sobre o processo de letramento nesse período bastante delicado.

Além disso, a pesquisa é relevante por analisar como esse novo ensino adotado pode ajudar ou não no processo de letramento do educando trazendo dificuldades que são enfrentadas para que o ensino ocorra, visto que através desse ensino remoto novos métodos de ensino podem estar presentes nas aulas, contudo, muitas adaptações precisam ser feitas a todo tempo para que se busque atingir os objetivos do letramento.

No que se refere a metodologia da pesquisa, será utilizada a pesquisa bibliográfica. Nesse sentido “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituindo principalmente de livros e artigos científicos [...]” (GIL, 2008, p.50). Desse modo, percebe-se que a pesquisa bibliográfica é base para toda pesquisa científica pois serve para a ampliação de conhecimentos acerca do assunto, trata-se de uma pesquisa que se fundamenta em outros conteúdos científicos existentes.

É perceptível que o processo de letramento durante o momento de pandemia enfrenta inúmeras dificuldades, pois esse processo requer bastante atenção tanto do professor, quanto do aluno. Além disso, essa compreensão detalhada do que o aluno ler e escreve se torna mais distante do professor, uma vez que o mesmo não acompanha de perto para poder visualizar o desenvolvimento e as dificuldades do aluno.

Dado o exposto, a modalidade de ensino remoto apesar de aproximar-se com o ensino presencial, pois o ensino acontece em tempo real, não favorece o processo de

letramento do educando, uma vez que o professor apesar de dar todo o suporte necessário ainda tem o desenvolvimento do seu trabalho limitado. As tecnologias do ensino remoto mesmo possibilitando que o ensino aconteça não supre o que o ensino presencial pode proporcionar.

### **CARACTERIZANDO O PROCESSO DE LETRAMENTO**

O processo de letramento tem início a partir do momento que a criança, jovem ou adulto começa a ter uma certa familiaridade com a escrita e a leitura, a partir desse momento ela começa a estar em processo de letramento, mas esse processo não começa necessariamente na escola, pode acontecer em casa, na rua ou em qualquer outro ambiente que a criança, jovem ou adulto tenha acesso a leitura e escrita.

Em relação a pratica de letramento diz que “quando se ensina uma criança, jovem ou adulto a ler e escrever, esse aprendiz está conhecendo as práticas de letramento da sociedade, está “em processo de letramento” (KLEIMAN, 2005, p.5). Nessa perspectiva, letramento é um processo no qual a criança, jovem ou adulto está começando a se familiarizar com a leitura e escrita, é um caminho que na qual ambos percorrem até se alfabetizarem.

O processo de letramento é visto atualmente nas escolas como um método de ensino, ou seja, método de letramento. A questão é que letramento não é um método, é um processo no qual as crianças, jovens e adultos percorrem para aprender a ler, escrever, analisar textos e etc.

É um caminho para a escrita, leitura e interpretação, na qual ele não acontece necessariamente no ambiente escolar, mas em qualquer ambiente na qual a criança, jovem ou adulto está inserido, pois se tem acesso à leitura, escrita e interpretação em qualquer ambiente. Em relação a perspectiva do letramento como método “não existe um “método de letramento”, nem um nem vários” (KLEIMAN, 2005, p.9). Ou seja, letramento não é um método para ser utilizado para ensinar as crianças, jovens ou adultos a ler e escrever.

Nessa perspectiva de que letramento não é um método para ensinar as crianças, jovens ou adultos a ler e escrever, surge a questão, o que realmente é letramento? Letramento é: “um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar porque a escrita está em todos os lados, fazendo

parte da paisagem cotidiana” (KLEIMAN, 2005, p.5). Portanto, a escrita e leitura estão inseridas em todos os lugares, não somente na escola, o que torna o acesso a ambas mais fácil.

O processo de letramento para as crianças, jovens ou adultos varia de acordo com cada um, ou seja, não acontece da mesma forma para todo mundo, uns não tem tanta facilidade em aprender a ler e escrever já outros tem muita facilidade.

Quando começa o processo de letramento ele tem que levar em consideração aspectos relevantes que podem facilitar o letramento deles, tais como: atividades, vídeos com música e legendas, histórias, placas com imagens de comidas, pessoas ou objetos e seus respectivos nomes, porque na maioria das vezes é mais fácil aprender a ler e escrever se for apresentada a imagem associada ao nome dela.

O letramento envolve a inserção da criança, jovem ou adulto no ambiente da escrita e leitura, para alcançar essa inserção do letramento no sentido do âmbito da escola, o professor deve levar em consideração alguns aspectos pertinentes que influenciam nesse processo.

Como destaca Kleiman a seguir:

a) adotar práticas diárias de leitura de livros, jornais e revistas em sala de aula; b) arranjar paredes, chão e mobília da sala de tal modo que textos, ilustrações, alfabeto, calendários, livros, jornais e revistas penetrassem todos os sentidos do aluno-leitor em formação; c) fazer um passeio-leitura com os alunos pela escola ou pelo bairro (KLEIMAN, 2005, p.9).

O professor deve levar em consideração a perspectiva de que para o processo de letramento acontecer os alunos, seja crianças, jovens ou adultos é necessário ambos ter um contato diário com livros, jornais, revistas e outros meios de comunicação escrita que influenciam na leitura e escrita deles.

Esse contato diário, influência de maneira significativa no letramento de ambos. Nessa perspectiva de letramento, há aqueles que pensam que letramento é a mesma coisa que alfabetização, no entanto, eles não são a mesma coisa, são processos diferentes, mas andam em sintonia na educação. Como aponta Kleiman sobre o letramento e alfabetização:

Letramento não é alfabetização, mas a inclui! Em outras palavras, letramento e alfabetização estão associados {...} se considerarmos que as instituições sociais usam a língua escrita de forma diferente, em práticas diferentes, diremos que a alfabetização é uma das práticas de letramento que faz parte do conjunto de práticas sociais de uso da escrita das escolas (KLEIMAN, 2005, p.11).

Nesse sentido, se percebe que letramento é um conjunto de determinadas ações e coisas cotidianas que influenciam no desenvolvimento da leitura e escrita das crianças, jovens ou adultos, já a alfabetização é uma das práticas de letramento no sentido da escola que influencia nesse processo. Então, como foi mencionado acima, eles são diferentes, porém indissociáveis no desenvolvimento da leitura e escrita.

Portanto, o processo de letramento não é um método de ensino, não acontece exclusivamente no ambiente escolar, na escola o professor tem que levar em consideração aspectos relevantes para o desenvolvimento do letramento. Ou seja, são aspectos do processo de letramento pertinentes para entender o que ele é e como funciona para as crianças, jovens e adultos, seja no ambiente escolar ou fora dele.

#### **MODALIDADE DE ENSINO REMOTO E O PROCESSO DE LETRAMENTO**

No contexto atual, é visto que as tecnologias estão cada vez mais sendo introduzidas como formas de propagar e difundir os saberes necessários para a inclusão do processo de aprendizagem na vida dos indivíduos. Após, o COVID-19 com início do isolamento e distanciamento social foi necessário que os espaços escolares presenciais parassem seu funcionamento visando o bem-estar de todos.

Dessa forma, as plataformas digitais ganharam ainda mais destaque e aos poucos foram sendo inseridas no cotidiano de crianças e adolescentes. Apesar disso, o acesso a essas plataformas ainda não atendia ao público em geral. Segundo a UNESCO as medidas para o auxílio dos estudantes afetados estavam sendo examinadas visando suas determinações:

Desde o fechamento de escolas para conter a pandemia de Covid-19, os governos têm implementado soluções de educação a distância e lidado com a complexidade para oferecer educação de forma remota, desde o fornecimento de conteúdo e apoio a professores, até orientar as famílias e a enfrentar os desafios da conectividade. A equidade é a preocupação suprema, porque os fechamentos prejudicam de forma desproporcional os estudantes vulneráveis e desfavorecidos, que dependem das escolas

para receber uma gama de serviços sociais, incluindo saúde e nutrição (UNESCO, 2020).

Portanto, era perceptível que havia esforços para que o retorno das aulas fosse executado de modo rápido e efetivo contribuindo para o processo educacional dos estudantes. Porém, confrontavam-se com a realidade social da população do Brasil que, em grande parte, ainda sofre com a falta de recursos tecnológicos que utilizam a internet como ferramenta de acesso.

Dessa forma, a rede privada de ensino introduzia métodos que atendiam seus alunos, beneficiando apenas uma parcela da população. Assim como, evidenciavam-se ainda mais as dificuldades que a rede pública de ensino perpassa durante toda a sua implementação. A partir disso, iniciou-se o debate maior sobre a modalidade de a Educação Remota.

O processo de ensino-aprendizagem que correspondem ao letramento de crianças e adolescentes utilizam-se principalmente desta modalidade de educação remota dentro das instituições de ensino privado atualmente. Dessa forma, essas instituições privadas estão melhores preparadas para ofertá-la para seus alunos, enquanto a rede pública sofre com problemas de implementá-la.

Esta última ação atingiu de forma significativa estudantes, pais e professores dos distintos níveis de educação, gerando um sentimento de confusão, dúvidas e angústias frente a necessidade de se manterem em casa, afastados dos espaços escolares e, conseqüentemente, das dinâmicas de interação social que se constituem em um aspecto importante para o desenvolvimento do ser humano, especialmente infantil (ALVES 2020, p.354).

Os ambientes escolares propiciam a seus integrantes vínculos sociais e afetivos que disponibilizam a harmonia necessária para que a aprendizagem ocorra de modo concreto. Dessa forma, é importante que haja a introdução e permanência no âmbito escolar para contribuir com a formação cognitiva dos alunos, além de criar relações interpessoais que auxiliaram suas relações sociais.

Logo, no momento atual as interações sociais foram suspensas motivando preocupações acerca de como esses processos irão se suceder. A família passa a atender a demandas educacionais que não estão capacitados a ofertar, embora precisam

contribuir para a alfabetização de seus filhos. Dessa forma, passam a desempenhar o papel que antes era destinado aos professores.

No contexto da educação básica “A educação básica vai atender crianças e adolescentes que estão em níveis de desenvolvimentos diferenciados e por mais que tenham acesso as tecnologias digitais e telemáticas precocemente, fazem para entretenimento e não para práticas de educação formal” (ALVES, 2020, p.354). Logo, esse acesso precisou atender demandas educacionais.

Contudo, as proporções que essas novas demandas educacionais e sociais provocaram são imensuráveis, as novas medidas de isolamento e distanciamento social causam transtornos e necessitam de precauções sanitárias. Essas novas dimensões não atendem a população em geral, motivando a introdução de novas desigualdades.

Dessa forma, uma parcela sofre com dificuldades de conseguir o oferecimento de subsídios que incorporem no dia a dia as medidas necessárias para o combate das desigualdades instauradas após a pandemia provocada pelo COVID-19. Bem como, na oferta de materiais sanitários para uso pessoal como forma de prevenção, o acesso internet também é um fator que possibilita a diferenciação de situação social.

Com isso, ressalta-se que a população sofre com problemas sociais e educacionais ao longo das épocas, sendo ofertado medidas paliativas para combate-las. Dessa forma, atualmente essas desigualdades evidenciaram-se ainda mais, ocasionadas pela corona vírus, apesar disso é importante que haja a elaboração de parâmetros para que o sistema educacional volte a ser oferecido aos alunos.

## **AS FERRAMENTAS DE ENSINO REMOTAS**

Devido ao contexto social atual de pandemia da corona vírus as aulas presenciais estão suspensas, nesse contexto algumas escolas ou instituições de ensino superior estão optando pelo ensino remoto que é uma forma de ensino por meio de plataformas digitais, com aulas em tempo real. O ensino remoto passou a ter mais visibilidade no contexto atual da pandemia. No contexto do ensino remoto “o ensino remoto surge com uma interessante saída para momentos emergenciais como o que vivemos, pois viabiliza a continuidade das atividades pedagógicas pela internet” (PLATAFORMA SAE DIGITAL,

2020)<sup>9</sup>. Nesse contexto atual é uma das formas de ensino atuais que ocorre por meio de plataformas digitais.

Diante disso surge as ferramentas de ensino remotas, são instrumentos que algumas vezes são acessíveis para os professores e alunos compartilhar textos, slides, e etc., ambas visando uma maneira mais rápida, prática e acessível de se adquirir conhecimentos nesse período de isolamento.

No momento atual existem muitas opções de tecnologias para o ensino remoto, como destaca a seguir “atualmente já existe um grande leque de tecnologias que podem ser utilizadas no ensino remoto” (NOTA TÉCNICA ENSINO A DISTÂNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE A PANDEMIA DA COVID-19, 2020, p.11). Esse leque de tecnologias possibilita uma variedade de formas e maneiras de ensinar e repassar os conteúdos abordados, tornando a aula diversificada e mais interativa.

Essas opções de tecnologias no ensino remoto proporcionam uma vasta área de possibilidades para as aprendizagens, como cita no seguinte trecho “o ensino remoto não deve se resumir a aulas online. Diversificar as experiências de aprendizagem continua sendo relevante e necessário” (NOTA TÉCNICA ENSINO A DISTÂNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE A PANDEMIA DA COVID-19, 2020, p.11). Essa diversificação a partir das possibilidades de ferramentas que o ensino remoto traz, é o que possibilita diversificar também as aprendizagens, tanto dos alunos como dos professores.

Através do ensino remoto, as instituições de ensino podem planejar aulas diversificadas para os alunos, porque as ferramentas que o mesmo oferece são variadas, é possível também respeitar os conteúdos das disciplinas e sua carga horária.

Diante disso “a demanda tecnológica das aulas remotas é menor, sendo possível adotar aplicativos e serviços abertos e genéricos de comunicação e interação, como o Zoom, Skype, Google Hangout, dentre outros” (PLATAFORMA SAE DIGITAL, 2020)<sup>10</sup>. Através deles, o ensino remoto proporciona aulas ao vivo, ou seja, o professor e os alunos se comunicam e interagem entre si, além de ser possível diversificar a maneira de repassar os conteúdos das disciplinas escolares e a forma de ensinar eles.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://sae.digital/aulas-remotas/oquesaoaulasremotas> . Acesso em: 19 de julho de 2020

<sup>10</sup> Disponível em: <https://sae.digital/aulas-remotas/oquesaoaulasremotas> . Acesso em: 19 de julho de 2020

Dessa forma, as plataformas de ambientes virtuais de aprendizagem principais utilizadas, como exemplo, são AulaNet, LMS Estúdio, Moodle, entre outros. Portanto, visualiza-se que o período atual trouxe inovações substanciais para o cotidiano das pessoas. Em grande parte, essas novas integrações trouxeram inovações tecnológicas em conjunto.

Nesse sentido “Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVAs são softwares utilizados para gerenciamento do processo de ensino e aprendizagem [...]” (BARBOZA, FILHO; SILVA, 2016, p.96). As metodologias pedagógicas utilizadas poderão ser escolhidas pelos educadores ou tutores destinados a melhorar a integração dos alunos nesses novos meios.

Sobre a ferramenta do AulaNet “A interatividade é a principal ferramenta do AulaNet, a qual busca a interação dos alunos e docentes [...] favorecendo um ambiente educativo de extrema eficiência e acessibilidade devido à troca constante de informações para aprimorar o sistema de ensino à distância” (ESTÚDIO SITE<sup>11</sup>). Dessa forma, a plataforma produz discussões acerca dos assuntos abordados em sala de aula.

Portanto, as diversificações produzidas pelas plataformas digitais são inúmeras sua utilização produz as ferramentas necessários para a adaptação dos participantes nessas novas tecnologias. Portanto, permite que o aluno acesse os conteúdos ministrados durante a aula em qualquer ambiente.

O LMS Estúdio “é um sistema de fácil gerenciamento, com visual elegante e profissional, é a plataforma certa para quem deseja criar, vender e ensinar cursos online [...]” (ESTÚDIO SITE<sup>12</sup>). Logo, disponibiliza recursos como vídeos ao vivo ou não, materiais para download, entre outros. Assim como, a oportunidade que o aluno comece seu projeto de forma gratuita

O Moodle “Tornou-se muito popular entre os educadores de todo o mundo como uma ferramenta para criar sites de web dinâmicos para seus alunos” (ROQUE et al, 2013, p. 54). Dessa forma, a plataforma transformou em um ambiente virtual conhecido popularmente e no contexto atual ganha força na utilização de reuniões comerciais e educacionais.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.estudiosite.com.br/site/educacao-a-distancia/plataformas-ava>. Acesso em: 20 de julho de 2020

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.estudiosite.com.br/site/educacao-a-distancia/plataformas-ava>. Acesso em: 20 de julho de 2020

Sua utilização é importante para que instituições pudessem ofertar ensino remoto para estudantes possibilitando o aprendizado mesmo com o isolamento. Assim como, a sua utilização em empresas trouxe benefícios para que seus funcionários, em grande parte, conseguissem ficar em isolamento em suas residências, mesmo assim, sua utilização não abrange a todos.

Portanto, as plataformas digitais integram a partir de seus meios uma diversidade de indivíduos possibilitando a troca mútua de aprendizagens. Dessa forma, as AVAs introduziram dinâmicas capazes de adquirir conhecimentos e de socialização para os seus participantes, contribuindo para a diversificação do ensino, assim como, para a sua utilização em cursos e capacitações online.

A utilização dos ambientes virtuais de aprendizagem vem colaborar e validar a importância da Educação a Distância no desenvolvimento do aprendente, incentivando seu desenvolvimento na construção do conhecimento, propiciando autonomia, gerenciamento de habilidades e competências, permitindo troca de ideias entre os envolvidos bem como a formação de um pensamento crítico, capaz de indicar temas dos mais variados e voltados também a sua vivência acadêmica e individual (GOMES, 2018, p.9).

Logo, esses ambientes buscam a socialização de ideias e que seus alunos aprendam os saberes necessários no conforto de seus lares. Dessa forma, a sua utilização cresce ao longo dos anos, alcançando um público cada vez maior que tem interesse em uma formação acadêmica.

Com isso, os ambientes virtuais de aprendizagem-AVAs correspondem a uma gama de possibilidades que ganha espaço no sistema educacional e empresarial criando novas práticas para esses procedimentos. Dessa forma, na educação tem papel fundamental no contexto atual por possibilitando a atuação de profissionais em prol do processo de ensino-aprendizagem.

## **RESULTADOS E DISCURSÕES**

Com a pandemia causada pelo covid-19, uma das medidas tomadas pelas autoridades de saúde foi o distanciamento social, nesse cenário a educação se encontrou paralisada, e a alternativa encontrada para que as interações e o conhecimento sejam mantidos foi o ensino remoto.

A partir da pesquisa é possível contribuir para ampliar o debate sobre a modalidade de ensino remoto no contexto de letramento para o aluno inserido nesta modalidade, bem como responder quais dificuldades se colocam no processo de letramento no ensino remoto.

A análise bibliográfica do tema sugerido pela pesquisa intitulado Às dificuldades no processo de letramento dos alunos, no contexto social atual: Análise da Modalidade de Ensino remoto, coloca a modalidade como fio condutor entre os discentes e docentes em todo o mundo. O ensino remoto foi adotado pelas instituições de educação em todo mundo, e foi a solução temporária para o contexto vivido atualmente. Segundo uma resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) autorizou em parecer a oferta de atividades não presenciais de todas as modalidades de ensino.

[...] as atividades não presenciais podem ser ofertadas por meios digitais, ou não. Podem ser ministradas, por exemplo, por meio de videoaulas, de conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem e pelas redes sociais, entre outros. As atividades podem também ser oferecidas por meio de programas de televisão ou rádio; pela adoção de materiais didáticos impressos e distribuídos aos alunos, pais ou responsáveis; e pela orientação de leituras, projetos, pesquisas, atividades e exercícios indicados em materiais didáticos (TOKARNIA, 2020. p.1).

As plataformas digitais se mostram atrativas e oferecem uma proposta que nos leva a um dos temas mais atuais na contemporaneidade a tecnologia, o aluno e docente de suas casas acessam as salas de aula virtuais, ou recebem conteúdos para prosseguir com o ano letivo, A proposta é válida, porém o estudo direcionado para a modalidade de ensino remota possibilitou observar alguns aspectos.

Entre os principais aspectos seria a adaptação dos docentes e discentes a nova modalidade, pois foge completamente da realidade vivida em sala de aula, outras metodologias teriam que ser adotadas, as formas de avaliar são modificadas radicalmente, como perceber o aluno vivenciando o processo se torna bem mais complexo. Percebe-se que a modalidade de ensino remoto diminui significativamente a interação do aluno e professor, dificultando diagnósticos necessários para que o professor possa melhorar o processo de ensino aprendizagem.

É essencial no processo de letramento momentos de leitura e escrita com contato com livros, contação de histórias e prática da escrita, através desse processo o

professor observa e faz o diagnóstico, podendo auxiliar o aluno a vivenciar a prática, trabalhando a cognição do educando. O processo de letramento caminha junto com a alfabetização, e ocorre através desses processos, como destaca abaixo:

[...] no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento (SOARES, 2003. p.4).

Para desenvolvimento das habilidades que permeiam o letramento, o ensino presencial concretiza esse processo através da participação e atuação do professor, que tem função de mediador para que o processo de letramento ocorra. A experiência do educando com a leitura, e a escrita vivenciadas presencialmente, com o contato com livros, projetos voltados para literatura, produção de poemas, e confecção de materiais enriquecem e colaboram para que o letramento ocorra de forma eficiente.

De acordo com uma pesquisa realizada, “a pandemia evidência mais ainda” a desigualdades, uma porcentagem de crianças principalmente as inseridas na zona rural não tem acesso à internet, e mesmo os que possuem a qualidade da conexão não é compatível com o objetivo que é acessar as plataformas de estudo” (UNICEF, 2020).

O ensino remoto se mostra útil no contexto atual, porém não consegue alcançar todas as camadas sociais, os desafios na modalidade se colocam tanto para alunos como para os profissionais de educação, que também tem dificuldades de exercer o seu papel sem a devida estrutura.

A quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele. (SANTOS, 2020, p. 21)

Diante do contexto e dos pontos citados, uma parcela dos educandos não tem sequer acesso as plataformas, o que é uma dificuldade pertinente nos cenários de ensino remoto em todo o mundo. O ensino presencial, mesmo com todos os recursos físicos e a presença do educador, ainda sim enfrenta dificuldades na consolidação do processo de letramento, imagine nas plataformas remotas, considerando os fatos já colocados, o

ensino aprendizagem no contexto de letramento se mostra comprometido, enfrentando dificuldades de serem trabalhadas de forma remota.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Levando em consideração os aspectos mencionados no decorrer do artigo, no atual momento o processo de letramento encontra-se perante algumas inovações, tendo em vista que as plataformas digitais podem estar oferecendo ensino dinâmicos, com estimulação da leitura através de vídeos e arquivos em Word ou pdf, no qual podem ser lidos em casa ou outros ambientes. Contudo, esse letramento pode também estar sofrendo impactos negativos, uma vez que muitos alunos não têm acesso a uma internet para que esse ensino remoto ocorra.

Nesse sentido, por mais que as plataformas digitais dispõem de ferramentas acessíveis que possibilitam um leque de fontes de informação e comunicação para repassar conteúdos para os alunos, se percebe que esse ensino não traz os mesmos resultados do ensino presencial, tendo em vista que no ensino presencial ocorre a interação da criança com o meio na qual está inserido, há a afetividade, além da comunicação mais rápida, do contato físico e outros aspectos que contribuem de maneira significativa para o processo de letramento.

Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem sofre com deficiências que não podem ser supridas com o isolamento social tendo em vista que, por exemplo, o contato físico é um importante instrumento durante as práticas pedagógicas. Assim como, as relações interpessoais constituídas no âmbito escolar formam o cidadão para sua convivência social. Logo, na atualidade são necessários métodos que a família possa realizar para suprir as carências que a pandemia provocou, constituindo um processo de letramento ativo e produtivo.

No processo de letramento o ensino remoto não consegue proporcionar as ferramentas necessárias para que o professor atue efetivamente no processo de ensino aprendizagem, logo limita o processo mais importante da escola a interação. Em virtude dos aspectos abordados, a modalidade de ensino remoto tem colaborado para a transmissão de conhecimentos, porém no sentido de letramento o ensino presencial se mostra mais eficaz, o ensino também não acolhe a todos inseridos no sistema regular de ensino, evidenciando as desigualdades sociais.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Lynn. EDUCAÇÃO REMOTA: ENTRE A ILUSÃO E A REALIDADE. v.8. n.3. p.348 – 365. **Interfaces Científicas**. Aracaju, 2020 Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/9251-25201-1-SM.pdf Acesso em: 17 de julho de 2020
- BARBOZA, Esdras Jorge Santos. FILHO, Antônio Gomes Sales. SILVA, Marcia Terra da. COMPARAÇÃO ENTRE OS PRINCIPAIS AVA'S QUANTO A INTERATIVIDADE. XIV International **Conference on Engineering and Technology Education**. Salvador. 2016. Disponível em: <https://copec.eu/congresses/intertech2016/proc/works/21.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2020
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008
- GOMES, Josenir Hayne. **PLATAFORMA ANÍSIO TEIXEIRA UM TRABALHO COLABORATIVO MEDIADO PELAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO-UM OLHAR VOLTADO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E PRODUÇÃO DE MATERIAIS NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM**. Congresso internacional de educação e tecnologias-CIET EnPED. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/827-18-3715-1-10-20180522.pdf Acesso em: 20 de julho de 2020
- IDOETA, Paula Adamo. **Os desafios e potenciais da educação à distância, adotada às pressas em meio à quarentena**. Publicada em 17 de abril de 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/Myk24p1>. Acesso em: 20 de julho de 2020.
- KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?**. Brasília, 2005
- MORAN, José Manuel. **O que é Educação a Distância**. 2002. Universidade de São Paulo. Disponível em: [https://www.google.com/url?client=internal-element-cse&cx=012426026493194319923:cpod1miwgg8&q=http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf&sa=U&ved=2ahUKEwi6y5KGht\\_qAhU3I7kGHTZyABoQFjAAegQIBhAB&usq=AOvVaw2QthB2cbVZ5j9oLJJWpJQW](https://www.google.com/url?client=internal-element-cse&cx=012426026493194319923:cpod1miwgg8&q=http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist.pdf&sa=U&ved=2ahUKEwi6y5KGht_qAhU3I7kGHTZyABoQFjAAegQIBhAB&usq=AOvVaw2QthB2cbVZ5j9oLJJWpJQW) Acesso em 19 de julho de 2020
- PRESSE, France. **Unesco: metade dos estudantes do mundo sem aulas por conta da Covid-19**. Publicado 18 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/03/18/unesco-metade-dos-estudantes-do-mundo-sem-aulas-por-conta-da-covid-19.ghtml>. Acesso em: 18 de julho de 2020.
- ROQUE, Alexandre S. GEISS, Eno R. SANTOS, Cristina P. SILVA, Denilson R. da. Técnicas de Gamificação em AVAs: **Um Estudo de Caso no Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle**. Anais do EATI - Encontro Anual de Tecnologia da Informação e Semana Acadêmica de Tecnologia da Informação. 2013. Disponível em: <http://www.eati.info/eati/2013/assets/anais/artigo53.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2020
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S/A, 2020.
- SOARES, Magda. **Entrevista com Magda Soares - Parte I** (Plataforma do Letramento). Publicado em 3 de outubro 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=wIznCg\\_Ad0](https://www.youtube.com/watch?v=wIznCg_Ad0) - Acesso em: 19 de julho de 2020.

SOARES, Magda. **Entrevista com Magda Soares - Parte II** (Plataforma do letramento). Publicado em 7 de novembro de 2013. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=Q9\\_SQLyzvGo](https://www.youtube.com/watch?v=Q9_SQLyzvGo) - Acesso em: 19 de julho de 2020.

SOARES, Magda. **Entrevista com Magda Soares - Parte III** (Plataforma do Letramento) publicado em 13 de novembro de 2013. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=PsJHA0AbNE4> - Acesso em: 19 de julho de 2020.

TOKARNIA, Mariana. FRANCO, Nádia. **Brasil tem 4,8 milhões de crianças e adolescentes sem acesso à internet em casa**. Publicado em 17 de maio de 2020. Disponível em:  
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/brasil-tem-48-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-sem-internet-em-casa> - Acesso em: 24 de julho de 2020.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **A UNESCO reúne organizações internacionais, sociedade civil e parceiros do setor privado em uma ampla coalizão para garantir a #AprendizagemNuncaPara**. Disponível em:  
<https://pt.unesco.org/news/unesco-reune-organizacoes-internacionais-sociedadecivil-e-parceiros-do-setor-privado-em-uma>. Acesso em: 5 de maio de 2020.

## O ENSINO E APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL: desafios e perspectivas

Sandra Maria Lemos Campelo

*Mestre em Letras – Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Graduada em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Especialista em Língua Portuguesa (UNIVERSO-RJ). Especialista em Gestão e Supervisão Escolar (FAETE-PI). Professora aposentada da rede estadual de ensino do Piauí. Professora de Língua Portuguesa da rede pública municipal de ensino de Altos (PI).*

O presente artigo é resultado de uma reflexão teórico-prática que investigou a efetividade do uso das novas tecnologias educacionais como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem em tempos de aulas remotas, sob a perspectiva dos professores. O atual contexto revelou a necessidade de todos os envolvidos em educação lidarem com as novas tecnologias digitais que possibilitassem a interação entre professor-aluno e estabelecessem um *feedback* aluno - escola. A relação professor-aluno, nesse trabalho, é fundamentada na perspectiva da interação como um ato dialógico, onde o aluno é um ser ativo assumindo a posição de sujeito da interação, conforme Bakhtin (1997). A tecnologia é considerada, no atual contexto, instrumento capaz de quebrar a barreira do distanciamento social e aproximar alunos e professores na interação. Como objetivos específicos, verificou-se a efetividade das aulas remotas via internet - aplicativo *whatsAapp* - em uma escola da rede pública; a adaptação dos professores à nova realidade, apesar do (des)conhecimento das novas tecnologias e a efetividade da aprendizagem. A análise partiu da experiência da autora que é professora, juntamente com os colegas que atuam na mesma escola. A socialização da experiência entre os professores, aconteceu via internet - aplicativo *zoom*. O resultado revelou as dificuldades do professor com aulas remotas mediadas pela tecnologia. Explicita-se a defesa da formação continuada do professor para o uso da tecnologia. Apesar do desafio, a internet foi fundamental para a continuidade do processo educacional. Tivemos como referências Bakhtin (1997); Pereira (2005); Nóvoa (2002); Vigostky (1991); dentre outros.

**Palavras-chave:** Professor, Aula remota, Ensino, Tecnologias digitais.

### INTRODUÇÃO

O presente estudo partiu de uma reflexão relacionando as principais discussões teóricas à experiência de professores da rede pública de ensino fundamental, dentre eles a autora, objetivando examinar o uso de mídias digitais no ensino, em aulas remotas, os desafios enfrentados por professores e alunos e a efetividade da aprendizagem.

O uso da internet nas atividades educacionais já é uma realidade em grande parte das escolas da rede privada, no caso das escolas da rede pública, a exemplo da escola campo de análise da presente reflexão, muitas dificuldades ainda afastam essa realidade, que vão desde a falta de infraestrutura, falta de insumos de informática, de laboratórios preparados para receber os alunos, a falta de conhecimento de manuseio com as mídias

por parte de alguns professores e até falta de acesso à internet. Manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino e desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes são alguns dos principais desafios da profissão do educador (NÓVOA.2002, p.37).

O contexto de distanciamento social, provocado pela atual pandemia mundial, que provocou a suspensão das aulas presenciais e impulsionou a necessidade de dar continuidade à formação dos alunos por meio de aulas remotas, tornou a internet, uma ferramenta pedagógica essencial e necessária diante da nova realidade. Advindo dessa novidade e pensando na realidade de grande parte das escolas públicas, como a escola lócus, surgiram as questões que se tornaram objetivos da pesquisa: Como será possível, em uma escola sem inclusão digital, com inúmeras muitas dificuldades, trabalhar com aulas remotas fazendo uso de internet? Quais serão os desafios enfrentados por professores e alunos para se envolverem efetivamente no processo de ensino e aprendizagem? Qual a efetividade da aprendizagem?

A metodologia para a produção do artigo consistiu em relacionar as principais discussões teóricas acerca do tema em comento com a prática dos professores de uma escola da rede pública municipal da cidade de Altos (PI). As reflexões partiram de avaliações do processo feita pelos professores e equipe gestora da escola, através de reuniões *on-line* quinzenais (com o uso do aplicativo zoom).

Essa nova forma de ensino - aulas remotas - é uma realidade que tem se configurado em todo o Brasil. Outorgada pelo parecer do Conselho Nacional de Educação-CNE/CP de nº 005, 28/04/2020, recentemente homologado pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC, que autoriza o uso de ambientes virtuais, apoiados com os suportes tecnológicos necessários ao desenvolvimento da atividade colaborativa.

Na escola de educação básica, lócus da reflexão, o novo contexto fez com que o professor se resignificasse tanto na compreensão e utilização das ferramentas didáticas, quanto na nova forma de conceber o ensino. As aulas agora remotas acontecem via internet - por meio do aplicativo de mensagens *whatshApp* - que por ser uma tecnologia móvel, permite aprender em diferentes espaços, trazendo uma nova maneira de estudar, com novos desafios a professores, alunos e pais. Serviram de fundamentação teórica para esta pesquisa Bakhtin (1997); Bernini (2017); Pereira (2005); Feldmann (2009); Nóvoa (2002); Vigostsky (1991), dentre outros.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### **Tecnologias Digitais e Educação: desafios e perspectivas**

A Internet é uma vasta rede de computadores de forma integrada interligadas pelo mundo inteiro viabilizando a conectividade e a interação entre as pessoas. Segundo a enciclopédia Wikipédia, internet é um sistema global de redes de computadores interligadas que utilizam um conjunto próprio de protocolos (*Internet Protocol Suite* ou TCP/IP) com o propósito de servir progressivamente usuários no mundo inteiro.

Contemporaneamente, com as presentes mudanças, usar as mídias digitais, está se tornando indispensável na vida das pessoas em todos os setores, inclusive na educação. Isso vem exigindo uma nova postura dos professores em relação à sua prática pedagógica. Na escola lócus, ao se adotar a sistemática de aulas remotas, o uso de tecnologias para os jovens professores, significou menos dificuldades, para os professores formados há mais tempo, maiores foram as dificuldades de se adaptarem a essa nova e necessária realidade de utilizar as mídias digitais como instrumento de ligação entre professor e aluno. A dificuldade revela, de antemão, duas vertentes: falhas na formação inicial do professor e a necessidade de uma formação continuada, voltada para o uso das novas mídias digitais.

É consenso que o território da internet pode e deve ser utilizado para realizações de situações de aprendizagem no ensino, o que acontece, inclusive, nesse contexto de epidemia pelo mundo afora, onde as aulas deixaram de ser presenciais e passaram a ser remotas, na internet. Mas está o professor preparado para essa nova realidade contemporânea?

[...] a sociedade contemporânea, denominada por alguns como sociedade da informação e por outros como sociedade do conhecimento, se apresenta tendo como uma de suas características a acelerada transformação pela qual passa o mundo, provocada pelos avanços tecnológicos, que incidem na constituição de uma nova cultura do trabalho, afetando diretamente o universo escolar. Diante dessa situação, o professor, como também outros profissionais da escola, vê-se impelido a rever sua atuação, suas reponsabilidades e sus processos de formação e ação (FELDMANN, 2009, p.71).

Nesse cenário, a sociedade de informação, do conhecimento instantâneo, as novas formas de explorar meios tecnológicos em prol do ensino, principalmente para

professores da “velha geração”, na escola lócus, acabou ficando por conta do próprio professor, tendo em vista que raramente são ofertados curso de formação continuada pela rede de ensino objeto da pesquisa, que tenha como foco a temática dos recursos tecnológicos. E agora, aliada à necessidade de aulas remotas, os professores tiveram que se reinventar para superar esses desafios educacionais em prol da continuidade da formação dos alunos, em especial nesse momento de pandemia.

Formar cidadãos preparados para o mundo contemporâneo é um grande desafio para quem dimensiona e promove a educação. Em plena Era do Conhecimento, na qual a *inclusão digital e a Sociedade da Informação* são termos cada vez mais frequentes, e ensino não poderia se esquivar dos avanços tecnológicos que se impõem ao nosso cidadão. (PEREIRA, 2005, p. 56)

Assim, cabe ao professor o compromisso de aceitar o desafio, criando novas metodologias via internet para embasar as aulas remotas de forma interacional. Manter-se sempre em formação, esse é um grande desafio do professor que vai além de uma formação inicial, mas contínua, fazendo da internet é um espaço sociodiscursivo capaz de ampliar as possibilidades de interação, modificando e/ou criando novas situações de ensino.

Questionado sobre a formação do professor, Antônio Nóvoa, doutor em ciências da educação, afirmou, em entrevista à revista Nova Escola, disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevistaformacao-antonio-novoa>, acreditar que o equilíbrio entre inovação e tradição é difícil. Para o estudioso, a mudança na maneira de ensinar tem de ser feita com consistência e baseada em práticas de várias gerações, pois na situação de ensino nada se inventa, tudo se recria. Acredita ainda que o resgate das experiências pessoais e coletivas é a única forma de evitar a tentação das modas pedagógicas. Ao mesmo tempo, o teórico sugere que é preciso combater a mera reprodução de práticas de ensino, sem espírito crítico ou esforço de mudança.

O professor Nóvoa destaca, ainda, que é preciso estar aberto às novidades e procurar diferentes métodos de trabalho, sempre partindo de uma análise individual e coletiva das práticas. Eis o desafio do profissional-professor. Assim, o professor mediador do processo de ensino, seja presencialmente, seja de forma remota deve buscar se aprimorar cotidianamente em sua formação.

Através da *internet*, vista neste trabalho como um espaço ou uma esfera da atividade humana, no sentido bakhtiniano, no qual as práticas discursivas vão se inter-relacionar e se realizar. Nesse contexto, o professor como mediador desse processo, é fundamental, e a formação de professores, vale reforçar, principalmente em um momento no qual se acusam o ensino e os profissionais responsáveis por ministrá-lo por todas as mazelas que afetam a Educação, é o caminho por excelência para um ensino de qualidade (NÓVOA, p. 37, 2002).

Nas relações entre os indivíduos, no caso - professor/aluno - através da *internet*, no ensino remoto, a mediação do professor é fundamental para o prosseguimento das atividades, ampliando o grau de interesse e o grau de conexão. O mecanismo utilizado é a linguagem, seja em sua modalidade escrita ou oral, ou mesmo através de outras semioses como vídeos, áudios necessários para fazer a interação. Vygotsky (1991) afirma que a aprendizagem se realiza sempre em um contexto de interação, através da internalização de instrumentos e signos levando a uma apropriação do conhecimento.

Na escola, lócus da reflexão, as aulas remotas acontecem via *internet*, através do aplicativo *whatshApp*, que é um aplicativo multiplataforma de troca de mensagens instantâneas e disponibilidade de chamadas de voz que permite a interação através do celular. Pelo aplicativo, os usuários podem enviar imagens, áudios, vídeos e documentos em PDF, criar grupos com até 100 pessoas, além ligações gratuitas por meio da conexão com a *internet*. É considerado uma mídia social de longo alcance. Com tantas 'vantagens' somadas à possibilidade de não precisar pagar pelo uso, o *WhatsApp* passou a ser considerado alternativa plausível para o prosseguimento das aulas de forma remota na escola do estudo, considerando a situação estrutural da escola e o nível socioeconômico dos discentes.

### **Em tempos de aulas remotas**

A suspensão das aulas deixou toda a sociedade na incerteza em relação ao futuro do ensino presencial e a possíveis prejuízos em relação e aprendizagem. Por ser uma questão que exigia uma atitude rápida para evitar danos, o gestores públicos, e sociedade civil organizada e comunidade de responsáveis pela educação, com base em experiências de outros países que enfrentaram a pandemia do Coronavírus antes do

Brasil, como China e Itália apontaram uma rápida solução: o uso das tecnologias digitais, para trabalhar aulas remotas.

O dicionário *online* de Português, traz para a palavra remota os seguintes significados:

Adjetivo- Que é antiga; que ocorreu há muito tempo: época remota. Que se apresenta afastada, no tempo e/ou no espaço: área remota. Que tende a não acontecer; pouco provável: chances remotas. **[Informática] Que se realiza por meio de uma conexão de computadores ou de outros instrumentos semelhantes.** Etimologia (origem da palavra *remota*). Feminino de remoto, do latim remotus.a.um. ( **Dicio, Dicionário Online de Português, definições e significados de mais de 400 mil palavras. Todas as palavras de A a Z, grifo nosso**)

No atual contexto da educação brasileira, a atividade ou aula remota, é considerada uma solução temporária para minimizar os impactos na aprendizagem dos alunos que em regularmente estudavam na forma presencial e, por conta do quadro de epidemia, passaram a estudar de forma remota, tendo como principal ferramenta de interação, a internet.

No Brasil, as aulas presenciais nas redes de ensino foram suspensas desde março de 2020, e a continuidade das atividades de modo remoto para atender os alunos, segue Portaria do Ministério da Educação e Cultura- MEC. As aulas remotas não chegam a constituir uma modalidade ensino como o Ensino à distância- EAD que possui um modo de funcionamento próprio, mas uma solução rápida e acessível. Ambos se assemelham apenas no que se refere a uma educação mediada pela tecnologia. A aulas remotas de forma *on-line*, nesse contexto, chegam a constituir uma abordagem didático-pedagógica para os professores executarem o trabalho de forma remota, significa, literalmente, trabalho a distância.

O Ministério da Educação e Cultura- MEC, homologou, com publicação pública em 1º de junho, Parecer CNE/CP nº 005, de 28 de abril de 2020, aprovado pelo Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação-CNE, que trata da reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia do novo Coronavírus (Covid-19). O parecer autorizou aulas remotas e que as mesmas passassem a ser contadas como carga horária, levando em conta a situação de cada estudante, de

cada família evitando o aumento da desigualdade social e a evasão escolar. Ainda segundo o parecer,

[...] é importante considerar as fragilidades e desigualdades estruturais da sociedade brasileira que agravam o cenário decorrente da pandemia em nosso país, em particular na educação, se observarmos as diferenças de proficiência, alfabetização e taxa líquida de matrícula relacionados a fatores socioeconômicos e étnico-raciais. Também, como parte desta desigualdade estrutural, cabe registrar as diferenças existentes em relação às condições de acesso ao mundo digital por parte dos estudantes e de suas famílias” (PARECER CNE/CP nº005,28/04/2020, p.3).

O Parecer do MEC autoriza que as aulas, antes presenciais, possam ser ofertadas de outras maneiras, via internet, como videoaulas; conteúdos organizados em plataformas e ambientes virtuais de aprendizagem; redes sociais; programas de televisão ou rádio; adoção de materiais didáticos impressos e distribuídos aos alunos e seus pais ou responsáveis e etc.

Alguns estados e municípios adquiriram conteúdos de empresas privadas que fornecem educação à distância, seja por meio de plataformas on-line, ou até televisão e via rádio. Em outros casos, como da escola lócus, os professores viraram *youtubers* e produziram suas aulas, sem sequer receber treinamento.

O referido Parecer objetiva também, evitar que o tempo em que as aulas estejam suspensas de forma presencial, possa ocasionar: dificuldade para reposição de forma presencial da integralidade das aulas suspensas ao final do período de emergência, com o comprometimento ainda do calendário escolar de 2021 e, eventualmente, também de 2022; retrocessos do processo educacional e da aprendizagem aos estudantes submetidos a longo período sem atividades educacionais regulares, tendo em vista a indefinição do tempo de isolamento; danos estruturais e sociais para estudantes e famílias de baixa renda, como *stress* familiar e aumento da violência doméstica para as famílias, de modo geral; e abandono e aumento da evasão escolar.

E finaliza ressaltando que é necessário considerar propostas de aulas remotas que não aumentem a desigualdade social e oportunizem a inserção das mídias digitais no contexto escolar de todos os alunos, sem distinção. Nas escolas da rede municipal, a Secretaria de Educação de Altos, seguindo todas as recomendações dos documentos legais, pertinentes à pandemia/educação, traçou metas e baixou normativas orientando

as escolas da rede sobre como proceder diante do contexto, conforme exposto na sequência.

### **A Mediação e Perspectivas de Aprendizagem nas Aulas Remotas no Contexto de 6º ao 9º ano**

De acordo com os últimos dados da A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que monitora os impactos da pandemia na educação, em 156 países pelo mundo, as escolas e universidades deixaram de ministrar aulas presenciais, fato que afeta 1,4 bilhão de alunos, correspondendo a 82,5% de todos os estudantes no mundo.

Em Altos (PI), também não poderia ser diferente. Em tempos de pandemia, os professores da escola da lócus da reflexão, diante das orientações da Secretaria Municipal de Educação, oriundas de alterações na Legislação Brasileira, disponibilizam atividades escolares para evitar que os alunos, dentre outras situações, possam sofrer retrocessos do processo educacional e da aprendizagem devido ao longo período sem atividades educacionais regulares ou mesmo abandonem a escola, aumentando a evasão escolar.

Seguindo o referido Parecer, endossado pelo MEC, no Ensino Fundamental, as dificuldades para a realização de aulas remotas, serão diminuídas ao longo, sendo importante a supervisão de adultos seja presencial ou virtualmente. Abrindo maiores possibilidades de as atividades pedagógicas não presenciais ganharem maior espaço.

Como fazer a transposição do parecer do MEC para a prática de escolas públicas de parques recursos? Como está realmente acontecendo na prática? Qual o caminho percorrido pela escola municipal lócus da pesquisa? Como os professores estão se adaptando? Está sendo garantida a isonomia na aprendizagem dos alunos? Os alunos estão efetivamente participando do processo? Como os professores avaliam a situação?

### **A Realidade do Lócus: uma descrição da prática**

É consenso que no geral a rede pública, em especial de ensino fundamental, persiste um grande problema: a falta de infraestrutura. Quando a escola dispõe de recursos tecnológicos, esbarra na falta de manutenção e na falta de acesso à internet em larga escala, para uso de professores e alunos. Também, nas escolas públicas,

geralmente quando dispõe de internet, é restrita, suficiente apenas para resolver problemas de documentação na secretaria. Esse quadro desestimula grande parte dos professores que possam tentar investir em um trabalho pedagógico a ser realizado com equipamentos tecnológicos, optando, muitas vezes, por não utilizar tendo em vista a precariedade de funcionamento.

Na prática, a escola municipal de 6º ao 9º ano, espaço da presente reflexão, como muitas escolas espalhadas pelo Brasil, não dispõe de uma infraestrutura como em muitas outros estados e municípios que fornecem educação remota por meio virtual. A escola pesquisada não dispõe de laboratório de informática, acesso à plataformas *online*, nem canal de rádio ou TV disponíveis para oferecer aulas remotas, possui apenas internet para resolver os problemas internos da secretaria da escola. Restou a cada professor, à equipe de gestores e aos alunos utilizar a internet particular, via celular, para dar continuidade ao trabalho escolar de forma remota.

A nova Base Nacional Comum Curricular- BNCC, 2017, documento oficial que orienta o ensino no Brasil, traz como uma de suas dez competências gerais transversais, a cultura digital, orientando que o aluno deve compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. Essa competência reconhece o papel fundamental da tecnologia e estabelece que o estudante deve dominar o universo digital, sendo capaz, portanto, de fazer um uso qualificado e ético das diversas ferramentas existentes e de compreender o pensamento computacional e os impactos da tecnologia na vida das pessoas e da sociedade, para isso, o professor- mediador do processo também deve estar qualificado.

A equipe gestora da escola, através de reunião com os professores(cada um com sua rede particular de internet) de forma online, pela plataforma *zoom*, organizou e planejou, seguindo determinações da Secretaria Municipal de Educação, como deveriam acontecer as aulas remotas da unidade de ensino em termos de planejamento, atividades e o meio midiático que deveria chegar até o aluno. O aplicativo *WhatsApp*, por ser considerado de longo alcance, passou a ser a alternativa para a aulas remotas na escola lócus da pesquisa. Também foi pensado na parcela de alunos que não teriam

condições de ter acesso à internet e, por conseguinte, às aulas remotas, sendo solicitado pela equipe gestora que todas as atividades trabalhadas de forma remota deveriam ser enviadas para o *email* da escola, para posteriormente ser fotocopiada e entregue (em data previamente marcada) a cada responsável pelo aluno que se enquadrasse na situação para, assim, tentar amenizar as grandes desigualdades.

Durante os encontros, através do aplicativo zoom, da equipe gestora com os professores, incluindo a autora dessa reflexão, os professores que tem mais tempo de serviço, confessaram não ter muita afinidade com as mídias digitais, mas que com a necessidade foi necessário se reinventar e buscar dominar o pelo menos o mínimo para que as aulas acontecessem, outros mais jovens, não demonstraram dificuldade em operar as mídias, mas mesmo assim, também tiveram que se adaptar à nova forma de ensino remoto.

Os professores envolvidos passaram a produzir aulas *online*, como em muitas realidades no Brasil afora, sem que antes recebessem qualquer treinamento. As aulas e atividades passaram a acontecer por meio do aplicativo *whatshApp*, da seguinte forma: Para cada turma, por ano de ensino, foi organizado um grupo de *whatshApp* composto pelos alunos matriculados na turma e pelos professores de todas as disciplinas lotados naquela sala.

Para organizar melhor, a equipe de gestores estabeleceu um cronograma semanal especificando que cada dia da semana deveria ser trabalhado duas disciplinas: segunda-feira (Língua Portuguesa e Educação Física), terça-feira (Ensino Religioso. Física e Geografia) quarta-feira (Matemática, Artes e Química), quinta-feira (Inglês e Espanhol), sexta-feira (História e Ciências). As aulas teriam ciclos mensais, ao final de cada mês, as atividades discutidas e enviadas no grupo de *whatshApp*, a ser feitas posteriormente pelos alunos deveriam ser entregues na escola para que cada professor tivesse acesso e as corrigisse.

Após dois meses de aulas remotas, tendo em vista corrigir algumas falhas, ocasionadas pelo excesso de atividades diárias para os alunos, que estavam ficando desestimulados, a equipe pedagógica e professores (em reunião on-line) resolveram fazer modificação no calendário de aulas, passando a acontecer uma disciplina por dia, a fim de otimizar a aprendizagem do conteúdo e ampliar o tempo de interação do aluno

com o professor- uma manhã ou tarde inteira com o aluno-(conforme o horário de sua lotação). A participação dos alunos aumentou consideravelmente, após a modificação.

Dessa forma, através dos grupos de *whatshApp* formados, as aulas/atividades remotas acontecem, os professores buscam oferecer, dentro das possibilidades e limitações do meio utilizado, atividades, vídeos, áudios gravados, fotos, mensagens, plataformas para continuar mantendo o contato com os alunos.

Todo esse contexto é novidade para os envolvidos, principalmente para aqueles que não tinham muita “intimidade” com as mídias digitais e que para enfrentar esse desafio, não passou por nenhuma preparação específica. Durante os encontros quinzenais de equipe gestora com os professores segundo a avaliação da maioria dos professores, a realização de aulas remotas está sendo positiva em grande parte. Como negativo, os professores apontam o fato de alguns alunos que não conseguem ter acesso à internet.

### **A Realidade do Lócus: as perspectivas da aprendizagem**

E os nossos alunos? Infelizmente, como já relatado anteriormente, nem todos podem acessar a internet, muitos não tem aparelho de celular, alguns pela baixa condição socioeconômica, outros por residirem na zona rural do município, outros pela junção de todas as condições anteriores. Para esses alunos, a equipe gestora da escola, levando em conta a situação de cada aluno, de cada família, pensando em evitar o aumento da desigualdade e de uma possível evasão escolar, solicitou, como já mencionado, que cada professor envie para o *email* da escola, atividade com o conteúdo referente ao assunto abordado em aula.

E a aprendizagem? As atividades são mediadas pelos professores, dentro das condições possíveis. A atual concepção de mediação pedagógica, em detrimento da abordagem tecnicista de ensino anterior à década de 1970, considera uma nova relação entre professor e aluno, uma relação interacional. Nessa reflexão é entendida como base no pensamento de Vygotsky, na qual o sujeito mais experiente faz a mediação para que o outro possa se apropriar dos conhecimentos partilhados na interação, numa linha sociointeracionista.

De acordo com Vygotsky (1991), o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal- (ZDP) representa a distância entre o nível real simbolizado pela capacidade

de resolver atividades individualmente e o nível de desenvolvimento potencial, representado pela capacidade de resolver problemas com a ajuda de pessoas mais experientes. É nesse espaço, compreendido por esses dois níveis que o professor mediador irá atuar favorecendo o desenvolvimento do aluno, tornando-o hábil de desenvolver práticas cotidianas.

A mediação, durante as aulas remotas, acontece através da internet – via aplicativo *whatshApp*, e, conforme o ponto de vista dos professores envolvidos, apesar das limitações já supra mencionadas, acontece de forma satisfatória. No contexto geral, os professores avaliam como positiva as aulas remotas da forma como está acontecendo na escola *lócus*, tendo em vista o *feedback* dos alunos sempre em busca de tirar dúvidas, questionar, pedir, solicitar explicações, que alguns alunos participam, via aplicativo, até mais do que quando estavam nas aulas presenciais.

Além dos alunos, os pais tem dado retorno, alguns inclusive, postam áudio e vídeos no grupo de *whatshApp* geral da escola agradecendo aos professores e a todos os envolvidos pela forma como o processo está acontecendo, também postam o vídeo dos alunos respondendo as atividades de forma organizada. Esse retorno por parte dos alunos é muito importante, pois quanto mais ricas forem as interações, melhor será o desenvolvimento da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), e por conseguinte, a mediação está sendo favorável à aprendizagem. “A mediação pedagógica refere-se à atitude e ao comportamento do professor que deve se posicionar como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem” (MASETTO, 2000, apud ANTUNES e OLIVEIRA, 2013, p. 67). Nessa visão, o professor é importante mediador na construção do saber – seja de forma presencial, seja de forma remota- pois é quem decide, planeja e aplica atividades de ensino, por fim, interage com o aluno.

Infelizmente, também é consenso, na opinião dos professores da escola *lócus*, que parte dos alunos- embora poucos, considerando a quantidade total da escola, que por não terem acesso às ferramentas tecnológicas necessárias para a efetivação das aulas remotas, ficam apenas com as cópias dos conteúdos e atividades referentes às aulas, sem o contato com o mediador. Esses sim, terão que se reinventar e estudar sozinhos com muita disciplina para tentar acompanhar o processo que não pode parar. A participação dos pais ou responsáveis nesse contexto é de suma importância, com o

acompanhamento em casa, e o retorno das atividades/tarefas, tendo em vista se tratar de alunos do 6º ao 9º ano.

Por fim, nessa mudança de aulas presenciais para aula remotas, a educação, as escolas e os professores, aluno e pais, especialmente da rede pública, não estavam preparados para essas alterações, mas juntos estão tentando vencer muitas barreiras ocasionadas pelo contexto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Das leituras realizadas à análise dos fatos apresentados foi possível tecer uma série de relações conceituais, que vão desde a percepção da importância da mediação do professor e da influência que o momento atual de pandemia exerce sobre ela, à consolidação de uma defesa pelo ensino voltado para a valorização do professor e da formação continuada.

Essa defesa fundamenta-se na experiência que o atual contexto de pandemia, embora o uso de tecnologias digitais estejam em franca implementação e ascensão, por vários fatores que vão desde o desconhecimento ou insegurança para usar equipamentos; falta de capacitação continuada; falta de estrutura tecnológica na escola em que trabalha, são barreiras que muitos profissionais que atuam com a educação básica, principalmente, têm que enfrentar, barreiras que não foram suficientes para impedir que as aulas remotas na escola lócus da reflexão acontecessem de forma satisfatória.

Percebe-se, também, a grande necessidade da escola e os professores se abrirem ao mundo tecnológico como um espaço de interação, não só em tempos de pandemia, mas também em todas as situações. Mesmo diante das dificuldades apresentadas, diante da necessidade de aula remotas, a escola e, principalmente, os professores sustentaram o compromisso com a formação do aluno e a redução das desigualdades de aprendizado entre os alunos, mediando o conhecimento, nesse momento de forma remota. Para isso se efetivar, muitos tiveram de sair da sua 'zona de conforto' e enfrentar as barreiras e desafios do 'desconhecimento' do uso de tecnologias digitais para atuar nesse novo modelo de educação e seguir com foco na continuidade e eficácia do processo de ensino, de forma remota, pois o grande

[...] desafio da escola e dos professores usar metodologias que proporcionem e privilegiem a construção do conhecimento, transforma a informação em saber, que por sua vez, agreguem ao conhecimento previamente adquirido, incentivando a estimular a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão (BERNINI, 2017. p. 106).

A equipe gestora da escola também desempenhou um papel importante para a realização das aulas de forma remota na escola. O fato é o atual contexto, ocasionado pela pandemia do Coronavírus, fez das tecnologias digitais a melhor alternativa para dar continuidade de interação e comunicação no processo educacional, colocando alunos e professores em interação constante, mesmo que seja remotamente. O desafio é enorme, em especial para os professores que precisam urgentemente de formação continuada para melhor desenvolver o processo.

Importante ressaltar que independente do momento de pandemia, nesse amplo campo de multiplicidade de recursos disponíveis, sejam de multimídias ou outras formas de acesso ao conhecimento, necessário se faz discutir a formação continuada de professores com fito a atender as novas expectativas educacionais e interagir com o contexto no qual a instituição está inserida, buscando constante atualização dos conhecimentos adquiridos para poder atuar como mediador e incentivador dos alunos sem suas aprendizagens. A nova forma de mediação das aulas, agrega novos conhecimentos a alunos, professores enfim, para todos os envolvidos, sem perder tempo e sem colocar a saúde de todos os envolvidos em risco, afinal para “tempos excepcionais”, precisamos ter atitudes excepcionais, estratégias diversas.

Atualmente, a falta de acesso e o uso limitado das tecnologias ampliam as desigualdades. Afinal, quem sabe usá-las está mais preparado para os desafios do mundo. As escolas precisam assegurar a infraestrutura. Para os professores, fica a tarefa de qualificar o uso para que os alunos façam o melhor proveito desses recursos, nesse e em outros momentos quando voltar o “novo” normal das aulas presenciais. Por fim, o modo de olhar do professor nesse novo modo de ensinar, sua disponibilidade de usar seu telefone e internet pessoal, foi fundamental. Urge uma maior valorização do professor, não só em tempo de pandemia, mas em todo e qualquer tempo.

## **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERNINI, Denise Simões Dupont. **Fatores de sucesso para a prática de projetos de aprendizagem.** In: DIAS SIMONE REGINA & VOLPATO ARCELONI NEUSA, [et ali] Práticas Inovadoras em Metodologias Ativas. Florianópolis: Contexto Digital, 2017.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Disponível em:  
<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 19 jun. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação/ Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº005, de 28/04/2020. Institui a Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília, DF, 28 abril. 2020. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf)>. Acesso em: 05 jun. 2020.

CONTEÚDO aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Conte%C3%BAdo\\_aberto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Conte%C3%BAdo_aberto)> Acesso em: 08 jun 2020.

FELDMANN, M. G. Formação de professores e cotidiano escolar. In: FELDMANN, M G.(Org.) Formação de professores e escola na contemporaneidade. São Paulo: Editora SENAC, 2009, p. 71-80.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Alínea, 2013.

MASETTO, M. T. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia.** In: ANTUNES, R; OLIVEIRA, R. de. Negligência na mediação do professor no trabalho de leitura. São Paulo: Parábola, 2013.

NÓVOA, Antonio. (Coord.). Os professores e sua formação. Lisboa-Portugal: Dom Quixote, 2002.

OLIVEIRA, E. M. de, ALMEIDA, J. L.V, ARNONI, M. E. B. (2007). **Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática.** São Paulo: Edições Loyola.

PEREIRA, João Thomaz. **Educação e Sociedade da Informação.** In. COSCARELLI, Carla Viana. Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

## ENFRENTAMENTOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: EXPERIÊNCIAS NO CENÁRIO DA COVID-19

André Luiz Souza da Silva

Graduado em Letras (UEPB), pós-graduado em Ensino de Línguas (UEPB) e mestrando em Linguística (UFPB). E-mail: andreluiz.bans@gmail.com

O presente artigo é resultado das experiências docentes de um professor de Língua Portuguesa (LP) no cenário da covid-19, indicando reflexões sobre o ensino de língua(s) no contexto de ensino remoto. Nessa direção, o objetivo é analisar práticas do ensino de LP em Solânea-PB, a partir de recursos digitais. Para tanto, concebe-se que o professor adota concepções de língua ancoradas em seus saberes ao estudar, pesquisar e se atualizar frente as novas demandas teórico-metodológicas (OLIVEIRA; WILSON, 2017). Além disso, não há como deixar de se interessar pelos avanços tecnológicos da informação e comunicação (PEREIRA, 2012), uma vez que as tecnologias têm oportunizado o acesso a novas formas de ensinar e aprender, contribuindo com ferramentas para a interação, no processo de ensino-aprendizagem (BARBOSA, ANDRADE, SOUTO, 2019). Assim, direcionam-se discussões mediante aportes sobre ensino remoto, educação a distância e o uso de recursos digitais, bem como enaltece colocações de documentos oficiais como os PCN (1998) e a BNCC (2018). A metodologia é de natureza qualitativa de caráter exploratório, concebendo um *locus* escolar-virtual, com turmas finais do fundamental (GIL, 2002; PAIVA, 2019). Assim, pôde-se estabelecer as dificuldades e novos aprendizados no contexto do ensino remoto, indicando a necessidade de que as práticas de ensino, mediadas pelo computador/celular, sejam cada vez mais motivadas e inseridas na formação discente, bem como o investimento em formação docente adequada a essas demandas digitais. Por fim, isso é desenvolvido também à luz das postulações de Bezerra (2010), Recuero (2014), Tavares (2014), Rojo (2012), Hodges *et al* (2020).

**Palavras-chave:** Ensino remoto, Ensino de língua, Práticas de ensino.

### INTRODUÇÃO

Diante do cenário imposto pelo novo coronavírus, esta pesquisa é um objeto de reflexão docente que se faz pelas experiências vivenciadas no contexto escolar. Nesse sentido, a pesquisa justifica-se pela possibilidade de se refletir a respeito do fazer docente no cenário pandêmico, considerando que o professor-pesquisador é aquele que se posiciona não só como usuário dos conhecimentos produzidos por outros profissionais do ensino ou pesquisadores da área, mas também se posiciona ativamente diante de seus próprios problemas docentes, considerando que é necessária a melhora de sua prática. Desse modo, o professor-pesquisador se diferencia dos outros professores porque assume o compromisso de reforçar e desenvolver aspectos positivos

de sua prática, buscando sanar as deficiências. Logo, é aberto para as discussões de novas ideias e estratégias de ensino-aprendizagem (BORTONI-RICARDO, 2008).

Dito isso, o objetivo deste trabalho é o de analisar, qualitativamente, as experiências vividas com o ensino de Língua Portuguesa (LP), no contexto da educação básica, diante do cenário pandêmico. Nesse sentido, também está interessando em refletir, especificamente, sobre os aspectos positivos e negativos vividos no contexto do ensino remoto (ER), compreendendo que tem diferenças da educação a distância (EaD). Portanto, para desenvolver atividades nesse cenário, o professor acaba por adotar para seu fazer docente concepções de ensino e de língua/linguagem. Também ressalto que, para a socialização das vivências, será frequente o uso da primeira pessoa do singular, digo isso por compreender que as vivências se restringem à minha prática docente, sendo algo particular e que não pode nem deve ser tida como realidade unívoca.

Para tanto, o trabalho estrutura-se em seções: após esta introdução, a seção seguinte – a metodológica – traçará os aspectos técnicos que solidificam as discussões aqui empreendidas; a seção de referencial teórico concebe discussões sobre ensino de língua/linguagem, também tematizando questões voltadas ao ER e a EaD; feito isso, serão apresentadas as reflexões e experiências na seção resultados e discussão, indicando colocações relevantes dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) e da *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC); ademais, a seção de considerações finais, seguida do referencial teórico que ancora as explicações aqui discutidas.

## **METODOLOGIA**

A metodologia é o caminho percorrido para a finalização da pesquisa, sendo crucial a sistematização para que ocorra o reconhecimento e o detalhamento daquilo que ainda não se conhece por completo (PAIVA, 2019). Nesse sentido, a discussão que se engendra nas linhas deste trabalho é de natureza qualitativa, considerando que o mapeamento da realidade vivenciada se faz de forma exploratória e a esquematização das atividades vividas se faz por meio de caráter descritivo (GIL, 2002).

Para tanto, a pesquisa se vale das experiências, logo, identifica-se o pressuposto da reflexividade, uma vez que o pesquisador também é parte daquilo que ele pesquisa (BORTONI-RICARDO, 2008). No mais, deve-se ressaltar que também serão adotadas

postulações documentais oficiais e bibliográficas, com base nos dizeres de autores que tematizam o assunto, tanto em materiais físicos quanto eletrônicos.

As experiências relatadas resultam do trabalho docente regular com alunos de uma escola privada da cidade de Solânea-PB, distribuídos em duas turmas, sendo uma do 6º e outra do 7º, dos anos finais do ensino fundamental. As turmas totalizam 35 discentes, os quais são alunos do turno vespertino, inclusive, as atividades remotas permaneceram no mesmo horário.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Quando demandas sociais surgem no horizonte, pesquisas podem começar a serem desenvolvidas, visando o trato, reconhecimento, mapeamento, análise e tudo mais que seja necessário para identificar seus benefícios, riscos, pontos positivos e/ou negativos. Entretanto, com o cenário imposto pelo novo coronavírus, tudo se deu de forma rápida, impossibilitando a tomada de atitudes mais ágeis e eficientes. Os mais variados setores passaram a enfrentar dificuldades e com o a Educação não foi diferente, uma vez que o espaço escolar é um *locus* de muita interação física e em grandes números. Então, os alunos passaram a desenvolver a prática de atividades em casa e os professores passaram a ter que assumir novas atitudes de interação, logística e de ensino. Nesta seção, discutir-se-á alguns enlaces teóricos que possibilitem a reflexão do fazer docente, especialmente, do professor de LP.

Para o início do diálogo, uma questão, já bastante discutida, deve ser direcionada: qual a concepção que se deve ter de língua? Isso influencia no processo de ER? Indubitavelmente, há um substancial interferência, uma vez que a concepção que adotamos de língua nos representa enquanto sujeitos sociais, podendo conceber ideais formalistas ou funcionais acerca da linguagem e suas manifestações variadas. Caso o professor seja de cunho mais prescritivo, o qual valoriza a norma-padrão em detrimento do uso linguístico, este profissional desconsidera “[...] *quem, como, quando ou para que* (se) faz uso da língua, uma vez que o que está no foco da atenção é tão somente a própria estrutura linguística [...]” (OLIVEIRA; WILSON, 2017, p. 236, grifos das autoras).

Já o professor que se contrapõe a essa concepção, será aquele de características funcionais e que considera os aparatos pragmáticos das interações humanas, pois realiza uma análise dos fenômenos linguísticos, compreendendo que a língua é um

produto das relações sociais e que as atividades culturais são extremamente importantes para os estudos da língua. Portanto, “[...] nesse tipo de abordagem entendem-se os diversos usos linguísticos como contextos reveladores da pluralidade e diversidade de lugares sociais ocupados pelos membros de uma comunidade” (OLIVEIRA; WILSON, 2017, p. 238).

Nessa direção, é necessário que o professor se posicione e que se prepare para articular suas crenças e valores junto das necessidades formativas dos alunos, as quais não são apenas curriculares e conteudistas, são humanas e emocionais. A partir disso, concorda-se com o seguinte:

Assumir uma perspectiva teórica-metodológica implica assumir crenças e valores a ela vinculados. Tais crenças e valores estão relacionados à questão de apropriação de conhecimento, é imprescindível lembrar que, se estamos reivindicando uma prática democrática de ensino, com uma perspectiva de língua distante do conceito de homogeneidade e idealização do modelo linguístico, é preciso ressaltar a importância do modo como tais práticas são apropriadas e incorporadas pelos alunos de diferentes classes sociais (OLIVEIRA; WILSON, 2017, p. 241).

Mediante o exposto, compreende-se que o professor atua em sala de aula embasado num atravessamento de valores e crenças, nessas questões, sua visão sobre o mundo, sua concepção de língua e de ensino estão imbricadas, logicamente. Como indica Bezerra (2010), o ensino de LP no contexto brasileiro é caracterizado, tradicionalmente, pela exploração de questões metalinguísticas de cunho prescritivo, impondo-se conjuntos de regras que devem ser seguidos, como é o caso da concordância verbal e do padrão ortográfico. Todavia, é válido ressaltar que muitos professores já romperam com o excesso de abordagens que primam a norma pela norma e passaram a conceber a necessidade de se introduzir os alunos no domínio de outras habilidades também.

Para isso, os professores passaram a focar em formações continuadas, cursos de aperfeiçoamento e mestrados, tanto acadêmicos quanto profissionais, adotando o processo de ensino-aprendizagem como objeto de investigação e posicionando os alunos como participantes ativos no processo de aprender. Nesse sentido, “no contexto pedagógico somos todos aprendizes e devemos estar sempre em busca de novos conhecimentos” (PEREIRA, 2012, p. 40). Então, com o advento da pandemia, o professor não pôde se distanciar dessa vontade de aprender, mas reconhece-se que há inúmeras

realidades de professores neste país, a desvalorização é indiscutível, isso também torna a profissão menos procurada por novos profissionais, os quais têm conhecimento dos baixos salários e das formações precárias (BEZERRA, 2010).

Apesar da realidade posta, os profissionais da educação assumiram a responsabilidade de exercer o trabalho. Então, faz-se necessária a batalha coletiva da classe e dos seus beneficiários para que essa situação seja transformada. Dito isso, é necessário situar que as demandas formativas aqui consideradas estão no âmbito do domínio das Novas Tecnologias, uma vez que o ER demanda tal domínio, pois utiliza de computadores, smartphones e variados recursos disponíveis nas redes digitais. Por isso, os posicionamentos aqui defendidos convergem com o seguinte:

As TIC e o uso das redes sociais digitais estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia, sobretudo no cotidiano das crianças, adolescentes e jovens. Quando bem utilizadas, elas podem se tornar ferramentas de interação nos processos de ensino-aprendizagem, promovem a participação para aprender os diversos conteúdos curriculares de forma dinâmica e contextualizada (BARBOSA; ANDRADE; SOUTO, 2019, p. 116).

A partir disso, compreende-se que o atual cenário clama o domínio dos itens mencionados pelas autoras, uma vez que é possível oportunizar a produtividade dos mecanismos digitais, tanto do maquinário quanto dos aplicativos, os quais passaram a ser extremamente necessários para o desenvolvimento de práticas do ensino remoto, o qual define-se da seguinte maneira:

In contrast to experiences that are planned from the beginning and designed to be online, emergency remote teaching (ERT) is a temporary shift of instructional delivery to an alternate delivery mode due to crisis circumstances. It involves the use of fully remote teaching solutions for instruction or education that would otherwise be delivered face-to-face or as blended or hybrid courses and that will return to that format once the crisis or emergency has abated (HODGES *et. al.*, 2020, p. 06).<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Em contraste com as experiências planejadas desde o início e projetadas para serem on-line, o ERT (ensino remoto emergencial) é uma mudança temporária de entrega de instruções para um modo de entrega alternativo devido as circunstâncias da crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído (tradução minha).

De acordo com os autores, os planejamentos são feitos para ações online, onde o ensino remoto é pensado como uma mudança temporária do ensino presencial convencional, sendo uma medida alternativa diante da crise sanitária que estamos vivendo. Esse modelo de ensino adota ações totalmente remotas para as questões instrutivas, podendo flexibilizar o acesso a atividades, as quais são entregues presencialmente, podendo fazer uso de ações híbridas também, retornando ao formato anterior quando a crise tiver diminuído ou terminado. Dito isso, é necessário reconhecer que a logística para a introdução desse modelo ocorreu de forma abrupta, inesperada e sem formação profissional apropriada. Diante disso, também se ressalta que “muitos professores e professoras, com mais de dez anos de carreira, sentem receio, medo e vergonha de não saberem usar os recursos tecnológicos [...]” (BARBOSA; ANDRADE; SOUTO, 2019, p. 123).

Nessa direção, é preciso cada vez mais viabilizar a prática dos multiletramentos com os profissionais da Educação, especialmente, os da educação básica municipal e estadual, os quais sofrem muito mais com descasos das infraestruturas escolares e com a inacessibilidade a materiais escolares, tanto físico quanto digitais. Mas o que seria a promoção dos multiletramentos? Trata-se do acesso a formas comunicativas e informacionais, diante das mais variadas agências sociais, as quais ocasionam novos letramentos, esses letramentos têm aspecto multimodal e multissemiótico, assim, em uma sociedade globalizada, como na que vivemos, o prefixo “multi” remete à multiculturalidade e multimodalidade, como explica Rojo (2012). Na direção do que se expõe aqui, a autora diz ser necessário enfatizar o seguinte:

[...] o conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição de textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 13).

A partir disso, faz-se necessário evidenciar a inter-relação entre os aspectos culturais e semióticos, como é o caso da imersão no ER, uma vez que os professores e os alunos passam a migrar suas atividades presenciais para um espaço virtual, no qual as interações se transformam e os sujeitos passam a interagir com multissemioses e rodeados por uma cultural digital avassaladora, pois não se trata apenas de utilizar dos

recursos de videoconferência, mas também das redes digitais, com a finalidade de dinamizar, socializar e alcançar o maior número de estudantes. Afinal, não são todos que têm em suas casas acesso a computadores ou notebooks. Então, quando muito, têm acesso a um celular ou ao dos pais, além das dificuldades com o acesso à internet de qualidade que possibilite uma aula menos lacunosa e com interferências.

Caso contrário, cria-se no aluno um desinteresse, uma vez que muitos obstáculos o impedem de participar das aulas e como bem expressam Barbosa, Andrade e Souto (2019, p. 124): “alunos e alunas que não têm acesso contínuo às redes digitais estão excluído(a)s de uma parte importante da aprendizagem atual”. Sem dúvidas, a afirmação é assertiva e no cenário pandêmico a desigualdade social é incontestável, uma vez que ficou evidente as diferenças sociais e de acessibilidades digitais. Para modificar isso, compreende-se que é necessário romper com agendas hegemônicas, promovendo uma coligação anti-hegemônica que é base para o surgimento de um novo universalismo, como indica Moita Lopes (2006), ao abordar discussões sobre os desafios da contemporaneidade. E o autor acrescenta:

[...] desafia a hegemonia do mercado da globalização do pensamento único (o grande poder hegemônico do um capitalismo neoliberal avassalador e mafioso, que é o grande Deus contemporâneo e juiz de todas as verdades), liderado pelos chamados países centrais e suas agências (MOITA LOPES, 2006, p. 86).

Assim, apesar das dificuldades que são impostas, é preciso se posicionar em uma frente ampla, a qual se interesse pela desestabilização de tudo aquilo que visa passos para trás. Portanto, mesmo com os entraves dos sistemas educacionais e econômicos, o professor deve compreender que as transformações que resultam das novas tecnologias são irreversíveis, logo, os docentes não têm como ignorá-las, pois podem acabar excluídos dessas práticas que serão cada vez mais presentes e necessárias, de acordo com Pereira (2012).

Sendo um agente social da geração Y, meu acesso às redes sociais, bem como seu amplo uso, não é tão recente e durante os acessos, identifiquei a imagem abaixo, a qual se propõe a distinguir o que é EaD e ER. Então, o *post* abaixo foi coletado do *Instagram* da Universidade Estadual do Tocantins, postado em 20 de julho. Não se trata de

estabelecer que sejam as melhores colocações para o distanciamento dos conceitos, mas expõe sucintamente a questão:

**Figura 01** – Diferenças entre o Ensino Remoto e a Educação a Distância

ENSINO REMOTO	ENSINO EAD
aula ao vivo ou gravada nos dias e horários combinados	videoaulas gravadas
interação com o professor da disciplina	único tutor para tirar dúvidas
materiais personalizados e elaborados pelo professor da disciplina	materiais e atividades padronizados, produzidos em escala
calendário próprio, de acordo com o plano de ensino, adaptado para a situação emergencial	calendário letivo padronizado e unificado
avaliações e atividades personalizadas criados pelo professor da disciplina, conforme conteúdo abordado nas aulas remotas	avaliações e testes padronizados, produzidos e corrigidos em escala

Fonte: Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CC3LIJ1FuLD/>>. Acesso em: 30 de jul. 2020.

A coluna, à direita, apresenta características do ER, indicando o uso de aulas ao vivo ou que sejam gravadas nos dias e horários previamente combinados, interação direta com o(s) professor(es), os materiais utilizados são indicados pelo professor, também apresenta um calendário próprio e que foi pensado para a situação emergencial, por fim, as avaliações e atividades são produzidas pelo(s) docente(s), contendo os conteúdos estudados e abordados nas aulas remotas. É pertinente ressaltar que não se trata de comparar com finalidades qualitativas, a questão é metodológica, uma vez que a EaD serve aos seus propósitos e tem possibilitado a formação de inúmeros profissionais capacitados e que atuam nos mais variados setores de trabalho. Nesse sentido, destaca-se o seguinte: “[...] o investimento em EAD não é trivial. Uma instituição que já esteja estabelecida com o ensino presencial tem de investir pesado para iniciar um projeto de EAD com tecnologia satisfatória e uma equipe de profissionais interdisciplinar” (TAVARES, 2013, p. 229).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, minha intenção é a de que outros profissionais da educação possam vislumbrar cenários a partir do que vivenciei, mas não a ponto de me colocar distante, como se minha realidade fosse aplicável a todos os cenários da educação, pois estamos todos convivendo com as dificuldades impostas pela doença covid-19, mas não estamos vivendo as mesmas realidades.

As experiências aqui relatadas ocorreram entre os meses de abril e junho de 2020, na cidade de Solânea-PB. De acordo com o site oficial do Governo Municipal<sup>14</sup>, enquanto escrevo este texto, Solânea soma mais de 270 casos positivos no novo coronavírus. As aulas regulares passaram a ocorrer de forma remota, então, os horários semanais passaram por modificações, uma vez que as dificuldades dos alunos e as impossibilidades dos pais, frente às demandas de trabalho, tornaram difícil realizar os horários que normalmente tínhamos no modelo presencial. Desse modo, eu ministrava cinco aulas semanais em cada uma das turmas, com duração de 45 minutos cada. Com a mudança, passei a ministrar 2 horas de aulas semanais, sendo 1 hora nas segundas-feiras e mais 1 hora nas quartas-feiras.

Para iniciar as atividades, adotei o uso do aplicativo *WhatsApp*, recurso digital lançado em 2009 e que permite o envio de mensagens instantâneas e ligações para smartphones. Ele também oferta o envio de mensagens de texto. Assim, podemos enviar imagens, vídeos e arquivos. Então, criei dois grupos que nomeei de <Língua Portuguesa>, diferenciando-os pelo ícone do grupo. Nos grupos, das duas turmas, além dos alunos, alguns pais também estavam participando. Desse modo, utilizei o grupo para as seguintes finalidades:

Envio de videoaulas, para reforçar os conteúdos ministrados em tempo real;

Envio de atividades para serem transcritas para o caderno;

Envio de fotos de algumas atividades;

Envio de áudios sobre temas de trabalhos e para sanar dúvidas;

Envio de links com textos temáticos referente às Ciências da Linguagem.

---

<sup>14</sup> Disponível em: < <https://solanea.pb.gov.br/em-solanea-casos-positivos-da-covid-19-aumentam-e-secretaria-de-saude-alerta-para-a-populacao-manter-os-cuidados-de-prevencao/>>. Acesso em: 30 de jul. 2020.

Nesse sentido, os grupos no *WhatsApp* eram restritos à minha administração, sempre deixando os alunos conscientes de que os grupos tinham finalidades específicas e que a socialização entre eles também seria aceita, desde que utilizassem o espaço para discussões referentes aos temas da disciplina, dúvidas com trabalhos, etc. Compreendi que estabelecer as regras de funcionamento do espaço digital oportuniza uma melhor organização das atividades, não misturando assuntos e deixando a socialização fora de eixo. Para o envio das videoaulas, devo dizer que, primeiramente, assisti a todas, uma vez que é preciso avaliar o uso da linguagem, de que maneira o conteúdo é exposto, além de selecionar vídeos curtos, pois a finalidade era que os vídeos apenas reforçassem a discussão dos conteúdos. Então, sempre ao começar a aula seguinte, questiono os alunos sobre o que aprenderam com os/as professores/as das videoaulas, inclusive ressalto a importância de humanizar esse uso referindo-se aos professores pelos seus nomes, indico, positivamente, o canal do *YouTube*, da professora Letícia Góes, bem como o *Instagram* do Português é Legal (@portugueselegal).

Além dos vídeos, as atividades sugeridas aos alunos foram propostas a partir de textos ou das próprias videoaulas. Ressalto que a proposição de transcrever para o caderno se mostrou produtiva, pois não são atividades extensas, uma vez que não ultrapassam cinco questões. Depois de respondidas, pedi que enviassem fotos das atividades já solucionadas, sempre respeitando o prazo do dia de aula, bem como o envio de fotos de atividades do livro, o qual se fez muito útil nas aulas em tempo real. Além disso, o envio de áudios é muito proveitoso, pois os alunos já conhecem nosso “sotaque” didático e podem compreender melhor ao ouvir nossa voz do que apenas ao ler o que escrevemos, então utilizei para a correção de pequenas atividades, comentários sobre avaliações, avisos da coordenação e também para explicar algo relacionado aos conteúdos.

Por fim, também realizei envio de links com temas voltados à língua portuguesa, por exemplo, só a nível de curiosidade e acesso ao conhecimento que não seja apenas o que o currículo estabelece. Isso, ao meu ver, favorece que, “[...] o professor, por meio de um modelo de tutoria proativa, criar oportunidades de motivação para que a turma questione, critique, polemize, sugira e, ao mesmo tempo, crie um estado de conversa, assumindo o papel de interlocutor [...]” (TAVARES, 2013, p. 232).

Além desse recurso, adotei o *Instagram*, abri uma conta privada, na qual apenas alunos, pais, coordenação e direção tiveram acesso. Essa rede social funciona online e possibilita o compartilhamento de fotos e vídeos entre os usuários, permitindo aplicar filtros, por exemplo, mas também oportuniza outros serviços, como os que utilizei:

Chamadas ao vivo;

Publicação de enquetes, perguntas e testes;

Anúncios e informes da coordenação.

A partir da chamada ao vivo (as lives), foi possível expor ideias de conteúdos e os alunos interagiram por comentários. Após a chamada ao vivo, sempre adicionava perguntas aos *stories*, buscando questionar sobre os conteúdos, possibilitando revisões, adotando enquetes para responderem “sim” ou “não”; publicando caixa de perguntas para responderem objetivamente algo em língua escrita e também a caixa de testes com três ou quatro alternativas. Notei rapidamente a familiarização da grande maioria com o uso da rede, pois são sujeitos compreendidos como a geração Z, aquela que nasceu na virada do milênio, como indicam Barbosa, Andrade e Souto (2019), essa geração já nasceu íntima da expansão da internet e dos mecanismos digitais e tecnológicos, estando sempre familiarizada com e conectada à linguagem das mídias digitais.

Entretanto, necessitava ouvi-los também, então, passei a adotar o *Google Meet* que é um recurso desenvolvido pelo *Google* que nos permite realizar videoconferências. Então, nos dias das aulas, os alunos já sabiam que poderiam aguardar, que no horário combinado eu estaria enviando o link para que pudessemos nos encontrar. Com a plataforma, foi possível realizar as seguintes ações:

Aulas síncronas;

Leituras colaborativas;

Reflexões linguísticas com compartilhamento de tela;

Chamamos de aula síncrona as aulas que ocorrem em tempo real, pois, como aponta Recuero (2014), no momento em que há o compartilhamento do mesmo contexto temporal e midiático, isto é, a interação ocorrendo entre mim e os alunos, por meio de um recurso tecnológico, por meio do qual espero atitudes de interação imediatas. Diferente do assíncrono, que é uma interação e conversação que se estende no tempo, não sendo caracterizada por interação imediata, como indica Recuero (2014).

Essa interação assíncrona é o que ocorre nas interações pelo *WhatsApp* e pelo *Instagram*, por exemplo, a depender da funcionalidade que se esteja usando.

Durante as aulas síncronas, foi possível realizar práticas de leitura colaborativa, eu lendo o começo e os alunos também lendo trechos ou versos dos textos propostos. Para essa prática, focalizei os textos do livro didático, pois as discussões se mostraram atuais e as discussões de interpretação bem funcionais, aguçando análises de sentidos, associação de textos verbais e não verbais, propondo temáticas como o acesso à tecnologia por crianças, questões voltadas às religiões afro-brasileiras, utilizando memes da internet como textos de reflexão. Uma questão importante a se colocar é sobre os turnos de fala, aos poucos os alunos perceberam que o bom andamento das aulas não ocorreria se falassem atravessando as falas uns dos outros, como muitas vezes fazem na sala de aula da escola, assim, vez ou outra eu pedia que ficassem atentos e que aguardassem sua vez ou pedissem o turno de fala para os colegas.

As aulas com o *Meet* também me permitiram o compartilhamento de tela, assim pude utilizar uma apresentação de PowerPoint para as aulas de Figuras de Linguagem, bem como produzi um quadro no Word, para conjugarmos verbos com pronomes pessoais típicos do português brasileiro (eu, tu/você, ele/ela, nós/a gente, vocês, eles/elas), podendo assim refletir sobre a língua em seus aspectos sociolinguísticos, bem como já disse Rojo (2012, p. 27): “em vez de impedir/disciplinar o uso do internetês na internet (e fora dela), posso investigar por que e como esse modo de se expressar por escrito funciona”. Afinal, esses recursos já são do domínio dos alunos, assim como falar o português brasileiro – sua língua materna. Então, devemos valorizar esses conhecimentos e direcioná-los para outros e novos aprendizados, como aponta Pereira (2012).

Por último, também fiz uso da plataforma *Google Forms*, o qual, originalmente, foi produzido para gerenciamento de pesquisas, possibilitando coleta de dados e mapeamento de larga escala, mas seus recursos podem ser utilizados para outras finalidades também. Assim, busquei usar o recurso para duas finalidades:

Produção de Textos;

Aplicação de Avaliações.

Para a produção escrita, disponibilizei o link, o qual preparei previamente e pelo qual recebi as produções dos alunos. A nível de exemplificação, foi trabalhado com o sexto ano o gênero notícia, propus que eles produzissem uma notícia sobre os novos casos positivos de coronavírus na cidade deles, então disponibilizei textos norteadores: o boletim epidemiológico do dia e uma notícia modelo produzida pela Assessoria de Comunicação da cidade vizinha – Bananeiras-PB. Os alunos tiraram dúvidas no grupo de *WhatsApp* e também na aula pelo *Meet* e conseguiram realizar a primeira escrita. Após ler, realizei atendimentos individuais e todos puderam reescrever seus textos guiados pela interação que tivemos. A mesma metodologia ocorreu com o sétimo ano, mas o tema foi outro e o gênero foi reportagem, então, após as aulas do gênero textual, mobilizei pessoas para serem entrevistadas por eles via *WhatsApp* mediados pelo uso de áudios.

Para isso, os ajudei individualmente na formulação das perguntas, isso após lerem sobre o tema, pois cada um ficou com um tema específico e também auxiliei no acesso a informações, fossem por meio de textos escritos ou audiovisuais. Também tiveram a oportunidade de reescrita e puderam produzir textos produtivos, compreendendo que a escrita é um processo e que pode ser dinâmico. E foi satisfatório ouvir eles dizerem que acharam divertido, que gostariam de mais escritas nesses moldes, etc. Por isso, também concordo com os dizeres de Pereira (2012, p. 39):

Os indivíduos, ao participarem de diferentes situações, permeadas por textos orais e escritos, ativam capacidades múltiplas de compreensão do mundo e de si mesmos, ao mesmo tempo em que exercitam plenamente as práticas linguageiras. Desse modo, não se pode falar de um só letramento, sob pena de reduzir a percepção das práticas sociais de leitura e escrita a uma só dimensão do que significa viver em uma sociedade letrada.

Consoante isso, compreendo que ao oportunizarmos a produção de textos, situando-nos no espaço digital, estamos também promovendo letramentos, com a finalidade de desenvolver a habilidade escrita e utilizando de recursos digitais para alcançar um maior grau de qualidade, indo além de propósitos quantitativos, os quais, na situação emergencial, já não ofertam produtividade, digo isso não porque eu aboli a atribuição de notas, mas porque não as atribuo apenas pelo produto final, uma vez que a escrita e a leitura são habilidades a serem trabalhadas em aspecto longitudinal. Resumir

as produções dos alunos apenas ao momento de entrega de seus trabalhos é também diminuir seus esforços para a conclusão daquilo que se propuseram a fazer.

Além de que fazer isso também é alcançar apontamentos de documentos oficiais. Os PCN de LP indicam o seguinte: “a presença crescente dos meios de comunicação na vida cotidiana coloca, para a sociedade em geral e para a escola em particular, a tarefa de educar crianças e jovens para a recepção dos meios” (BRASIL, 1998, p. 89), estabelecendo a relevância das novas tecnologias no processo de formação dos alunos, isso há mais de dez anos, e a BNCC, documento mais recente, aponta isto: “para além dos gêneros, são consideradas práticas contemporâneas de curtir, comentar, redistribuir, publicar notícias, curar etc. e tematizadas questões polêmicas envolvendo as dinâmicas das redes sociais [...]” (BRASIL, 2018, p. 136). Dito isso, compreendo que, infelizmente, o ER nos obrigou a promover mais rapidamente essas questões, sendo uma pena que tantos alunos/as estejam excluídos da acessibilidade a esse cenário digital. Porém, os estudantes têm a nós e, por isso, concordo e acredito no seguinte:

Não há *softwares* que substituam o carisma do professor e a capacidade que temos de emocionar e de nos emocionarmos, conquistar e sermos conquistados, e também, por que não dizê-lo, no verso e reverso das virtudes e fraquezas humanas, somos também capazes de frustrar expectativas e de ‘nublar’ esperanças. Por isso mesmo, no verso e reverso dos sentimentos e atividades humanas, fiquemos com as virtudes e façamos amplo uso delas na ação pedagógica (PEREIRA, 2012, p. 41, grifo da autora).

Assim, fica evidente, pra mim, que o processo de ensino-aprendizagem sempre encontrará seus tempos tempestuosos, os quais colocam a gente que é professor em uma posição de super-heróis, mas não somos e devemos estar conscientes disso, pois somos sujeitos de carne e osso e também temos medos, conflitos e (des)esperanças que minam nossas crenças num mundo mais digno e virtuoso. Entretanto, ao adentrarmos nas salas de aula e vermos cada um daqueles rostos, damos mais uma chance para nós e para eles. Afinal, ser professor é mais que profissão, pois cada aluno que pela gente passa deixa um pouco de si e leva um pouco de nós.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do exposto, compreende-se que o professor de língua portuguesa age com base em sua concepção de língua e, assim, realizará práticas de ensino baseadas em

suas crenças e valores. Portanto, concebe-se a produtividade de uma concepção funcional da linguagem, diante do cenário de crise sanitária, instalada pelo novo coronavírus. Desse modo, estabelece-se que as ações dos professores demandam contato com multiletramentos, os quais podem e devem ser potencializados em suas formações iniciais, bem como em formações continuadas. Além disso, os gestores municipais podem promover parcerias com os governadores estaduais, buscando por pós-graduações lato sensu em instituições de curso superior, bem como motivando o ingresso dos professores em mestrados/doutorados na área de novas tecnologias e ensino.

Também foi possível conceber a diferença entre o ensino remoto e a educação a distância, uma vez que este é baseado em moldes pensados mais em larga escala e aquele é projetado para um contexto emergencial, considerando realidades específicas. Nessa direção, foi possível exemplificar vivências com o uso de recursos digitais, no que tange ao ensino de LP, apresentando as finalidades e contribuições do *WhatsApp*, *Instagram*, *Google Forms*, *Google Meet*, além dos recursos de vídeo disponíveis pela plataforma *YouTube*. A partir desses recursos, foi possível oportunizar práticas de leitura, escrita e análise linguística.

No mais, também é favorável indicar que também houveram dificuldades, uma vez que os alunos, às vezes, não tinha como acessar os recursos para as aulas, já avisaram que perderiam a aula porque estavam sem internet, tinha dificuldade em permanecer online, pois o acesso à internet não era de melhor qualidade ou de poucos megabites. Enfim, nem sempre fácil, mas sempre buscando alcança-los e também sendo empático com a dificuldade de cada um. Por fim, sugere-se que as atividades remotas permaneçam presentes no cotidiano escolar, atribuindo parte da carga horária para essas atividades, caso a prática anual seja dificultosa, que seja em um ou dois bimestres, mas que se faça presente, pois não há como saber quando se necessitará novamente dessas demandas do ensino remoto.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, R. C.; ANDRADE, V. G. de; SOUTO, D. B. Docentes e discentes hoje: duas gerações e a problemática da inclusão digital pela educação. In: MARTINS, T. D. Dantas *et. al.* (org.). **Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: práticas educativas e contextualizadas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019, p. 115-138.

- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos, In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros Textuais & Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 39-49.
- BORTONI-RICARDO, S. Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: língua portuguesa. Brasil: Ministério da Educação, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclo. Brasília: Ministério da Educação, 1998.
- GIL, A. Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HODGES, Charles *et. al.* The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **Educause**, 2020, p. 01-14.
- MOITA LOPES, Luiz P. da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.
- OLIVEIRA, Mariangela R. de; WILSON, Victoria. Linguística e ensino. In: MARTELOTTA, M. Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 235-242.
- PAIVA, Vera L. M. de O. e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- PEREIRA, Regina C. Mendes. O letramento digital na formação continuada. In: PEREIRA, R. C. Mendes (org.). **A didatização de gêneros no contexto de formação continuada em EaD**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012, p.19-42.
- RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. IN: ROJO, R.; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.
- TAVARES, M. Rivera. Exemplos da prática pedagógica em EAD. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (org.). **Linguística da Internet**. São Paulo, Contexto, 2013, p. 229-244.

## **REFLEXÕES E ANÁLISES DO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ABORDAGEM PRÁTICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO DO CARIRI – CE**

Emanuel Mateus da Silva

*Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri (URCA); Pós-graduado em Ensino de Língua Portuguesa e Arte-Educação (URCA) e Gestão Escolar pela Universidade Federal do Ceará (UFC), [emanuel.mateus23@gmail.com](mailto:emanuel.mateus23@gmail.com)*

As transformações por que passas a sociedade contemporânea, aliada a uma nova realidade educacional causada pela pandemia, exigiram uma nova redefinição para oferta do ensino público. Tais renovações educacionais causaram nos docentes, discentes e comunidade escolar um desconforto em não saber de fato quais seriam os rumos da educação. A partir da normatização de orientações para o ensino remoto a secretaria da educação do estado do Ceará tem proposto um novo modelo de ensino para os alunos da sua jurisdição, o ensino remoto. É essa nova modalidade de ensino que tem sido desafiador para toda a comunidade escolar pois, muitos nos professores não estavam acostumados e habilitados para utilizarem as redes midiáticas. Do outro lado, há uma grande parte de discentes que não tem acesso direto ao mundo digital. Tais problemas tem impactado no processo de ensino e aprendizagem. O referido artigo, busca analisar e refletir como está sendo o ensino de Língua Materna em tempos de pandemia. Foram utilizados dados do Sistema de Acompanhamento do Ensino Remoto e da aplicação de questionários para professores de Língua Portuguesa de quatro escolas da Região do Cariri, Estado do Ceará. O artigo foi organizado em duas partes: a primeira inclui a reunião e organização das informações sobre o acesso ao ensino remoto por parte dos discentes e a segunda sobre a formação docente e o processo de ensino nas unidades escolares. A realização da pesquisa nos demonstrou que o ensino de Língua Materna tem sido ainda mais desafiador nesse tempo de pandemia.

**Palavras-chave:** Ensino Remoto – Aprendizagem – Língua Materna.

### **INTRODUÇÃO**

“No dia em que a Terra parou” título de uma canção de Raul Seixas pode intitular a situação dos países a partir da pandemia do COVID-19. O setor da economia paralisou diante da situação, a oferta de políticas públicas perpassou por ressignificação e reformulação a partir dos acontecimentos. A Educação foi uma das delas que sofreu transformação por conta da contingência do vírus nos países.

Com a suspensão das aulas presenciais, a oferta da educação escolar passou a ser remota. As Unidades Federativas do Brasil, por meio da Secretarias de Governo elaboraram planos de atendimento domiciliar para os alunos pertencentes a sua jurisdição. O Estado do Ceará, a partir da promulgação do Decreto nº 33.510/2020 ampara as unidades escolares para a oferta do ensino remoto.

A presente pesquisa parte da necessidade de conhecer como está se dando na prática pedagógica o ensino de Língua Materna de forma remota em escolas da Região do Cariri – CE. É importante ressaltar que essa pesquisa é amostral, tendo em vista que, não foram todas as cidades e escolas pertencentes a região que foram analisadas.

Para tanto, partimos das seguintes premissas: O que ampara legalmente o Ensino Remoto? Como acontece o processo de ensino e aprendizagem nesse contexto? Os alunos tem acesso ao ensino remoto efetivo? Os professores estão preparados para o ensino remoto? Quais os desafios do ensino remoto para a aprendizagem de Língua Portuguesa? Estes e outros questionamentos foram os pontos de partidas para construção da pesquisa e desse artigo.

Logo, o referido trabalho busca responder estes questionamentos e se encontra organizado da seguinte forma. Apresentaremos a metodologia utilizada para realização do estudo e em seguida uma breve fundamentação teórico que serviu de arcabouço para construção textual. Adiante, colocaremos em destaque os resultados e análises das pesquisas. Por fim, discorreremos as nossas considerações finais.

## **METODOLOGIA**

A elaboração do presente trabalho ocorreu através da revisão literária, mediante pesquisa exploratória precedida de reflexões acerca do tema. Paraphraseando Marconi e Lakatos (2010), a revisão literária é o levantamento de toda a bibliografia já publicada em livros, revistas, artigos, que tem a finalidade de fazer com que o pesquisador entre em contado direto com todo o material escrito sobre o assunto e envolve muitos procedimentos como localizar e obter documentos pertinentes ao tema, sempre atento ao objeto de estudo.

A pesquisa foi realizada no período de março, abril, maio e junho do decorrente ano, onde foram utilizados os dados constantes no Sistema Integrado de Gestão Escolar – SIGE/ESCOLA, da plataforma de acompanhamento do diário on line da Secretaria Estadual da Educação do Estado do Ceará e aplicação de questionários *google forms* para professores de Língua Portuguesa das escolas escolhidas. Vale salientar que, a escolha das unidades de ensino deu-se de forma aleatória.

Para construção do *corpus* textual utilizamos as leituras dos documentos norteadores, a Base Nacional Comum Curricular e a legislação educacional brasileira. Bem como a análise dos dados coletados ao longo da pesquisa.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Dezembro de 2019 a Organização Mundial da Saúde é alertada sobre um novo tipo de doença causada por um novo tipo de coronavírus ainda não identificado em seres humanos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declara no final de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e em 11 de março do decorrente ano, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, ou seja, doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente e acaba por atingir uma região inteira, um país, continente etc. (Dicionário Online de Língua Portuguesa, 2020).

Em meio a essa situação sanitária mundial o Governo do Estado do Ceará por meio do Decreto nº 33.510/2020, decreta situação de emergência em saúde e dispõe sobre medidas de para enfrentamento e contenção da infecção humana pelo novo coronavírus.

Art. 3º Ficam suspensos, no âmbito do Estado do Ceará, por 15 (quinze) dias:

[...]

III – atividades educacionais presenciais em todas as escolas, universidades e faculdades, das redes de ensino pública, obrigatoriamente a partir de 19 de março, podendo essa suspensão iniciar-se a partir de 17 de março;

[...] (CEARÁ, 2020)

O Decreto-Lei 1044/1969 em seu Artigo 2º trata sobre a situação de alunos que estão impossibilitados a frequentar a escola por questões de saúde. Conforme a sua redação ele possibilita, atribuir a esses estudantes, como compensação de ausência de aulas, exercícios domiciliares com acompanhamento da escola, sempre que compatíveis com o seu estado de saúde e as possibilidades do estabelecimento (BRASIL, 1969).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394/1996, também trata sobre a oferta de ensino a distância para alunos em situação de emergência. § 4º do Art. 32, ressalta que a oferta do ensino fundamental será presencial,

sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais. (BRASIL, 1996). Incluído pela Lei nº 13.415/2017 o § 11 do Art. 36 da LDBEN se reporta ao Ensino Médio dizendo:

Para efeito de cumprimento das exigências curriculares do ensino médio, os sistemas de ensino poderão reconhecer competências e firmar convênios com instituições de educação a distância com notório reconhecimento, mediante formas de comprovação:

[...]

VI – Cursos realizados por meio de educação a distância ou educação presencial mediada por tecnologias (BRASIL, 2017).

A partir dos excertos acima e da Resolução do Conselho Nacional da Educação Básica nº 3/2018, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará, estabelece diretrizes para oferta do ensino remoto. Documento este que norteia as unidades de ensino para o oferecimento da educação dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Dentre as diretrizes pedagógicas e operacionais fica explicitado que:

[...] toda reposição da carga horária correspondente aos dias letivos, alvo de suspensão de atividades presenciais, será realizada por meio de atividades a distância/domiciliares, utilizando estratégias de ensino e acompanhamento da aprendizagem de forma remota, organizando aulas não presenciais, por meio da orientação das/os professoras/es e núcleo gestor (CEARÁ, 2020).

Trata ainda sobre a elaboração de um plano de atividades domiciliares, levando em consideração o livro didático como referência para a organização das atividades. E os suportes tecnológicos para interação entre professora/or-aluna/o, tais como: aluno online, professor online plataformas desenvolvidas pela SEDUC/CE e o *google classroom*, serviço gratuito desenvolvido para escolas. A utilização dessa ferramenta se deu a partir de uma parceria entre a Secretaria e a empresa Google.

Todavia faz-se necessário que distingamos a oferta de Ensino à Distância e Ensino Remoto. O Ministério da Educação brasileira faz a seguinte conceituação:

O ensino remoto é uma medida extraordinária e temporária aprovada pelo MEC para que as instituições de ensino possam cumprir o cronograma de aulas presenciais em épocas normais, ou quando as circunstâncias impedirem a reunião dos alunos.

A EAD é um modelo de ensino remoto, mas de forma planejada, e não emergencial. Todo ou parte do curso é ministrado a distância, com o

apoio de tutores e recursos como vídeo, questionários, pdfs e podcats. Inclui atividades síncronas e assíncronas. (MEC/BRASIL, 2020).

Tais esclarecimentos nos orientam para o tipo de atividade a ser desenvolvida pelas escolas nesse momento e nos faz compreender de fato a oferta do ensino remoto emergencial porposto pelo Ministério da Educação e Secretarias da Educação (Estaduais e Municipais).

A partir das leituras dos documentos norteadores e das pesquisas referentes a essa nova modalidade de ensino, embasamos a nossa pesquisa, no intuito de compreender como o ensino de Língua Materna está acontecendo nas unidades públicas de ensino nesse período.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ensino Médio, última etapa da Educação Básica. Compreendida por três anos letivos esse percurso formativo tende a consolidar competências e habilidades adquiridas ao longo de todo o Ensino Fundamental, entre elas os conteúdos de Língua Portuguesa. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

Cabe ao Ensino Médio aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos, e alargar as referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos, ampliando as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos (BRASIL, 2017).

Percebemos a importância de um ensino eficaz e eficiente para consolidação do conhecimento linguístico. A partir dessa concepção, nos questionamos quanto a oferta do ensino remoto e as aulas de Língua Materna. Para tanto, buscamos pesquisar em quatro escolas da Região do Cariri – CE de que forma o ensino remoto estava acontecendo e quais o perfil, os desafios e metodologias utilizadas pelos professores de Língua Materna nessas unidades de ensino.

Vale acrescentar que as instituições educacionais foram escolhidas de forma aleatórias, assim como os municípios aos quais estão localizadas. Para preservar a identidade das escolas, utilizaremos as letras A, B, C e D.

É sabido que para a oferta de ensino remoto faz-se necessário a mediação dos professores por meios tecnológicos e a utilização de outros mecanismos para que o aluno tenha acesso aos conteúdos. Vale acrescentar que os alunos regularmente matriculados nessas escolas pertencem a Zona Urbana e Rural de seus municípios de origem e totalizam 21,6% do total de alunos matriculados na 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação – Juazeiro do Norte – CE (CREDE 19). Ver Tabela 1.

**Tabela 1** - Número de alunos matriculados nas Unidades de Ensino Pesquisadas

ESCOLA	Nº DE ALUNOS	%
A	995	5,6
B	1.954	11,1
C	280	1,59
D	564	3,21
TOTAL	3.793	21,6

Fonte: Tabela criada pelo autor de acordo com a pesquisa no SIGE

As escolas A e C ofertam matrículas para o Ensino Regular e Educação de Jovens e Adultos e a B e D ofertam somente matrículas para o Ensino Regular. As escolas A, B e C tem turmas matriculadas nos turnos manhã, tarde e noite e a D apenas oferta nos turnos matutino e vespertino. Quanto ao número de turmas e de professores de Língua Portuguesa ver Tabela 2.

**Tabela 2** - Número de Turmas e de Professores Lotados na disciplina de Língua Portuguesa

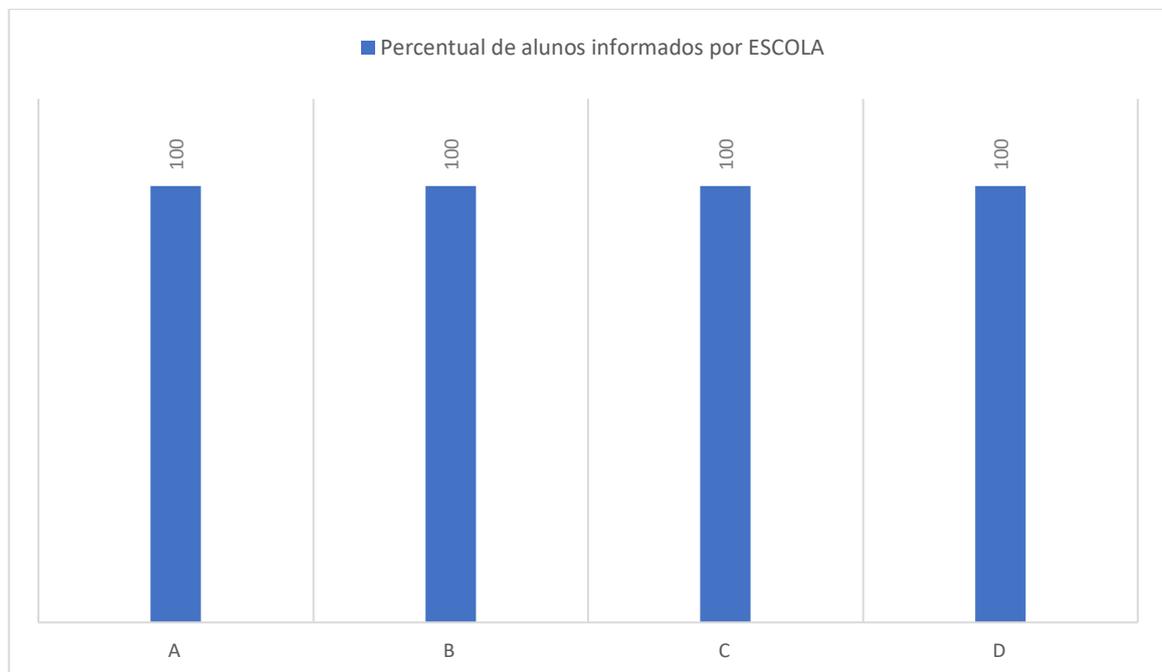
ESCOLA	Nº de Turmas	Nº de Professores
A	26	08
B	47	16
C	08	05
D	15	04
TOTAL	96	33

Fonte: Tabela criada pelo autor de acordo com a pesquisa no SIGE

Com posse desses dados, ficou mais evidente quais escolas e o número de participantes da pesquisa. É importante salientar, que os resultados apresentados fazem parte da plataforma Diário Online criada pela SEDUC e na aplicação de questionários pelo Google Forms para os professores. Tendo conhecimento de que essa clientela pertence a zonas diferentes dentro de seus municípios e que o ensino remoto seria um desafio para as unidades de ensino e professores, buscamos verificar quais as condições de acesso a esse ensino os educandos estavam tendo durante esse período.

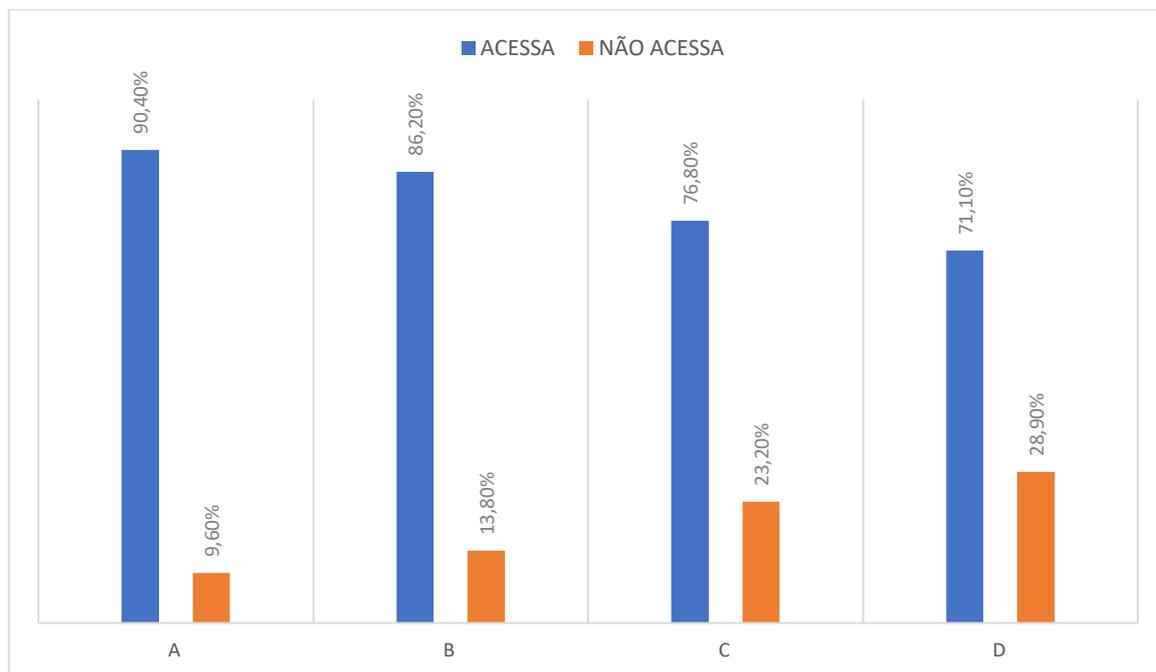
O gráfico a seguir demonstra o percentual de informações cadastradas pelas escolas no sistema analisado.

**Gráfico 1**



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor a partir da pesquisa na Plataforma Diário Online.

Sobre as condições de acesso, verificamos em todas as escolas que a maioria dos alunos acessam a internet. Conforme mostra o gráfico 2.



Fonte: SEDUC/SIGE

Mesmo com esse percentual de alunos que acessam a internet é importante salientar que há uma diversidade de condição dentre os alunos informados, ou seja, alguns alunos acessam por plano de dados e internet fixa, somente plano de dados, somente internet fixa, internet compartilhada com vizinhos e somente a internet do vizinho. Ver tabela 3 para compreender melhor a situação.

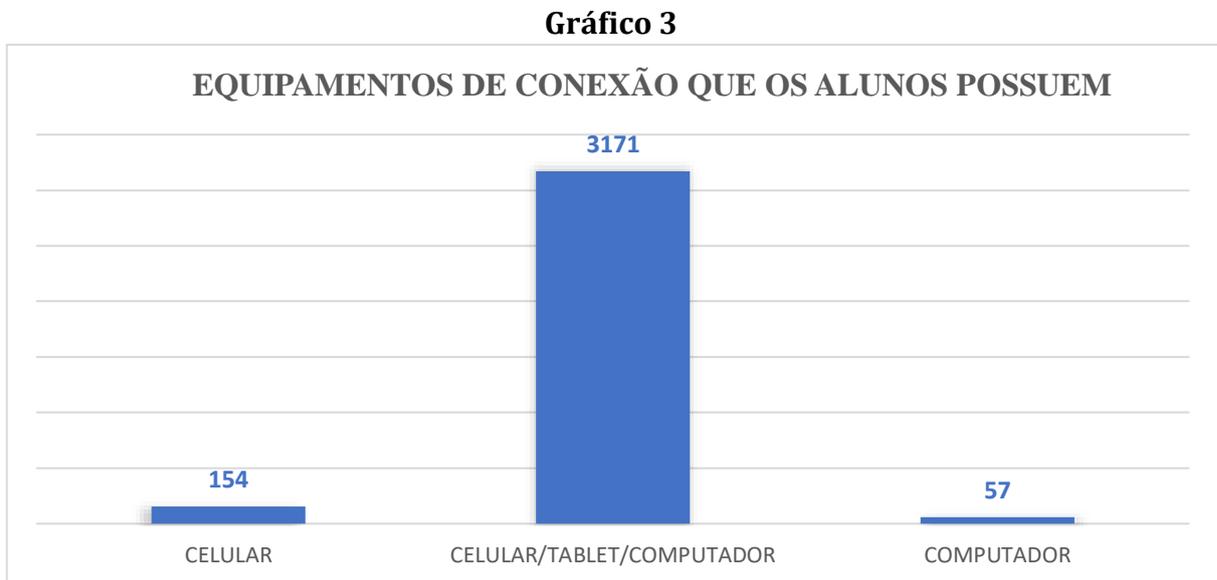
**Tabela 03 - Condições de acesso à internet**

ESCOLA	Plano de Dados	%	Somente Plano de dados	%	Internet Fixa	%	Somente Internet Fixa	%	Internet compartilhada com vizinho	%	Internet do vizinho	%
A	298	29,9	285	28,6	526	52,9	513	51,6	89	8,9	87	8,7
B	648	33,2	633	32,4	860	44,0	844	43,2	195	10,0	188	9,6
C	101	36,1	101	36,1	85	30,4	85	30,4	29	10,4	29	10,4
D	151	26,8	135	23,9	196	34,8	183	32,4	72	12,8	65	11,5
TOTAL	1.198		1.154		1.667		1.625		385		369	

Fonte: SEDUC/SIGE

A partir dos dados, buscamos analisar quais os tipos de equipamentos o aluno possui para ter acesso aos conteúdos e ao ensino remoto. Conforme a pesquisa 622

alunos matriculados nas escolas pesquisadas não possui nenhum tipo de equipamento tecnológico, sendo eles: celulares, tablets ou computadores. Os demais possuem os equipamentos conforme gráfico 3.

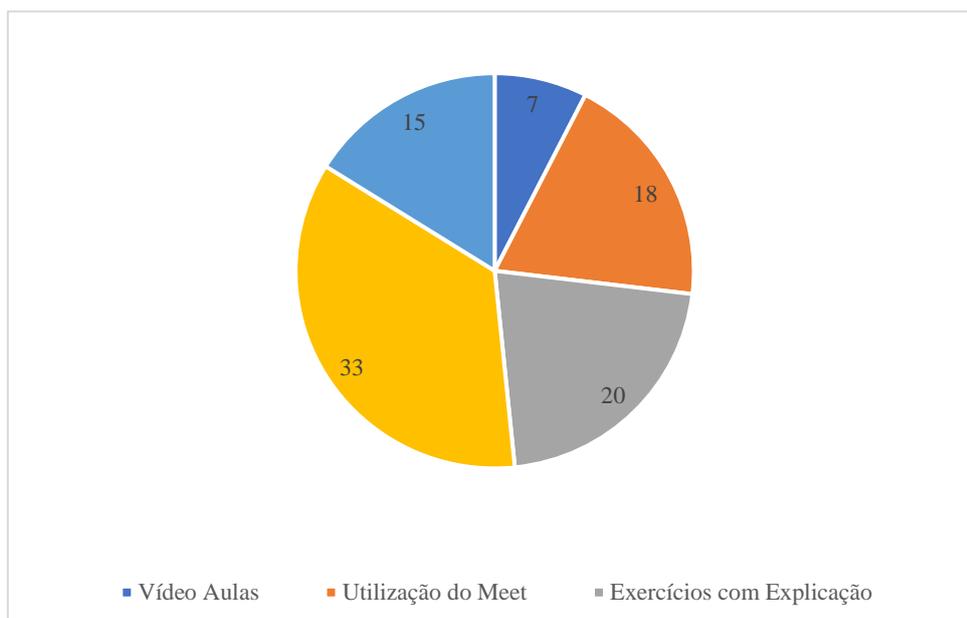


Fonte: SIGE/SEDUC

Conforme a pesquisa os alunos público alvo não possuem somente internet fixa e/ou computador, muitos deles utilizam os planos dos dados móveis e o aparelho celular para poder se conectar. Quanto a isso, buscamos saber a quantidade de alunos que tinha cobertura de sinal de telefonia móvel, tendo como resultado 3.390 alunos reside em locais com sinal de telefonia e 184 não tem cobertura telefônica de nenhuma empresa. É importante ressaltar, que mesmo tendo cobertura muitas das vezes o aluno não tem condição de custear a internet pelos dados móveis, por falta de crédito tão quanto o sinal das operadoras não serem de qualidade para tal propósito.

Sabemos que, não basta termos acesso à internet, termos equipamentos de conexão para que o processo de ensino e aprendizagem seja eficaz e eficiente. Faz-se necessário que tenhamos um plano de atendimento coeso e que a interação pedagógica seja efetivada. Sobre isso, perguntamos aos professores quais metodologias estavam sendo utilizadas nesse percurso formativo. Ver gráfico 4.

**Gráfico 4** - Metodologias utilizadas pelos professores.



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor a partir da pesquisa.

Pelo gráfico podemos notar que os professores estão seguindo as diretrizes elaboradas pela Secretaria Estadual da Educação do Ceará, quando 100% deles estão utilizando o livro didático como ferramenta de ensino.

É sabido que a utilização de exercícios como mecanismo de resposta ao conteúdo ensinado é realizado tanto nas aulas presenciais como no ensino remoto. Para tanto buscamos verificar quantos alunos somente recebeu, recebeu e devolveu ao professor. Verificar tabela 4.

**Tabela 4** - Recebimento e Entrega de Atividades

Escola	Recebeu atividade	Recebeu e Entregou ao Professores
A	448	547
B	937	1.017
C	17	263
D	273	291

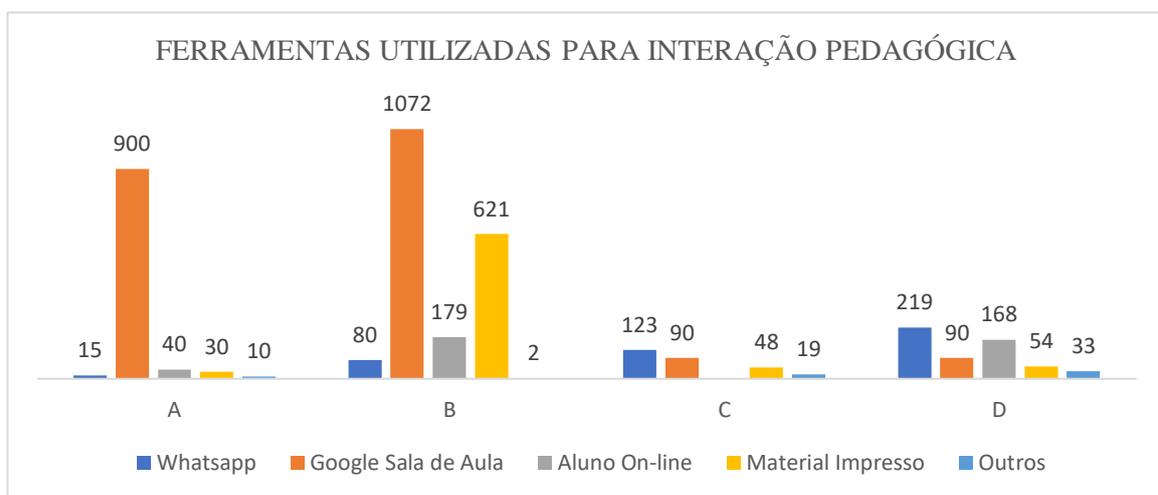
Fonte: SEDUC/SIGE

A dificuldade dos professores em interagir e receber respostas dos educandos se confirma a partir dos dados apresentados acima. No total dos alunos das escolas 1.675 alunos estão recebendo as atividades e não devolvem para os professores, ou seja,

44,16% dos alunos das quatro escolas não participam ativamente de todas as aulas e disciplinas.

Conforme o texto das diretrizes a escola ficaria livre para escolher quais mecanismos utilizaria para chegar aos alunos, principalmente aos alunos que não tem acesso à internet. Plataformas e redes sociais foram as ferramentas utilizadas por todos para que pudesse chegar aos estudantes o conhecimento. O gráfico 5 demonstra de que forma aconteceu a interação pedagógica durante o ensino domiciliar.

Gráfico 5



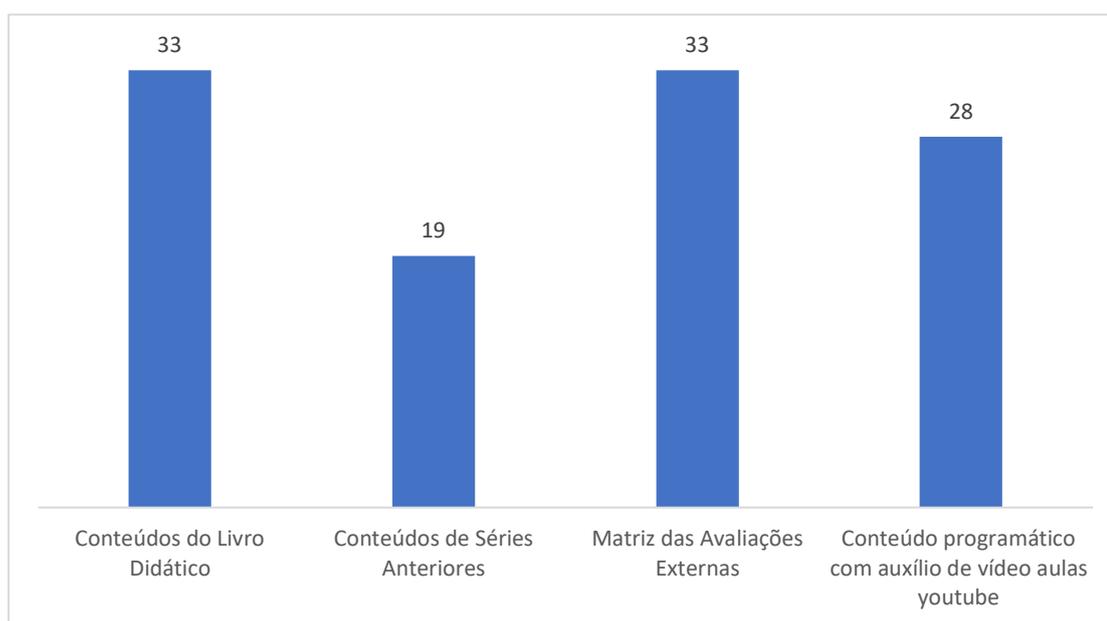
Fonte: SEDUC/SIGE

Dentre as ferramentas mais utilizadas pelos professores foram a plataforma Google Sala de aula, parceria firmada entre SEDUC e a empresa Google, seguido do Whatsapp. Perguntamos aos professores quais as ferramentas utilizadas tinham mais eficácia nessa interação, 100% afirmaram que pelo Whatsapp conseguiam chegar até o aluno com facilidade, ou seja, verificam que eles visualizam as atividades, as discussões dos grupos. Mas não tinham retorno de todos os alunos participantes dos grupos, conforme já explicitado anteriormente sobre os alunos que não devolviam as atividades.

A utilização das ferramentas digitais não foi somente uma novidade para os estudantes, mas também para os professores. Com a suspensão das aulas presenciais a metodologia pedagógica teve que ser modificada, o currículo escolar redesenhado. Como dito anteriormente, o Ensino Médio é a etapa que vem a consolidar as habilidades e competências do Ensino Fundamental, segundo a BNCC, os eixos de interação propostos

para o Ensino Médio são as práticas de linguagem consideradas no Ensino Fundamental – leitura, produção de textos, oralidade (escuta e produção oral) e análise linguística/semiótica (BRASIL, 2017). Levando em consideração a Base Nacional Curricular Comum e o momento vivenciado indagamos os professores sobre os conteúdos abordados na disciplina de Língua Portuguesa, visando a continuidade e aprimoramento das habilidades e competências da etapa anterior da Educação Básica. Ver gráfico 6.

**Gráfico 6** - Conteúdos abordados pelos professores na disciplina de Língua Portuguesa



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor.

A continuidade dos assuntos pertencentes ao livro didático e a utilização das matrizes das avaliações externas, estão presentes nas aulas de todos os professores de Língua Portuguesa. É importante esclarecer que, as aulas com a matriz de referência do SPACE/SAEB/ENEM faz parte da formação continuada de professores Foco na Aprendizagem oferecida pela Secretaria Estadual da Educação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pandemia do COVID-19 fez com que a sociedade não somente brasileira passasse por uma reorganização social. A suspensão das atividades escolares presenciais fez com que professores, gestores escolares e públicos repensassem a forma

de oferta do ensino. A Secretaria Estadual da Educação do Estado do Ceará em parceria com as organizações de professores e gestores propôs diretrizes e proporcionou aos professores e alunos a continuidade do ensino por meio das plataformas digitais, a partir das orientações dos órgãos superiores de educação (MEC, CNE).

O ensino de Língua Portuguesa deve ser ofertado em todas as séries do Ensino Médio de acordo com a Lei nº 13.415/2017. E as escolas pesquisadas tem demonstrado por planos de atendimento domiciliar conforme a especificidade de cada uma que o ensino de Língua Materna está acontecendo de forma contínua em todas as séries e modalidades de ensino. Vale lembrar que, a prática educativa está envolta aos avanços apresentados pela turma, ou seja, caso os alunos não consigam dar respostas positivas para os professores quanto a compreensão do conteúdo, o mesmo retrocede para assuntos de anos/séries anteriores.

Um dos maiores desafios encontrados pelos professores é a questão do acesso a internet e ao comprometimento dos alunos com o ensino remoto. Tendo em vista que as diretrizes estabelecidas pela SEDUC/CE trata sobre a não entrega das atividades, caso as/os estudantes não possam realizar a entrega por meio digital, esta deverá ser feita de forma física, na retomada das aulas presenciais (CEARÁ, 2020).

Além disso, percebemos que a maioria dos alunos que possuem acesso a internet depende dos dados móveis, ou seja, muitos deles não tem internet fixa e os pacotes de dados ou modelos de celulares não comportam as atividades e aulas postadas pelos professores.

Logo, podemos dizer que o ensino de Língua Materna e as outras disciplinas não estão contemplando todos os alunos e que o ensino presencial de fato jamais será substituído pelo ensino remoto, pois, a educação exige uma interação efetiva entre professor-aluno na formação de jovens nessa etapa da educação básica.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969. Dispõe sobre tratamento excepcional para os alunos portadores das afecções que indica. Diário Oficial da **República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 22 out. 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Decreto-Lei/Del1044.htm>. Acesso em: 15/07/2020.

BRASIL. Lei nº 9.934, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm). Acesso em: 15/07/2020.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccil\\_03/ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccil_03/ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm). Acesso em: 15/07/2020.

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 15/07/2020.

CEARÁ. Governo do Estado. Decreto nº 33.510 de 16 de Março de 2020. **Diário Oficial do Estado**. 2020; Série 3, Ano XII nº 053. Caderno 1/4.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **Diretrizes para o período de suspensão das atividades educacionais presenciais por conta da situação de contenção da infecção humana pelo novo coronavírus no âmbito dos estabelecimentos de ensino da rede estadual do Ceará**, em 26 de março de 2020, Fortaleza, CE. Disponível em: [www.seduc.gov.br](http://www.seduc.gov.br). Acesso em 10/06/2020.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO. **A diferença entre ensino remoto emergencial e educação a distância**, 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/tag/mec>. Acesso em: 15/07/2020.

MARCONI, M. de A; LAKATOS E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7º ed. São Paulo: Atlas. 2010.

PANDEMIA. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pandemia/>. Acesso em: 15/07/2020.

[www.diario.seduc.ce.gov.br](http://www.diario.seduc.ce.gov.br). Acesso em: 10/06/2020

[www.sige.seduc.ce.gov.br](http://www.sige.seduc.ce.gov.br). Acesso em: 10/06/2020

## **O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM TEMPOS DE PANDEMIA: A EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Alessandra Mendes

*Mestranda em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Especialista em Língua Portuguesa (UERJ), Professora de Língua Portuguesa da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. E-mail: [alecrismendes@gmail.com](mailto:alecrismendes@gmail.com)*

Diana Ribeiro

*Especialista em Docência do Ensino superior pela Faculdade Visconde de Cairu/Bahia, Professora de Língua Portuguesa da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. E-mail: [dianaprofessorabahia@gmail.com](mailto:dianaprofessorabahia@gmail.com)*

O artigo ora exposto discorre acerca do processo de transposição das práticas pedagógicas de Língua Portuguesa para o ambiente virtual, provocada pela pandemia de Covid-19, em 2020. Diante de tal cenário, algumas questões despertam o interesse da comunidade acadêmica, no que concerne às ações pedagógicas de Língua Portuguesa que, repentinamente exigiu que professores e alunos colocassem em prática todo conhecimento oriundo do letramento digital. Será que, de fato, ambos os segmentos estariam aptos para exercer a aplicabilidade no âmbito social da leitura e da escrita meios virtuais? Seria razoável afirmar que, nessa nova realidade, o Ensino de Língua Portuguesa está cumprindo o seu papel em relação ao desenvolvimento do ler e do escrever gêneros diversos? Para responder a tais perguntas, os principais objetivos desta pesquisa envolvem a apresentação de conceitos relacionados ao ensino de Língua Portuguesa e ao letramento, à utilização das redes sociais como plataforma de educação remota e, por fim, a apresentação da experiência da Escola Municipal Cora Coralina, escola pública (zona oeste do Rio de Janeiro). O estudo dialoga com as pesquisas de Luiz Antônio Mascuschi e Magda Soares, com ênfase nas questões de gênero e de letramento. Os resultados são parciais, tendo em vista que as avaliações atreladas a essa proposta terão suas análises concluídas no ano letivo de 2020.

**Palavras-Chave:** Letramento; Facebook; Educação Remota.

### **INTRODUÇÃO**

A inquietação ocorrida no meio educacional a partir do surgimento da pandemia no Brasil provocou uma forçada aliança entre tecnologias e ensino-aprendizagem com a educação remota, principalmente, para os educadores que se depararam em situações que exigiam readequação de suas práticas.

O mesmo desafio se impôs aos alunos que, para que tivessem acesso às múltiplas possibilidades e facilidades que a internet dispunha, o passaporte é ler e escrever, pois, sem eles, o universo virtual não passa de uma propagação de informações limitada à transmissão de dados sonoros e visuais. Tornou-se necessário, portanto, empregar socialmente a leitura e a escrita, ou seja, do letramento.

Letrar, por sua vez, significa passar da simples alfabetização e, contrapondo-se ao que alguns pensam, esse processo não se encerra nas séries iniciais, pelo contrário, acompanha todas as etapas da vida, tendo em vista que, a todo tempo, novos tipos de textos são incorporados à prática social humana. Compreender a bagagem linguística que o indivíduo constrói ao longo da sua história é, de fato, saber ler e escrever.

Por isso, essa pesquisa, intitulada “**O ensino de Língua Portuguesa em tempos de pandemia: a experiência de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro**”, visa refletir sobre práticas de ensino de Língua Portuguesa no contexto do distanciamento social.

Para tanto, este estudo apresenta reflexões sobre o ensino da Língua Portuguesa, bem com a utilização do Facebook como ferramenta pedagógica e, por fim, o relato da experiência de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro relativa à educação remota.

## **METODOLOGIA**

Tendo como objetivos norteadores a apresentação de conceitos relativos ao ensino de Língua Portuguesa, ao letramento e à utilização do Facebook como plataforma de educação remota, este estudo recorre a procedimentos científicos de pesquisa, de forma a aplicar conceitos de especialistas de renome na área de estudos da linguagem às práticas de uma unidade escolar que representa boa parte das escolas municipais do Rio de Janeiro.

A pesquisa pauta-se no transcurso do ano letivo do ano 2020, período marcado pelos impactos da pandemia provocada pelo coronavírus, que obrigou a implementação de medidas de distanciamento e, por consequência, da educação remota. O objeto de estudo é a Escola Municipal Cora Coralina, com ênfase nas turmas de sétimo ano do ensino fundamental, unidade que iniciou o ano letivo com 972 crianças e jovens matriculados no segundo segmento do ensino fundamental (6º ao 9º ano), distribuídos em 24 turmas do ensino regular e três turmas de projetos de correção de fluxo de idade/série (Projeto Carioca II).

A escola dispõe de cerca de 46 professores e mais 10 funcionários de apoio (administrativo, alimentação e conservação) para atender os alunos que têm entre 11 e 15 anos de idade. Além das 13 salas de aula, a escola dispõe de refeitório, sala de leitura, sala de multimídias, almoxarifado, sala de música, quadra de esportes, banheiros e vestiários.

Localizada no Mendanha, um sub-bairro de Campo Grande (Rio de Janeiro). Essa área é reconhecida como uma das mais populosas do Brasil e, pela comunidade

Carobinha, que é subdivida em outras comunidades conhecidas como Quadra Cem, Guandu, Conjunto Votorantin, Jardim Nossa Senhora das Graças. Essa região foi povoada de forma irregular, a partir da necessidade de familiares sem morada fixa, e, até o momento, sofre com condições precárias de fornecimento de água, com sistema de esgoto e de iluminação pública. Os relatos a respeito de sua história sempre perpassam pela presença forte de diversas facções criminosas que dominam a região.

Inaugurada em nove de fevereiro de 1987, a E.M. Cora Coralina visava atender alunos da terceira à sétima série do ensino fundamental, com amplo espaço verde ao seu redor que, com o decorrer do tempo, foi sendo ocupado por outra unidade escolar (Casa da Criança) e por uma unidade da Clínica da Família.

Buscando nortear e padronizar as práticas pedagógicas das escolas da rede municipal, semestralmente, a SME produz e envia para as escolas material didático com conteúdos atividades das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. O planejamento é feito por uma equipe de professores da rede que se inscrevem em processo seletivo interno especificamente para desenvolvimento desse trabalho.

As escolas estiveram fechadas no período de distanciamento e, para atenuar o impacto da quarentena, o Facebook foi usado como plataforma de ensino online, cuja eficiência, para este fim, é bastante questionável. Por isso, a fim de analisar os impactos no ensino de Língua Portuguesa, quanto ao nível de letramento dos alunos, os resultados dessa pesquisa são medidos através de instrumentos de diagnose aplicados imediatamente ao retorno das aulas presenciais.

Para isso, serão apresentados os parâmetros norteadores para construção de instrumentos avaliativos da SME-RJ. Primeiramente é válido destacar que a elaboração das Orientações Curriculares de Língua Portuguesa de 2020 (OCLP) foi orientada pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2016) e na concepção de “língua/linguagem como fenômeno social” e, para reforçar esse pensamento, as OCLP afirmam que as atividades serão focadas na relação da LP com o seu uso, daí a idéia de uso-reflexão-uso.

Para estruturar e alinhar com habilidades, as OCLP (Ensino Fundamental II - EFII) apoiaram-se em 4 eixos/pilares (Oralidade, Leitura, Escrita e Análise Linguística), os quais foram reorganizados da seguinte forma: Oralidade e Análise Linguística; Leitura e Análise Linguística; Escrita e Análise Linguística e neles as habilidades foram distribuídas.

Na criação do instrumento de diagnose do processo de Letramento desta pesquisa, utilizar-se-ão as habilidades voltadas para a leitura e a escrita.

Justifica-se essa seleção a partir da concepção de leitura dentro do letramento que se configura como instrumento de socialização, de interação entre as pessoas nos meios em que estão inseridas e a utilizam para atender a determinadas demandas sociais contextualizadas em suas vivências cotidianas. Para isso, a BNCC (2016) discorre que o aluno deve ter participar de atividades, ampliar o repertório de experiências, praticar a produção de gêneros diversos, fazer uso de conhecimentos prévios para acessar novas informações.

Um outro ponto a destacar é que os gêneros textuais, dispostos no instrumento diagnóstico, serão aqueles indicados pelas orientações curriculares para cada ano (ensino fundamental II). É claro que esses são os gêneros principais para o 7º ano do EFII, mas abrem espaço para outros que seguem a mesma linha de estrutura. Ressalta-se que é a partir dos gêneros que se desenvolve a leitura e a escrita nas instituições educacionais. E, pensando nisso, as OCLP (SME-RJ, 2020) destacam o letramento ao abordar o ensino de língua portuguesa.

No que diz a produção do instrumento para diagnosticar a escrita, será solicitada uma produção textual de um dos gêneros narrativos apresentados pelo OCLP. Quanto aos critérios de correção, serão utilizados os mesmo que são apresentados pelas orientações curriculares da prefeitura do Rio de Janeiro e que estão enquadrados nos seguintes eixos: a Estrutura; a Coerência, a Coesão e o Uso da Língua.

No que diz respeito ao referencial teórico, este estudo é orientado por uma pesquisa com abordagem expositiva de conceitos relativos aos gêneros textuais à luz de Luiz Antônio Marcuschi (2003 e 2010) e de Magda Soares (2004 e 2010), com seu aporte teórico sobre letramento.

Por fim, Soares (2010, p. 26) argumenta que há necessidades de definir índices de letramento por meio de avaliação diagnóstica e que ele é um fator-mor para o progresso de uma nação; além de destacar as tendências e perspectivas de ordem nacional e/ou internacional e expõe que é preciso mensurar o letramento que, por sua vez, conduz à formulação de melhores e mais eficazes políticas públicas.

## **Ensino da Língua Portuguesa como prática social: letramento e as demandas sociais**

Há vários tipos de aprendizagem (comportamentais e para o convívio social) que o homem não precisa de uma estrutura organizada e sistematizada de ensino para que possa efetivá-los. E é através da linguagem que é possível interagir, expressar-se, comunicar-se, inserir-se em um grupo, compreender e interferir. Por isso, os PCNs de Língua Portuguesa (1998, p. 26) abordam uma necessidade que exige um recorte do letramento como elemento norteador desse estudo, uma vez que teorizar e praticar atende, prioritariamente, as necessidades sociais atuais. Com isso, o Letramento se configura como ensino e aprendizagem, com leitura e como escrita no âmbito codificação e da decodificação e como consequência final a apropriação da escrita, o que, em outras palavras significa conduzir o sujeito ao exercício de práticas sociais da leitura e da escrita.

Sabe-se que a leitura é o alicerce da formação humana, faz o homem tornar-se capaz de exercer seu papel social, é imprescindível à construção e à criação de ideias, de valores e de ideologias. É o elemento-chave para se ter acesso às diversas ciências e é, sobretudo, a base-mor da educação, uma vez que “[...] saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava as bases de uma educação adequada para a vida” (MARTINS, 1994, p. 22).

Então, ler e escrever, como consequência, implica ter a capacidade de trilhar pelas diferentes funções da escrita: uso social (receitas, anotações, mensagens), uso utilitário (listas de compras, receitas, bulas, atlas, notícias), uso emotivo (diários, blogs, declarações de sentimentos) ou lazer (histórias em quadrinhos, novelas, romances, poesia).

É, portanto, imprescindível que o sujeito seja capaz de lidar com textos de variados tipos e gêneros, o que se configura como uma habilidade a ser desenvolvida no decorrer de toda sua trajetória educativa e não apenas nas séries iniciais, uma vez que a escrita é capaz de provocar modificações de diferentes tipos, sejam sociais, culturais, econômicas ou linguísticas. O sujeito passa a fazer parte de grupos como o social, o político, o linguístico e o psíquico. Nesse sentido, ler e escrever passaram a ser

propriedades do indivíduo, que usa e domina em diversos níveis, seja um bilhete a um texto científico.

Nesse caso, é importante ressaltar, então, que uma condição *sine qua non* para que o letramento se desenvolva, propiciar condições de aproximação à modalidade escrita (livros, revistas, bibliotecas, livrarias e, atualmente, acesso à internet), ambientes que favoreçam às vivências e recursos sociais em que a leitura e a escrita tenham funções, mas para isso é necessário conduzir o indivíduo, para que tenha condições de fazer uso social da leitura, uma vez que o letramento é uma variável, é dicotômica e implica múltiplas habilidades, requer diversas práticas, advém de uma estrutura e é determinada socialmente (SOARES, 2010).

No processo de letramento, a leitura se destaca como o recurso essencial, para que o sujeito materialize as ideias na escrita, exercitando/desenvolvendo habilidades e atendendo a demandas sociais diversas. E para abordar letramento, imprescindível se faz discorrer um pouco sobre leitura. Em sendo assim, dispõe-se do que Geraldi (1999) denomina como a natureza da leitura de “posturas que o leitor toma” ante a leitura, ou seja, a leitura com o objetivo de obter informação, de estudar, como pretexto para fazer determinadas atividades e para fruição/prazer. Em cada uma delas, há um grau de compromisso com a absorção do conhecimento, como também um tipo de relação com a escrita, mas é fato que, em todos, o conhecimento prévio ou de mundo é valorizado. É com base nesse pensamento que se pode afirmar:

ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia, e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1982 *apud* GERALDI, 1999, p. 91)

Já na acepção de Martins (1994, p. 31), ler é um “[...] processo de compreensão abrangente cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos”. A partir dessa definição, ela apresenta os níveis de leitura que são: leitura sensorial - livros infantis, ilustrações, figuras, gravuras – que está afeita ao imediatismo, à experiência do leitor.

Nessa fase, há leitores que ainda se encontram no processo de decodificação (correspondência entre letra e som).

Há a leitura emocional que está diretamente relacionada às leituras prévias do receptor que despertam o sentir, as emoções, tocam direto nas experiências e, por fim, a leitura racional que é aquela que reconstrói o saber prévio em um novo conhecimento, promove o desenvolvimento do discernimento acerca do texto lido, possibilita refletir, a “reordenação do mundo objetivo”, possibilita questionamentos do leitor como indivíduo e como ser social. Todos esses níveis de leitura estão inter-relacionados, pois na concepção dessa autora, não se pode fazer uma leitura emocional, sensorial e racional dissociada, uma vez que é inerente ao homem inter-relacionar sensação, emoção, razão, seja com o objetivo de se expressar ou de buscar sentido para si e para o mundo ou até mesmo para atender a exigências de novas ordens na sociedade.

### **Facebook: ferramenta pedagógica para letramento, possibilidades e limitações**

Não há como dissociar a internet da língua escrita, visto que, em algumas situações de comunicação, a escrita ocupa gradativamente espaços sociais que até então eram exclusivos da oralidade. E, de acordo com a BNCC (2016), a cultura digital está proporcionando mudanças na sociedade contemporânea significativamente, como consequência do avanço e de múltiplos recursos midiáticos. Além disso, o aumento do volume de acesso a elas, devido a maior disponibilização de celulares, computadores e tablets pelos estudantes. De fato, são eles os maiores “protagonistas da cultura digital”, pois se envolvem direta e indiretamente em interações multimidiáticas, multimodais, além de atuarem nas redes sociais de forma cada vez mais ágil.

Por outro lado, cabe ressaltar que essa cultura também “apresenta forte apelo emocional” e induz ao imediatismo de respostas prontas, além de valorizar a efemeridade das informações, o que potencializa análises superficiais e a utilização de textos imagéticos e formas de expressão mais sintéticas. Isso difere das características do contexto escolar onde os modos de dizer e de argumentar seguem outra linha.

É evidente, também, que as relações linguísticas que ocorrem na internet, principalmente em redes sociais ou em aplicativos de bate-papo expõem uma comunicação semelhante à oralidade. É o caso de gêneros textuais como o e-mail, o chat, o bate-papo, o blog ou vídeos, contexto em que o letramento digital tem ganhando cada

vez mais destaque. Segundo Yates (*apud* Marcuschi, 2010, p.17), “com as novas tecnologias digitais vem-se dando uma espécie de ‘*radicalização do uso da escrita*’ e nossa sociedade parece tornar-se “textualizada”, isto é, passar para o plano da escrita”. A dinâmica de desenvolvimento de plataformas e redes sociais exige que o indivíduo cada vez mais desenvolva as competências comunicativas.

Então, é possível inferir que cada vez mais as tecnologias são inseridas no cotidiano, transformando as relações interpessoais e, conseqüentemente, os gêneros textuais. “É o fenômeno das redes sociais: um ambiente que reúne várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados” (MARCUSCHI, 2020, p. 16). O Facebook é um exemplo desse fenômeno.

O programa foi lançado em 2004, a princípio, para universitários de Harvard, e aberto ao público em 2006. De acordo com o Jornal Estadão, em 2017, o Facebook teve 2,13 bilhões de usuários no mundo e 127 milhões no Brasil. Este último é o principal interesse desta pesquisa, uma vez que analisa o uso do Facebook como ferramenta pedagógica, suas possibilidades e limitações.

Alguns recursos disponíveis nesta rede social são bastante atrativos ao público em geral, sobretudo para jovens e adolescentes. Alguns destes constituem um novo gênero de mídia digital, já que “[...] são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural” (MARCUSCHI, 2010, p. 19).

A videoconferência interativa, por exemplo, é um gênero que tem ganhado cada vez mais destaque, especialmente por se assemelhar a uma reunião. São síncronos e, com a pandemia, está popularizando-se ainda mais. Nela, “[...] a escrita é usada em menor intensidade e elas se aproximam dos telefonemas com imagem em circuito fechado” (MARCUSCHI, 2010, p. 69).

Com relação ao letramento, as redes sociais, em geral, são espaços virtuais onde a escrita sobrepõe-se à fala. Kleiman (1995) destaca que há uma grande ilusão quanto a fato de autores atrelarem o letramento a textos impresso, pois o letramento digital entra aí para dar mais visibilidade às práticas sociais de leitura e de escrita por meio de celulares, de tablets, em plataformas como e-mails, nas redes sociais na web, entre outras (COSCAROLI; RIBEIRO, 2005).

Na contemporaneidade os estudos sobre letramento digital estão sendo postos em destaque, pois há demandas sociais diferentes e diversas de leitura e de escrita estão sujeitas a mudanças rápidas, fato constatado pelo surgimento de exigências de ordem sociais cada vez maiores, conduzindo o homem a elevar o nível de conhecimento e dar qualidade das novas informações produzidas.

### **Educação remota: a experiência de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro**

É sabido que as escolas, na contemporaneidade, precisam inserir o maior número possível de recursos das novas tecnologias nos processos de ensino e de aprendizagem. Como no sistema público de educação do Brasil (em destaque para as escolas do município do Rio de Janeiro) essa ação vinha ocorrendo de forma lenta, demandando muitos recursos financeiros e capacitação de pessoal. Mesmo assim está sendo implantada, mas sem nenhuma celeridade e mais cambaleante do que objetiva.

No entanto, com o anúncio de uma pandemia pronunciado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) no mês de março de 2020, e as orientações de execução das medidas de isolamento social e de “lockdown”, diversas nações se viram obrigadas a paralisar setores e atividades diversas. E no que tange à educação, milhares de estudantes tiveram que se adaptar a esse novo cenário a fim de minimizar os prejuízos provocados pelo distanciamento social. E é aí que entra o Facebook como plataforma emergencial de acesso a conteúdos antes restritos ao espaço físico escolar.

Nesse ínterim, cabe questionar: por que o Facebook? Um fato responde à questão: nas comunidades mais carentes, as redes sociais são acessadas com maior frequência e, portanto, seria a ferramenta mais apropriada para alcançar o maior número de alunos, dando continuidade ao processo de escolarização de forma remota.

Deparando-se com essa linha de ação, os educadores (alguns sem familiaridades com um sistema de educação a distância) buscaram suporte e instrução de como gravar videoaulas; pesquisaram orientações em aplicativos de celular; utilizaram as ferramentas para transformar *slides* em imagens (jpeg), fotografias com recursos para expor nos vídeos como instrumento norteador de ensino e de aprendizagem; promoveram reuniões online para selecionar e adaptar conteúdos curriculares à realidade que se impôs.

Na Escola Municipal Cora Coralina, os planos de curso previstos para o citado ano letivo pretendiam alinhar o Material Didático Pedagógico (MDP), caderno impresso que apresenta conteúdos e exercícios das disciplinas Língua Portuguesa, Matemática e Ciências organizados pela Secretaria Municipal de Educação, aos projetos pedagógicos idealizados pela equipe pedagógica, no entanto, com a interrupção das aulas presenciais a partir da segunda quinzena de março do ano 2020, foi necessário o replanejamento de suas diretrizes, adaptando-as ao ambiente virtual.

No MDP, o foco é trabalhar a Língua Portuguesa a partir de textos, enquadrados em gêneros textuais diversos e explorados na construção de sentido na produção da escrita e da reescrita. Para isso, a coordenação e os professores de Língua Portuguesa optaram por um sistema de organização, cuja base era uma semana de atividades, indicando páginas e orientação para os assuntos destacados e, na semana seguinte, publicação de vídeos (gênero textual “videoconferência”), elaborados pela equipe docente com conteúdos conforme a sequência apresentada no material supracitado.

O MDP propõe o ensino de língua materna pautado em três pilares, oralidade, leitura e escrita, relacionando-os à análise linguística, a partir da análise de textos, com a proposta de orientar e conduzir os alunos a produzirem e/ou analisarem eventos linguísticos diversos, tanto escritos como orais, além de direcionarem-no para que identifiquem as características dos gêneros apresentados. É um exercício que, como diz Marcuschi (2003), além de instruir, também permite praticar a produção textual.

A equipe pedagógica optou por não aplicar avaliações durante o período de educação remota, sobretudo para não cometer injustiças com aqueles que não dispõem de recursos midiáticos fundamentais para o acesso às aulas remotas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esta pesquisa dar-se-á por encerrada após a análise dos resultados obtidos a partir da avaliação diagnóstica que será aplicada aos alunos assim que ocorrer o retorno das aulas presenciais. No entanto, refletir sobre alguns aspectos percebidos durante a elaboração deste estudo.

A pandemia provocou transformações em todos os âmbitos das relações sociais e, nos limites do fazer pedagógico não podia ser diferente. Para os docentes, percebeu-se a disposição e o interesse em buscar novas estratégias pedagógicas que atendessem às

imposições do distanciamento social. Ao alunado, aqueles que dispunham de recursos tecnológicos, também tiveram que modificar sua relação com o espaço virtual que, até então, servia para cultivar suas relações sociais.

Nota-se, também, a falta de investimentos políticos que favoreçam ao letramento digital, já que, para que se faça uso social da leitura e da escrita, é de suma importância que a população disponha de condições que permitam a expansão do letramento para espaços, atualmente, restritos a determinadas classes sociais.

No que tange ao Material Didático Pedagógico apresentado nesta pesquisa, observou-se poucas posturas relacionadas ao letramento digital. Há, ainda, muita carência de estratégias e metodologias que integrem o uso das mídias à prática educativa, que utilizem a leitura e a produção textual de textos do cotidiano, que explorem os recursos da oralidade, que contribuam para a construção da autonomia intelectual dos alunos.

Acredita-se que os ecos desse período que marcou a história da humanidade terão seus reflexos expandidos durante muito tempo.

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

No âmbito da educação remota, algumas indagações são bastante pertinentes: comodirimir dúvidas dos alunos? Seria coerente apresentar novos conceitos ou propor apenas revisões? Como desmembrar informações e associá-las a outras áreas do conhecimento, promovendo assim uma ação interdisciplinar? É possível assegurar que a leitura de textos sem o apoio da troca coletivo promova a compreensão? Será possível interferir pedagogicamente nas produções textuais e nas questões subjetivas?

Ainda, quais serão as consequências para uma geração que passou por um ano letivo com estratégias adaptadas que pretendem, no máximo, reduzir as perdas no campo do conhecimento? A sociedade que está sendo construída pode ser considerada letrada em seus amplos aspectos físico e digital?

São muitos os questionamentos que envolvem um momento de tamanha incerteza, ocasionado pela pandemia provocada pelo coronavírus, sejam com relação ao fazer pedagógico na educação remota, sejam nos impactos que a aprendizagem sofrerá no que tange ao aprimoramento da leitura e da escrita.

Nesse caso, a retomada das aulas e a aplicação dos instrumentos diagnósticos darão um norte quanto à escolha do Facebook como instrumento de aprendizagem em situação remota; do letramento digital como base para atender as necessidades de novas propostas pedagógicas em Língua Portuguesa. Assim, é conveniente analisar que todo e qualquer processo avaliativo ou mediador requer definições mais acertadas, porque vai muito além dos níveis de letramento cuja base são conhecimentos diversificados, as habilidades e as competências, as capacidades o desempenho, os valores, o emprego social da língua e suas funções sociais.

## **REFERÊNCIAS**

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. 2ª versão. Brasília, DF, 2016.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília/DF, 1998.
- COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FACEBOOK. **Central de Ajuda**. Disponível em <https://www.facebook.com/help>. Acesso em: 31 maio 2018.
- JUSTO, Márcia Adriana Pinto da Silva; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social**. Revista Eletrônica Saberes da Educação. Vol. 4, nº 1, 2013. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Marcia.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- KLEIMAN, Ângela B. (org), **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, Mercado das Letras, 1995.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (Orgs). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Facebook chega a 2,13 bilhões de usuários em todo o mundo.** São Paulo, 31/01/2018. Disponível em <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-chega-a-2-13-bilhoes-de-usuarios-em-todo-o-mundo,70002173062> , acesso em: 28jun2018.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação Subsecretaria de Ensino. **Língua Portuguesa: currículo.** Rio de Janeiro, 2020.

RIBEIRO, A. E.; NOVAIS, A. E. (Orgs.). **Letramento digital em 15 cliques.** Belo Horizonte: RHJ, 2013.

RIBEIRO, Elvia Nunes. et al. **A importância dos ambientes virtuais de aprendizagem na busca de novos domínios da EAD.** Goiânia, GO: CEFET. 2007. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/4162007104526AM.pdf>, acesso em 03 jun. 2018.

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização.** In: Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001 (org.) Vera Massagão Ribeiro – 2 Ed. – São Paulo, Global , 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 4 Ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

## **ENSINO NO CONTEXTO DE PÓS-PANDEMIA: NOVAS PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS E SOCIAIS NO BRASIL**

Samuel Lopes dos Santos

*Graduado pelo Curso de Serviço Social do Centro Universitário de Patos - UNIFIP, [samuellopespb@gmail.com](mailto:samuellopespb@gmail.com)*

O presente estudo, busca enfatizar a educação brasileira a partir da pandemia de COVID-19, dando visibilidade aos determinantes sociais, frente aos desafios postos às práticas educativas com abordagens contextualizadas e interdisciplinares. Evidencia-se um contexto desigual, com políticas públicas de contingência insipientes e paliativas, negligenciando o alcance de pessoas em situação de vulnerabilidade social, colocadas à margem do direito, além dos estigmas e preconceitos. As medidas de contenção e adaptação dos modos de vida, causaram grande mudança na rotina de educadores e educandos. Alteraram o cotidiano presencial nas escolas e universidades, sendo substituídos por Ensino a Distância (EaD). Muitos alunos de baixa renda não tem acesso à internet, mídias, aparelhos e similares. Alternativas e estratégias serão executadas sem necessariamente fazerem uso ou voltadas exclusivamente para tecnologias no universo da transmissão de aulas on-line. No caso dos professores utilizar as metodologias tradicionais e ativas, aplicativos e redes sociais, fuga ao conteudismo, e expansão do trabalho virtual através de assinaturas gratuitas de ferramentas. Objetiva-se com esse estudo, discutir as múltiplas realidades em que professores e alunos estão inseridos e as práticas de ensino-aprendizagem em tempos de isolamento social. Galgou-se uma análise na literatura especializada, perfazendo recortes de artigos e periódicos em torno da temática. Concluímos que os sistemas educacionais precisam se adaptar aos recursos didáticos tecnológicos, com revisão das práticas pedagógicas como um todo, levando em consideração todas as realidades.

**Palavras-chave:** Metodologias, Socialização, Tecnologias.

### **INTRODUÇÃO**

O presente estudo busca enfatizar a Educação Brasileira a partir da pandemia de COVID-19, com ampla visibilidade aos determinantes sociais, frente às realidades descortinadas e atreladas a esses redirecionamentos.

Volta-se para as estratégias que permitiram repensar as práticas de ensino ante os desafios postos neste cenário. Dessa maneira, objetiva-se, discutir as múltiplas realidades em que professores e alunos estão inseridos e as práticas de ensino-aprendizagem em tempos de isolamento social.

Galgou-se uma análise na literatura especializada, perfazendo recortes de artigos e periódicos em torno da temática, enveredadas pelo materialismo histórico e dialético.

Nos detemos em analisar, alguns elementos preponderantes evidenciados em uma conjuntura desigual, com políticas públicas de contingência insipientes e paliativas, negligenciando o alcance de pessoas em situação de vulnerabilidade social, colocadas à margem do direito, além de estigmas e preconceitos.

Ao tempo, que o novo Coronavírus sinalizava ter dominado o mundo inteiro, em nosso país não foi diferente, mas com particularidades muito específicas, bem como, o próprio contexto histórico e cultural de desigualdades sociais e educacionais.

Partimos do pressuposto de que as formas de aprender e ensinar, precisaram ser adaptadas para esse atípico período pandêmico, e que os sistemas educacionais precisam se reinventar, adaptando-se aos recursos didáticos tecnológicos, com revisão das práticas pedagógicas de maneira geral, levando em consideração as múltiplas situações existentes em cada território.

Assim, para além de práticas educativas com abordagens contextualizadas, interdisciplinares, tradicionais e presenciais surge o perigo iminente de não promover a educação ou trazê-la de modo ainda mais fragilizado ou fragmentado e não fazê-la chegar a todas as localidades e a extensão destas, em outras palavras, os chamados territórios vivos, que compreende a própria territorialidade em sua dinamicidade.

Nesse sentido, surge mais uma vez o grande desafio colocado a todas as comunidades escolares e acadêmicas, e todos que as compõem, sejam eles; alunos, profissionais da educação como um todo, e principalmente os professores que estão na linha de frente de todo processo, os que se colocam na transmissão de conhecimento.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo foi gestado enquanto revisão de literatura. O percurso metodológico seguido percorre recortes nas produções especializadas, englobando: artigos científicos, revistas e *sites* entorno da temática. A partir da efetivação da pesquisa estruturamos uma breve contextualização situacional e conjuntural na qual conseguimos consolidá-la.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

No auge da pandemia causada pelo SARS-CoV-2 vírus causador da Covid-19, foi necessário adotar a estratégia do ensino remoto paralelo ao ensino presencial, tendo

como particularidades a abertura de normativas específicas como decretos e resoluções que dispõe sobre esse excepcional período vivenciado no Brasil e no mundo.

Para esta modalidade remota de ensino, foi estabelecido prazos conforme as orientações dos órgãos oficiais. Perdurando até que seja autorizado o retorno das atividades presenciais nos estabelecimentos de ensino. Diante disso, pergunta-se; o que é emergência para esse tempo de pandemia? Para onde vai à educação pós-pandemia? O que se espera dos educadores? E como enfrentar os desafios que se apresentam?

Diante deste cenário, alternativas foram pensadas como; o uso de tecnologias no universo da transmissão de aulas *on-line*, ou seja, Ensino a Distância - (EAD), que demanda: participação ativa, organização do tempo para leituras e atividades, com plataformas específicas de aulas, sistemas para avaliações com tempo programado para ficar disponível e verificação de e-mails continuamente.

A emergência sanitária chegou em um momento de ataque cerrado à escola pública. Os desafios educativos e as desigualdades educacionais tornaram-se mais visíveis na quarentena, Krawczyk (2020, p. 01) traz brevemente algumas questões centrais ao afirmar que; [...] elas se aprofundam pelas precárias condições de trabalho docente e pela insistência em manter a 'normal' rotina escolar, entrando na vida privada das famílias e de professores (as).

Vimos a grande mudança na rotina de educadores e educandos, das metodologias tradicionais, surgiu à urgência das metodologias ativas, fuga ao conteudismo, utilização de aplicativos e redes sociais, expansão dos trabalhos virtuais através de assinaturas gratuitas de ferramentas e toda a estrutura curricular precisou de suporte para ampliação do arcabouço teórico, especialmente no ensino superior.

Em termos sociais, evidenciam-se vários aspectos estruturais. A pandemia traz alterações nas subjetividades e objetividade da vida cotidiana, e nas relações de trabalho, e a partir de então, ganham diferentes organizações, sendo que a organização do processo de trabalho é determinado pelas necessidades de valorização dentro da reprodução capitalista.

Evidencia-se, que vivemos em um contexto desigual, onde as políticas públicas de contingência são insipientes e paliativas, e negligencia o acesso das populações em situação de vulnerabilidade social, colocadas à margem do direito, sendo vítimas de

estigmas e preconceito por parte da sociedade e do próprio Estado com seu caráter conservador, punitivo e de culpabilização e responsabilização do indivíduo.

Diante disso, surge a preocupação com os alunos e acadêmicos que não tem acesso à internet, além das dificuldades no uso dos aplicativos e das plataformas, tudo isso, pode incidir, no baixo nível de aprendizado dos estudantes, na manutenção de elevadas taxas de evasão e desistência devido o tempo que estão afastados do cotidiano escolar e outros fatores.

Outro fator a se considerar é a intensificação do desinteresse dos/as jovens pelas aulas à distância, principalmente na educação básica, essa problemática historicamente vem sendo combatido, mas que pode voltar à tona pós-pandemia, o que vem sendo apontado para explicar tanto a permanência com baixo aproveitamento quanto às desistências.

No entanto, avaliam ser um espaço pouco acolhedor de suas necessidades de socialização e sociabilidade: não despertaria neles/as o prazer de estudar; as aulas seriam “chatas” e pouco “práticas”; os/as professores/as teriam dificuldades em relacionar os conteúdos de suas disciplinas com a realidade e o cotidiano dos/as estudantes. (SNJ/BRASIL, p. 33, 2015)

Outra dificuldade presente neste processo de adaptação é a ausência de aceitabilidade por parte dos alunos de educação básica em maior parte, como também no ensino superior. Muitos são os limites institucionais e objetivos, que permeiam o cotidiano do ensino remoto, dentre eles a falta de acessibilidade para as pessoas com deficiência (PcD) e as lacunas deixadas pelas fragilidades desta formação aligeirada contribuindo para o aumento das desigualdades educacionais e sociais.

Evidencia-se também a questão da saúde mental dos alunos e professores, passando a serem sujeitos adoecidos, desencadeando quadros de crises de ansiedade generalizada que culminaram ou ocasionaram outras patologias como depressão, doença acentuada pela situação de estresse elevado, desenvolvido pelo contexto de pandemia e pelo sistema capitalista com suas contradições, sentindo na pele o acirramento da luta de classes.

No caso dos profissionais, convivesse com constantes ameaças de redução de salários e rescisão de contratos, aumento excessivo e controle da jornada de trabalho *home-office* gerando uma sobrecarga e desqualificação dos conteúdos abordados, estes

trabalhadores assumem a imposição que lhe dá o status de sujeitos vulneráveis que recorrem à proteção social do Estado, sobre tudo, o Auxílio Emergencial, e os Programas Sociais do Governo, em decorrência do aumento de demissões e desemprego.

Anterior à pandemia já vivenciávamos a intensificação da subcontratação e terceirização dos profissionais da educação, precarização das condições de trabalho nas próprias escolas e universidades, informalidade de profissionais sem garantia de direitos trabalhistas, muitos professores e profissionais da educação entraram no processo de uberização em seu sentido amplo, como complemento da renda familiar no horário noturno e fins de semana.

O movimento do empresariado com vistas à exploração de recursos oriundos do fundo público teve sua ofensiva sobre os governos consolidada para acelerar os sistemas públicos em transferir dinheiro, através das Parcerias Publico-Privado as chamadas (PPP). Krawczyk (2020, p.01) salienta que a pandemia desmascara o espaço crescente das corporações de Tecnologia da Informação (TI) na educação básica e superior privada e pública e na formação de professores.

A autora ainda coloca que essas corporações, ávidas por capitalizar em cima da catástrofe sanitária, social e global, entram de forma mais agressiva na captação de recursos públicos, nas estratégias de expansão e diversificação de seus serviços e consumidores (...) e na legitimação do uso de EaD em todos os níveis de ensino.

A realidade gritante de profundas desigualdades sociais denuncia; Sistemas de educação básica e superior como se poderia retomar as atividades com segurança? A pandemia apenas escancarou a negligência aos direitos sociais. Cabe ao movimento dos profissionais da educação interagir com a sociedade na organização de outro ensino e escola qualidade.

Com a pandemia intensifica-se a necessidade da Ciência e Tecnologia produzida pelas Universidades Públicas, e o enfrentamento dos ataques que estas vêm sofrendo como a falta de financiamento, e pela investida que se nutre do assalto à educação pública, perpetrado por forças retrógradas e negacionistas em detrimento da intensificação do projeto neoliberal, que recrudescem tendências presentes no cenário educacional brasileiro.

Observamos o denunciismo desenfreado de pais contra educadores de serem meramente *blogueiros, youtubers*, entre outros, como se estivessem se apresentando

como Showman e acusam de não haver preparação do conteúdo das aulas. Incidindo diretamente na autonomia docente, ou seja, o ensino remoto permite o engessamento do fazer educativo.

A pouca familiaridade com as plataformas *on-line* foi um dos fatores que levaram pais e responsáveis a preencherem uma lacuna deixada pela ausência dos professores, muitos sem condições mínimas de atender às exigências das aulas no auxílio dos filhos, por não terem estudado, e essa falta de escolarização, faz com que não estejam preparados para por exemplo, ensinar a fazer as atividades em casa, por não disporem de entendimento sobre manuseio de aparelhos ou aplicativos que auxiliam no ensino e na transmissão de aulas *on-line*.

Também assistimos os rebatimentos da quarentena nas instituições privadas de ensino, efetivando assim, a demissão em massa de professores (as) na maior parte atuantes no ensino superior. Concordamos com Krawczyk (2020, p. 02) quando afirma que o aumento do desemprego e a diminuição dos salários, justificados por empresários diante da suspensão de grande parte das atividades econômicas, acontecem enquanto se reduzem as perdas conjunturais.

Neste momento, ficou claro a importância e necessidade das políticas públicas e sociais, e que o terceiro setor é apenas complementar ao Estado e que quando este não cumpre com sua função, milhares de famílias ficam à mercê de ações filantrópicas e insuficientes, sendo apenas medidas emergenciais e que também não chegam a todos que precisam.

Com o advento da pandemia, mais uma vez vimos que o Sistema Único de Saúde (SUS), é de fundamental importância para toda sociedade, mostrou que é dever do Estado garantir a universalidade e a qualidade dos serviços públicos, e que este não pode ser privatizado, desmontado e precarizado, pois produz enormes consequências nefastas.

Atrelado a isto, é público e notório, a importância da valorização do conhecimento científico como motor de desenvolvimento social e econômico, e que o incentivo à pesquisa científica deve ser valorizada e não desqualificada, e abandonada e que necessita de investimentos públicos contínuos.

Mas o que se percebe na atualidade é o grande e inegável ataque dos donos do capital principalmente ao orçamento público, em curto ou longo prazo, por isso, a

pandemia foi espaço de oportunidades para o nicho de mercado da tecnologia. “[...] Não hesitaram em abarrotar de ‘soluções’ mágicas ao poder público”, como afirma Krawczyk (2020, p.02).

Fica evidente, que as experiências dos profissionais foram desprezadas perante soluções pré-fabricadas, muitas vezes impostas pelos próprios governos que respondem aos interesses do capital, não atendendo a proposta de reestabelecer e recuperar “[...] a vivência cotidiana dos estudantes e optam por restringir a aprendizagem a uma soma de conteúdos que possa garantir uma aparente ‘normalidade’ escolar”. (KRAWCZYK, 2020, p. 02).

Frente a um agressivo discurso governamental e empresarial a favor das ‘vantagens’ do ensino domiciliar, a quarentena mostrou que a docência não é trabalho de amadores. Mostrou a importância da mediação pedagógica profissional na relação de aprendizagem, e a dedicação dos professores se desdobrado para dar aula, acompanhar as necessidades dos alunos e também de suas famílias.

Existem muitos problemas a serem resolvidos na escola pública brasileira, mas não é atacando-a nem privatizando-a que estaremos defendendo o direito universal da educação; pelo contrário, estaremos excluindo cada vez mais a maioria das crianças e jovens da possibilidade de acesso a um conhecimento socialmente referenciado e de construção de sua autonomia.

A crise econômica desencadeada pela necessidade do isolamento para controlar a pandemia é, mais uma evidência da necessidade do aumento de recursos do Estado federal para educação e a manutenção da vinculação constitucional para a educação, conquistada na constituição de 1988.

Segundo Salvador (2010, p. 608), assegura que o fundo público ocupa um papel relevante na articulação das políticas sociais e na sua relação com reprodução do capital. A presença dos fundos públicos na reprodução da força de trabalho e gastos sociais é uma questão estrutural do capitalismo.

A expressão mais visível é o orçamento estatal, que na sua dimensão política, pode ser visto como uma arena de disputa ou um espaço de luta (ou cooperação) entre os vários interesses que gravitam em torno do sistema político (INESC, 2006). Assim, é um espaço onde as diferentes forças da sociedade buscam inserir seus interesses, e não pode ser considerado “antivalor” como afirma Marx (1883).

No capitalismo contemporâneo, o fundo público comparece por meio de subsídios, de desonerações tributárias, por incentivos fiscais, por redução da base tributária da renda do capital como base de financiamento integral ou parcial dos meios de produção, que viabilizam, como visto anteriormente, a reprodução do capital. (SALVADOR, 2010, p. 608)

O autor coloca ainda que viabiliza a reprodução da força de trabalho, por meio de salários indiretos, reduzindo o custo do capitalista na sua aquisição. (...) Por meio das funções indiretas do Estado, que no capitalismo atual garante vultosos recursos do orçamento para investimentos em meios de transporte e infraestrutura, nos gastos com investigação e pesquisa, além dos subsídios e renúncias fiscais para as empresas.

O modelo orçamentário brasileiro historicamente é o financiamento tributário regressivo, um conjunto de procedimentos padronizados seguidos pelos entes federados para arrecadar receitas e efetuarem suas despesas. As receitas públicas são originadas dos tributos cobrados às pessoas sobre os salários e empresas com impostos diversos.

Portanto, concordamos com Salvador, (2010, p. 608) quando afirma que o fundo público participa indiretamente da reprodução geral do capital, seja por meio de subsídios, negociação de títulos e garantias de condições de financiamento dos investimentos dos capitalistas, seja como elemento presente e importante na reprodução da força de trabalho, única fonte de criação de valor na sociedade capitalista.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A fim de impedir a proliferação do Coronavírus foram adotadas medidas de contenção e restrições à população, como; o isolamento e o distanciamento social, que alteraram significativamente o cotidiano nas escolas e universidades, ocasionando o fechamento de todas as instituições de ensino e conseqüentemente a suspensão das atividades presenciais, em cumprimento das orientações estabelecidas pelos órgãos de saúde.

Assim, como aquela histórica pergunta sobre o acesso à escola pública poderia acontecer sem os investimentos devidos, agora uma questão nos é colocada, como ampliar o acesso de estudantes sem investimentos adequados no auge da pandemia? E notoriamente situamos essas mesmos questionamento quando;

Todavia, essa massificação do acesso realizou-se sem que fossem feitos os investimentos financeiros e técnicos necessários para acolher uma ampla e diversa população juvenil, o que conformou um nível de ensino que se expandiu de modo degradado (...) e de professores/as preparados/as para a atuação [...]. (SNJ/BRASIL, p. 33, 2015)

Numa sociedade como a nossa, em que se acumularam formas tão variadas e intensas de desigualdades sociais – efetivadas por processos chamados por alguns de “exclusão social” e por outros de “inclusão perversa” –, em que a lentidão ou as marches e *démarches* são uma constante nas mudanças, o acesso ao conhecimento científico sobre esses processos constitui um imperativo político de primeira ordem. (BRASIL, p. 110, 2006)

Os impactos ocasionados pela pandemia foram inúmeros, os sistemas educacionais foram repensados, recursos didáticos e tecnológicos adaptados. Intensificação da Indústria cibernética-web (revolução cibernética), adoção do Teletrabalho, plano de trabalho remoto, preparação das Instituições de Ensino para o retorno das atividades presenciais, levando em consideração a saúde e a segurança de todos.

Instalação de equipe de Biossegurança designadas para pensar e executar ações concretas de prevenção e saúde, definição de Planos de Contingência, com orientações sobre o retorno gradual das atividades. *Totens* e *dispensers* para álcool gel, instalados em pontos estratégicos e nos banheiros disponibilizados sabão antisséptico e toalhas de papel. Os blocos, setores administrativos, biblioteca e salas de aula terão a limpeza intensificada e receberão sinalizações, com instruções de segurança e distanciamento de 1,5m entre as pessoas.

As Universidades Públicas criaram comissões para acompanhar e avaliar as várias atividades de ensino ofertadas no período suplementar, além de questionários para conhecer as possibilidades e dificuldades no início do semestre.

Os Sistemas Acadêmicos passaram por adaptações, possibilitando a matrícula online para veteranos e calouros. Os eventos acadêmicos presenciais foram suspensos e as reuniões administrativas acontecerão sempre de forma remota. Todas as pessoas que circularem no Campus deverão usar máscara de proteção.

Dentre os impactos sociais com a Pandemia estão: aumento da pobreza entre famílias em situação de vulnerabilidade, da desigualdade de renda, da extrema pobreza

e pobreza entre idosos e pessoas com deficiências, redução no atendimento do Cadastro Único, com impacto na concessão do Benefício de Prestação Continuada (BPC) e Programa Bolsa Família, dificuldades de capacidade operacional na Proteção Social Básica (PSB) e Proteção Social Especial (PSE), fechamento e redução de equipamentos e equipes técnicas dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e dos Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS).

Segundo dados do IBGE (2018 e 2019), havia no Brasil 13,5 milhões de miseráveis e 52,5 milhões de pobres, totalizando 66 milhões de pessoas sobrevivendo sem mínimas condições. Considerando 2 adultos e 2 crianças, o orçamento mensal dessas famílias passaria a ser de R\$ 5.242,40, valor pouco maior do que deveria ser o salário-mínimo, de acordo com a Constituição Federal e calculado pelo Dieese: R\$ 4.483,20.

Conchão; Rodrigues (2020) asseguram que a pobreza e a miséria em nosso país não são causadas pela falta de riqueza, mas sim por sua extrema concentração. E trazem os dados da ONG Oxfam, que apontam apenas seis brasileiros possuem riqueza igual aos 100 milhões mais pobres, os 5% mais ricos têm a mesma renda que os 95% restantes e entre 2017 e 2018.

Não podemos dissociar a Política de Assistência Social da conjuntura nacional, muito menos diante de ataques com o desmonte dos sistemas públicos estatais, afronta ao projeto popular de Seguridade Social, principalmente frente a uma economia política da devastação que proporcionam a sangria dos cofres públicos em meio a uma política anticíclica.

O Sistema Único da Assistência Social – (SUAS) propõe um modelo de financiamento que indica que a participação da população deve ser priorizada, assim como a descentralização político-administrativa e o controle social, contribuindo para um padrão mais transparente e democrático.

Este modelo de financiamento também reforça o pacto federativo, com definição de competências dos entes, organiza as ações por Proteção (Básica e Especial), níveis de complexidade, território, considerando regiões e porte de municípios, viabiliza o sistema descentralizado e participativo em todo o território nacional; e propõe a articulação entre os três eixos dessa política pública: a gestão, o financiamento e o controle social.

Sinalizamos os poucos avanços que tivemos no Brasil desde 2016, onde não ocorreram pactuações, que ampliassem os serviços ou recursos do repasse federal para os Serviços Socioassistenciais. Essa tendência na assistência revela que a intenção é realmente de Estado mínimo, focalização com intensificação dos critérios de elegibilidade e descortinar o caráter meramente assistencialista.

Não é de estranhar que o ano de 2020 esteja pouco esperançoso para a classe trabalhadora. O acúmulo de retrocessos reverbera o caos instalado em nosso país. As redes de tráfico de informática com robôs que propagam *fake News* (proliferação de notícias falsas) têm incidido negativamente no setor saúde.

Assistimos boquiabertos os escândalos do governo Jair Bolsonaro, que prega contra a corrupção, mas tem mostrado o oposto, frente as alianças com envolvidos e denunciados por crimes diversos, principalmente pela usurpação do dinheiro público. Um governo que legitima a retirada de direitos enquanto conquistas históricas da população brasileira.

Em linhas gerais, passamos a ter nossas vidas concentradas primeiramente em nossa sobrevivência, diante de uma pandemia que tombou milhares de vidas, e frente a um contexto adverso de retirada de direitos e retrocessos, de um desgoverno racista, fascista e misógino.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A efetivação de aulas remotas enquanto alternativas, nos coloca os seguintes questionamentos: Qual a visão que as instituições de ensino tem em relação a promoção de uma educação tecnológica mais humana? E quais competências humanas estamos falando?

Apesar do desafio imposto pela crise, foi um momento pertinente para rever as práticas pedagógicas como um todo, levando em consideração aqueles que não tem acesso as mídias sociais, aparelhos e similares, na perspectiva de criar teias e elos na interação digital e participação nas plataformas virtuais com troca de saberes e aprendizados.

Neste momento de intensa fragilização na execução e desmonte das políticas sociais e educacionais, é tempo de reafirmar o óbvio, contribuindo para desmascarar e

descortinar novos horizontes, construindo uma educação propulsora de novas histórias e reduzindo distâncias ocasionadas pelas desigualdades.

Em suma, faz-se necessário defendermos a efetivação e garantia dos direitos sociais constitucionalmente adquiridos, e conquistados através de lutas históricas, com suor e sangue derramado pela classe trabalhadora, e sobre tudo, pela consolidação do Estado democrático.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais Para o Ensino Médio**. Ciências Humanas e Suas Tecnologias/Secretaria de Educação Básica. - Brasília: Ministério da Educação, 2006. 110 p. (Orientações Curriculares para o ensino médio; volume 3).

CONCHÃO, Silmara. RODRIGUES, Eduardo Magalhães. **Mais de um trilhão de reais jogados ao vento pelo governo Bolsonaro**. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/mais-de-um-trilhao-de-reais-jogados-ao-vento-pelo-governo-bolsonaro/>> Acesso em: abril de 2020.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A Educação Básica no Brasil. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/a-educacao-basica-no-brasil/5716>> Acesso em: julho de 2020.

GOULART, Michel. **O coronavírus e a necessidade de um programa de transição**. Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/o-coronavirus-e-a-necessidade-de-um-programa-de-transicao/>> Acesso em: jul de 2020

INESC. **Orçamento público ao seu alcance**. Brasília: Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2006.

JÚNIOR, José Petrucio de Farias. **Ensino de história: trajetórias de uma disciplina na Educação Básica**. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/17663/751375142234>> Acesso em: julho de 2020.

KRAWCZYK, Nora. **A educação frente à pandemia e ao fascismo: duros combates nos aguardam**. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Educacao/A-educacao-frente-a-pandemia-e-ao-fascismo-duros-combates-nos-aguardam/54/47970>> acesso em: jul de 2020.

NOGUCHI, Luiza Freire. **Infância, direito à educação e região metropolitana**. Disponível em: <<https://anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/LuizaFreireNoguchi-ComunicacaoOral-int.pdf>> Acesso em: julho de 2020.

Pandemia, violência policial, fundamentalismo religioso e outras ameaças. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/pandemia-violencia-policial-fundamentalismo-religioso-e-outras-ameacas/> Acesso em: julho de 2020.

**RIBEIRO, Priscilla Bonini. Educação para reduzir as desigualdades sociais.**

Disponível em: <<https://direcionalescolas.com.br/educacao-para-reduzir-as-desigualdades-sociais/>> Acesso em: julho de 2020.

SALVADOR, Evilasio. **Fundo público e políticas sociais na crise do capitalismo.** In: Serviço Social & Sociedade. São Paulo, n. 104, p. 605-631. Out./dez. 2010.

SNJ/BRASIL. **3ª Conferência Nacional de Juventude.** Texto orientador, eixo temático 2 – educação. Brasília, junho de 2015. Disponível em:

<[https://juventude.gov.br/articles/participatorio/0011/0384/DIREITODas\\_JUVENTUDES\\_OK.pdf](https://juventude.gov.br/articles/participatorio/0011/0384/DIREITODas_JUVENTUDES_OK.pdf)> Acesso em: 06 jul 2020.

## **“CLUBE DO LIVRO” COMO ESTRATÉGIA DE AQUISIÇÃO LINGUÍSTICA POR MEIOS DIGITAIS**

Rafael Omar Nachabe

*Graduando do Curso de Letras da Universidade Regional do Cariri – CE, Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri, Especialista em Teologia Bíblica pela mesma instituição.*

[rafaelomarnachabe@gmail.com](mailto:rafaelomarnachabe@gmail.com)

Letramentos são estratégias para colocar indivíduos e textos em contato. Os métodos e substratos são variáveis. A necessidade do letramento literário para a construção social do ser faz com que esse seja um campo em constante revisão. Acrescenta-se o fato de as novas configurações da realidade levarem educadores a migrarem para os campos digitais. Para afinar metodologias conectadas à época de pandemia, propõe-se um olhar sobre os clubes de leitura num recorte regional. Procura-se entender se essa é uma estratégia positiva de aprendizado. Outro recorte concerne ao tipo de texto, delimitando-o à língua inglesa. Assim, investiga-se o auxílio desses programas de letramento na aquisição/aprendizado de uma segunda língua. Os clubes de leitura criariam um ambiente dinâmico e prazeroso para tal aprendizado. Os fatores que sustentam são: Falta de obrigação e supervisão formal, elasticidade em relação ao meio (ambiente virtual), criação de laços afetivos entre os integrantes do grupo. O clube do livro retira o domínio da escolarização sobre a leitura. Pretende-se analisar as práticas correntes em busca de aperfeiçoamento para a docência. Ademais, busca-se a integração do autor no objeto da pesquisa (pesquisa-ação), ao praticar o método de letramento discutido. A observação se dará por meio de questionários aplicados, seguindo sua descrição e análise. Houve a instituição de um clube literário pelo autor, sendo esse formado por 27 pessoas: quinzenal, mediação rotativa, nível de inglês básico/intermediário, livros em domínio público – formato digital.

**Palavras-chave:** Clube do Livro; Letramento; Aquisição; Leitura; Mídia.

### **INTRODUÇÃO**

Os processos de aquisição linguística são campo de extensos estudos dentro dos estudos da linguagem. Discute-se como se dão os processos de aquisição de uma língua, com especial ênfase na infância. Tornou-se comum dividir aquisição/aprendizagem, havendo a ênfase na distinção entre contextos naturais e artificiais no processo de aprendizagem. Segue-se uma abordagem flexível, considerando aquisição qualquer passo no aprendizado de uma L2.

O uso da literatura para efetivar tais processos são ponto focal da pesquisa. Sabendo que: “[...] a literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas.” (COSSON, 2018, p. 16) Essas formas expressam os discursos que nos circundam e formam: “A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a

expressar esse mundo por nós mesmos.” (idem, p. 16) Nisso encaixa-se o que se entende por letramento.

As conexões entre o leitor e o texto ajudará na aquisição. Wilkins (1976, p. 39) reitera esta posição ao dizer que um dos fatores que promove a aprendizagem de uma língua seria a significância da língua a ser aprendida. O letramento capacita e emancipa seu participante. Não se forma um decodificador: “[...], mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive.” (COSSON, s. d, p. 106)

A pesquisa nasceu desces pressupostos somados às necessidades criadas pelo distanciamento social praticado em solo nacional. A problemática surge da pergunta se há um modelo de aprendizado à distância que se coloque como possibilidade para acréscimo às práticas já adotadas. A pesquisa nasce de indagação individual, sem qualquer vínculo institucional.

A metodologia escolhida foi a pesquisa-ação. Por seu caráter eminentemente prático além da participação ativa do pesquisador. Os participantes da pesquisa igualmente fazem parte ativa durante o processo. Dentro da necessidade nasce um clube do livro em língua inglesa por iniciativa do autor. Com a formação e primeiras reuniões surgem as demandas e problemáticas para o aperfeiçoamento dele. A coleta de dados se deu por meio de formulários online. A subsequente discussão se dá sobre as vivências explicitadas nos questionários. Percebeu-se a alta eficiência do clube do livro como ferramenta para aquisição linguística de L2 por sua natureza comunitária, bem como, pela possibilidade de reunião remota com as devidas ferramentas.

## **METODOLOGIA**

Opta-se pelo uso da pesquisa-ação no presente trabalho. Pode-se explicitar seu cerne: “Tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa.” (GIL, 2008, p. 31). A pesquisa-ação teve origem com os trabalhos de Kurt Lewin em 1946, ao qual se atribui também a autoria do termo.

A partir de Lewin, a pesquisa-ação tem sido utilizada de diferentes maneiras e diferentes intencionalidades, compondo um vasto mosaico de abordagens teórico-

metodológicas, o que torna importante refletir sobre sua essencialidade epistemológica, bem como sobre suas possibilidades como práxis investigativa.

Pensemos na definição de pesquisa-ação como:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p.14).

Tendo como base empírica, tal direcionamento de pesquisa volta-se com intensidade para a problemática em ação. Portanto, ela se mostra como racionalização e prática ao mesmo tempo. Além da participação do pesquisador, há a possibilidade da abertura para os participantes da pesquisa se integrarem nos processos de pergunta-resposta para construir resoluções e obterem emancipação no caminho.

A principal característica da pesquisa-ação é a de ser um processo que se modifica em espiral, e compreende - se por quatro etapas: 1- Diagnosticar a situação problema na prática. 2- Formular estratégias de ação para resolver o problema. 3- Pôr em prática e avaliar as estratégias de ação. 4- O resultado pode levar a um novo esclarecimento e diagnóstico da situação problemática, entrando assim numa espiral de reflexão e de ação (FRANCISCHEN, 1999, p. 171).

Quanto à metodologia de coleta de dados, não existe uma própria à pesquisa-ação. Entretanto, adiciona-se a sensibilidade do pesquisador na coleta a análise dos dados. Se for o caso de um trabalho de grupo deve-se ter em mente interesses em comum, bem como, a divisão de tarefas a partir das habilidades individuais. (Agenda de trabalho etc.) A pesquisa-ação se apresenta de modo amplo, sistemático e flexível, não-modelada, mas, em oposição às atitudes tecnologicamente controladas, se compõe em construção e de acordo com as necessidades e elementos implicados nela, como resultado de uma ação reflexiva (idem, p. 175).

Embora a entrevista fosse uma possibilidade de coleta dos dados, o questionário se mostrou eficaz pelo condicionamento da impossibilidade de contato físico. Nos questionários aplicados, são traduzidos os pontos focais da pesquisa: como o clube da leitura pode ser mais eficaz nos processos educacionais conectados a L2. Aquelas que são as limitações comuns do questionário ao que responde (falta de conhecimentos, falta de contexto) são excluídas no grupo pesquisado. (GIL, 2008, p. 122)

Um questionário processa-se por meio de questões abertas e fechadas. Em um grupo de amostragem grande, a primeira opção pode não produzir bons resultados. Afinal, o foco das respostas pode não interessar à pesquisa. As questões fechadas são mais comumente usadas. Nessa pesquisa foram utilizadas ambas perguntas. Aquelas de cunho fechado para os aspectos formais da reunião, aquelas de cunho aberto para as impressões e sugestões. Interessa-nos, em maior medida, as últimas.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Tendo como área circundante a aquisição de linguagem, propõe-se uma ágil discussão sobre a grande área com afluência para práticas de letramento e aprendizado. O contexto maior é a apropriação de uma segunda língua. A L2, como é chamada, é outra língua, que não a primeira, mas não necessariamente seja a segunda, pode ser terceira ou quarta tendo em vista que a ordem de aquisição após a L1 é irrelevante. A L1 é normalmente a língua que aprendemos primeiro em casa, através dos pais/responsáveis, também é frequentemente a língua da comunidade em que vive.

A aquisição de linguagem é, portanto, uma grande área que abrange a psicolinguística e outras disciplinas igualmente. Como afirma Scarpa (2004): “Os estudos sobre processos e mecanismos de aquisição da linguagem tomaram um grande impulso a partir dos trabalhos do lingüista Noam Chomsky, no fim da década de 1950, em reação ao behaviorismo vigente na época.” (p. 206) O debate se dá entre as grandes linhas do racionalismo e empirismo.

As primeiras teorias são as de cunho ambientalista. Destacamos o Behaviorismo, considerando a aquisição da segunda língua como formação de hábitos, como produto do incentivo e respostas na forma de repetição. No outro lado do espectro aparecem os inatistas, sendo inspirados nos estudos de Chomsky e a sua teoria sobre a Gramática Universal. Em suma essa teoria afirma que a linguagem é inerente ao ser humano, sendo o input incapaz de determinar a aquisição de linguagem. Por isso haveria uma base biológica orientando tal processo. Para tal teoria, o input é o responsável em ativar a Gramática Universal e estabelecer a língua que seria desenvolvida pelo indivíduo, devido à possibilidade de aquisição de uma língua existir somente quando há exposição a esta (MENDONÇA, p. 26, 2013)<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Input – conjunto de sentenças dentro de um contexto.

Sendo o alvo a aquisição de segunda língua numa situação informal de imersão linguística, percebe-se: “Em outras palavras, o desafio ainda continua a ser a relação entre o inato e o adquirido, entre o biológico e o sóciohistórico, entre o linguístico e o extralinguístico, entre o sujeito aprendiz e o objeto a ser aprendido.” (SCARPA, 2004, p. 229).

Como objetivo, não se têm em mente o bilinguismo onde o falante tem a capacidade de atender exigências comunicativas de dois grupos. Um falante bilíngue seria alguém capaz de se comunicar em duas ou mais línguas, em duas comunidades, de acordo com as exigências de competência comunicativa e cognitiva feitas por essas comunidades ou pelo próprio indivíduo, ao mesmo nível de falantes nativos, e que seria capaz de se identificar nos dois ou mais grupos de línguas (e culturas) ou parte delas. Busca-se, no entanto, o aprendizado/aquisição da L2.

Outra maneira de perceber os estudos nessa área está na área funcionalista. Os funcionalistas irão analisar a língua segundo contextos que envolvam os interlocutores, os propósitos comunicativos e o contexto discursivo. Ou seja, qual a probabilidade de um falante pronunciar determinada frase? O campo de investigação do funcionalismo é o estudo destes fenômenos extralinguísticos que influenciam a produção linguística.

Enquanto para Chomsky e os teóricos que o seguiram, o processo de aquisição da linguagem é inato e pré-disposto biologicamente a desenvolver a faculdade da linguagem. Para os funcionalistas há a defesa de que a língua é adquirida a partir da exposição da criança em situações de interação com outros membros de sua comunidade de fala e que a criança constrói a gramática da sua língua de acordo com sua necessidade e habilidade comunicativa (SILVEIRA, 2009, p. 6).

Pretende-se dar ênfase ao funcionalismo sem exclusão das outras teorias. Pois, para tal linha teórica: “[...] a língua é adquirida a partir da exposição e interação social em contextos comunicativos[...]” (idem, p. 7). A língua, dessa maneira, é vista em termos de sua função.

Quantos aos termos aprendizado/aquisição, para Krashen (1982, p. 10), aprendizagem seria o conhecimento consciente de uma segunda língua, saber as regras, estar ciente delas e ser capaz de falar sobre elas. Segundo esse autor, há uma grande distinção entre aprendizagem e aquisição de uma segunda língua. O aprendizado, assim, é artificial e escolarizado. Enquanto a aquisição se dá em contextos sociais e familiares.

O sucesso em uma segunda língua ocorria devido à aquisição e não a aprendizagem (idem, p. 12).

Na interpretação de LIGHTBOWN & SPADA (2006) a aprendizagem da língua envolve um estudo formal, incluindo um esforço intelectual e raciocínio lógico por parte do aprendiz. Enquanto a aquisição ocorre de forma mais natural, em situações reais e concretas de ambientes de interação humana, habilidades funcionais são desenvolvidas pelos indivíduos, através de assimilação natural, intuitiva e inconsciente. Nesse sentido, conclui-se que aquisição de segunda língua é mais vantajosa quando esta vai sendo assimilada na prática, por intermédio de sua utilização em significativas interações com outros falantes da língua a ser adquirida.

Para Ellis (2000, p. 5-6), a aquisição de uma língua pode ser explicada segundo fatores externos e internos ao aprendiz. Entre os fatores externos, Ellis menciona que a aquisição não pode ocorrer sem que o aprendiz seja exposto aos inputs. Através desses mecanismos externos ao aprendiz, o mesmo irá ativar seu mecanismo de processamento cognitivo a fim de perceber padrões na língua e com isso inferir significados e regras.

O que Krashen parece sugerir é que habilidades receptivas como compreensão auditiva e leitura servem de input para aquisição de uma língua e o aprendiz deve receber input dessas habilidades antes de que o mesmo produza output. (SILVEIRA, 2009, p. 24) Ellis (2000) capta a necessidade do input ao descrever o fato das crianças aprenderem a língua mãe recebendo uma quantidade muito grande de input durante o chamado “período de silêncio”. Neste estágio da aquisição da linguagem as crianças estão aprendendo apenas ouvindo, pois esta fase serve como uma espécie de preparação para a próxima: a produção linguística (p. 20).

O input linguístico, segundo Borges e Salomão (2003), corresponde a toda experiência linguística proporcionada pelo uso da linguagem nas interações sociais, especialmente aquelas na comunicação direta com o próprio sujeito, sendo o input a principal fonte de informação sobre a própria linguagem, a cultura e o papel da linguagem na cultura para o sujeito. (p. 25) O clube do livro lida primariamente com os inputs reading e listening.

Lightbown & Spada (2006) discutem a ênfase dada sobre o input no processo (leitura e escuta). Porém, a produção da língua deve ser enfatizada em proporção. Percebe-se a necessidade do equilíbrio entre a absorção e resposta ativa. (pp. 159-160)

Movimentando-se para além da dicotomia aprendizagem/aquisição, usamos o segundo termo de maneira ampla. Igualmente, percebe-se a necessidade que vá além do puro input no processo de aquisição linguística. Por isso, o clube do livro procura formas de produzir output.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

É clara a importância da literatura na vida de uma língua, ela vive para: “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2018, p. 17). Portanto, a partir da literatura foi trabalhada a aquisição linguística em língua inglesa. Partindo do conceito de letramento, que é: “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67) mantém-se a hipótese de que haveria uma boa possibilidade de trabalhar a literatura à distância para o aprendizado remoto.

O termo letramento surge da necessidade de distinguir alfabetização e decodificação linguística da formação integral de um leitor/escritor de sua língua. Nesse, pressupõe-se a habilidade de lidar com as ferramentas de sua língua em diferentes contextos e suprimindo variadas demandas linguísticas. O termo que começou a ser discutido em nosso país há 3 décadas, é baseado na palavra de língua inglesa literacy sendo esse o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever trazendo consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o grupo social que aprenda a usá-la (MENDONÇA, 2013, p. 23).

Podemos nos referir a letramento no plural, ou, nos referir a culturas de letramento para explicitar a ideia de que não existe só uma cultura de letramento. Além de suas manifestações em comunidades específicas, há as manifestações culturais específicas. Uma cultura de letramento é constituída de práticas sociais em que as pessoas se apoiam em textos escritos e lidos ou lidos e preservados na memória.

Dessa maneira, o conceito de letramento, embora esteja conectado com a escrita, transcende-a. A partir desse importante ponto de partida, percebe-se que: “[...] o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no

mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. (COSSON, s. d., p. 102) É a experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço. O objetivo desse modo de ler ultrapassa os meros desvelamento das informações do texto e aprendizagem de estratégias de leitura para chegar à formação do repertório do leitor (idem, p. 103).

Diante de um cenário de distanciamento social, surgiu a necessidade de problematizar as possibilidades de aprendizagem de inglês que surgiam. A partir dos conceitos elencados acima, surgiu a possibilidade da formação de um “clube do livro” em língua inglesa. Sendo a proposta de iniciativa independente, houve a proposta de inscrição via rede social pessoal. Dessa maneira, desde o início compõem os integrantes do clube, aquelas que fazem parte do universo pessoal do pesquisador.

O grupo foi formado por 27 pessoas com idade de 15-30 anos, níveis de inglês variados. A partir desse perfil iniciaram-se as demandas da pesquisa-ação que visam não somente a análise, mas o projeto em si. Alguns elementos foram combinados em grupo e outros surgiram espontaneamente. Os interesses primários dos participantes forma o aprendizado da L2 e o eixo temático Teologia. As plataformas e apps usados foram: Google Meet, Google forms, Google Drive, Whatsapp.

Os encontros ficaram decididos como tendo rotação quinzenal. Além disso, o clube do livro necessita de um mediador para as discussões sobre o trecho lido. Foi decidido que o mediador deveria ser rotativo, sendo opcional a participação com esse papel. Naturalmente, aqueles com maior desenvoltura no speaking optaram por exercer tal participação. Contando com o pesquisador, são 6 mediadores. Foram providenciados roteiros (via Google Drive) que servissem de direção tanto para a leitura como para a mediação da reunião; havendo, porém, liberdade para o participante. Seguem os pontos apresentados nesses:

**Quadro 1 – Roteiro do Leitor**

Data da reunião
Livro, capítulo ou trecho (páginas)
Tema central da leitura
Pontos principais
Citações/destaques

Comentários
Palavras ou frases difíceis

Fonte: autor

### Quadro 2 – Roteiro do mediador

Quais foram minhas impressões iniciais sobre o capítulo?
Quais foram os trechos que mais se destacaram?
Quais foram as passagens bíblicas essenciais para o capítulo?
Quais trechos não consegui compreender?
Quais palavras/termos difíceis de entender? (trazer à discussão)
Há alguma questão teológica para discussão?

Fonte: autor

O ambiente em comum dos participantes é o interesse religioso nas elaborações literárias dentro do Cristianismo. Quanto à escolha da primeira leitura, deu-se partindo de alguns pressupostos e adaptações, que foram: acessibilidade (formato digital, baixo preço/domínio público) e nível de escrita (atenção à antiguidade e linguagem usada).

A atmosfera em comum do universo social e temático se mostrou como altamente eficaz na construção do clube. A aprendizagem é um processo que estaria estreitamente ligado a fatores motivacionais. Se o aprendiz sente uma necessidade de comunicar algo em um contexto real, ele realmente irá encontrar a motivação necessária para aprender o que precisa (WILKINS, 1976, p. 38). Os laços emocionais e liberdade para errar fora'm fundamentais para a significância do aprendizado. Como escreveu Maria (2009): A leitura aproxima as pessoas, sim. É capaz de levá-las a se sentirem iguais, provocando companheirismo, afeto de irmão. Mas cria também cumplicidade." (p. 56)

De acordo com Pressley (2002), são sete as habilidades ou estratégias no ato de ler: conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese. No ato da leitura todas essas habilidades são colocadas em ação sem ordem específica. Como é de sua natureza, a leitura compartilhada busca repassar essas habilidades, porém, para o equilíbrio proposto na aquisição, buscou-se o desenvolvimento de outras habilidades na construção do grupo de leitura.

O input principal é a leitura. Esse foi praticado de maneira antecipada e durante a reunião síncrona (Google Meet). O listening é outro input necessário, buscou-se trabalhá-lo com uma palestra introdutória a cada encontro feita por um nativo da língua

na reunião quinzenal. Além desse contato, toda a comunicação da reunião é feita em inglês, havendo a possibilidade de mais de uma hora de listening.

O output não foi desprezado na proposta. O grupo de whatsapp (assíncrono) é um local de escrita em língua inglesa. Na reunião síncrona também há as interações escritas no chat do google meet. O speaking mostrou-se como a parte mais sensível, bem como a mais produtiva do projeto. A principal obrigação para todos os participantes tornou-se fazer pelo menos um comentário falado sobre o trecho lido na reunião quinzenal. Todas as habilidades, portanto, foram elencadas e trabalhadas.

Percebeu-se ao decorrer da pesquisa o DNA do que é clube do livro. Funda-se no papel da expressão verbal: “A leitura aproxima as pessoas, conclama-as ao diálogo[...] promovendo interação. Quanto nos agrada, como leitores, falar do livro que acabamos de ler” (MARIA, 2009, p. 55) A necessidade que se cria é racional e afetiva. Daí surge a importância da fala na reunião: “[...] ao nos expressar (falando ou escrevendo) que definimos nosso pensamento.” (idem, p. 62)

Seguindo os pressupostos da pesquisa-ação, os principais dados da pesquisa se deram além das preparações para as reuniões – expostas acima – com os retornos dados após cada reunião. Tendo como propósito a construção do ciclo de resultados-problemas. A amostragem foi retirada do feedback dado após um mês de reuniões, ou seja, sob os dois primeiros encontros. Essa coleta se deu por meio do Google formulários. Segue a sua descrição.

As perguntas feitas em ambos os formulários foram:

### **Quadro 3 – Feedbacks das reuniões “Coffee Club”**

Você participou da reunião de maneira síncrona?
Você foi mediador dessa reunião?
Você leu os capítulos referentes ao encontro?
Qual foi sua experiência como participante?
Para melhorar o clube, que sugestões/críticas você dá?

Fonte: autor

Ao final de cada um dos encontros o formulário foi disponibilizado. Houve a ênfase na liberdade das respostas, especialmente nas duas últimas. Destacam-se trechos e uma visão geral sobre os resultados. Um dos participantes relatou sua experiência:

Participo de outros clubes de leitura, mas essa foi a primeira vez que participei de um em língua estrangeira. Foi uma experiência desafiadora por conta disso, mas o grupo é bastante amigável e não tem o intuito de criticar o inglês, e sim de auxiliar no aprimoramento. Isso contribuiu para que eu me sentisse mais à vontade. Também gostei muito do livro escolhido e da proposta do grupo de conduzir o participante a crescer tanto no conhecimento do Inglês como no teológico.

Destaco a dupla identificação reforçada na última frase, bem como o fato de o grupo ser “amigável”. Outra experiência destacou: “Os momentos também nos permitem um certo ‘destravamento’ da fala ou do receio de se expressar em inglês mesmo ainda não sendo fluente, o que é um fator de peso no aprendizado do idioma.”

Um dos compartilhamentos destacou além da boa vivência, um incômodo:

Eu gosto muito de como as coisas se desenrolam e da possibilidade de termos contato com fluentes na língua. Confesso que é mais cômodo falar com um grupo reduzido de pessoas. Na primeira reunião, com um número bem maior de participantes, a parte de fazer o comentário parecia uma prova oral mecanizada, o que foi muito proveitoso por um lado, mas, pelo menos pra mim, criou uma espécie de barreira com os outros, como se não desse pra estabelecer uma conversa (sic) com os eles.

A segunda reunião sofreu uma redução dos participantes, porém, houve a participação assíncrona. Embora seja esse um aspecto, o compartilhamento permaneceu como ponto alto: “[...] percebi como é importante que todos contribuam com seus comentários. Pelo menos no meu caso, tem ajudado na compreensão do livro pela perspectiva dos outros, muitas vezes pontos que não tinha percebido[...].”

Em relação às sugestões e críticas destaco duas onde há a indicação de ferramentas/metodologias: “Nem todo mundo é fluente, então seria bom usar a ferramenta do Google de legenda nas próximas reuniões”, outra diz: “Poderia haver um glossário coletivo em que cada um poderia adicionar uma palavra (nova para si) e os demais ou ele mesmo poderiam adicionar a tradução e o significado do termo.”. A construção comunitária se dá além do compartilhar literário.

Duas propostas se evidenciaram por pedir um “controle” maior sobre o grupo, reproduzo-as: “Daria um momento para um participante que tenha domínio da língua ( professor/nativo/imigrante num país de língua inglesa) para dar algumas dicas práticas de leitura.”. Percebe-se a necessidade de retorno e permanência da escolarização para a

visão de aprendizado. Outra, referia-se à estrutura da discussão: “Talvez pudesse haver um número curto de perguntas propostas ao grupo para facilitar a discussão. Mas no geral achei que funcionou bem.” Destaca-se a amabilidade das respostas e a vontade de construir um espaço que seja agradável para todos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O primeiro ciclo da pesquisa-ação mostrou-se altamente frutífero. As adaptações feitas no início não se mostraram suficientes para o processo de construção. Percebeu-se a essencialidade dos retornos para a resolução das problemáticas que surgiam; o formato espiral da pesquisa foi se desenhando. Como é de sua natureza, a pesquisa-ação aponta o futuro. Para as correções levantadas nesse primeiro passo e levantamento posterior.

Destacou-se a possibilidade do clube de leitura como lugar de partilha e aprendizado. O medo aos poucos converteu-se em alegria e possibilidade. Uma das falas compartilhou: “Acho que o formato está muito bom, podíamos apenas ter mais um tempinho para batermos papo em inglês antes ou depois do momento do club.”. A necessidade de um tempo maior em comunidade apontou para os aspectos positivos da experiência. As possibilidades das reuniões remotas mostraram-se altamente eficazes nesse modelo de aquisição linguística.

Nesse sentido, conclui-se que aquisição de segunda língua é mais vantajosa quando esta vai sendo assimilada na prática, por intermédio de sua utilização em significativas interações com outros aprendizes da língua a ser adquirida. É possível perceber que a configuração do clube, isto é, o formato, a dinâmica estabelecida no decorrer dos encontros, o teor democrático tanto da escolha das obras quanto do espaço cedido para voz de todos os integrantes, foi um dos aspectos marcantes do projeto de leitura.

A retirada da escolarização também expulsa a necessidade imediata de avaliação conteudística, bem como, da divisão por níveis de proficiência. Surge a possibilidade de uma educação que una fazendo surgir necessidades e satisfações. Há a vontade de seguir o caminho daqueles que conseguem falar em inglês, e, a satisfação de poder trabalhar com o que se tem no presente. Como pontuou a autora: “A principal regra de um clube de leitura é que deve haver espaço de fala para todos (MARIA, 2009, p. 62) Esse lugar é

necessário para o aprendizado. O espaço onde as informações se arranjarão e correrão em busca de aplicabilidade nas relações extra indivíduo.

## **REFERÊNCIAS**

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. **Aquisição da linguagem**: considerações da perspectiva da interação social. *Psicol. Reflex. Crit.* 2003, vol.16, n.2, pp.327-336.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2018.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira de. **Letramento literário**: uma proposta para a sala de aula. Disponível em <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40143> Acesso em: 20 jun. 2020.

FRANCISCHEN, Mafalda Nesi. **Refletindo sobre pesquisa-ação**. *Faz Ciência*. Francisco Beltrão: v. 3, nº 01, p. 167-176, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIGHTBOWN, Patsy M. SPADA, Nina. **How languages are learned**. Oxford University Press, 2006.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro**: ser leitor – que diferença faz? São Paulo: Globo, 2009.

MENDONÇA, Ana Carolina Alves de. **Contação/leitura de história e aquisição de vocabulário em segunda língua**. (Faculdade de Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário**: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

PRESSLEY, Michael. **Reading instruction that works**: the case for balanced teaching. New York: Gilford, 2002.

SCARPA, Ester Mirian. A aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2004. p. 203-233.

SILVEIRA, Gustavo Estef Lino da. Aquisição ou aprendizagem de uma segunda língua: reflexões teóricas sobre conceitos-chave para o ensino de línguas. In: **SINEFIL**, XI, 2009. Suplemento: Anais do XI SINEFIL

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

WILKINS, D. **Second language learning and teaching**. London: Edward Arnolds, 1976.

## FANFICS INSERIDAS NO ESPAÇO ESCOLAR COMO MEDIAÇÃO DA LEITURA E ESCRITA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Lília Mara de Menezes  
(UERN/PROFLETRAS/CAWSL) [liliamaram@hotmail.com](mailto:liliamaram@hotmail.com)

Nádia Maria da Silveira Costa de Melo  
(UERN/PROFLETRAS/CAWSL) [nadiacosta@uern.br](mailto:nadiacosta@uern.br)

Esta pesquisa é inserção do gênero digital *fanfic* enquanto instrumento mediador e facilitador da escrita no ensino de língua portuguesa. Tem o objetivo de incentivar a atividade de leitura e escrita por meio do gênero *fanfic*, o qual se desenvolve em um ambiente virtual favorável e estimulante a tal prática de ensino-aprendizagem. A fundamentação provém dos estudos dos (multi)letramentos. Trata-se de uma pesquisa sincrônica de base qualitativa interpretativista, com alguns recortes quantitativos. O *corpus* de análise constitui-se de textos escritos em sua versão final, oriundos da leitura inicial com escolha aleatória dos títulos, respeitando o gosto individual do aluno, mas abrangendo as categorias (filmes, livros, *games*, *animes* e séries). Os participantes da pesquisa são alunos do 8º ano, do ensino fundamental-anos finais, de uma escola pública da cidade de Governador Dix-Sept Rosado/RN. Por meio das análises, constatou-se que existe uma relação intrínseca entre os textos lidos pelos alunos com os produtos gerados a partir deles, as *fanfics*. Por fim, espera-se com estes achados provocar reflexões entre os docentes de língua portuguesa do ensino fundamental, no sentido, de repensarem suas práticas de ensino-aprendizagem de leitura e escrita e, assim, sintam a necessidade de mudar sua postura frente aos desafios enfrentados na condução das atividades de leitura e escrita. Compreende-se que as tecnologias digitais, devem dar subsídio ao trabalho da escola no âmbito dos estudos das linguagens.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem, leitura, produção textual, *fanfics*.

### INTRODUÇÃO

O presente texto trata-se de uma pesquisa que aborda a produção de textos por alunos do Ensino Fundamental II e tem como objetivo incentivar as práticas de leitura e escrita, no ambiente escolar nos aspectos sociais da linguagem verbal, por meio do gênero *fanfic*. Assim, o presente trabalho corrobora a diversidade das tecnologias da linguagem, presentes na história da humanidade, mesmo não sendo um novo fenômeno, em virtude do avanço das tecnologias digitais e as mudanças socioculturais atuais, advindas destas, o modo de ler, de escrever e consequentemente a atuação docente, tido enquanto mediador destes processos de ensino aprendizagem, deve permitir que tais acontecimentos venham a subsidiar e auxiliar sua prática. No entanto, destaca-se o

letramento digital como atividade necessária das atividades práticas de leitura e escrita, no espaço escolar.

A utilização do gênero discursivo *fanfics* no espaço de leitura e escrita, possibilidade dada pelo uso das tecnologias digitais chamam a atenção e despertam interesse do público jovem e adolescente, em relação ao uso eficaz e real da língua, pois nestes espaços são tidos como verdadeiros leitores e autores de seus textos. Sendo assim, surge a possibilidade de inserir este gênero no espaço escolar e utilizá-lo como instrumento mediador e facilitador de ensino de língua materna, enfatizando o estudo dos gêneros discursivos.

Dessa maneira, observa-se quais são as possibilidades de uso e interações permitidas pela leitura e produção de texto com base no gênero *fanfic*, no contexto escolar e social, enfocando a perspectiva dos gêneros discursivos? Como fazer o uso de um gênero nato da esfera digital, dentro do espaço escolar sem perder suas funções e características primordiais, possibilidade que nos é permitida, em virtude da expansão e acesso aos aparatos tecnológicos atuais e individuais, trato especificamente ao uso do *smartphone* pelo alunado, mesmo se tratando de um contexto da escola pública.

Assim, esta pesquisa tem por este objetivo é analisar a leitura e produção escrita de alunos do 8º ano do ensino fundamental a partir do gênero *fanfic* e sua implicação para a sala de aula de língua portuguesa, enquanto instrumento auxiliar e intermediário no processo de formação do aluno leitor, dentro de uma perspectiva de gênero discursivo, na prática de ensino aprendizagem de língua materna. Os ambientes propícios as atividades de uso da língua são diversificadas, assim como a imensa gama de gêneros existentes, assim é de extrema valia explorar um gênero que possibilite a motivação pela prática de atividades de leitura e escrita, seja no ambiente escolar ou fora deste. Tendo em vista que os ambientes virtuais são ferramentas de acesso e uso constante entre os adolescentes de um modo geral.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

A utilização dos espaços digitais são ferramentas de acesso e uso constante entre os adolescentes de um modo geral, daí surgiu a possibilidade de inserir este mecanismo no processo ensino-aprendizagem de língua materna com alunos de 8º (oitavo) ano do

ensino fundamental. Haja vista, torna-se de extrema valia, quando se leva em conta a grande importância das mudanças tecnológicas e sociais vividas com o avanço das tecnologias digitais.

Inicialmente, aborda-se acerca dos atores na aplicação do projeto e também do *locus* e instrumentos metodológicos propostos para serem trabalhados durante esta pesquisa-ação. A pesquisa qualitativa, na modalidade pesquisa-ação para uma melhor descrição da temática escolhida como objeto deste trabalho.

Os sujeitos participantes desta pesquisa serão alunos de uma turma de 8º (oitavo) ano do ensino fundamental, de uma escola pública municipal, localizada na zona urbana do Município de Governador Dix-Sept Rosado/RN. Da qual é composta por 39 (trinta e nove alunos), sendo 15 (quinze) meninas e 24 (vinte e quatro) meninos, dentre eles temos um dos meninos com deficiência intelectual, e uma das meninas está em período gestacional, o grupo compreende uma faixa etária compreendida 13 (treze) e 16 (dezesesseis) anos, da qual observa-se não haver uma grande distorção entre a relação série/idade.

A proposta de intervenção será realizada na modalidade de oficinas de letramento Cabral (2016), na qual a define que a execução destas oficinas são de (re) construção do conhecimento, este sendo dado coletivamente, e ativamente, tendo em vista a autonomia do aluno, havendo a preocupação com o processo de ensino-aprendizagem, não visualizando apenas o resultado.

A proposta de oficina de letramento, de acordo com Cabral (2016), é composta de quatro momentos distintos a serem seguidos, a ordem de execução definida no decorrer do desenvolvimento, embora que para ser considerada como tal, os quatro passos devem ser seguidos, são estes: diagnóstico dos conhecimentos prévios, interesses e necessidades; sistematização das atividades motivadoras; sistematização da (re) construção dos novos conhecimentos e a avaliação do processo. Observando, que realização destes passos não necessitam ocorrer linearmente, e a medida da execução das atividades propostas (oficinas), pode haver a necessidade de formação de outras oficinas. No entanto, pretende-se chegar a produção de *fanfics*, a partir de orientação dentro do espaço escolar, sendo este um dos objetivos principais desta pesquisa.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A linguagem na visão Bakhtiniana é abordada enquanto duas esferas inseparáveis que são: a atividade humana e o uso da língua, em sua dimensão de uso. Pois bem, tendo em vista tal entendimento sobre o uso da língua que se dá na forma de enunciados formada pela situação interlocutora dada entre o locutor, o interlocutor por meio do *enunciado*, termo o qual centra-se a noção de gênero do discurso, a respeito disso, Bakhtin (2003) afirma que a utilização da língua é efetuada por de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que derivam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana.

Tendo em vista tão relevante abordagem sobre o uso da língua centrado no *enunciado*, temos neste a sua composição assim definida: enunciado composto por tema, estilo e forma composicional, assim definido na visão de Rojo (2005). Assim, toda a estruturação do enunciado se dá em torno dessa configuração, entre essa parceira da enunciação e sua organização dentro de uma estrutura social a qual é a mola precursora de produções sociais a qual possibilitará a produção do discurso.

Ainda sobre o enunciado, Bakhtin (2003) garante que o enunciado reflete as especificidades e as finalidades de cada uma das esferas de atividade humana, cada uma destas por meio da utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. Entende-se que nesta afirmativa que para cada enunciado produzido existe uma necessidade de situação comunicativa da esfera de uso da língua que a cada uso específico há uma estabilidade subjetiva e estável desse enunciado, e é justamente a denominação de gênero do discurso.

Os gêneros do discurso são decorrência de formas-padrão “relativamente estáveis” do enunciado, determinado dentro de um contexto sócio histórico, na visão bakhtiniana. Ainda enfatiza que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, por meio dos gêneros do discurso. Os sujeitos possuem uma infinita gama de gêneros em seu repertório e, alguma das vezes nem levam em conta tal situação. Por exemplo, em qualquer conversa informal há o discurso que é definido pelo gênero utilizado. Nesse entendimento, conforme Bakhtin (2003, p. 282-283):

A língua materna - sua composição vocabular e sua estrutura gramatical- não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam.

Na visão bakhtiniana os gêneros do discurso poder ser: gêneros primários e gêneros secundários, sendo que os gêneros primários são predominantemente decorrentes da oralidade, uma conversa espontânea, por exemplo. Já em relação ao que convencionou chamar de secundário seriam os gêneros mais complexos, que necessitam de uma elaboração planejada, mas que nestes existem no seu interior os de categoria primária, diga-se que em um romance (gênero secundário) possui na sua constituição uma carta (gênero primário). E assim temos a afirmação de Bakhtin (2003, p. 264), de que entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não há uma diferença funcional.

A utilização da língua é efetuada por meio de enunciados orais e escritos, segundo Bakhtin, daí o uso social língua é evidente quando se vê a contextualização social do discurso, é entendido dessa forma e nas palavras de Carvalho (2005, p. 135), o gênero tem um potencial estruturador da ação social porque é o elo e entre o particular e o público, entre o indivíduo e a comunidade.

Na contextualização da produção do discurso percebe-se que os gêneros vão se modificando de acordo com o momento histórico ao qual está inserido estão inseridos. Numa dada situação social surge um gênero possuidor de características peculiares. Considerando-se a imensidão de situações comunicativas possíveis mediante o uso da língua, pode-se perceber que são infinitos os gêneros, também. Para Bakhtin a formação de novos gêneros é conseqüente ao aparecimento de novas esferas da atividade humana, de acordo com suas finalidades discursivas características. Assim, enfatiza o autor em Bakhtin (2003, p. 293), gênero do discurso não é uma forma de língua, mas uma forma típica de enunciado; como tal forma, o gênero inclui certa expressão típica a ele inerente. Dessa maneira, segue-se para definição de gênero discursivo em estudo que é *fanfiction*, *fanfic*, ou simplesmente *fic*? Recorrendo a Vargas, (2015), na tentativa de situar as definições destes termos temos: “O termo resulta, portanto, da fusão de duas palavras da língua inglesa, *fan* e *fiction*, e designa uma história fictícia, derivada de um determinado trabalho ficcional preexistente, escrita por um fã aquele original.” Vargas, (2015, p. 21).

Então, se tratando da definição do termo compreende-se ser a recontagem de uma obra ficcional, contada/escrita por alguém que se intitula de fã da referida obra. Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, fã é o indivíduo que admira entusiasticamente uma figura pública, geralmente do mundo do entretenimento, ou seja, quem nutre grande admiração por alguém ou alguma coisa. Esta palavra veio do inglês *fan*, que é redução de *fanatic* “fanático”. Desta forma, em diversas línguas, inclusive no Brasil a forma mais utilizada do termo mais é *fanfic*, sendo as três formas vocabulares possuem o mesmo sentido.

Assim, em consonância com a abordagem tem-se o pensamento de Black (2006):

*Fanfiction* é escrita na qual os fãs usam narrativas midiáticas ou ícones culturais como inspiração para criar seus próprios textos. Em tais textos, os fãs autores imaginativamente estendem o enredo ou a cronologia original (...), criam novos personagens (...), e/ou desenvolvem novos relacionamentos entre personagens já presentes na fonte original. (BLACK, apud CALVACANTI, 2010, p.06)

No entanto, a produção de *fanfic* vai além de um espaço apenas de escrita, é uma situação comunicativa interativa entre indivíduos, movida por uma obra ficcional de interesse comum aos mesmos. Quando o fã se apropria da obra original e coloca a sua voz, dentro da obra, torna-se esta uma nova obra, reconfigurada então, como a sua marca individual, seu pensamento e posicionamento crítico, dentro da obra original, que o fã se inspira para expor sua presença dentro da obra admirada por ele. Espaço este, possibilitado pelo *fanfic*, que antes era um espaço fechado, a obra se resumia ao que o autor fez, dizia-se pronta e acabada.

Neste sentido, mediante a aproximação do fã ao universo fictício o qual interage, este sente a necessidade de um envolvimento maior com a obra, sejam: jogos, filmes, livros, séries televisivas, músicas, entre outros. Portanto, dentro da necessidade de participar interativamente, os mesmos encontraram o espaço permitido pela web 2.0, para encontrar outros indivíduos possuidores dos mesmos objetivos, assim surgiram os espaços das *fanfics*. Segundo Vargas, (2015, p. 25), “Eles passaram a criar websites com a finalidade de agregar *fanfictions* e disponibilizá-las para a leitura por outros fãs.” No Brasil, o advento da criação de espaços de *websites* destinados a fãs veio agregado a série *Harry Potter*, em meados dos anos 2000. Até então, os maiores *websites* hospedeiros de *fanfics* não possuíam versão em Língua Portuguesa, atualmente a

situação é bem distinta, pois surgiram os brasileiros e os maiores *websites* mundiais disponibilizam diversos idiomas em seus espaços.

Assim, para Vargas, (2015, p. 25), “A *fanfiction* é, assim, uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática.” Seria então, o direcionamento a satisfação do leitor/consumidor de livros/mídias, em ir além do que o autor/produtor fez, é dispor sua marca pessoal seu gosto, mostrar o tamanho de sua afinidade em relação a obra, a outras pessoas que tem interesse naquele produto em questão. Portanto, é a prova de que pode ir além do que o outro pode ir, é sua expressão dentro pessoal dentro do espaço que o mesmo admira.

Para Jenkins (2009, p. 188), “[...] os fãs sempre foram os primeiros a se adaptar às novas tecnologias de mídia”, assim as formas de letramento midiático iniciado nas comunidades de fãs, na qual possuem milhares de seguidores, são uma espécie de ensino informal, a partir do qual inserem diversos usuários/leitores/escritores ao universo da língua escrita, fora do contexto formal, que é o espaço escolar. A motivação deste usuário em ler/escrever parte de instiga pessoal por um universo fictício e é fomentado pela própria cultura participativa em ascensão na sociedade.

Pois bem, a cultura participativa está mudando a forma de visão e interação social, é o que aponta Gee, (2005), apud Jenkins (2009), denomina as culturas informais de aprendizado em ‘espaços de afinidades’ e questiona que o aprendizado nestes espaços se dá de forma mais tênue do que no livro didático, por exemplo. A cultura popular é detentora de uma atratividade maior de que o conteúdo disposto no espaço formal de aprendizagem, a escola. Neste sentido, entende-se ser bem mais interessante discutir sobre um tema que se acha simpático, do que um tema desconhecido o que o sujeito/aluno, não tem nenhum interesse de conhece-lo. Não é desmerecedora aqui, a escola como instituição formal de transmissão de conhecimento, apenas se enfatiza, quais formas de inserir este conteúdo de uma maneira compreendida por atrativa para o alunado.

Logo, falar em uma escrita espontânea leva a se pensar como usufruir dos benefícios desta prática dentro do ambiente escolar, pois refuta-se o que enfatiza Marcucci, (2008), que os alunos escrevem pouco e em alguns casos não escrevem.

Estaria a prática da escrita relacionada a necessidade de um interesse, gosto, motivação, a mesma que instiga os fãs a escreverem e interagirem com indivíduos de universos culturais distintos, pessoas que em alguns casos, jamais poderiam ter algum contato pessoalmente, devido as distâncias físicas, entre outras. Toda essa interação ocorre por meio de um alvo comum entre estas, que é a veemência em torno do entusiasmo ficcional de uma determinada obra.

Então, aproveitasse desta instiga que o público alunado possui e inseri-los em universos despertadores de interesses ao uso da leitura/escrita, dentro de um ambiente escolar, mas que sua produção seja motivada, pela real utilização desta, no que diz respeito, a produção do aluno ter um leitor real, diferente do que acontece no espaço escolar, em que geralmente o único leitor do texto do aluno é o professor, este com intuito de corrigir os desvios gramaticais. Então, neste sentido veja a indagação de Azzari e Custódio (2013, p. 81), “Por que não pensar maneiras de transpor esse gênero para esfera escolar? ”, pós provocação deste questionamento, a mesma responde que para tal possibilidade é necessária uma mudança de visão do professor em relação ao aluno, é fundamental para tal modificação de posicionamento, aceitar este aluno enquanto um detentor de conhecimento digital que é, e utilizar de suas destrezas como ferramenta subsidiária no processo de ensino/aprendizagem da língua.

No entanto, escrever uma *fanfic* não é apenas uma construção de um texto, é o resultado de leituras prévias, de uma interpretação desta leitura e de outras realizadas por este leitor, é seu posicionamento em relação ao que foi escrito pelo autor, nela observa-se a utilização da linguagem de uma maneira real. Assim, mediante o pensamento de Azzari e Custódio (2013), as *fanfics* são gêneros textuais com amostras de discurso apropriado, ou seja, são palavras alheias que se tornam palavras próprias de quem a produz, o produtor é assim o autor de novo texto, seria o processo de recriação do texto com a exposição de uma interpretação singular do leitor.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O resultado aqui descrito trata-se de uma das oficinas realizadas dentro de uma pesquisa de dissertação de mestrado, ou seja, foi recortada para melhor detalhamento apenas uma delas, sendo que faz parte de um total de oito oficinas, realizadas na

pesquisa. No decorrer das aulas, marcou-se uma data para entrega das produções do gênero *fanfic*, na oportunidade criou-se um ambiente de leitura, em que a revisão realizada pela professora foi de forma individualizada, na qual o aluno lia juntamente com esta para perceberem juntos os pontos a serem melhorados, tanto na estrutura sintática e gramatical, quanto ao sentido das construções. Sempre enfatizando a utilização das estratégias de reescrita para aperfeiçoamento das produções escritas. No entanto, a realização da forma de revisão, individualmente, transcorreu o tempo da aula e ainda havia uma grande demanda de alunos para atender, assim, resolveu-se destinar mais duas aulas no turno contrário ao das aulas a fim de terminar a tarefa de revisão.

O próximo passo foi a oficina de produção diretamente no ambiente do *site*: <https://fanfiction.com.br>, nesta, os alunos estavam de posse de seus textos já previamente revisados e reescritos, sendo que após a revisão individual, era sempre sugerida a reescrita. A atividade proposta foi realizada como tarefa de casa, com o prazo preestabelecido de uma semana, para a postagem. Outro detalhe, os pseudônimos devem ser registrados para professora, individualmente, para possibilitar a realização da leitura por esta.

Neste sentido, em consonância com o objetivo inicial desta oficina que é a observação do desenvolvimento da escrita espontânea e motivada por suas escolhas individuais de cada discente assim como sua evolução, em detrimento a outros gêneros da esfera de circulação escolar, percebe-se um claro nível evolutivo em tais produções. As quais são avaliadas por sua criatividade produtiva além dos aspectos formais de uso da língua.

Semanalmente temos 04 (quatro) aulas de Língua Portuguesa de 6º (sexto) ao 9º (nono) ano, ainda somos acometidos pelo comodismo do trabalho baseado apenas nas atividades do livro didático justificado por parte de alguns docentes o não desenvolvimento de atividades de produção de texto, por a insuficiência de tempo para fazer as devidas correções. Quanto as atividades relacionadas a leitura em sala de aula ou sugestões e instiga para ler fora da escola, essas permanecem sem justificativa, apenas compreende-se ser a indisponibilidade de apostar em tais práticas. No entanto, quando se menciona críticas ao uso do livro didático, são relativas à sua exclusividade de uso, mas ele merece seu lugar de destaque enquanto recurso didático, em muitos dos

casos é o único livro que o aluno possui em casa para livre manuseio, em se tratando do alunado da escola pública brasileira.

Todavia, nem todos os pontos são favoráveis a execução de atividades diferenciadas e que envolvam o uso das TICs no ambiente escolar. Então, relato sobre as possibilidades de trabalho, no momento da realização das oficinas, por exemplo, o laboratório da nossa escola estava em manutenção, no entanto, dificultou o trabalho, mas não impossibilitou. Com esse problema e conhecendo a realidade da turma, na qual grande parte dos alunos são possuidores de *smartphones*, alguns possuem computadores em suas residências, e assim foi direcionado o trabalho a ser realizado fora do horário das aulas.

A contextualização das *fanfics* nas propostas de produção textual tem em vista promover a leitura e a (re) leitura de textos que despertam o interesse do público alvo da pesquisa, nesse sentido, a vivência dos alunos com as *fanfics* viabiliza maior eficácia das leituras de mundo, além de viabilizar o letramento digital e aperfeiçoamento das habilidades inerentes ao processo de escrita formal da língua, possibilitados pelo convívio com o gênero.

Para se chegar a produção final, foram realizadas 08 (oito) oficinas, destacando que o passo inicial foi o registro da escuta atenciosa, pela professora, na qual se diagnosticou a vontade e empolgação da turma em falar sobre o universo ficcional que tinham nos seus momentos de entretenimento e chamava-lhes a atenção. Esse foi o passo inicial que fez a professora pesquisadora, enveredar pelas oficinas de letramento de (CABRAL, 2016), e possibilitar aos alunos a junção de leitura prazerosa ao desenvolvimento das suas competências relativas ao aprendizado de Língua Portuguesa.

A realização das oficinas além de possibilitar ao aluno o reconhecimento que o trabalho com leitura e escrita pode ser prazeroso, quando instigado, e no caso da pesquisa motivado por interesses e gostos pessoais, possibilitou o interesse da escrita e autônoma, ou seja, o reconhecimento e a prática de pesquisar estruturas da linguagem formal, dentre elas pontuação, coesão, coerência, entre outras. Podendo-se então dizer, que os objetivos além de alcançados formam extrapolados, pois essas habilidades de análise linguística não formam mencionadas, mas que é notória a relação inerente dentro das habilidades da língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade pesquisada tem fortalecido a assertiva de que podemos sim formar bons leitores nas nossas escolas, do qual temos que está a cada dia estarmos realizando nossas tarefas de pesquisadores intervencionistas, que é experimentar as vezes forem necessárias até conseguirmos o nosso objetivo. Tendo em vista que, um experimento realizado com sucesso em uma determinada turma, pode ser infrutífero em outra e vice e versa, tornando-se assim uma necessidade docente o conhecimento da realidade de cada turma como um grupo único e possuidor de características peculiares.

O ponto forte dessa pesquisa é o desejo por mudanças, nesse sentido, foram respeitados o desejo e a escolha de acordo com os critérios individuais, mostrando que a leitura e escrita fluem melhor quando temos afinidade e a opção de escolher o que gostamos de ler e conseqüentemente gostamos de escrever. Nesse entendimento, também fica claro ao aluno que a leitura não é uma imposição, mas sim algo que possa ser escolhido por ele, transformando-o assim em construtor autônomo de seu conhecimento. Assim, é preciso que nós professores tenhamos sempre a ousadia de mudanças em nossas práticas e com isso, possamos receber resultados significativos.

Portanto, a educação e escola precisam de novas metodologias, que acompanhem a progresso dos tempos atuais, pois em muitos casos o que se vê é que a escola não vem acompanhado tal evolução. E ainda, por muitas vezes ficando vinculada a modelos ultrapassados que já não são tão eficazes. É preciso a cada dia buscar novas possibilidades, até que consigamos uma resposta positiva para nossas inquietudes pedagógicas. Confirma-se assim, a importância do espaço digital como ambiente de aprendizagem ser como um auxiliar, devido a familiaridade que os jovens possuem com este.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CABRAL, Marluca Barros Lopes. Oficinas de letramento: sistematizando práticas de leitura e de escrita para além do contexto escolar. In: **Simpósio Nacional de Literatura, Linguística e Ensino**. 2016.

CAVALCANTI, Larissa. Leitura nos gêneros digitais: abordando as fanfics. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Larissa-Cavalcanti.pdf> Acesso em 04/03/2019.

CARVALHO, G. de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MOTTA-ROTH, Désirée. (org.) Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

ROJO, Roxane. (Org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction [recurso eletrônico]: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

## “A VIDA NÃO PODE PARAR”: AS REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS NA PROPAGANDA DO ENEM 2020 COM BASE NA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

Bruno Drighetti

*Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fernanda Mussalim. Bolsista CAPES.  
[brunodrighetti@gmail.com](mailto:brunodrighetti@gmail.com)*

Magali Garcia Almeida

*Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fernanda Mussalim. [magalibra@hotmail.es](mailto:magalibra@hotmail.es)*

Em meio à pandemia da COVID-19, muitos estudantes, especialmente os de escolas públicas, depararam-se com a inviabilidade de continuar os seus estudos. Enquanto inúmeras escolas particulares, apesar da dificuldade enfrentada por parte dos professores, têm recorrido à educação a distância, essa não é uma possibilidade para a maioria das escolas do país, considerando-se a falta de condições para tal, como em relação ao acesso à internet em ambiente domiciliar. Considerando importante problematizar as propostas de enfrentamento ao atual período apontadas pelos veículos oficiais, buscamos, neste trabalho, analisar a propaganda apresentada pelo Ministério da Educação (MEC) do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2020, especificamente em relação às representações dos alunos candidatos ao exame. A hipótese apresentada é que a propaganda recorre a estratégias para minimizar os problemas enfrentados pelos alunos brasileiros desfavorecidos. Para a realização do trabalho, recorreremos a teorias da Análise de Discurso Crítica (ADC), principalmente à metodologia proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999), o que nos permitiu observar a problemática apontada em profundidade. Como sugerem os resultados, ainda que o ENEM seja a maior prova de acesso ao ensino superior do país e que grande parte dos candidatos seja de escolas públicas, ao recorrer a falas como “a vida não pode parar” e “estude [...] pelos livros, internet, com a ajuda a distância dos professores”, existe uma tentativa de uniformizar os alunos brasileiros, desconsiderando-se o contexto de alunos que não apresentam condições mínimas propícias para o preparo em casa.

**Palavras-chave:** análise de discurso crítica; ENEM; ensino a distância.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como base a análise da propaganda<sup>16</sup> do Exame Nacional do Ensino Médio (doravante ENEM) de 2020, apresentada pelo Ministério da Educação (MEC), no mês de maio do referido ano (BRASIL, 2020). A princípio, o comercial aparenta ter o intuito de incentivar os estudantes brasileiros do ensino médio a

---

<sup>16</sup> O vídeo pode ser acessado na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=apufjiGIIY0>.

participarem do exame, bem como a se prepararem de maneiras alternativas tendo em conta a interrupção das aulas pela quarentena da COVID-19.

De forma breve, o vídeo conta com quatro protagonistas jovens, sendo três deles brancos e um negro, supostamente candidatos ao ENEM, os quais realizam a gravação por meio de seus *smartphones* devidamente equipados (por exemplo, há a utilização de um tripé e de uma câmera complementar anexa ao celular). Esses jovens se encontram em um ambiente que se supõe que sejam seus lugares de estudo, nos quais podemos observar a presença de equipamentos tecnológicos, livros e escrivaninha para estudos. Em todos, podemos dizer que há um ambiente propício para o aprendizado, haja vista que se tratam de locais limpos, claros e organizados. Ademais, outro elemento que nos chama a atenção é que todos eles contêm algum objeto decorativo com a bandeira do Brasil (embora discretos, a repetição é significativa).

O vídeo se inicia com um dos jovens questionando a possível perda de profissionais brasileiros por conta da pandemia, pensando em como isso poderia afetar de forma expressiva o desenvolvimento do país. Após essa incômoda indagação, são apresentadas inúmeras possibilidades para que os jovens se preparem para o exame em casa (por meio da internet, dos livros e com a ajuda de professores). Por fim, são apresentadas informações mais pontuais sobre o ENEM (datas e formatos). Além disso, há que se destacar que, embora o comercial seja todo legendado, algumas falas são destacadas por meio do aumento significativo das letras.

Levando em consideração o fato de a desigualdade social e em relação ao acesso aos estudos ainda hoje se fazerem tão presentes na sociedade brasileira, almejamos, neste trabalho, analisar criticamente as representações de alunos veiculadas na propaganda. Assim, nossa principal hipótese de pesquisa é que a propaganda recorre a estratégias para minimizar os problemas enfrentados pelos alunos brasileiros desfavorecidos.

Para o seu desenvolvimento, ancoramo-nos nas teorias da Análise de Discurso Crítica (ADC), especialmente na proposta metodológica de Chouliaraki e Fairclough (1999), cuja contribuição para as pesquisas sobre o discurso é inegável. No momento, apresentamos algumas das posições teóricas da ADC fundamentais para a realização de nosso estudo.

A inscrição em uma teoria crítica nos é bastante relevante, à medida em que se trata de uma filiação teórica que busca se distanciar dos dados ao mesmo tempo em que os observa no meio social em que se realizam, adotando, ainda, uma posição política e autorreflexiva sobre eles. Dessa maneira, a teoria crítica também traz algumas proposições com relação à articulação entre teoria e prática, a qual é concebida de forma dinâmica, em que não se considera uma única possibilidade como a mais viável, mas, pelo contrário, são apresentadas propostas que podem ser mais ou menos viáveis a depender a pesquisa, como sugerem os estudiosos da Escola de Frankfurt (WODAK, 2004).

Outrossim, a ideologia também é considerada uma noção fundamental para a realização de estudos nessa área, haja vista que é “um importante aspecto da criação e manutenção de relações desiguais de poder” (WODAK, 2004, p. 235). Assim, tendo o discurso como objeto, é possível observar a materialização das ideologias e os efeitos por elas criados. Para isso, é necessário que o pesquisador faça uma análise dos contextos sociais, buscando compreender se há a viabilidade de relações de dominação por meio de formas simbólicas (THOMPSON, 1990). Nas palavras de Fairclough e Melo (2012, p. 314), “o discurso é ideológico na medida em que contribui para a manutenção de relações particulares de poder e dominação”.

Muito relacionada com a ideologia, outra noção fundamental para a realização de estudos na área é a problemática do poder. Observar o poder significa compreender as relações de dominação em função da linguagem e do contexto situado. Destacamos, ainda, que, para a ADC, a linguagem não é poderosa em si mesma, mas ela o exerce a partir de sua mobilização pelos agentes. Deste modo, para compreender o poder, é necessário olhar, também, para as relações extralinguísticas (WODAK, 2004).

## **METODOLOGIA**

Como base metodológica para nossas análises, fundamentamo-nos no arcabouço teórico-metodológico proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999), sobre o qual nos deteremos no momento. A justificativa para essa escolha consiste no fato de que as etapas expostas pelos autores na obra citada permitem uma observação do tópico em profundidade, abrangendo tanto os aspectos linguísticos, quanto os extralinguísticos, levando-nos a compreender mais a fundo a questão das desigualdades sociais.

Conforme apresentado pelo autores, as perspectivas de análise são constituídas em cinco grandes etapas, sendo elas: 1. O problema (atividade, reflexão); 2. Obstáculos para sua superação; 3. Função do problema na prática; 4. Caminhos possíveis para superar os obstáculos; 5. Reflexão sobre a análise (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Há, ainda, algumas subetapas, como podem ser observadas no quadro-resumo, apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Arcabouço teórico-metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999)

1. O problema (atividade, reflexão)
2. Obstáculos para sua superação
a) Análise da conjuntura
b) Análise da prática em seu momento discursivo
i) Prática(s) relevante(s)?
ii) Relação do discurso com outros momentos?
- Discurso como parte da atividade
- Discurso e reflexão
c) Análise do discurso
i) Análise estrutural da ordem do discurso
ii) Análise interacional
- Análise interdiscursiva
- Análise linguística e semiótica
3. Função do problema na prática
4. Caminhos possíveis para superar os obstáculos
5. Reflexão sobre a análise

Fonte: Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60, tradução nossa).

Na etapa inicial, intitulada “O problema (atividade, reflexão)”, o pesquisador deve buscar reconhecer a questão a ser problematizada, cuja materialização se dá em um meio semiótico (objeto da análise em si). Deste modo, esse reconhecimento pode se dar por meio da observação das atividades de uma prática social específica ou até mesmo em algum produto dessa prática. Independentemente de onde se localize o problema, cabe ao analista reconhecê-lo para, assim, passar às próximas etapas, que permitirão analisá-lo em profundidade.

A próxima etapa, sobre os “Obstáculos para sua superação”, como o próprio título sugere, é o momento em que o analista deve olhar criticamente para as adversidades que circundam o problema e impossibilitam sua solução. Assim, essa etapa apresenta três subetapas, a saber: i) análise da conjuntura, que compreende as condições e formas como esse discurso é consumado; ii) análise da prática em seu momento discursivo, a qual está relacionada com a observação do discurso em sua relação com outros

momentos ou práticas; iii) análise do discurso, cujo foco reside sobre as estruturas da ordem do discurso e sobre análises que envolvem a interdiscursividade, linguística e semiótica.

A “Função do problema na prática”, por sua vez, é a etapa cujo objetivo é permitir a reflexão sobre a relação do problema apontado com a ordem social. Deste modo, espera-se que seja possível compreender os jogos de poder que estão por trás do acontecimento, para, posteriormente, propor possibilidades de subvertê-lo.

Bastante relacionada à terceira etapa, a quarta, “Caminhos possíveis para superar os obstáculos”, visa a propor possibilidades para alteração do cenário problemático em questão. Isso só é possível uma vez que a conjuntura foi observada em profundidade, os obstáculos foram identificados, as práticas sociais e os jogos de poder que as envolvem foram problematizados. Por essa razão, é importante que as etapas sejam realizadas sucessivamente, ainda que os autores deixem claro que os pesquisadores têm liberdade para deter maior atenção sobre algumas etapas, conforme as necessidades evocadas pelo trabalho, considerando as particularidades e os diferentes objetivos de cada pesquisa. Essa etapa deixa claro o compromisso da Análise de Discurso Crítica com a mudança social, já que, como bem afirmam os autores: “Essa também é parte da mudança do “é” para o “deve ser” — se as práticas são falhas, então devemos mudá-las” (CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999, p. 65, tradução nossa<sup>17</sup>).

A etapa final, “Reflexão sobre a análise”, consiste em uma reflexão crítica que o analista tem que fazer sobre sua prática, para isso levando em conta a importância de todas as etapas. Depois da reflexão, espera-se que o analista observe as potencialidades de seu trabalho, bem como possíveis elementos que não foram considerados, o que pode favorecer o desenvolvimento de futuras pesquisas sobre o mesmo assunto. Ainda, conforme os autores, não podemos desconsiderar que o analista desempenha seu trabalho atravessado por ideologias e interesses próprios, bem como pelas particularidades de seu campo teórico, de modo que não é possível esgotar algum tema. Assim, feita essa consideração, o possível percebimento de outras perspectivas não é necessariamente uma falha da atividade.

---

<sup>17</sup> *This is also part of the shift from ‘is’ to ‘ought’ — if the practices are flawed, then we ought to change them.*

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como exposto previamente, neste trabalho, ancoramo-nos no arcabouço teórico-metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999), de modo que a análise foi dividida conforme foi proposto pelos autores. Passemos, então, à primeira etapa, “O problema”.

### **Etapa 1: “O problema”**

Observando o vídeo em questão criticamente, não há como deixar de considerar a desigualdade de condições que assola a população brasileira, a qual foi acentuada pela pandemia da COVID-19. Essa desigualdade pode ser observada em inúmeros setores da sociedade, e, para este trabalho, nosso foco principal será sobre a educação e os diversos problemas que tem enfrentado.

Por mais que existam leis, como o artigo 206 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), que prevê o acesso à educação a toda a população, com a finalidade de minimizar a desigualdade, a educação brasileira segue sendo privilégio de poucos. No período de quarentena, ainda mais, com a aprovação de aulas a distância para a educação básica pelo MEC (PALHARES, 2020; SÃO PAULO, 2020), grande parte das escolas públicas tiveram suas atividades interrompidas por tempo indeterminado, em contraste com muitas escolas particulares, que seguiram seu programa de ensino de maneira remota<sup>18</sup>.

Dentre as dificuldades enfrentadas, podemos destacar o fato de que alguns alunos não possuem acesso a internet e a aparelhos eletrônicos, situação essa que é agravada pela incerteza de como serão solucionados esses problemas (AGÊNCIA ESTADO, 2020).

Além disso, os professores também têm enfrentado impasses, a exemplo do estado de São Paulo, cuja Secretaria da Educação criou uma plataforma que permite conectar alunos e professores, iniciativa essa que não foi suficiente, visto que existem muitas dificuldades por parte dos docentes, os quais relataram problemas com relação à alta demanda de trabalho e às dificuldades para acessar todos os alunos (BORGES, 2020).

Como bem apresentado por Maria Izabel Noronha, presidente da APEOESP (Sindicato dos Professores da Educação Oficial do Estado de São Paulo), em uma declaração para a BBC News Brasil, “Para os professores, que estão na ponta do

---

<sup>18</sup> Embora inúmeros professores tenham enfrentado a falta de preparação com relação à realização de aulas a distância, na maior parte das escolas públicas isso sequer foi uma possibilidade considerada.

processo, está claro que esse modelo não funciona. Ele não é inclusivo e aumenta ainda mais as desigualdades” (BORGES, 2020).

## **Etapa 2. “Obstáculos para sua superação” [do problema]**

Iniciamos, agora, a análise dos elementos que dificultam a solução do problema apontado, isto é, as situações que comprometem o acesso à educação de qualidade no Brasil. Posto isso, como apresentado, essa etapa se divide em três subetapas, “Análise da conjuntura”, “Análise da prática em seu momento discursivo” e “Análise do discurso”. Iniciemos, portanto, pela primeira.

### **Análise da conjuntura**

Nesta etapa, apresentamos dados coletados do portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), de forma a contextualizarmos nossa análise e compreendermos melhor alguns dos entraves que impossibilitam a superação do problema (a desigualdade social).

Segundo o levantamento do perfil dos candidatos do ENEM 2019, realizado pelo INEP (2019), quase 60% dos candidatos se autodeclararam de cor preta/parda e cerca de 58,5% são isentos de taxas, isto é, essa porcentagem de alunos deve seguir os seguintes critérios, definidos pelo edital<sup>19</sup>: a) estudantes do último ano do ensino médio em escolas públicas; b) estudantes que cursaram todo o ano em escolas públicas ou com bolsa integral em particulares, com renda de até um salário mínimo e meio; c) candidatos de baixa renda (meio salário mínimo por pessoa), independentemente do grau de escolaridade. Da mesma maneira, os dados de 2020<sup>20</sup> também nos revelam grande parte dos candidatos seguindo esse perfil, haja vista que 60,3% declararam-se de cor preta/parda e, número ainda mais expressivo, 83% foram isentos da taxa do exame (INEP, 2020).

Esses dados nos demonstram que a maior parte dos candidatos ao ENEM são alunos de classes sociais mais desfavorecidas e/ou em situação de vulnerabilidade

---

<sup>19</sup> Cf. <https://enem.inep.gov.br/>.

<sup>20</sup> Ainda que o comercial tenha sido publicado antes dos dados oficiais de 2020, já que se tratava de uma divulgação das inscrições, o contraste com o ano de 2019 nos revela que o vídeo também escapa aos dados anteriormente obtidos.

socioeconômica, autodeclarados pretos/pardos, o que não condiz com o cenário apresentado no comercial.

### **Análise da prática em seu momento discursivo**

No momento da divulgação do comercial em questão, podemos observar que a realidade demonstrada não está de acordo com o contexto em que o Brasil se encontrava imerso, haja vista que o país apresentava um momento econômico delicado, com altos níveis de desemprego e com a paralisação da maioria das escolas públicas, o que estava ocasionando uma incerteza na educação de modo geral no país.

Em contrapartida, a ideia veiculada no vídeo, de que é possível estudar por conta própria em quaisquer contextos, apoia-se na realidade de uma minoria de estudantes do país. Como foi demonstrado anteriormente, grande parte dos candidatos ao ENEM, para quem a propaganda está direcionada, pertence a uma classe econômica não privilegiada, que carece, na maioria das vezes, de recursos tecnológicos e, portanto, não poderia aceder às formas sugeridas no vídeo. Desse modo, ainda que existam várias barreiras notáveis para que a educação ocorra com qualidade nesses contextos, a ideia difundida no vídeo é de que há uma única: a motivação dos alunos.

### **Análise do discurso**

Na atual etapa, apresentaremos a análise dos dados a partir das imagens e falas mais expressivas e relevantes na propaganda, tendo em vista nosso objetivo principal, o de compreender a representação dos alunos candidatos ao exame. Para a sua realização, a análise foi direcionada especificamente a três ordens do discurso observáveis, a saber: patriota, meritocrático e educacional. Como apresentado anteriormente, o vídeo apresenta quatro jovens, sendo três brancos e um negro, supostamente candidatos ao ENEM, em um local correspondente ao seus lugares de estudo, como pode ser observado na imagem selecionada (Figura 1).

Figura 1: Representação dos estudantes na propaganda do ENEM



Fonte: Brasil (2020).

A primeira ordem do discurso é a do patriotismo, o qual se materializa no vídeo tanto por meio de imagens, quanto da fala. Observamos que em todos os ambientes aparecem pequenos objetos decorativos com a bandeira do Brasil, dispostos de maneiras discretas, mas visíveis. Se considerado em consoante às falas, apresentadas a seguir, podemos verificar que tudo contribui para a construção de uma representação de aluno candidato ao ENEM que luta por seu futuro e, conseqüentemente, pelo futuro de seu país. Vejamos como isso se materializa em suas falas:

- a) “E se uma geração de novos profissionais fosse perdida? Médicos, enfermeiros, engenheiros, professores. **Seria o melhor para o nosso país?**”<sup>21</sup>

A parte grifada, ao trecho final, aparece com tamanhos extremamente aumentados, ocupando quase toda a tela, buscando, assim, chamar atenção para esse destaque. O fato de o vídeo começar com uma pergunta é uma forma de provocação, de desafio, ao aluno, trazendo a implicação de que o futuro do país depende da opção do estudante de fazer o ENEM. Ademais, há que se considerar o *slogan* do Governo Federal apresentado ao término do vídeo, “Pátria amada Brasil”, que também condiz com a ideia de patriotismo.

<sup>21</sup> Os grifos nas citações são uma forma de marcar os destaques realizados pelo vídeo.

Outra questão relevante é que as profissões que foram listadas (as quais apresentam diferentes prestígios sociais), somadas à imagem dos jovens (que apresenta uma diversidade em questão de gêneros e raças, embora essa representação não corresponda percentualmente à realidade, como visto), leva à criação de uma ideia de igualdade. No entanto, como podemos observar, essa suposta igualdade não condiz com a realidade e funciona como uma das estratégias para a disseminação ideológica do vídeo.

Com relação ao discurso meritocrático, analisamos o seguinte trecho, apresentado no excerto (b).

b) A vida não pode parar. É preciso ir à luta, se reinventar, superar.

As frases em questão trazem a ideia de que o aluno candidato ao ENEM deve superar as barreiras vividas na atual conjuntura, ainda que não se mencione a forte crise educacional causada pela COVID-19. A fala é um ato de desafio ao aluno para que este estude por conta própria, com seus meios, para que, dessa forma, seja um candidato forte e com méritos próprios. Como o próprio campo semântico de “reinventar-se” sugere, esse termo está relacionado a “tornar a inventar, recriar uma solução para um problema antigo, mas que exige uma nova abordagem” (REINVENTAR, 2009-2020), ou seja, o aluno meritoso é capaz de encontrar por si mesmo a solução para um problema, no caso o fechamento das escolas, a falta de estudos e a ausência de ações por parte do governo. Essa questão é ainda mais evidente quando observamos a fala na sequência, mostrada em (c), em que há a coocorrência dos discursos meritocrático e educacional.

c) **Estude** de qualquer lugar, de diferentes formas, pelos livros, internet, com a ajuda a distância dos professores.

Muito atrelado ao discurso meritocrático, há também o discurso educacional, cujas ordens com frequência se confundem e não são passíveis de separação clara. No comercial, isso se vê claro não só de maneira oral, mas também imagética, visto que o vídeo retrata um ambiente de estudos muito bem equipado, com livros devidamente organizados em estantes, computadores e mesa de estudos, ou seja, trata-se de um ambiente e condições propícias para o aluno estudar e se preparar para uma prova como o ENEM, mesmo sabendo-se que essa é uma realidade pouco provável para a

maioria dos candidatos. Por essa razão, consideramos que a representação dos alunos mostrada na propaganda não condiz com a realidade, já que os discursos meritocrático e educacional, sendo sustentados em uma estrutura motivacional, são mobilizados de forma a apagar as diferenças de condições entre estudantes brasileiros.

d) E, por isso, **eu quero fazer o ENEM** esse ano. Para entrar na universidade.

Como um fechamento das ideias apresentadas em (a), o excerto (d) nos revela uma representação dos alunos para quem a propaganda é voltada. Ao afirmar que a razão para querer fazer o ENEM é “por isso”, há uma retomada de todas as informações previamente abordadas, o que implica que o candidato ao ENEM considerado deve querer o melhor para o país (por não querer a perda de uma nova geração de profissionais), bem como é o aluno que se reinventa e busca diferentes formas de lutar contra as adversidades, como seria apresentado posteriormente em (b) e (c). Assim, essa reflexão nos sugere que alunos que não apresentam condições para “se reinventar” e “superar” são desconsiderados pela propaganda como possíveis candidatos ao exame. Por fim, essa situação é ainda mais crítica se considerada juntamente aos trechos “Estude” e “Eu quero fazer o ENEM”, cujos destacamentos chamam a atenção e conferem ainda mais importância à necessidade de os estudantes fazerem o exame.

### **Etapa 3. “Função do problema na prática”**

Passando às funções do problema na prática, podemos verificar que a mais significativa é a da manutenção de relações assimétricas de poder, isto é, a perpetuação da baixa qualidade dos estudos de estudantes menos favorecidos, especificamente os advindos das escolas públicas.

Sob essa mesma ótica, podemos compreender o funcionamento da ideologia no vídeo como, de fato, um elemento de criação e manutenção de relações desiguais de poder (WODAK, 2004). Desse modo, verificamos que o viés ideológico que permeia o vídeo tem relação com a representação exclusivamente de classes mais altas, reprimindo, de certa forma, as mais baixas, cuja representação não existe. Assim, considerando a propaganda em sua relação com o contexto social em que se insere, podemos verificar que ela contribui para um agravamento da situação dos estudantes de classes desfavorecidas, a qual é, conseqüentemente, mantida.

#### **Etapa 4. “Caminhos possíveis para superar os obstáculos”**

Com relação aos caminhos possíveis para a superação das referidas adversidades, podem ser indicadas as alternativas: i) melhora das condições da Educação Básica, de modo a fornecer aos alunos maior acesso a recursos tecnológicos, materiais didáticos, apoio psicológico e alimentação de qualidade; ii) formação continuada de professores, almejando suprir a defasagem na área educacional e tecnológica, permitindo-os exercerem seu trabalho de forma mais eficaz; iii) melhora das condições de trabalho dos professores, por meio do aumento salarial e do auxílio para recursos tecnológicos e materiais didáticos.

Uma ação que já foi realizada nesse sentido de superar os obstáculos é o sistema de cotas, implantado pela Lei nº 12.711, em 29 de agosto de 2012 (BRASIL, 2012), segundo o qual 50% das vagas das universidades públicas passaram a ser reservadas a alunos de baixa renda, estudantes de escolas públicas e autodeclarados pretos ou pardos. Com isso, havendo maiores possibilidades de oportunizar estudos de qualidade a classes desfavorecidas, a desigualdade social tende a se reduzir.

#### **Etapa 5. “Reflexão sobre a análise”**

De fato, a análise mostrou relações desiguais de poder e nos permitiu constatar a carência de medidas reais para solução do problema. Assim, observamos que esse jogo de poder se dá no apagamento dos jovens desfavorecidos, revelando-nos a ideologia veiculada na propaganda.

A representação dos alunos na propaganda se distancia da realidade de grande parte dos estudantes brasileiros. Esse distanciamento pode ser observado, principalmente, no quesito socioeconômico, já que, como foi apresentado nas etapas anteriores, a maior parte dos candidatos (cerca de 80%) é proveniente de escolas públicas e apresenta baixa renda ou está em situação de vulnerabilidade socioeconômica, enquanto o que é mostrado no vídeo são jovens com recursos e condições adequadas para o estudo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em nossas análises, pudemos confirmar a nossa hipótese inicial (a propaganda se vale de estratégias para minimizar os desafios enfrentados por alunos brasileiros

desfavorecidos), o que se deu pela observação da mobilização dos discursos patriota, meritocrático e educacional, que, juntamente às imagens do vídeo e à consideração das falas destacadas, permitiram-nos compreender a ideologia e os jogos de poder que emergem na propaganda.

Além disso, a forma como os jovens foram representados quanto a gênero e raça nos mostrou que há uma tentativa de representar estudantes brasileiros diversos, mas que, conforme as próprias estatísticas de dados oficiais (como o INEP), não é uma representação acurada. Também pudemos observar que houve um apagamento dos jovens economicamente desfavorecidos no vídeo, visto que os ambientes apresentados não condizem com grande parte dos contextos onde estão inseridas as famílias brasileiras. Com isso, o que observamos é uma representação exclusivamente da ideologia das classes dominantes. Sobre isso, como bem afirma Fairclough:

A prática discursiva, a produção, a distribuição e o consumo (como também a interpretação) de textos são uma faceta da luta hegemônica que contribui em graus variados para a reprodução ou a transformação não apenas da ordem de discurso existente (por exemplo, mediante a maneira como os textos e as convenções prévias são articulados na produção textual), mas também das relações sociais e assimétricas existentes (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123-124).

Posto isso, podemos afirmar que as etapas propostas na metodologia de Chouliaraki e Fairclough (1999) nos levaram a analisar o objeto em questão de forma a compreendermos a complexidade das relações e práticas que o envolvem. Por fim, ressaltamos a importância da pesquisa crítica, pois é de grande valor um olhar acurado e transdisciplinar para evitar manipulações e não ser negligente em meio a situações de injustiças sociais.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADO. Escolas públicas enfrentam desafios de aulas a distância por pandemia. **R7**, [s. l.], 5 maio 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/escolas-publicas-enfrentam-desafios-de-aulas-a-distancia-por-pandemia-05052020>. Acesso em: 22 jul. 2020.

BORGES, Dani. Ensino a distância na quarentena esbarra na realidade de alunos e professores da rede pública. **BBC**, [s. l.], 11 maio 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52568678>. Acesso em: 22 jul. 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm). Acesso em: 30 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Enem 2020: inscrições**. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (1 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=apufjiGIY0>. Acesso em: 21 jul. 2020.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília, DF: Editora UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman.; MELO, Iran Ferreira de. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 307-329, 10 dez. 2012.

INEP. **5,8 milhões estão inscritos para fazer o Enem 2020**. Brasília, DF: INEP, 2020. Disponível em: [http://inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/5-8-milhoes-estao-inscritos-para-fazer-o-enem-2020/21206](http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/5-8-milhoes-estao-inscritos-para-fazer-o-enem-2020/21206). Acesso em: 23 jul. 2020.

INEP. **Conheça o perfil de quem vai fazer o exame em 2019**. Brasília, DF: INEP, 2019. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/conheca-o-perfil-de-quem-vai-fazer-o-exame-em-2019/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/conheca-o-perfil-de-quem-vai-fazer-o-exame-em-2019/21206). Acesso em: 23 jul. 2020.

PALHARES, Isabela. Epidemia leva MEC a liberar aulas a distância na educação básica por 30 dias. **Estadão**, [São Paulo], 16 mar. 2020. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-libera-aulas-a-distancia-na-educacao-basica-por-30-dias,70003235384>. Acesso em: 22 jul. 2020.

REINVENTAR. *In*: DICIO: dicionário online em português. [S. l.]: 7Graus, 2009-2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/reinventar/>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo. **Confira decretos e resoluções de educação implementados durante pandemia**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/destaque-home/confira-decretos-e-resolucoes-de-educacao-implementados-durante-pandemia/>. Acesso em: 22 jul. 2020.

THOMPSON, John B. **Ideology and modern culture**. Cambridge: Polity Press, 1990.

WODAK, Run. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 223-243, 2004.

